

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA E SOCIEDADE – PPGTE**

GILBERTO GNOATO

**ANÁLISE DO DISCURSO FEMININO ENTRE CASAIS VIOLENTOS
NA CULTURA DA AGRESSÃO**

CURITIBA

2017

GILBERTO GNOATO

**ANÁLISE DO DISCURSO FEMININO ENTRE CASAIS VIOLENTOS
NA CULTURA DA AGRESSÃO**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Tecnologia e Sociedade do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Área de Concentração: Tecnologia e Sociedade.
Orientadora: Prof.^a Dra. Ângela Maria Rubel Fanini.

CURITIBA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

G572a Gnoato, Gilberto
2017 Análise do discurso feminino entre casais violentos na cultura da agressão / Gilberto Gnoato.-- 2017.
245 f.; 30 cm.

Disponível também via World Wide Web.

Texto em português, com resumo em inglês.

Tese (Doutorado) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade. Área de Concentração: Tecnologia e Sociedade, Curitiba, 2017.

Bibliografia: f. 208-213.

1. Violência conjugal. 2. Casais - Atitudes. 3. Análise do Discurso. 4. Feminismo. 5. Machismo. 6. Relações homem-mulher. 7. Relações de gênero. 8. Mulheres - Comportamento sexual. 9. Sexo (Psicologia). 10. Poder (Ciências sociais). 11. Tecnologia - Teses. I. Fanini, Ângela Maria Rubel, orient. II. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade. III. Título.

CDD: Ed. 22 - 600

Biblioteca Central do Câmpus Curitiba - UTFPR

TERMO DE APROVAÇÃO DE TESE Nº 53

A Tese de Doutorado intitulada Análise do discurso feminino entre casais violentos na cultura da agressão, defendida em sessão pública pelo(a) candidato(a) Gilberto Gnoato no dia **17 de agosto de 2017**, foi julgada para obtenção do título de Doutor em Tecnologia e Sociedade, Área de Concentração – Tecnologia e Sociedade, Linha de Pesquisa – Tecnologia e Trabalho e aprovada em sua forma final, pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade.

Prof^ª. Dr^ª. Marilene Zazula Beatriz - (UTFPR)

Prof. Dr. Fabio Tha - (UTP)

Prof. Dr. Jean Carlos Gonçalves - (UFPR)

Prof^ª. Dr^ª. Angela Maria Rubel Fanini - (UTFPR) - *Orientadora*

Visto da coordenação:

Prof^ª. Dr^ª. Nanci Stancki da Luz
Coordenadora do PPGTE

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, o “Dr. Gnoato”.

Agradeço à Universidade Tecnológica Federal do Paraná e à Professora Dra. Mirian Sester Retorta, que me apresentou ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) desta Universidade.

Agradeço à Professora Dra. Marcia dos Santos Lopes por sua amizade companheira nos momentos agônicos da nossa longa jornada de pesquisa.

Sou grato também a todos os queridos colegas do nosso grupo de estudos e pesquisa, “Dimensões sobre Tecnologia, Trabalho e Identidades Nacionais”, pela preciosa ajuda que todos deram, nas discussões e sugestões apresentadas para a “nossa tese”.

Agradeço imensamente ao Professor Dr. Ernani Cesar de Freitas, ao Professor Dr. Fabio Tha, ao Professor Dr. Jean Carlos Gonçalves e à Professora Dra. Marilene Zazula Beatriz pelas críticas construtivas que fizeram na ocasião da Qualificação deste trabalho. Tais críticas que ajudaram a reconhecer meus equívocos e as lacunas de um texto faltante. Acolhi com resignação e reconhecimento seus valiosos comentários que se tornaram os tijolos da construção deste trabalho.

Por fim, levo uma profunda e irrestrita gratidão que devo à Professora Dra. Ângela Maria Rubel Fanini, minha orientadora de tese, com quem aprendi muito, sobretudo, que este trabalho não me pertence. Foram grandes encontros de páginas feitas e desfeitas a quatro mãos e muitas vozes. Sou muito grato por aquilo que ela me ajudou a construir e a desconstruir com o seu modo dialógico e respeitoso, de ser. Assim, deixo-a por último nos meus agradecimentos, como quem não quer se despedir, para poder desfrutar um pouco mais de sua presença.

RESUMO

GNOATO, Gilberto. Análise do discurso feminino entre casais violentos na cultura da agressão. 2017. 255 f. **Tese** (Doutorado em Tecnologia e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo fundamental a análise relacional nos estudos de casais violentos, propondo-se a interpretar especificamente as construções discursivas de mulheres de classe média, com ensino superior e autonomia financeira que, mesmo sendo alvo de violência física e psicológica, permanecem por longos anos convivendo com seus parceiros íntimos. Optou-se por esta categoria de mulheres, pelo vácuo existente nos trabalhos que investigam este tipo de população, já que a maioria dos estudos sobre o fenômeno enfoca mulheres de baixa renda, justificando que a dependência econômica feminina como resultante da vinculação ao poder patriarcal. Quanto ao *corpus* de pesquisa, esse advém dos relatos de mulheres alocados no *site* eletrônico <www.gilbertoresponde.com>. Trata-se de relatos sob forma de perguntas que procuram uma saída para o sofrimento amoroso. O *site* eletrônico é concebido pelas usuárias como uma plataforma de autoajuda. Também foram acrescentadas ao *corpus*, duas outras análises. O estudo de caso da autobiografia de Oliveira (2011) e uma entrevista com sete participantes do grupo de “Mulheres que Amam Demais Anônimas” (MADA), de 2016. Com o propósito de produzir conhecimento para a aplicação prática, dirigida à solução de problemas encontrados na realidade cotidiana, optou-se pela modalidade de trabalho denominada de Pesquisa Aplicada (BARROS; LEHFELD, 2000; GIL, 2002). Foi usado como método e referencial teórico a Análise de Discurso segundo Foucault (2012; 1986). Em relação ao escopo teórico, esta pesquisa guiou-se pelo diálogo entre a Antropologia, a Filosofia da Linguagem, a História, a Sociologia e contribuições da Psicanálise. A violência dos casais é analisada pela perspectiva dialógica-relacional de Santos e Izumino (2005), tendo como um dos objetivos problematizar o dualismo de certos discursos feministas que concebem a violência como sendo um produto originário e exclusivo da masculinidade. As antropólogas Gregori (1993) e Machado (1998), por exemplo, substituem a polarização da violência até então unilateralmente atribuída aos homens para uma forma relacional de se compreender o fenômeno, por intermédio do estudo de “casais violentos”. Sobre o machismo, adotamos a premissa da psicóloga Castañeda (2006) de que nem o machismo é um discurso exclusivamente dos homens e nem a violência um produto exclusivamente de um dos polos da relação ou do indivíduo particularizado. Violência e machismo não são apenas práticas concretas. Trata-se de um longo processo de socialização microscópica da “dominação simbólica” do homem Bourdieu (2009, p. 138). A violência entre casais não está localizada em um único lugar e/ou indivíduo, mas sim endentada no que Foucault (1982, p. 244) define como “dispositivos”. Selecionamos do *corpus* de pesquisa três dispositivos que alimentam a violência. São eles, o dispositivo de “amor-paixão” em Rougemont (1988), de sexualidade e de machismo. Esses dispositivos encontram uma fértil reverberação na seara de uma sociedade tremendamente violenta, emotiva, hierárquica e paradoxal como é o Brasil (DAMATTA (1987; 1990; 1993). Partimos também das contribuições teórico-políticas de Foucault (1982) sobre o poder para entendermos a violência enquanto uma “microfísica da

violência” (FANINI, 1992; FOUCAULT, 1982;1984). Alguns dos resultados deste trabalho dão conta de que os argumentos da baixa renda e da falta de conscientização política das mulheres vítimas de violência orientaram boa parte das pesquisas feministas nos anos de 1970 e 1980. No entanto, atualmente, sabe-se que a violência contra a mulher “não se origina exclusivamente das desigualdades de classe” econômica, conforme Heilborn e Sorj (1999), nem da falta de consciência política e tampouco da sua condição financeira, considerando os intensos avanços da mulher no campo do trabalho e da vida pública. Pesquisas como Grossi (1991), Gregori (1993), Santos e Izumino (2005) relativizam as práticas de atendimento a mulheres espancadas nos anos de 1980, pois alguns grupos feministas da época que atendiam a mulheres vítimas de agressão, concebiam a violência, restringindo-a muitas vezes à uma produção masculina, quando ela é na realidade um fenômeno macroscópico da cultura da agressão. Outro aspecto a salientar sobre o atendimento a vítimas da violência e sobre as pesquisas feministas é a pouca importância dada ao discurso do amor-paixão (ROUGEMONT, 1998). As mulheres esperam muito do amor (BOURDIEU, 2011, p. 82-83) e dependem mais dele do que esperam os homens. Se elas são prisioneiras da lei do amor, eles estão presos à virilidade e à violência como uma “carga” nos termos de Bourdieu (2011, p. 64) destinados a carregá-la. Entende-se que, entre casais violentos, é tão difícil para a mulher desocupar o lugar da vítima, como é para o homem, sair do lugar da violência.

Palavras-chave: Cultura da agressão. Relações de Poder. Feminismo. Discursos sobre o Feminino e o Masculino. Análise do Discurso. Amor-Paixão. Machismo. Sexualidade.

ABSTRACT

GNOATO, Gilberto. Analysis of the female discourse between violent couples in the culture of aggression. 2017. 255 f. **Thesis** (Doctorate in Technology and Society) – Post Graduate Program in Technology and Society, Federal Technological University of Paraná, Curitiba, 2017.

This research work has as main objective the relational analysis in the studies of violent couples, proposing to interpret specifically the discursive constructions of middle-class women, with higher education and financial autonomy that, although being the target of physical and psychological violence, remain for long years living with their intimate partners. This category of women was chosen because of the vacuum that exists in the studies that investigate this type of population, since most of the studies on the phenomenon focus on low-income women, justifying that women's economic dependence as a result of their attachment to patriarchal power. As for the corpus of research, this comes from the reports of women allocated on the electronic website <www.gilbertoresponde.com>. These are stories in the form of questions that seek a way out of the suffering of love. The website is designed by users as a self-help platform. Two other analyzes were also added to the corpus. The case study of Oliveira's autobiography (2011) and an interview with seven participants from the 2016 group of "Women Who Love Too Much Anonymous" (MADA). With the purpose of producing knowledge for practical application, aimed at solving problems found in the daily reality, we opted for the modality of work called Applied Research (BARROS; LEHFELD, 2000; GIL, 2002). The Discourse Analysis according to Foucault (2012, 1986) was used as method and theoretical reference. In relation to the theoretical scope, this research was guided by the dialogue between Anthropology, Philosophy of Language, History, Sociology and contributions of Psychoanalysis. The violence of the couples is analyzed by the dialogical-relational perspective of Santos and Izumino (2005). One of the objectives is to problematize the dualism of certain feminist discourses that conceive of violence as an original and exclusive product of masculinity. The anthropologists Gregori (1993) and Machado (1998), for example, replace the polarization of violence hitherto unilaterally attributed to men to a relational form of understanding the phenomenon, through the study of "violent couples." On machismo, we adopt the premise of the psychologist Castañeda (2006) that neither machismo is a discourse exclusively of men nor violence a product exclusively of one of the poles of the relationship or individualized individual. Violence and machismo are not just concrete practices. It is a long process of microscopic socialization of Bourdieu's "symbolic domination" (2009: 138). Violence between couples is not located in a single place and/or individual, but is indented in what Foucault (1982, p244) defines as "devices." We select from the research corpus three devices that fuel violence. They are the device of "love-passion" in Rougemont (1988), of sexuality and machismo. These devices find fertile reverberation in the heart of a tremendously violent, emotional, hierarchical and paradoxical society such as Brazil (DAMATTA (1987; 1990; 1993). We also draw on Foucault's (1982) theoretical-political contributions on the power to understand violence as a "microphysics of violence" (FANINI, 1992; FOUCAULT, 1982;1984). Some of the results of this study indicate that the arguments of low income and lack of political awareness of women victims of violence have guided much of feminist research in the 1970s and 1980s. However, it

is now known that violence against women. The woman "does not originate exclusively from economic class inequalities," according to Heilborn and Sorj (1999), neither of the lack of political awareness nor of its financial condition, considering the intense advances of women in the field of work and public life. Researches such as Grossi (1991), Gregori (1993), Santos and Izumino (2005) refer to practices of care for women beaten in the 1980s, since some feminist groups of the time attended to women victims of aggression conceived violence, often to a male production, when it is in reality a macroscopic phenomenon of the culture of aggression. Another aspect to emphasize regarding the care of victims of violence and feminist research is the little importance given to the discourse of passion-love (ROUGEMONT, 1998). Women expect much of the love (BOURDIEU, 2011, pp. 82-83) and depend more on it than men expect. If they are prisoners of the law of love, they are bound to virility and violence as a "burden" in Bourdieu's terms (2011, 64) intended to carry it. It is understood that between violent couples, it is as difficult for the woman to vacate the victim's place, as it is for the man, to leave the place of violence.

Keywords: Culture of Aggression. Power Relations. Feminism. Discourses on Women and Men. Speech Analysis. Love-Passion. Chauvinism. Sexuality.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – MORTALIDADE EM CONFLITOS ARMADOS NO MUNDO	51
TABELA 2 – NÚMERO E TAXAS DE HOMICÍDIO (EM 100 MIL). BRASIL ENTRE 1980 E 2010	61
TABELA 3 – MEIOS UTILIZADOS (%) NOS HOMICÍDIOS, POR SEXO (BRASIL 2013).	65
TABELA 4 – TAXAS DE HOMICÍDIOS FEMININOS (EM 100 MIL MULHERES), EM 84 PAÍSES DO MUNDO	70
TABELA 5 – TAXAS DE HOMICÍDIOS DE MULHERES (POR 100 MIL), EM 83 PAÍSES DO MUNDO	75
TABELA 6 – NÚMERO E ESTRUTURA (%) DE ATENDIMENTOS DE MULHERES PELO SUS, SEGUNDO TIPO DE VIOLÊNCIA E ETAPA DO CICLO DE VIDA (BRASIL, 2014)	110

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AA	Alcoólicos Anônimos
CNJ	Conselho Nacional de Justiça
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
ISER	Instituto de Estudos da Religião
MADA	Mulheres que Amam Demais Anônimas
MMA	Lutas Marciais Mistas
ONU	Organização das Nações Unidas
PPGTE	Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade
RPC	Rede Paranaense de Televisão
SIM	Sistema de Informações sobre Mortalidade
SUS	Sistema Único de Saúde
UTFPR	Universidade Tecnológica do Paraná

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 HISTÓRICO DA PESQUISA	12
1.2 ESTUDO PILOTO: ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO ONLINE	16
1.3 AS QUEIXAS MAIS FREQUENTES DO ESTUDO PILOTO	23
1.4 DELIMITAÇÕES DO CORPUS DE PESQUISA.....	27
1.5 DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS DE LAPIDAÇÃO: DO <i>CORPUS</i> BRUTO ÀS CATEGORIAS DE ANÁLISE	30
1.6 A ESCOLHA DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE	32
1.7 DUAS AMOSTRAS COMPLEMENTARES AO CORPUS DE PESQUISA.....	34
1.8 JUSTIFICATIVA	34
1.8.1 Informações sobre a violência no Brasil.....	37
1.9 OBJETIVOS	42
1.10 MÉTODO	44
1.11 SOBRE A AUTORIA DA TESE	47
2 CONTEXTUALIZAÇÃO	50
2.1 A CULTURA DA VIOLÊNCIA NO BRASIL.....	50
2.2 O BRASIL COMO SOCIEDADE PARADOXAL.....	53
2.3 ANÁLISE DO PRIMEIRO MAPA DA VIOLÊNCIA NO BRASIL – ANO 2012	68
2.4 ANÁLISE DO MAPA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER – ANO 2015	75
3 OS AVANÇOS FEMINISTAS	86
3.1 TRÊS CATEGORIAS EM DISCUSSÃO: FEMINISMO, GÊNERO E MULHER... 86	
3.2 AS PESQUISAS SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	91
3.3 TRÊS ONDAS DO FEMINISMO NO BRASIL	103
4 PERSPECTIVAS TEÓRICAS	108
4.1 A VIOLÊNCIA QUE NÃO APARECE NO CORPO DA MULHER.....	108
4.2 REFLEXÕES SOBRE A NOÇÃO DE VIOLÊNCIA.....	111
4.3 PONDERAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE CULTURA E VIOLÊNCIA	114
4.4 O DISPOSITIVO DE AMOR-PAIXÃO E DISCURSOS FEMININOS	124
4.5 O DISPOSITIVO DE SEXUALIDADE E DISCURSOS FEMININOS	134
4.6 O DISPOSITIVO DO MACHISMO E DISCURSOS FEMININOS	150
5 AS FALAS FEMININAS ENREDADAS NOS DISPOSITIVOS	165
5.1 SOBRE O AMOR-PAIXÃO.....	165

5.2 SOBRE A SEXUALIDADE	171
5.3 SOBRE O MACHISMO	175
5.4 ESTUDO DE CASO I: OLIVEIRA (2011).....	182
5.4.1 Infelizes para sempre: o casamento.....	189
5.4.2 A redenção de Marlene	191
5.5 ESTUDO DE CASO II: GRUPO DE “MULHERES QUE AMAM DEMAIS ANÔNIMAS” (MADA), 2016	194
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	200
7 REFERÊNCIAS.....	208
8 APÊNDICES	214
APÊNDICE A (CORPUS DE PESQUISA).....	214
APÊNDICE B (MADA).....	226
APÊNDICE C (QUESTIONÁRIO <i>ONLINE</i>)	235
APÊNDICE D (MADA).....	242

1 INTRODUÇÃO

1.1 HISTÓRICO DA PESQUISA

O contexto que deu origem a esta pesquisa tem uma longa história, cuja gênese data do ano de 2006. A partir de então, alguns acontecimentos casuais e algumas ações planejadas balbuciaram, em 2011, o primeiro sopro do nosso *corpus* de trabalho. No entanto, a atual compleição foi constituída apenas no ano de 2015, após uma série de procedimentos descritos a seguir nesta seção. Por conta da extensão, considera-se de grande importância para o leitor conhecer sua história.

Os motivos que propiciaram a presente pesquisa se inscrevem no ano de 2011 como marco inicial de um trabalho científico. Embora naquela época, sem o aval de um Programa de Pós-Graduação, ou de uma tutela oficial, já que o pesquisador ingressou no seu doutorado em 2014, os dados de 2011 foram usados como fontes de informações preliminares para esta tese, pertencentes à “fase exploratória de uma pesquisa”, quando o pesquisador ainda não definiu o seu objeto de investigação e nem seu marco teórico (MINAYO, 2003, p. 31-32).

A partir de dois Programas de rádio em que o pesquisador atua e a produção do *site* eletrônico <www.gilbertoresponde.com.br>, acumulou-se uma rica fonte de dados empíricos em estado bruto e que, revisados em 2014, tornou-se a base do nosso atual *corpus* de pesquisa. Trata-se de uma imensa quantidade de comentários e perguntas feitas por mulheres que acessaram o *site* eletrônico entre janeiro de 2011 e agosto de 2014, com o intuito de obterem uma resposta sobre seu sofrimento amoroso, na procura obsedante de uma melhor conduta emocional para a sua vida conjugal. Naquela data, ocupava-me de comentar e responder às perguntas feitas por essas mulheres.

O *site* eletrônico foi elaborado em 2011, por uma agência especializada em fotografia e mídias sociais, o *Estúdio Clicketz*. Ele é o produto de duas plataformas tecnológicas que o antecederam: o *Programa 91 Minutos* da rádio Rock 91.3 FM no qual atuei como comentarista de 2006 até a rádio sair do ar em 2010, e o *Programa Light News* da rádio Transamérica Light 95.1 FM, todas as quartas-feiras, das 7h às 8h, no qual o pesquisador atua desde 2011 na função de comentarista. Mais adiante, ainda nessa seção, a relação *site*-rádio-pesquisador será historiada detalhadamente.

O <www.gilbertoresponde.com.br> foi uma produção necessária para atender a uma demanda de perguntas não respondidas que, pelo limite do tempo, ficavam acumuladas ao final do Programa *Light News*. Além das respostas dadas, a cada 15 dias, postava-se um texto no *site*, cujo conteúdo também tinha a função de dar mais subsídios e esclarecimentos às perguntas feitas pelos visitantes. A título de uma exemplificação inicial, expomos alguns recortes nos quais as mulheres visitantes reclamavam com muita frequência sobre as reações violentas de seus parceiros:

Tenho 47 anos, namoro há 2 anos e meio um homem de 51 anos, rico, bem resolvido na vida profissional e financeira, mas na vida sentimental é um terror.... aí começaram as agressões verbais, se eu olhasse para o lado em um bar logo começava as brigas, me acusou o tempo todo de dar em cima das pessoas, de querer aparecer para todo mundo... agora me xinga de puta vagabunda, tudo que falo faço ou visto tá errado é feio... que ele é muito pra mim, que nunca mais vou arrumar outro igual a ele, que o faço sofrer, me xinga de puta, vadia vagabunda, mulher fácil que dá pra todo mundo, de velha rodada, de vaca velha, enfim estou me sentindo mal com isso... tenho baixa estima??? medo de ficar só?? acredito no que ele diz??? essa situação tá me matando, mesmo assim não consigo terminar com ele, e sinto a falta dele quando brigamos... me sinto tola em não conseguir superar, pois de tanto ele falar que toda mulher o quer eu tenho medo de perder ele e ficar só e pior de ver ele com outra, o que fazer???? perdi o emprego por causa dele...me perdi por completo acho que perdi minha identidade, tento sair desse buraco mas não tenho forças... (Registro nº 654).

Os textos tinham o objetivo de oferecer subsídios para sofrimentos tipificados, como traição, violência física, controle. Para atender à demanda do ciúme, foi postado no *site*: *As diferenças entre o ciúme masculino e o ciúme feminino*. O segundo exemplo refere-se a um tipo de queixa muito frequente no *site* e que retrata as formas passivas e tolerantes com as quais mulheres reagem à violência psicológica do marido. Assim, foi postado: *Eles gritam, elas choram*. Outro exemplo de reação da esposa às atitudes do marido foi comentado no texto eletrônico: *Mulheres que agem como mães. Maridos que reagem como filhos*. Eis o comentário de uma visitante:

Já me identifiquei como sendo uma esposa que passou a agir como mãe, ou que aceitou assumir esse papel por conta das atitudes de "filho" do marido. Acredito que identificar o problema é o primeiro passo para a sua resolução. No entanto, estou encontrando algumas dificuldades para me "desvestir" desse papel de mãe do meu marido. Tenho procurado ser mais firme e menos protetora. Mas ainda sinto dificuldade em dizer "não" em algumas situações. Sei que, se eu continuar assumindo os problemas dele como meus, ou fizer tudo "a tempo e a hora" sempre que ele me demandar qualquer coisa, nunca vou me livrar desse estigma, e ele acabará por ir embora com uma "mulher", não é mesmo? Por favor, peço seu aconselhamento nesse sentido: como fazer essa transição de esposa-mãe para esposa-mulher, sem causar o fim do relacionamento? Obrigada. (Registro nº 95).

Outro exemplo vem de um tema recorrente tanto no Programa *91 Minutos da rádio Rock 91.3* quanto no Programa *Light News da rádio Transamérica Light 95.1*. Tratam-se das práticas sociais da vida cotidiana. Comentários de ouvintes da rádio sobre a violência da corrupção no Brasil levaram à postagem no *site* eletrônico do artigo “A lei do jeitinho brasileiro: um estudo longitudinal”. Pela importância do tema, o artigo também foi aceito e publicado em abril de 2014 na Revista do Instituto Brasileiro da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa-Portugal e, no Brasil, no portal <webartigos.com>.

Embora nosso foco não se concentre no “jeitinho brasileiro”, ele, como veremos mais adiante, é uma forma dissimulada de violência, e “ingenuamente” menos agressiva, como a violência psicológica e a violência simbólica. Tipos de violências que chamam menos a atenção da população e que causam menos impacto no corpo do sujeito, embora, embora impactantes no corpo social. Segundo o sociólogo Bourdieu (2011), o poder simbólico funciona como “modos de dominação” e opera profundamente no sistema de crenças impedindo que se perceba que a forma de se pensar a violência, já é ela um produto da dominação. Com isso, queremos expor de início nossa preocupação com as tramas que se imbricam nas relações e nos feixes imateriais da agressão.

Retornando aos programas das rádios, identificamos na época, dois tipos de comentários e queixas. Por um lado, recorrentes reflexões sobre as práticas sociais da vida cotidiana, e por outro lado, dúvidas e comentários sobre a conduta afetiva dos ouvintes nas suas relações interpessoais. O ponto de interseção entre esses dois eixos aparentemente distintos está na forma correspondente pela qual as pessoas reagem nessas duas situações. Os longos anos de experiência com o público levaram-me a analisar esse ponto de interseção nas perguntas dos ouvintes e do *site*, uma análise que se tornou fundamental para a nossa pesquisa. Tanto nos comentários sobre as brigas de casais e outras práticas da vida cotidiana como as práticas do jeitinho brasileiro; que a reação daquele que reclama, acaba por reproduzir o problema em vez de solucioná-lo à medida que a parte queixosa que se apresenta como prejudicada não se percebe como parte do problema. No campo das práticas sociais, os ouvintes reclamavam, culpando o governo, os políticos, o “sistema”, a herança histórica, o (a) chefe, o trabalho, o vizinho. Nas práticas amorosas, sejam de pais para filhos, entre parentes e amigos e em especial entre parceiros íntimos, o problema estava sempre no outro.

No início dos anos 1980, a antropóloga Maria Filomena Gregori¹ fez uma análise de discurso de mulheres agredidas que procuravam o plantão de atendimento do SOS-Mulher, em São Paulo. Uma das suas conclusões foi a de que as agredidas justificavam as agressões como um “acontecimento” fora da relação do casal à medida que explicavam o ato violento do marido pelo uso da bebida alcoólica ou de um “rabo-de-saia” como sendo essa a principal fraqueza do marido. Tal como os ouvintes e visitantes do *site*, as pessoas tendem a não se perceberem como partes do problema, exigindo que apenas o outro mude. Na análise da antropóloga, notamos também a incorporação de um discurso cultural muito difundido no Brasil: o entendimento de que o homem precisa mais de sexo que a mulher e pode “buscar fora do relacionamento que não tem em casa”, expressão muito difundida pelas mulheres, na nossa sociedade. Para as mulheres entrevistadas pela antropóloga, “passar fome, não ter prazer sexual ou mesmo as brigas frequentes não constituem problema. A crise se configura quando um elemento exterior – uma outra mulher – aparece” (GREGORI, 1993, p. 161). A crise do casamento é situada do lado de fora do casamento, permitindo que a esposa não se inclua como parte do processo relacional.

A racionalização de situações que envolvem conflitos tem uma função protetora para a “vítima”, pois ao conceber que o problema não é dela ou que ela está do lado de fora do problema, esta posição pode assegurar-lhe a paz que a sua consciência necessitava ter. Todos esses comentários até o momento, servem para que se possa introduzir a forma de o pesquisador pensar os conflitos entre casais que vivem de forma conturbada.

O *site* também passou a ser um instrumento de reflexão para universitários que viam nele uma fonte para a realização de trabalhos acadêmicos, já que o pesquisador atuava na época como professor de Antropologia e Psicologia em duas instituições de ensino superior de Curitiba. Acumulavam-se assim um grande contingente e uma grande diversidade de visitas diárias nele. O congestionamento de perguntas se intensificou mais ainda à medida que tais textos postados passaram a ser divulgados

¹ **Maria Filomena Gregori:** Antropóloga, Pós doutora pela Universidade da Califórnia e professora da Universidade de Campinas (UNICAMP). Pesquisadora do Núcleo de Gênero da mesma Universidade e autora de vários livros. Sua dissertação acerca de relações violentas e práticas feministas recebeu o prêmio de melhor trabalho de mestrado, em 1989, pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) que foi publicado sob o título “Cenas e Queixas”, serviu-nos como um dos guias de orientação para o nosso trabalho. Trata-se de uma pesquisa de “Observação Participante” realizada entre fevereiro de 1982 e junho de 1983 na primeira instituição brasileira que prestou assistência a mulheres vítimas de agressão de seus companheiros, o SOS-Mulher em São Paulo.

semanalmente no Programa *Light News*. A partir desse ponto, ajustou-se uma espécie de sintonia entre o *site* e o Programa, um cruzamento entre visitantes e ouvintes. O <www.gilbertoresponde.com.br> passou a ser uma extensão, uma espécie de metonímia da rádio. Dessa forma, um instrumento alimentava o outro, possibilitando uma comunicação mais ampla e profunda, pois ouvintes da rádio migraram para o *site* e vice-versa, atingindo uma ampla e diversificada categoria de perguntas, de pessoas e comentários de discordância ou concordância acerca do que se discutia no programa.

1.2 ESTUDO PILOTO: ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO *ONLINE*

Em meados de 2012, o número de acesso ao *site* progrediu volumosamente e isso produziu uma reflexão acerca de quem seriam essas pessoas. Como situá-las socialmente? Para respondermos a essa questão, elaboramos um questionário *online*, apresentado a seguir. A partir desse questionário, iniciamos a compleição do nosso corpo de pesquisa, pois pudemos não só situar os visitantes do *site* como detectamos o que eles procuravam no <www.gilbertoresponde.com.br>. As informações sobre essa procura estão apresentadas também nesse segmento da tese na seção “As queixas mais frequentes do Estudo Piloto”.

O questionário trouxe-nos alguns dados empíricos que permitiram identificar o gênero, grau de instrução, a idade, naturalidade, situação de trabalho, a religião, estado civil e número de visitas ao *site*. Também foi perguntado se faziam ou fizeram psicoterapia e quais eram os conteúdos do *site* que geravam mais interesse em acessá-los. O questionário *online* que permaneceu no ar por duas semanas e preservou o anonimato dos respondentes, num total de 68 participantes voluntários. (Apêndice C).

Quanto à localização geográfica, 82% dos participantes residem no Paraná. Visitantes de outros estados se distribuíram pela ordem entre o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, Distrito Federal e Alagoas. Quanto ao estado civil, 40% casados e 34% solteiros. O restante, distribuídos entre divorciados, separados e outros. Consideramos como casados qualquer união em que estivessem vivendo juntos por mais de um ano. Ao serem indagados sobre quantas vezes foram casados, 59% experimentaram apenas um casamento, 16% foram casados duas vezes e 3% passaram pela experiência de três casamentos.

Outro dado relevante do questionário *online* está no grau de instrução dos participantes. Destes, 53% têm nível superior completo, duas mestras e uma doutora,

e 21% cursam o nível superior. Apenas 3% têm apenas o ensino fundamental incompleto e 10% terminaram o ensino médio. Trata-se então de uma amostra predominantemente de mulheres instruídas que buscam no *site* respostas para sua insatisfação amorosa e conjugal.

Quanto ao trabalho, a maior concentração de profissões é derivada da formação das Ciências Humanas e Sociais, como advogadas, psicanalistas, psicólogos, jornalistas, projetistas, gerente de *design*, servidoras públicas e bancárias. Historicamente, as escolhas masculinas estiveram voltadas para as ciências da tecnologia enquanto que as escolhas femininas sobre a profissão estiveram voltadas para as áreas humanas. Simone de Beauvoir, em 1949, publicou a obra inaugural do feminismo, *O segundo sexo*. Nela, apresenta a metáfora do pênis como arado que abre os sulcos, rasga a terra e esta como a fertilidade feminina. A lida com a técnica conduziu o homem à racionalidade enquanto a criação, o místico e a maternagem conduziram a mulher à arte e ao amor. O reino do homem se inicia “quando ecoa a primeira martelada” (BEAUVOIR, 2009, p. 132). Já a metáfora do arado e a terra inaugura o destino biológico e cultural da mulher mãe criativa e um homem forte conduzido pelo determinismo instrumental. O destino místico da criação levou e leva a mulher ainda hoje à religião e ao amor enquanto que o mundo masculino é conduzido pela técnica e pela razão. Essas ponderações são discursos que se perpetram até hoje, reforçando dicotomias entre homens e mulheres. A luta pela razão é um expoente nas brigas de casais e com muita frequência ainda hoje se ouve que “o homem tem razão”. Essa amostra discursiva atesta esse discurso de longa duração que define papéis não cambiáveis entre os sexos, levando a consequências nefastas.

A história de vida da curitibana Marlene de Oliveira², publicada em 2011, retrata o que anunciou Simone de Beauvoir, pois entre os nove irmãos, sete filhos e duas filhas a eles eram transmitidos alguns privilégios, sob a autenticação da mãe:

Meus dois irmãos mais velhos além de não trabalharem, ficavam bebendo no bar o dia todo. Enquanto minha mãe fazia o jantar, meu irmão mais velho chegava bêbado, quebrava o que estivesse pela frente...ele quebrando as coisas

²A ex-carrinheira que virou artista plástica é autora do livro *Valle dos Sonhos – Um passado real*, que nos serviu de análise para essa tese. Sua obra relata uma história de violência conjugal por longos anos com seu parceiro, sustentada por brigas e espancamentos. Marlene nasceu em uma família pobre e violenta. Seu primeiro trabalho começa aos 10 anos de idade como cuidadora de cachorro, em seguida diarista, auxiliar de limpeza, entre outros trabalhos, carrinheira e artista plástica. Atualmente é palestrante na “Roda de conversas com mulheres em situação de risco” <http://lavemmaria.com.br/> Tive a oportunidade de participar com Marlene no jornal da RICTV, tratando do problema da violência contra a mulher.

esmurrando minha mãe, todos dormindo sem jantar e ele indo dormir bem tranquilo como um anjo [...]. Meu segundo irmão também não trabalhava, mas exigia tudo do bom e do melhor. Minha mãe se desdobrava para fazer o que ele queria. O primeiro prato era sempre para ele, bem cheio e a carne era só para ele (OLIVEIRA, 2011, p. 29-30).

Sob o consentimento da mãe, os filhos homens sempre tinham razão. Analisando a dimensão relacional da violência, essa mãe “se desdobrava para fazer o que ele queria”. Marlene, quando se torna mãe, também adere à mesma prática discursivo-cultural de uma mãe que faz tudo pelos filhos. Nos cuidados com sua filha Aline, Marlene refere à juventude desviante da filha: “Ela ainda não sabe que uma mãe para de viver para viver a vida dos filhos”. Em defesa de Aline, contra os amigos que vinham em sua casa convidá-la para o uso de drogas, Marlene reage: “dei enxadadas em todos que estavam em minha frente. Surtei completamente para salvar a minha filha das drogas. Uma mãe verdadeira é capaz de matar para proteger o filho” (OLIVEIRA, 2011, p. 96).

Quanto à religiosidade dos 68 participantes do questionário *online*, quase metade, 44% são católicos, 13% espíritas e o restante dividido entre evangélicas, outras religiões e sem religião, um percentual insignificante. O forte pendor religioso das respondentes correspondente à fé brasileira já era esperado, já que o “Brasil é o país com o maior contingente de católicos do mundo” (NERI, 2011, p. 11). É também o que mostra a Pesquisa Social Brasileira de Almeida (2007), pois depois de Deus, a instituição na qual os brasileiros mais confiam é a família.

Entre os 68 participantes, a maioria, 75%, identificou-se como mulher, e é delas que partem as queixas sobre agressão, o que nos parece óbvio. Mas é também delas que partem as queixas sobre a insatisfação e o sofrimento amoroso, sendo elas também as que mais procuram os profissionais do amor, como sexólogos e psicoterapeutas. Esse resultado não foi surpresa, pois pelas queixas dos participantes dos Programas *91 Minutos* e o *Light News* já havia uma provisória estimativa acerca do gênero dos ouvintes. A violência contra o elemento feminino é bastante conhecido e registrado em livros, documentários, filmes, produções imagéticas e programas de rádio, televisão e nos jornais. Desse modo, um programa que dê oportunidade para que se questione, pense, pergunte sobre essa violência obviamente terá muitos ouvintes e participantes mulheres. Assim, não nos surpreendeu a grande quantidade de mulheres participantes que encontravam um veículo para exporem suas dúvidas e sofrimentos conjugais. Previsão, historicamente compreensível, se buscarmos as

análises das historiadoras de mulheres do século XIX ao século XXI: Beauvoir (2008; 2009) e Perrot (1988; 1990; 2013) na França, e Del Priore (2011; 2013; 2013) no Brasil, para citar três grandes referências em estudos de mulheres no Ocidente, não seria surpresa que o gênero predominante no *site* fosse também o feminino. Afinal, ao longo da história, não raras vezes foi a mulher considerada a depositária do pecado, do mal, e, portanto, merecedora da fogueira dos hereges. “Estima-se em cem mil o número das vítimas (das fogueiras da inquisição), sendo 90% mulheres” (PERROT, 2013, p. 89).

Ainda no final do século XIX, na *politesse* e politizada França:

a quantidade de mulheres que apanhavam dos maridos era imensa. Bater na mulher e nos filhos era considerado um meio normal para o chefe de família ser o senhor de sua casa – desde que o fizesse com moderação. Tal comportamento era tolerado pela vizinhança, principalmente nos casos em que as esposas tinham reputação de serem donas de casa ‘relaxadas’. Apanhar e bater era o cotidiano de muitos casais e não somente da camada popular. (PERROT, 2013, p. 77).

Dados mais recentes do Instituto de Medicina Legal de Paris, em 2002, dão conta de que metade das mortes de mulheres que ocorreram na capital francesa, entre 1999 a 2000, foram cometidas por seus cônjuges (HÉRITIER, 2002, p. 114).

Sobre a idade das participantes, tanto as menores de 20 anos quanto as maiores de 60 anos tiveram a participação mínima (1%). A maior concentração etária incidiu sobre a faixa dos 31 aos 40 anos (34%). A segunda maior faixa de concentração de idade abarcou o período entre os 21 aos 30 anos (31%). Em terceiro lugar, dos 41 aos 50 (28%). Ao juntar os dois maiores índices de participação por idade, em uma só faixa, tem-se, portanto, a faixa dos 21 aos 40 anos.

Estes dados conferem com as informações que colhemos na análise do *Mapa da Violência* detalhadamente apresentado na seção “Análise do Mapa da Violência contra a Mulher” desta tese. De acordo com o que mostra o Mapa, é neste período de vida em que a mulher sofre mais agressão física e psicológica. Quase 50% dos atendimentos de mulheres agredidas em 2014, registrados pelo SUS, incidiram nas etapas jovem (18 a 29 anos) e adulta (30 a 59 anos) da vida da mulher. Destaca-se que a maior concentração das participantes do Estudo Piloto do <www.gilbertoresponde.com.br> situa-se na fase adulta da vida, entre 31 e 40 anos. Essa faixa de mulheres queixosas a respeito do seu sofrimento amoroso justifica-se porque, ainda segundo o *Mapa da Violência*, os diversos

tipos de violência contra a mulher causada pelo companheiro ou ex-companheiro aumentam à medida que aumenta a idade da mulher, atingindo o apogeu na “etapa ou ciclo de vida adulto”, assim definido pelo *Mapa*, entre 30 a 59 anos.

Não há outras correlações a fazer entre a idade e violência, a não ser considerar que a possibilidade de mulheres viverem mais tempo com seus parceiros violentos, torna-as mais expostas à violência. Parece coerente dizer que as adultas viveram mais tempo de casadas e por isso teriam sofrido mais violência dos parceiros. Essa suposição advém da reincidência do agressor, pois, mesmo com a Lei Maria da Penha, quase 50% das mulheres foram novamente agredidas por seus companheiros e a faixa onde ocorre a maior reincidência, 54,1%, é a faixa adulta.

Adiantando outras fontes de consulta acerca do histórico da nossa pesquisa, em março de 2014, a Rede Paranaense de Televisão (RPC) apresentou no *Jornal do Meio* dia uma matéria sobre o assassinato de mulheres. Os registros dos Boletins de Ocorrência da Delegacia da Mulher de Curitiba informavam que as mulheres assassinadas foram ameaçadas de morte, agredidas e tinham consciência de que viviam em situação de risco. Nos relatos à Delegacia, elas afirmam que por várias vezes contavam às amigas ou vizinhas que estavam “juradas de morte”. O *Mapa da Violência 2015* reafirma esses dados ao assegurar que a reincidência à agressão é de quase 50%. Outros estudos (GREGORI, 1993; MACHADO, 1998) apontam para o caráter relacional da violência, colocando em questão quem são os sujeitos da violência, tanto por parte do agressor quanto por parte de quem está do outro lado da violência. Vejamos um recorte. Conceição, uma mulher de 32 anos, sem os dentes da frente por conta das agressões que sofreu regularmente durante cinco anos, por um marido ciumento. Trata-se de uma entrevista concedida para as pesquisadoras do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Mulher da USP. Conceição “Apanhou regularmente do marido por cerca de cinco anos, além das constantes ameaças verbais” (MACHADO, 1998, p. 5). Já sem os dentes da frente arrancados por um soco, Conceição vive com o agressor por 10 anos.

Uma das perguntas feitas no Estudo Piloto procurou sondar se essas mulheres que procuravam respostas no *site* já haviam procurado atendimento psicológico. Ao serem indagadas se “Faz ou já fez psicoterapia?” 43% afirmam já terem feito e interrompido, 29% afirmam estar fazendo psicoterapia e 28% nunca procuraram fazer psicoterapia. Apesar do aparato psicoterapêutico, do grau de instrução, da autonomia profissional das participantes, elas continuavam buscando no *site* uma saída para

seus conflitos. Se 72% das visitantes fizeram ou fazem psicoterapia, por que procurariam saída no *site*?

Olá. Fiquei a conhecer seu *site* agora! Parece uma luz que surgiu (REGISTRO 195). Me formei fim do ano como psicóloga apesar de saber o que dizer a um paciente ou cliente, não sei e nem consigo pensar o que fazer com os meus problemas principalmente no meu casamento (Registro 695).

É fato que o questionário *online* apresentado aqui como um “Estudo Piloto” não apenas nos deu o panorama sobre quem eram os visitantes do *site* como também ele nos deu mais percepção acerca das diferenças entre as ouvintes do Programa Light News da rádio Transamérica FM e as participantes do *site* <www.gilbertoresponde.com.br>. Este, embora seja um espaço de domínio público, possui características mais intimistas que o contato ao vivo com a publicidade da rádio. O *site* parece receber uma demanda de pessoas que encontram ali um lugar de proteção, amparo e de interação com as outras pessoas que passam pela mesma situação, permitindo a revelação da sua intimidade:

Gostei muito do seu *site* me senti confiante em relatar meu problema (Registro 168).

Olá boa tarde! Sinto-me muito segura em falar do meu problema para você (Registro 169).

Olá Gilberto. Procurando uma ajuda para a minha angústia, vim parar no teu *site* e adorei (Registro 488).

Gilberto, adorei seu *site* e tenho uma pergunta (Registro 458).

Muito obrigada pela resposta, incrível como você de um modo reafirma o que já sabemos (Registro 748).

Em síntese, o *site* tornou-se um veículo muito visitado. Desde já é preciso assumir que a apelação do domínio <gilbertoresponde.com.br> parece ter provocado, de um lado, uma espécie de alívio imediato para o consumo de uma população tecnocêntrica e ávida por perguntas, e por outro lado, *site* provocou um desejo da reverberação da verdade. “Oi Gilberto adorei as palavras amigas que recebi de vc!! Concordo com tudo que você fala” (REGISTRO 652). Diria de duas verdades, pois se encontra aí, na fronteira de dois mundos, uma união consolidada pela cumplicidade de dois parceiros íntimos. Um parceiro é a prontidão respondente do *site*. O outro é o desejo confessional das mulheres que o procuram e o desejo respondente do confessor? “Boa tarde Gilberto, Quantas mulheres sofrem com o mesmo problema” (REGISTRO 185). A chamada “gilbertoresponde”, tinha sim, o propósito midiático de

dar uma resposta. No entanto, as respostas dadas foram ponderações analíticas e reflexivas sobre as perguntas feitas e tinham na sua linguagem um propósito introspectivo, ou seja, levar à reflexão em oposição aos apelos de autoajuda ou resolutos, tão comuns nos Programas de rádio ou em *sites* de relacionamento. O *site* tornou-se um espaço de interação, considerando o relevante interesse dos visitantes em não apenas “perguntar”, mas em ler os textos publicados e acompanhar as perguntas e respostas de outras postagens. Dentro de suas possibilidades e limitações, o *site* eletrônico produziu e produz efeitos reflexivos:

Gilberto eu leio grande parte dos textos publicados no *site* e é incrível a dificuldade que temos de enxergar a nossa parte nas situações. Como é duro encarar que temos certa responsabilidade sobre tudo que acontece na nossa vida!! (Registro 425).

Aqui, talvez tenhamos conseguido alcançar o nosso propósito em parte, uma vez que a própria pessoa que se queixa conseguiu ver que a mudança não é só para o outro, mas para si, visto que é também parte da situação. A mulher e o homem são partes do processo. Parte do problema e parte da sua solução como concebe a perspectiva relacional. Por vezes, o *site* funciona também como uma instituição respondente que é conclamada a dizer sobre as verdades, do amor e do sofrimento. Mas, não se fala de qualquer verdade e não é qualquer um que pode falar de qualquer coisa, senão, pela voz da instituição (FOUCAULT, 2012, p. 19). Em Bourdieu (2009, p. 133) ela e os ritos, são “o substitutivo mundano de Deus”. Assim como Deus, ela nos guia nos ilumina nos protege e nos responde. Por mais que nos esforcemos, no *site*, para não responder e sim procurar despertar reflexão, há quase sempre nas perguntas e comentários das visitantes a busca de uma verdade oficial para autenticar e dar sentido ou apenas confirmar o sentido de quem pergunta. Entretanto, tentamos, ao máximo, não apresentar respostas prontas e acabadas, no intuito de fomentar uma introspecção sobre o que cada um pode dizer de si, mas nem sempre isso ocorre por este caminho. Ao contrário, os visitantes do *site* buscam uma orientação, uma palavra de ordem norteadora; o que é compreensível para quem se propõe abrir uma ouvidoria para queixas. “Oi Gilberto adorei as palavras amigas que recebi de vc!! Concordo com tudo que você fala” (Registro 652).

Por outro lado, outros efeitos são produzidos pelos dizeres do *site*. Fechamos esta seção com a fala corrida de outra usuária que reconhece o lugar que ela ocupa na relação com o problema que apresentou:

Caro Gilberto, obrigada por sua análise que, como sempre, é precisa e eficiente... através de suas palavras senti que lá no fundo sabia disso: não sei cuidar de mim... porque vim de uma criação onde minha mãe nos ensinou a nos anular o tempo todo em prol do bem maior, da paz... afinal ela era casada com um alcoólatra violento e volta e meia presenciávamos brigas horríveis e apanhávamos muito... bom, já que tenho que aprender a cuidar de mim, vou ver se acho um texto seu falando disso...senão tiver fica a dica ... aguardo ansiosamente seu ponto de vista sobre isso. Um grande abraço e obrigada mais uma vez!" (Registro 214)

No fragmento, percebe-se também o quanto o comportamento é uma repetição transgeracional de padrões familiares e sociais. Há uma naturalização do que é cultural. O *site* e esse trabalho podem operar como um sinal, um alerta que poderá ajudar a colocar em dúvida essa naturalização e proporcionar o início da mudança, desde que cada um possa reconhecer a sua parte no problema. Problema este que normalmente julga-se estar presente apenas no outro.

1.3 AS QUEIXAS MAIS FREQUENTES DO ESTUDO PILOTO

Como visto nas seções anteriores, foi possível situar socialmente *quem* são os visitantes do *site* e os motivos pelos quais o visitavam. Ressaltamos que até ao final dos anos de 1980, os estudos sobre as diferentes formas de violência à mulher enfocavam a sua desvantagem econômica como causa da sujeição a uma situação de risco. Até esta época, o feminismo brasileiro concentrava-se nas militâncias políticas dos partidos de esquerda no Brasil, marcados pela visão classista de sujeito. Não se pensava “a mulher” e seus problemas femininos, mas “a operária”. Outras perspectivas relacionais, a partir dessa época, enfatizaram novas formas de entendimento da violência, fora da visão econômica e classista até então predominante. Com o avanço das pesquisas, hoje é sabido que a violência contra a mulher “não se origina exclusivamente das desigualdades de classe: ela se expressa em relações que cortam o conjunto de todos os segmentos da sociedade e que escapa da esfera de atuação do Estado” (HEILBORN; SORJ, 1999, p. 20).

Das participantes do estudo Piloto, 74% têm nível superior completo ou estão em curso e que 72% fizeram ou fazem psicoterapia. Trata-se também de mulheres com condições favoráveis de trabalho: jornalista, servidora pública, bancária, psicóloga, projetista, professora, advogada, gerente de *design* e psicanalista. Ao mesmo tempo em que indagávamos sobre *quem?* também se perguntávamos sobre *o que* essas mulheres mais se queixavam?

A concentração tipificada de queixas levou à escolha das questões e comentários mais recorrentes. Pela contagem simples das perguntas-queixas, pudemos perceber que entre elas a maior concentração incidia sobre dois problemas: a) A dificuldade de as mulheres romperem definitivamente a relação mesmo em situação de risco; b) O esforço que elas faziam para recuperar uma relação de risco quando o parceiro rompia o relacionamento.

Dentro dessas duas grandes categorias de análise, estão implicadas outras dimensões discursivas, como as queixas sobre sexualidade, beleza, violência, traição, ciúme. Não é possível, na Análise de Discurso, analisar subcategorias como as citadas. Elas são elementos dos feixes discursivos. Todos esses elementos fazem parte do discurso do amor-paixão. Esta é a fonte central do sofrimento dos casais tomados por esse tipo de amor que atinge com mais amplitude e profundidade as mulheres. Trata-se de um “filtro”, nos termos de Rougemont (1988)³ que funciona como um aprisionamento de amarras amorosas conjugadas pela tolerância e pelo sacrifício do objeto amado. A dependência do “verdadeiro amor” acaba por torná-lo em vício e não em virtude. Muitas mulheres se esforçam para se afastar do sofrimento conjugal e o fazem imaginariamente, pois logo que percebem a realidade da perda do amor da sua vida, entram em desespero, como mostra o relato:

³ O filósofo e ensaísta suíço Denis de Rougemont 1906-1985 um apaixonado pela cultura romântica europeia, publicou em 1939 o clássico estudo sobre as origens do amor romântico; “História do Amor no Ocidente”. Na obra, ele analisa as dimensões históricas e culturais do amor, encontrando a genealogia do que ele chama de amor-paixão; situada na corte alemã do século XII. O autor encontra nesse tempo e lugar as relações impossíveis e idealizadas do amor entre o cavaleiro medieval e a dama da corte. É com a tragédia de Tristão e Isolda que Rougemont inicia sua minuciosa análise sobre esse tipo de amor difundido por outros mitos por ele analisados, como a obra de Romeu e Julieta e outras, não trágicas, mas igualmente impossíveis como Beatriz de Dante Alighieri. A importância de Rougemont para nossa tese é ressaltar que tomamos o amor-paixão como um dispositivo discursivo cultural de longa duração que atinge os amantes modernos do Ocidente atual e se acha presente e enunciado na fala das mulheres do *corpus* da nossa pesquisa. Embora distanciado apenas do tempo, o mito Tristão e Isolda está longe de esgotar seus atuais efeitos trágicos.

Oi, Gilberto, eu fui casada por dez anos. Há um mês me separei do meu marido. Foi uma decisão minha por diversos problemas que estávamos passando. Grosseria, mau-humor, vivíamos uma vida paralela. não existia cumplicidade. Pedi pra fazermos terapia de casal, pedi pra ele fazer terapia e não teve acordo. Mesmo separados mantivemos contato por causa da nossa filha. E nunca deixamos de falar da possibilidade de uma volta. Agora, ele me disse que não quer voltar porque acha que não vai dar mais certo e porque não me ama mais. Meu mundo caiu. Estou me sentindo destruída porque ainda o amo. Te escrevo porque gostaria de saber como faço pra não sofrer tanto. Minha vontade é sumir, morrer desaparecer. Sinto que minha vida perdeu o sentido. O fim realmente chegou pq ele assumiu não me amar. Passei por tanta coisa desgastante nesse relacionamento, grosseiras, desprezos, até uma traição, e pq esse rompimento chega devastando minha vida, como se a vida tivesse acabado pra mim? Será que isso passa? Será que vou olhar pra traz sem nenhuma dor? Como uma pessoa pode lhe trazer tanto sofrimento? Como é possível uma amarra/dependência psicológica tão grande em relação a uma pessoa? (Registro 45).

Os relatos a seguir denotam as tramas que encerram a razão perante o sonho do amor, paralisando a vida do sujeito amoroso:

Gilberto, porque uma paixão mexe tanto assim com as pessoas? É tão errado assim largar tudo pra viver uma paixão? Eu como sou sonhadora fico triste ao pensar que é tão grave assim viver uma paixão e pensar que paixão pode ser tão ruim assim... (Registro 424).

oi DR boa tarde, tenho um casamento conturbada mas nem sempre foi assim, os problemas da vida nos levaram a isso, sei que sou em parte culpada mas sempre procuro ver meus erros e não os repetir pois eu o amo d + ...ele quer viver sozinho... e agora se peço um beijo ele nega, na cama demora d mais pra acontecer pelo menos 15 em 15 dia não acho que isso seja normal eu o quero muito não serei capaz de seguir sem ele tenho uma dependência sentimental muito grande dele fiz de td por ele me dei ao máximo me anulei me ajude estou desesperada (Registro 206).

Vê-se aí, no primeiro excerto que a palavra “paixão” ocorre quatro vezes, denunciando uma subserviência da reclamante. Não há razão para tanto sofrimento, mas ali permanece emaranhada. Há, no entanto, uma dúvida sobre essa vida miserável e tenta compartilhar isso no *site*. No segundo fragmento, ocorre também a quase total dependência do outro. A questão sexual também entra em ação, outro dispositivo, como já mencionamos que é fonte de discórdia. Os vocábulos atestam o desespero, a dependência, a desrazão. A esperança do “verdadeiro amor” ou do “amor da minha vida” torna-se um destino para a vida de quem é hipnotizada pelo discurso do amor-paixão. A criação desse ideal cavalheiresco que nos vem de longa data, como mencionado, é forte componente de insatisfação. A identidade masculina criada é bastante complexa, pois tanto é o guerreiro; o líder; o forte, quanto o cavalheiro; o romântico, o gentil-homem. Nessa dupla visão, afasta-se da realidade e

o discurso-cultural gira em falso, levando à frustração feminina e masculina. A insatisfação com parceiro e ao mesmo tempo a dependência desse amor exercem um duplo papel nas relações entre casais violentos e que se colocam concomitantemente como vítimas e cúmplices do sofrimento. “Todos os papéis masculinos associados ao machismo têm um correspondente feminino” (CASTAÑEDA, 2006, p. 19). A afirmação da psicóloga também é percebida nas queixas frequentes dos homens sobre as exigências contraditórias dessas mulheres:

as mulheres esperam que eles sejam “modernos” e que as tratem como iguais, mas, ao mesmo tempo exigem que sejam “cavalheiros” à moda antiga. Muitas mulheres jovens querem ser independentes, mas gostariam que os homens continuassem a sustentá-las; querem poder tomar a iniciativa nas áreas social e sexual, mas desejam que os homens continuem a respeitá-las como se fossem “damas” ao estilo tradicional; querem que seus companheiros as ajudem em casa, mas lhes permitem fazê-lo à maneira deles. Em muitos casos, eles também estão emaranhados entre crenças e expectativas contraditórias, que comportam duplos vínculos tão nocivos como aqueles aos quais as mulheres estão sujeitas. Em uma infinidade de situações, façam o que fizer, são sempre criticados (CASTAÑEDA, 2006, p. 119).

As mulheres também são exigidas por outro paradoxo. Apesar de se apresentarem como emancipadas e liberais, sentem o desamparo de estarem sozinhas e não realizarem o sonho de um casamento.

Olá Gilberto, tenho 33 anos e ainda não casei, e hoje me sinto muito triste com toda a cobrança familiar ... percebo que eu estou sofrendo por estar solteira...Como faço para aceitar a solteirice se o homem da minha vida não aparecer? (REGISTRO 436).

Ola Gilberto, estou precisando de uma orientação pois não sei o que fazer. Eu estou noiva mas não sei se quero casar... Eu sou do signo de libra, talvez por isso eu seja tão indecisa. Eu sempre fui muito perfeccionista com as pessoas. Eu sempre desejei me casar com o rapaz dos meus sonhos, de boa família, de caráter, situação financeira boa. E ele não tem alguns pré requisitos pra mim, talvez seja coisa da minha cabeça pois sei que o príncipe encantado não existe. O que devo fazer me ajude (Registro 449).

Nesse relato, o desejo de se casar com um homem ideal se desfaz pela falta dos quesitos masculinos, exigidos pela noiva. Essa falta acaba por invalidar o casamento, já que o noivo é visto como um homem incompleto. A idealização perfeccionista da paixão é a mesma que idealiza o grande amor da sua vida. Mas por outro lado, também é a mesma que o destitui, porque esse homem imaginário não pode existir. É um discurso que não se realiza na prática, pois se existisse, seria o verdadeiro príncipe encantado que ela nega. Por isto é necessário romper com o

“rapaz dos seus sonhos”. Ele só se sustenta como realidade psíquica e imaginária, mas nunca como realidade fatural. Alguém que existe apenas na sua cabeça, como afirma a visitante do *site*.

1.4 DELIMITAÇÕES DO CORPUS DE PESQUISA

Em meados de 2003, a *rádio 91 Rock FM* de Curitiba, frequência 91.3, vislumbrou a ideia de se produzir um programa inédito em Curitiba. A formatação inicial do programa derivou da experiência que o jornalista José Wille teve com a rádio *CBN* de Curitiba quando ele impulsionou um programa baseado em entrevistas com especialistas ou *expertises* em assuntos que eram levados semanalmente ao ar e cujo programa ainda hoje continua sendo apresentado aos sábados pela manhã, entre 10h e 12h, pela jornalista Gabriela Brandalise⁴, âncora do programa *CBN Curitiba*. Ao se desligar da *CBN*, O jornalista José Wille⁵ convidou a psicóloga Maria Rafart⁶ para a função de âncora e coordenadora do novo programa da rádio *91 Rock*, que recebeu o nome de programa *91 Minutos*. A novidade do programa era a intenção de se levar a maior quantidade possível de esclarecimentos úteis para o dia-a-dia dos ouvintes, com o intuito de dar uma orientação mais aguçada para o nosso “irreflexivo cotidiano”. A expressão “irreflexivo cotidiano”, tomada por empréstimo de DaMatta (1993, p. 67), permite-nos apontar para duas dimensões da vida social. O mundo pensado e o mundo vivido. A expressão do antropólogo refere-se aos eventos de rotina do dia-a-dia, e que nos levam à uma conduta dirigida mecanicamente e de forma impensada. Normalmente as explicações que o senso comum compactua acerca do exercício cotidiano são conduzidas por vozes das

⁴Jornalista desde 2003. Repórter e âncora da Radio CBN. <<https://br.linkedin.com/in/gabriela-brandalise-149a6323>>.

⁵Consultor em Comunicação e Mídias Sociais e realiza treinamentos empresariais e palestras desde 1994. Com foco no atendimento de empresas, desenvolve cursos "in company" de Media Training para quem necessita ter um bom desempenho e imagem nos meios de comunicação. Também ministra cursos para a melhora da fala em público, para equipes de vendas ou equipes de direção, ou treinamentos individuais. Veja na página de palestras, no *site*, <http://jwscom.com.br/> todas as opções disponíveis. Como jornalista é âncora e comentarista do telejornal "Band Cidade" no Paraná, da Band TV Curitiba. Produz e apresenta o único jornal local do rádio FM curitibano do início da manhã, entre 7h20 às 9h00: O "Jornal da T" na Rede T de rádio, que cobre o Paraná com 22 emissoras fm. É jornalista da UFPR, Universidade Federal do Paraná desde 1981, onde também foi professor de Comunicação. Também é palestrante e escritor, autor da coleção de livros, "Memória Paranaense". <<http://jwscom.com.br/>>.

⁶Psicóloga, Advogada, Mestre em Psicologia Forense, apresentadora do programa de rádio LIGHT NEWS NA TRANSAMÉRICA. <<http://www.falecommaria.com/>>.

“representações sociais” (MOSCOVICI, 2003) que se encontram ancoradas nas crenças e valores culturais. Nossa ideia, que reconhece a importância da vida cotidiana e sua potência reflexiva, era incitar uma decodificação talvez mais refinada dessas representações para possibilitar ao ouvinte um efeito de ressignificação do dia a dia. A programação da rádio ajustou os temas e a escolha dos comentaristas, de acordo com a demanda da sua vida cotidiana. Percebíamos as diferentes categorias de pessoas, segundo seus interesses. As que preferiam o cinema, a história, a filosofia, antropologia e, em especial, a participação daqueles ouvintes que se identificavam com as temáticas da Psicologia quando o assunto tratava de conflitos interpessoais. Esses ouvintes encontraram no Programa e nesse horário um lugar para discutirem e refletirem sobre a sua conduta emocional.

Durante quase cinco anos, o *91 Minutos* fidelizou um expressivo contingente de ouvintes seguidores. Possivelmente por este motivo, toda a equipe de comentaristas do programa foi convidada em janeiro de 2011 para fazer parte da rádio *Transamérica FM 95.1* com o intuito de reproduzir a nossa versão original no espaço de um programa batizado de *Programa Light News*. O programa adquiriu um corpo bem volumoso de audiência, também porque a *Transamérica Light* é uma rádio mais potente e abarca uma população bem mais significativa de ouvintes, como já dissemos um público de 30 ou 40 mil ouvintes. Por isto a necessidade de criarmos outra plataforma de comunicação com os participantes do programa, qual seja o *site* eletrônico <www.gilbertoresponde.com.br>. Percebemos que o maior interesse do público recaía sobre assuntos que tratavam de condutas emocionais. Particularmente temas ligados ao campo do amor e dos conflitos conjugais. A preferência nacional por temas acalorados tanto no *site* quanto nos programas de rádio em parte pode ser justificada pela emotividade e pela conduta relacional dos brasileiros, descritas respectivamente por Holanda (1995) e DaMatta (1987). Nossa necessidade de proximidade física e dependência afetiva podem ser observadas na seguinte amostra de letras musicais.

O *software* Spybat é um programa que analisa a programação musical de 95% das rádios do país. Em Curitiba, ele acompanha 23 FMs, duas AMs e três rádios *web*. No dia 8 de novembro de 2015, o Caderno G do jornal Gazeta do Povo publicou uma matéria sobre o assunto. O Spybat rastreou as cem músicas mais tocadas nas rádios brasileiras no mês de setembro de 2015. Destas, 76% são do gênero sertanejo, contra 13% de outros gêneros nacionais e 11% de músicas estrangeiras.

O dado relevante é que “Todas as letras falam de um mesmo tema: relacionamento entre homem e mulher”. A última atualização do sistema, no mês de setembro, indicou as músicas mais tocadas e, ao fazermos a escuta das letras, percebemos que todas têm uma combinação semelhante: “farra, bebida e mulher”. A campeã do mês *Sapequinha*, de Eduardo Costa: “Pensa em um trem doido que é gostoso/Hoje não tem choro nem migué/Se essa sapequinha cair na minha lagoa hoje eu sou jacaré”. A segunda colocada diz *Aquele 1%*, da dupla Marcos e Belutti: “Tô namorando todo mundo/99% anjo perfeito/Mas aquele 1% é vagabundo”. As trilhas seguintes seguem o mesmo padrão. “Transa, mulher, bebida, diversão e dinheiro”; como é o caso de *Dia dez*, de Fernando e Sorocaba: “É dia dez e o que é que aconteceu? Papai recebeu, papai recebeu. Eu to patrão, hoje eu to pagando tudo. Avisa que o *after* vai ser no apartamento superluxo”.

A chamada da matéria publicada no jornal Gazeta do Povo apresentava o seguinte apelo “Músicas nas rádios brasileiras só falam de pegação. Por quê?” Embora o jornal não tenha dado uma resposta, afirmou que a quase totalidade das letras conjugavam uma mistura de “farra, bebida e mulher”. Acerca do termo “pegação”, a expressão foi importada das lutas marciais mistas (MMA). “Fulano tem uma boa pegada”, o que implica dizer que fulano é forte, viril, agressivo. Transposto para as melodias, o termo adquire o tom de triunfo dentro de uma luta amorosa. Notamos que esse gênero musical remonta uma dramaturgia amorosa como cenas reais de brigas, através de um embate discursivo entre o discurso masculino e o feminino, carregado de vingança, de glória e de derrotas. Um discurso herdado do amor cortês que teve sua origem a partir do século XII e se consolidou no Ocidente com o nascimento do “sujeito amoroso” Costa (1999). Esse tipo de amor denominado por Rougemont (1988) de “amor-paixão”, visto em “Tristão e Isolda”, em “Romeu e Julieta”, se difundiu no século XIX com o movimento romântico na literatura, na poesia, no teatro e depois nas rádios, no cinema e que há quase mil anos as mulheres vêm a ele aderindo e usando-o como a moeda de troca para o casamento, pois elas oferecem a sua juventude e beleza em troca de um “cavalheiro romântico” de um “príncipe”, no mínimo a cobiça de um homem alto, viril e corajoso.

1.5 DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS DE LAPIDAÇÃO: DO *CORPUS* BRUTO ÀS CATEGORIAS DE ANÁLISE

A seguir, apresentamos os procedimentos que levaram à definição do *corpus* de pesquisa, dando ao leitor os critérios de inclusão e exclusão das perguntas e comentários contidos no *site* <gilbertoresponde.com.br> entre o período de janeiro de 2011 a agosto de 2014. Essa lapidação é já uma análise do *corpus*, pois a seleção das categorias aqui apresentadas foi viável, depois de termos lido a bibliografias de base. Desse modo, essa seção já integra a parte de desenvolvimento da análise. Salientemos que para a Análise de Discurso como base para a investigação; a seleção do *corpus* é já parte da análise, uma vez que o cabedal teórico é já aplicado para a delimitação do *corpus*.

1. Cópia de todos os comentários contidos no *site* entre o período da sua fundação em janeiro de 2011, até agosto de 2014, data em que iniciamos a pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da UTFPR. Esse corte longitudinal acumulou um montante de mil oitocentas e oitenta e duas (1882) participações de visitas ao *site*. Esse material impresso rendeu ao nosso trabalho 500 páginas em papel A4.

2. Transcrição das 1882 inserções para planilha Excel com o endereço de e-mail de cada visitante, a data da visita e as perguntas feitas pelos visitantes.

3. A planilha em Excel nos deu um panorama geral dos dados brutos. Iniciamos o primeiro processo de lapidação desse material excluindo 988 perguntas e comentários que ficaram fora do foco da nossa pesquisa, ou seja, todo material não pertinente a relações de violência entre casais tais como queixa dos pais acerca dos filhos, rendimento escolar, briga entre irmão, orientação vocacional entre outros conflitos familiares. Também foram excluídas as poucas perguntas feitas por homens . Esse procedimento selecionou apenas as participações de mulheres no *site* e isso nos ofereceu uma amostra de 894 registros de perguntas apenas do gênero feminino.

4. A partir da análise das 894 perguntas, percebemos que elas possuíam demandas diferentes, como queixas sobre a agressão física e psicológica do parceiro, ciúme e controle, uso de pornografia na *internet* e traição, fórmulas resolutas para recuperar um amor perdido, dúvidas quanto a aceitar ou não o parceiro de volta. Quando identificado que uma só visitante havia feito mais de um comentário ou pergunta, era extraído desse conjunto o material necessário para o *corpus* e

computado como participação de um indivíduo. A contagem, nesses casos, foi feita pelo número de indivíduos e não pela soma do seu número de inserções. Foi excluído um contingente de perguntas feitas por mulheres que praticamente contavam uma longa história de suas vidas para fazerem uma pergunta extremamente reduzida. Percebemos que essas colocações tinham mais o propósito de falar sobre suas vidas e encontrar um espaço de pertencimento do que esclarecer dúvidas. Também ficaram de fora perguntas muito curtas e sem maiores informações, por exemplo, “meu namorado me deixou. O que é que eu faço?”; “meu marido é ciumento. O que é que eu faço?”. Também foram excluídas raras perguntas de homens homoafetivos ou comentários que envolvessem uma discussão teórica sobre os textos postados no *site* e também todos os comentários de agradecimentos. Foram eliminadas da planilha as respostas dadas pelo <gilbertoresponde.com.br> e qualquer outra informação que viesse a identificar as visitantes. Ao final desse procedimento restaram 894 registros de indivíduos mulheres que reclamavam da sua conduta e da conduta amorosa do parceiro. Essa planilha pôde ser definida como a primeira versão do *corpus* de pesquisa do nosso trabalho.

5. O passo seguinte levou-nos a agrupar os 894 registros em perguntas-queixa que mais se repetiam acerca da insatisfação e sofrimento amoroso, excluindo 419 participações menos representativas. A partir desse passo, selecionamos alguns agrupamentos de queixas, denominadas de categoria ou unidade de análise. Cada categoria contém um número específico de perguntas-queixa, totalizando 54 perguntas expostas ao longo do texto e que constituem o nosso *corpus* de pesquisa.

- ✓ **F1. (Categoria: Agressão e Submissão).** Mulheres que reclamam da violência psicológica, como humilhação, depreciação, xingamento e da agressão física, colocando-se em posição de submissão e dependência de seus parceiros.
- ✓ **F2. (Categoria: Esperança e Culpa).** Mulheres que se esforçam para manter ou recuperar a relação com seus parceiros, culpando-se da própria conduta amorosa.
- ✓ **F3. (Categoria: Ciúme e Controle.)** Mulheres que reclamam do ciúme, da posse, do domínio e do controle de seus parceiros.
- ✓ **F4. (Categoria: Infidelidade conjugal).** Mulheres que foram traídas por seus parceiros.

- ✓ **F5. (Categoria: Sexualidade)** Mulheres que se queixam da sexualidade, da beleza e do uso de *sites* pornográficos pelos parceiros.

1.6 A ESCOLHA DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Em função da imensa quantidade de material para a análise da pesquisa, foi necessário reduzir o número de inserções. À medida que as perguntas-queixa se assemelhavam e se repetiam, encerramos sua seleção, mantendo uma média de 11 participações para cada uma das cinco categorias de análise. No entanto, para a categoria F1 (Agressão e Submissão), o número selecionado foi maior que o das outras categorias. Essa decisão se justifica porque o tipo de queixa presente nessa categoria é a questão central da nossa pesquisa. Elencamos 15 participantes queixando-se da violência física e psicológica e 19 participantes contendo queixas apenas sobre violência psicológica, como xingamento, humilhação e depreciação, sem a presença de agressão física. Percebemos que as queixa das participantes F1 (“Agressão e Submissão”) revelam a extrema dificuldade dessa categoria de mulheres em romperem definitivamente uma relação mesmo em situação de risco físico e psicológico e que tais riscos, levados ao extremo, podem propiciar a violência letal tal como indica o *Mapa da Violência 2015*.

Apesar do desmembramento que fizemos dessas categorias, por conta de uma exigência metodológica, ressalta-se que elas se encontram intimamente imbricadas, especialmente as categorias F3, F4 e F5, sem a possibilidade real de estabelecer fronteiras milimétricas acerca de onde começa uma categoria, onde termina a outra. De qualquer maneira, procuramos manter essas distinções conforme a especificidade das queixas apresentadas pelas participantes do *corpus*.

A categoria F2 (Esperança e Culpa), não contempla uma queixa direta sobre os parceiros, mas um pedido de ajuda para recuperar o relacionamento rompido. São demandas que imprimem nessas mulheres um sentimento de responsabilidade pela separação, como se coubesse a elas a obrigação de recuperar e manter o casamento.

A categoria F3 (Ciúme e Controle) refere-se especificamente à reclamação das mulheres sobre o ciúme e controle dos parceiros.

A categoria F4 (Infidelidade conjugal) abarca as mulheres que foram traídas por seus parceiros e se apresentam em dúvida quanto à decisão que devem tomar acerca da continuidade ou não da relação.

Por fim a categoria F5 (Sexualidade) engloba as narrativas queixosas sobre o custo emocional que se paga para cumprir o ideal de sexualidade e de um corpo atraente, exigido tanto por elas quanto por eles. Essas cinco categorias ou unidades de análise constituem o nosso *corpus* de pesquisa e foram selecionadas de acordo com o número de vezes que elas se repetiram no *site*. Quantitativamente essas foram as queixas mais frequentes apresentadas no *site* e com maior representatividade para a nossa pesquisa. Em particular a categoria F1 (Agressão e Submissão).

Ainda sobre a inclusão e exclusão das demandas, foram excluídas as queixas relacionadas à educação dos filhos e também os problemas interfamiliares apresentados por mulheres (educação dos filhos, sogra, cunhada, cidade distante da família), bem como a exclusão de outras demandas como a de mulheres cujos maridos se afastam da família após a gravidez e/ou nascimento dos filhos por não considerarmos estas categorias como sendo representativas para a nossa questão de pesquisa. Havia também uma demanda, embora baixa, de mulheres que continuam casadas, sustentando o marido e mulheres com maridos dependentes químicos. Estas duas situações foram incorporadas à categoria F2 (Esperança e Culpa), ou seja, à categoria de mulheres que se esforçam para manter ou recuperar a relação com seus parceiros, culpando-se da conduta amorosa.

A definição de categorias teve sua utilidade nos seguintes motivos. 1) Alinhou o objeto de investigação com a questão de pesquisa. 2) Facilitou o acesso a teorias e também elevou o mirante do pesquisador acerca do que ele quis analisar. Esse método permitiu que um fragmento da realidade fosse reconstruído de forma crítica, problematizada. Assim, as categorias deixam de ser apenas um produto bruto e passaram a ser também unidades de análise, à medida que conseguimos identificar os dispositivos-discursivos-culturais que produziram tais categorias.

Importante esclarecer que após elencadas 54 participações, passou-se a distribuir esses excertos ao longo da tese, na média que esta convocava sua análise. Na seção 5 AS FALAS FEMININAS ENREDADAS NOS DISPOSITIVOS, utilizamos vinte e quatro excertos para fechar a seção e em seguida elaborar as CONSIDERAÇÕES FINAIS.

1.7 DUAS AMOSTRAS COMPLEMENTARES AO *CORPUS* DE PESQUISA

No transcorrer da tese, alguns acontecimentos levaram à inclusão de duas amostras que até então não estavam contempladas no trabalho inicial; quais sejam: um Estudo de Caso sobre a obra de Oliveira (2011) e sete entrevistas coletadas do grupo MADA, Mulheres que Amam Demais Anônimas.

Em janeiro de 2015, tive contato com Marlene de Oliveira, uma mulher que viveu doze anos violentamente agredida pelo marido, até que pudesse se desvencilhar dessa relação. O cenário dessas brigas acabou por resultar em 2011, na publicação de um livro autobiográfico. Após sua leitura, já em meio à tese, percebemos a importância de incluí-lo no nosso trabalho, como um Estudo de Caso, não apenas por se tratar de uma situação vivida em Curitiba, uma das capitais onde a violência contra a mulher é muito expressiva, como por se tratar de uma categoria de mulheres bem diferenciada do nosso *corpus* de pesquisa. Marlene nasceu numa família muito pobre, com baixo grau de instrução e em um contexto de extrema violência. Com isto queremos ressaltar que a classe social e a economia não são fatores determinantes da violência de gênero, pois ela incide também, embora de forma mais dissimulada, entre as categorias mais abastadas da sociedade curitibana.

Apesar de não estar contemplado em nossos objetivos, o estudo da vida pregressa dessas mulheres, sobretudo da sua infância, consideramos apenas como contribuição da Psicanálise e não como conclusão, os comentários que fizemos sobre as duas amostras. As informações sobre as sete entrevistas do grupo MADA estão expostas ao longo da tese, enquanto que o Estudo de Caso se encontra concentrado no final da seção AS FALAS FEMININAS ENREDADAS NOS DISPOSITIVOS.

1.8 JUSTIFICATIVA

Nesta seção serão apresentadas as justificativas pessoais, sociais e profissionais acerca da escolha deste trabalho. Antes estão expostas duas reflexões preliminares: uma sobre a relação do pesquisador com o gênero de escrita da tese e a outra sobre a relação do pesquisador com o gênero do objeto de investigação da tese.

Sobre a primeira reflexão, optamos por um estilo discursivo compatível com a nossa perspectiva relacional-dialógica de trabalho. A experiência profissional do

pesquisador no atendimento psicológico de mulheres que sofrem com a sua vida conjugal concede-lhe a possibilidade de uma relação com a “realidade viva” nos termos de Luria (1992, p. 179). Este enfatiza a importância do pesquisador não tirar conclusões segmentadas apenas pelo recorte e isolamento de dados e das unidades teóricas de análise. Não descartamos esses procedimentos, pois eles também nos foram úteis para a manutenção do método e do rigor científico com a qual uma tese deve sustentar-se.

Sobre a segunda reflexão, esta aponta diretamente para o lugar do pesquisador na sua relação com o objeto de pesquisa. Por se tratar de um estudo sobre a violência discursiva e física entre homens e mulheres, o tema carrega em si uma forte carga afetiva no embate ideológico do machismo e do feminismo, tão presentes hoje na sociedade brasileira e no mundo acadêmico, entre as pesquisas de gênero. Com essa afirmação, pretendemos ressaltar que o pesquisador, mesmo que quisesse, não conseguiria sair totalmente desses feixes discursivos que se imbricam na cultura em que ele nasceu. Quase que inelutavelmente, ele adere em parte, como homem ou como mulher, às linguagens que o constituíram e que estão por aí, em todos os lugares, como nos avisara Michel Foucault, consciente dos limites de se alojar sub-repticiamente no discurso, sem ser percebido.

Assim, mesmo que quisesse também o pesquisador ficar do lado de fora do machismo/feminismo, não conseguiria ser levado bem além de todo começo possível, pois “uma voz sem nome” o “precedia há muito tempo” (FOUCAULT, 2012, p. 15). Além dos discursos histórico-culturais, muitas pesquisas de gênero estão carregadas de reações e catarses em seus debates, e por vezes nas bancas de defesa de tese e dissertações. Essas “profissões de fé”, nos termos de Elias (1994, p. 73-74), levadas pela historicidade da carga emocional e pelas amálgamas discursivas do masculino e do feminino podem facilmente induzir o pesquisador de gênero a excluir ou incluir dados do seu *corpus* de pesquisa em função do lugar em que ele ocupou ou ocupa na sua própria vida amorosa e social. Não raro, a tarefa dada ao pesquisador para que ele justifique sua pesquisa, sabemos, obriga-o a assumir que o conhecimento se constitui por saberes situados socialmente; esses saberes são conduzidos, no caso das pesquisas de gênero, por vezes pelo próprio gênero do pesquisador. É também o que nos alerta Pierre Bourdieu acerca dos estudos sobre o machismo:

para pensar a dominação masculina, a modos de pensamento que são eles próprios produto da dominação. Não podemos esperar sair desse círculo se não encontrarmos uma estratégia prática para efetivar uma objetivação do sujeito e da objetivação científica (BOURDIEU, 2011, p. 13).

Atentos, mas não isentos dos pendores ideológicos e das idiossincrasias de gênero, tivemos a preocupação de organizar um imenso banco de dados para o *corpus* da nossa pesquisa constituído por uma extensa representatividade e minuciosamente lapidado, como visto na seção INTRODUÇÃO. Entendemos que esse é um dos pontos relevantes deste trabalho, sempre construído dialogicamente com a orientadora de tese e o grupo de pesquisa: “Discurso sobre Tecnologia, Trabalho e Identidades Nacionais”, coordenado pela professora Angela Maria Rubel Fanini, em que pudemos discutir e situar mais apropriadamente este texto no contexto da cultura brasileira.

Entendemos que nem sempre a elaboração de uma tese se justifica apenas por sua importância acadêmica, pois uma tese pode surtir outras consequências e utilidades à medida que seus resultados possam beneficiar as instituições envolvidas no atendimento psicossocial às vítimas da violência, ou mesmo aos profissionais da área da saúde. Por este motivo, optamos pela modalidade de “Pesquisa Aplicada” (GIL, 2002) que tem como objetivo explorar um aspecto pouco conhecido da realidade, e subsidiar as ações para a resolução de problemas em estudo, como é o caso da categoria de mulheres elencadas no nosso *corpus* de pesquisa. Trata-se de um contingente de mulheres de classe média que normalmente estão fora da curva de estudos, já que a grande parte das pesquisas de gênero ocupa-se de mulheres de classe popular. Isto se encontra detalhado na seção OBJETIVOS.

Por se tratar de uma Pesquisa Aplicada à profissão de psicoterapeuta do pesquisador, procuramos ao longo da tese, destacar mais os dados empíricos, do que as longas discussões teóricas. Uma das aplicações práticas sugeridas por nós é o redirecionamento da escuta terapêutica dos psicoterapeutas e das instituições de assistência às vítimas da violência. Essa difusão poderá se viabilizar pelo acesso aos programas de rádio apresentados na INTRODUÇÃO, deste trabalho, ao Conselho Regional de Psicologia, às salas de aula e ao poder público.

Ressaltamos que nosso foco de estudo recai sobre mulheres que se expõem à permanência nas relações de risco com seus parceiros amorosos, diferentemente daquelas mulheres que não possuem vínculo algum com o agressor. Neste caso elas

são unicamente vítimas indefesas da violência do homem, como no caso dos estupros individuais ou coletivos, ou ainda a violência perpetrada contra mulheres que convivem em ambientes onde os fatores de risco são maiores que a violência conjugal. Famílias de baixa renda estão mais expostas às diferentes formas de violência.

A gravidez na adolescência é uma epidemia que se dissemina nas famílias de renda mais baixa. na penitenciária vejo meninas que deram à luz aos onze ou doze anos; ser mãe de dois ou três filhos aos 25 anos é regra. Há as que chegam aos 30 anos com cinco ou seis [...]. No Brasil, 21% das parturientes do SUS são adolescentes com menos de 20 anos [...] Em levantamento recente, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Ipea, mostrou que 76% das meninas de dez a dezessete anos que tiveram filhos largaram a escola. (VARELLA, 2017, p. 264)

1.8.1 Informações sobre a violência no Brasil

Embora os dados sobre a violência no nosso país estejam concentrados na seção CONTEXTUALIZAÇÃO, apresentamos aqui alguns elementos que justificam a importância de trabalhos que analisem esse fenômeno que vem crescendo de forma incontrolável no Brasil. A família brasileira e a mulher, não são vítimas apenas da violência doméstica e masculina que é uma das principais fontes do fenômeno, mas todos somos vítimas do trânsito, da corrupção, do tráfico de armas, assaltos, homicídios e de todas as outras formas de violência, sejam elas, letais-físicas, ou imateriais-simbólicas.

Há inúmeras faces pelas quais a violência se manifesta, bem como estratégias para a sua ocultação, como é o caso da violência advinda do “crime organizado”, apresentado a seguir. O crime organizado é o resultado de uma organização sistemática e institucionalizada constituída por um grande contingente de pessoas filiadas às organizações criminosas que assumem posições específicas dentro da facção a qual pertencem. O tráfico de drogas e de armas, bem como os assaltos a bancos são as fontes que abastecem as facções. Hoje elas controlam o crime, pelo lado de fora e de dentro da prisão, considerando o exército de presidiários que o Brasil possui, já que somos a quarta nação com o maior número de população carcerária do planeta⁷.

⁷ Dados do Conselho Nacional de Justiça - Novo Diagnóstico de Pessoas Presas no Brasil, do Departamento de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Carcerário e do Sistema de Execução de Medidas Socioeducativas – DM, Brasília, junho de 2014.

De um lado essas facções são combatidas pela sociedade, mas de outro lado, são úteis em locais onde a população em situação de risco social é beneficiada pelas boas ações dos criminosos. Nesses locais, o bandido tem um *status* não só perante a irmandade a qual pertence como pela proteção da comunidade local. “Toda história do crime organizado mostra claramente uma tentativa de criar vínculos com o meio social” (AMORIM, 1993, p. 31).

Nesta seção apresentamos algumas informações sobre a violência decorrente do crime organizado no Brasil e na seção CONTEXTUALIZAÇÃO, enfatiza-se a violência advinda de outras fontes, sobretudo daquela originária dos dispositivos discursivos culturais que proliferam as agressões contra a mulher, sem que se tenha um planejamento, um controle e consciência sobre a sua fonte de reverberação, como (BOURDIEU, 2011) nomina de “violência simbólica”. No entanto, não nos esqueçamos de que a violência imaterial, discursiva, seja na perspectiva de Bourdieu ou de Foucault, também se materializam na vida cotidiana levando os indivíduos a ações contundentes e destruidoras, como a violência física e letal.

Ainda com o esforço de justificar socialmente a escolha do nosso tema de pesquisa, pinçamos das práticas cotidianas, alguns acontecimentos mais recentes que viraram notícia na imprensa nacional e que serve para corroborar com a tese de que o Brasil é uma sociedade violenta em todos os sentidos. Aqui, iniciamos um recorte da década de 1980, período em que deram inícios às pesquisas sobre a violência no nosso país. De lá para cá, as tramas estruturais, culturais da violência se enraizaram em nossa sociedade como um fenômeno histórico. Aproveitamos as notícias sobre o massacre de detentos de facções rivais nas penitenciárias do país, ocorrido nos primeiros dias de janeiro de 2017 e que chocaram o mundo, para encontrar sua origem histórica nos anos de 1980.

Naquela época, um dos fundadores do Comando Vermelho (CV), Paulo Roberto de Moura Lima, conhecido como Meio-Quilo,

morreu aos 31 anos. Estava condenado a 360 de prisão. Seu enterro levou três mil pessoas ao cemitério. A comunidade favelada do Jacarezinho, a segunda maior da América Latina, chorou a morte de seu líder. [...] Quando a filha do vice-governador, Maria Paula Amaral, apareceu no Instituto Médico Legal, deu uma estrondosa entrevista à imprensa. Disse que [...] Meio-Quilo era um homem honrado, dizia para ela nunca usar drogas. E sempre a prevenia de que iria morrer cedo.” (AMORIM, 1993, p. 27).

Há quatro meses que Maria Paula namorava Meio-Quilo, dentro do presídio. Na época esse romance virou capa de revista e manchete de jornais, sob o título de “amor-bandido”. (p. 27).

Dos anos de 1980 para cá, a violência vem se potencializando cada vez mais no Brasil. Facções como a do Comando Vermelho, descendente da Falange Vermelha, quadrilha fundada no Rio de Janeiro em 1969, por Fernandinho Beira Mar, hoje controla o tráfico de armas e de drogas na fronteira com o Peru, enquanto que o Primeiro Comando da Capital, (PCC), criado em 1993, em Taubaté, por Marco W.H Camacho, o Marcola, controla a fronteira com o Paraguai. São as duas facções mais poderosas hoje, no controle das outras fronteiras com o Brasil e estão em guerra por esta disputa. Mais recentemente, em 2006, no Estado de Roraima, dois grandes traficantes da Região Norte se uniram para fundar a facção Família do Norte (FDN). O CV se aliou à FDN para combater o PCC e em janeiro de 2017, o CV mandou matar presidiários do PCC que estavam detidos em penitenciárias do Amazonas e de Roraima. Foram mais de 90 presidiários assassinados brutalmente, mutilados, queimados e decapitados. Cinco dias depois dessa chacina, a facção paulista, o Primeiro Comando da Capital, PCC, cumpre sua vingança e comanda uma rebelião no dia 6 de janeiro de 2017 que termina com a morte de 31 presos da prisão agrícola de Boa Vista, Roraima. O próprio PCC fez questão de filmar e divulgar pelo *WhatsApp* cenas de decapitação, esquartejamento. Algumas das vítimas “tiveram o coração arrancado, método usado pelo PCC em conflito entre facções”. (O ESTADO DE..., 2017; p. A10). A matéria do Jornal também consultou especialistas do crime organizado. Se, na década de 1980 o CV no Rio de Janeiro era a sede do crime organizado, hoje, o Brasil tem 27 facções que disputam o controle das organizações criminais em todas as Regiões do país. Esses 27 grupos se aliam, ou ao CV, ou ao PCC. Atualmente o Primeiro Comando da Capital (PCC) é a principal facção criminosa e conta “Com um exército de 10 mil homens – 7 mil nos presídios e 3 mil nas ruas –, e movimenta, segundo o Ministério Público Estadual, 40 toneladas de cocaína e 200 milhões de Reais por ano” (p. A10), pois o Brasil é o segundo maior consumidor de cocaína do planeta.

Por conta dos massacres ocorridos em 2017, entrevistamos um funcionário aposentado do sistema prisional do Paraná, com experiência de 30 anos no cargo de ex-diretor da Prisão Central do Estado em Piraquara e do Manicômio Judiciário do Paraná em Curitiba, o Sr. M. nos informou que na prática prisional, o detento que ingressa hoje no presídio, seja qual for sua condenação, é abordado pelos “irmãos” das

facções e é obrigado a credenciar-se à irmandade e trabalhar para ela. Em contrapartida, ele recebe dentro do presídio, proteção contra extorsão, estupro e assassinatos e ajuda financeira a sua família. A vida cotidiana da prisão não obedece às leis jurídicas do comportamento coletivo e igualitário aos presos. A prisão tem a sua lógica própria e a cada dia se especializa para sua autonomia e empoderamento, estabelecendo alianças com a corrupção do sistema prisional e político “os políticos continuam a barganhar votos em alianças secretas com os traficantes” (AMORIM, 1993, p. 8). Com outros segmentos da justiça a corrupção não se diferencia como afirmou o tesoureiro do CV, o “Meio-Quilo “No tráfico, a gente compra quem quer” (AMORIM, 1993, p. 26). Outras estratégias se multiplicam dentro e fora da prisão, com casamentos arranjados para beneficiar os criminosos. As facções financiam candidatos escolhidos para cursarem faculdade de Direito e assim poderem aprimorar mais ainda a jurisprudência do crime.

Em 2007, Marcos Willians Herbas Camacho, o Marcola, número um da hierarquia do PCC, condenado a 44 anos de prisão, casou-se no presídio de segurança máxima, interior de São Paulo, com a estudante de Direito, Cynthia Giglioli da Silva, de 30 anos. Dois anos antes, o número dois do PCC, Júlio César Guedes Moraes, o Julinho Carambola, casou-se no mesmo presídio que não permite visitas íntimas. A cerimônia ocorreu através do vidro blindado e o sim conjugal foi dado por meio de um interfone. Na ocasião a imprensa indagou a um dos agentes penitenciários sobre o que ele achava do casamento um deboche à sociedade. "Se isso é normal, o que é anormal", afirmou o agente. Marcola era viúvo, pois sua esposa havia sido executada na disputa pelo comando da facção. A nova mulher, estudante de Direito, Cynthia, esteve detida em 2005, acusada de colaborar com o PCC, do qual recebia mesada de R\$ 15 mil, conforme declarou o Jornal O Estado de São Paulo de 03 de janeiro de 2007. Ao longo da tese apresentamos outros casos divulgados pela imprensa nacional acerca dessa paradoxal relação que conjuga amor e violência.

Entendemos que a nossa sociedade, movida por uma ética afetiva Holanda (1995) e concebida como uma “sociedade paradoxal” nos termos do antropólogo DaMatta (1993), favorece a combinação dos contrários. Tão paradoxal como são as relações amorosas mergulhadas na cultura da agressão, esta, capaz de conjugar amor e ódio. É fato que a cobrança do homem como sendo violento e dominador, reforçada ainda mais em sociedades de forte presença patriarcal, é um imperativo discursivo poderoso e constituinte tanto para os homens quanto para as mulheres.

Contudo, cabe ressaltar que, não raro, à mulher sobra uma posição mais vulnerável e estigmatizante, como se ela sofresse duplamente a violência social e conjugal. A trágica importância que adquiriu esse fenômeno e o fato de que a cada ano que passa mais aumenta o número de assassinato de mulheres no Brasil, é um dos motivos que justificam o nosso trabalho.

Em dezembro de 2012, as redes de TV e de jornais publicaram os resultados de uma pesquisa divulgada pelo Ministério da Saúde através do SUS, acerca do assassinato de mulheres no Brasil. O Paraná é o Estado que ocupa a quarta posição no índice de assassinatos de mulheres no país. Além do homicídio, outras formas de violência são significativas. Em 2011, na capital do Estado paranaense, foram registradas 27 ocorrências diárias na Delegacia da Mulher. Curitiba ocupa a quarta posição entre as capitais do país onde incidem os maiores números de feminicídio. A média é de 10,4 mulheres assassinadas para cada 100 mil habitantes. O Brasil ocupa hoje o quinto lugar entre as nações que mais matam mulheres no mundo, segundo a última publicação sobre violência de gênero, o *Mapa da Violência 2015 homicídio de mulheres no Brasil*. Precisariamos de mais motivos ainda para justificar o interesse por esse estudo?

Ao final dessa seção, encerro ao dizer que não é nada confortável para um homem de 60 anos que, após ter nascido e vivido em uma cultura machista, decidiu pesquisar a violência contra a mulher, principalmente quando sabemos que ainda é baixíssimo o número de pesquisadores homens nos estudos de gênero e que esse pode ser visto como um elemento exótico⁸, estranho e nem sempre entendido como gostaria que fosse, ao participar de grupos feministas. Não são raros os episódios nesses grupos de pesquisa que refutam essa diferença de gênero, sob a égide de que

⁸ O termo “exótico” em Antropologia Social refere-se a um contingente populacional ou a um indivíduo que não é nativo, que não é originário daquela sociedade ou grupo social. Assim um brasileiro que vive entre os zulus, na África, é um elemento exótico ao grupo, pois tal indivíduo veio de fora. Dada a imensa fronteira existente entre o “mundo masculino” e o “mundo feminino”, tal abismo também polarizou a ciência, já que temos de um lado, as pesquisadoras feministas e do outro lado, o de fora, os pesquisadores homens, como duas categorias estranhas. Com o uso do termo exótico, pretendemos apenas enfocar a profundidade do abismo que acaba por arraigar as diferenças de gênero, cerceando a evolução das pesquisas, na medida em que essa estranheza afasta tudo que é diferente. Toda diferença é ameaçadora, pois fere a nossa identidade grupal ou cultural (ROCHA, 1988; LAPLANTINE, 1989). Entendemos que a mesma lógica do “estranhamento antropológico” se aplique à identidade de gênero ou de outros grupos sociais que se defrontam com a diferença.; qualquer que seja ela. A temática da diferença em ciências sociais seria um capítulo à parte. Aqui apenas enfatizamos que a rara quantidade de pesquisadores homens nos estudos do gênero feminino, já é um produto da própria polarização já instituída. A ordem identitária “nós” e “eles”, apropria-se de uma lógica excludente na qual somente mulheres poderiam estudar mulheres. Lógica essa que tem aderência tanto entre as feministas radicais quanto entre os pesquisadores homens que “pensam como homens”.

apenas as mulheres podem falar sobre elas. Os antropólogos perderiam seu objeto de estudo se adotassem a lógica de que somente um Xamã estaria autorizado a falar sobre feitiçaria. Ressalta-se que a polarização; eles culpados/elas vítimas nas pesquisas sobre a violência contra a mulher, também pode transformar as feministas que “falam pelas mulheres” em “teólogas da mulher”, nos termos de Alice Jardines Costa (1994, p. 173). Trata-se de feministas que não buscam pesquisar as causas do fenômeno da violência na relação entre homens e mulheres, mas somente defender as causas das mulheres, mesmo que tais causas sejam muito mais em prol das feministas do que das mulheres defendidas. Foi o que ocorreu com o SOS-Mulher de São Paulo, a primeira instituição no Brasil que deu apoio oficial a mulheres agredidas por seus parceiros. Fundado no final dos anos de 1980, as funcionárias do SOS-Mulher ocuparam o lugar de “teólogas da mulher” à medida que tentaram converter as vítimas da violência física e psicológica, em feministas militantes. O resultado desse trabalho foi quase nulo, segundo a pesquisa de campo feita pela antropóloga Gregori (1993, p. 79).

1.9 OBJETIVOS

Fundamentalmente, a questão desta pesquisa resume-se em indagar por que uma categoria de mulheres de classe média, com ensino superior e independência financeira, permanece convivendo por longos períodos de tempo com seus parceiros, mesmo sendo alvo da sua violência física e/ou psicológica? Nosso foco de trabalho não incide sobre a violência física, como faz a maioria dos estudos que tratam da violência contra a mulher. Optamos pelo estudo da violência discursiva, pois esta é a fonte principal da violência física. Também optamos por uma categoria de mulheres mais abastadas, por consideramos que a maioria dos estudos de violência de gênero enfoca populações de baixa renda, justificando a permanência da mulher em situação de risco conjugal, por sua dependência econômica. No nosso caso, trata-se de uma categoria oposta, pois são mulheres que não dependem financeiramente de seus parceiros. Ao contrário, muitas delas passam a sustentá-los.

Trata-se, então, de mulheres que têm um vínculo forte com o agressor, diferentemente das outras vítimas da violência que sequer conhecem o agente da agressão, como nos casos do estupro coletivo, entre outras formas de violência praticada por desconhecidos ou por pessoas que pouco conheciam a vítima. Outra

singularidade do nosso *corpus* é que, diferentemente da grande maioria das pesquisas, estamos tratando de mulheres com nível elevado de instrução e supostamente politizadas⁹ que continuam na relação. Tal categoria de mulheres carrega em si uma contradição e uma complexidade que não cabem nas explicações vitimizantes acerca da violência entre homens e mulheres. É dessa complexidade contraditória que nos ocuparemos. Consideramos que a hipótese da dependência econômica é pertinente para mulheres de classes populares, mas insuficiente para a nossa análise. A prevalência de trabalhos sobre a violência física contra mulheres de baixa renda é a realidade brasileira destacada pela ponta do iceberg, que será discutida nesse trabalho, pelas análises dos Mapas da Violência 2012 e 2015, na seção CONTEXTUALIZAÇÃO. No entanto, destacamos que o foco do nosso trabalho incide sobre a violência discursiva, dimensão submersa do fenômeno. Para tal, elegemos três objetivos:

1. Analisar os dispositivos que determinam o lugar da mulher na permanência e na manutenção das relações violentas.
2. Destacar a violência contra a mulher no contexto de uma cultura da agressão.
3. Problematizar as perspectivas polarizadoras de pesquisas que adotam o modelo teórico da “dominação patriarcal”.

O primeiro objetivo procura situar o lugar da mulher no discurso da violência entre casais. Para isso, utilizamo-nos da análise da violência simbólica em Bourdieu (2011), da Análise de Discurso em Foucault (2012) em conjugação com as categorias de análise eleitas no nosso trabalho.

O segundo objetivo pretende analisar a violência entre casais como produto de uma cultura da violência. Utilizamo-nos das análises dos Mapas oficiais da Violência no Brasil e por meio dos episódios violentos da vida cotidiana apresentados pela imprensa nacional.

⁹ O termo “mulheres politizadas” refere-se a uma categoria de mulheres com grau de educação formal e que supostamente teriam uma alfabetização básica de política pelo entendimento mínimo acerca dos seus direitos protetivos e da existência de partidos políticos divergentes no Brasil. O termo também pressupõe um conhecimento mínimo sobre as políticas feministas que o governo Dilma Rousseff imprimiu durante o seu mandato, em prol das mulheres em situação de risco; como a lei do feminicídio e a representação expressiva da mulher nos cargos de alto escalão do mesmo governo.

O terceiro objetivo tem o propósito de analisar como algumas perspectivas feministas entendem a violência contra a mulher. Para tal, fizemos uma revisão dessas publicações a partir dos anos de 1980, particularmente das antropólogas e sociólogas Corrêa (1981,1983); Grossi (1991); Gregori (1993); Machado e Magalhães (1998); Izumino e Santos (2005).

1.10 MÉTODO

Como método, tomamos as contribuições de Foucault e as deslocamos para entender a violência, especialmente a psicológica, tratando da “microfísica da violência” e desta enquanto processo relacional, tal como o poder.

Fanini (1992), embasada em Michel Foucault, trata da microfísica da violência utilizando-se do conceito do pensador francês de microfísica do poder. A violência espetáculo, física, não é a única forma de agressão, mas a violência imaterial, psicológica, discursiva, também afeta os relacionamentos. Para esta tese, usamos nesta acepção, reforçando a questão da violência do cotidiano dentro das famílias e que, não raras vezes, não é visível e palpável, mas é um exercício constante de todos contra todos especialmente pelas palavras violentas. A pesquisa também destaca a “microfísica do poder” de Foucault, ressaltando que o poder se exerce de todos contra todos e não só de um poder central e soberano sobre os subordinados. Aplica-se, no entanto, aos relacionamentos violentos não espetaculares, que são recriados esteticamente em obras da literatura. São aí descritos como microfísicos, ocorrendo no nível discursivo, psicológico, em oposição aos castigos e traumas físicos. Nesse sentido, utilizaremos em nosso estudo, ou seja, percebendo que nas microações e falas cotidianas reforçamos uma cultura da agressão, independente de nosso gênero. Assim:

o poder não existe. Quero dizer o seguinte: a ideia de que existe, em um determinado lugar, ou emanado de um determinado ponto, algo que é um poder, me parece baseada em uma análise enganosa e que, em todo caso, não dá conta de um número considerável de fenômenos. Na realidade, o poder é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado... então o único problema é munir-se de análises que permitam uma analítica das relações de poder (FOUCAULT, 1982, p. 248).

Como método e perspectiva teórica, aderimos à Análise de Discurso de Michel Foucault apresentada na obra *A ordem do discurso*. Não se interpreta o discurso unicamente pelo seu significado ou o que nele está subjacente. A Análise do Discurso remete-o às condições histórico-culturais que o constituíram, onde e como esses discursos se imbricaram. Neste caso, fazer uma análise foucaultiana das queixas de mulheres que sofrem com o parceiro amoroso, não é algo que nos habilitamos a fazer com despreendimento, pois encontrar tais imbricações exigiria um exercício epistemológico. Encontrar as estratégias da historicidade nas falas das participantes, não é tarefa da qual nos sentimos suficientemente autorizados. Quando apresentamos os dispositivos do amor-paixão, da sexualidade e do machismo, parece-nos aí, o ponto mais concentrado dessa tarefa, embora a nossa modesta Análise do Discurso esteja presente também ao longo de toda a tese.

O discurso inscreve a linguagem na história, especialmente por intermédio da instituição (FOUCAULT, 2012, p. 6-7). Logo, podemos defini-lo como uma linguagem institucionalizada. A instituição, uma das fontes principais do discurso, apodera-se das estratégias da sua produção e reverberação, autenticando-o pelo “regime da verdade” (p. 14). Diferentemente da linguagem, o discurso tem poder e designa hierarquias, contudo dentro de uma lógica relacional. O discurso do médico e a fala do paciente. O discurso do professor e a fala do aluno, ambos se endentam na reprodução de um saber-poder-saber. O discurso articula a língua com a história e a cultura e institui uma identidade, de aluno, de médico, professor e também uma identidade feminina e masculina. Homens e mulheres são constituídos por essa historicidade da linguagem e agem a partir desse arcabouço discursivo-cultural e histórico.

Assim, a violência de suas ações é também fruto de seus valores violentos veiculados, no e pelo discurso. Ao avaliar as falas das mulheres do *corpus* aqui selecionado, intentamos identificar esses valores negativos que levam a ações de agressão que também, infelizmente, conduzem à morte, de centenas de milhares de mulheres no Brasil. Nossa Análise do Discurso não se concentra somente no *corpus* principal da tese. Está presente em várias seções do nosso trabalho, como por exemplo, nos fatos que marcaram a experiência da violência na vida cotidiana de algumas mulheres que se tornaram notícia na crônica policial. Nas rebeliões dos presídios, letras de música, no Estudo de Caso de Oliveira (2011), nos crimes de gênero que abalaram a mídia nacional e relatos de mulheres que participam do grupo “Mulheres que Amam Demais Anônimas (MADA). Já da fonte principal do *corpus*

foram extraídos três dispositivos. O dispositivo de amor-paixão. O dispositivo de sexualidade e o dispositivo de machismo. Esses, julgamos serem representativos para nosso trabalho e serão tratados como “dispositivo” tal como o concebe Michel Foucault. O dispositivo é:

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (FOUCAULT, 1982, p. 244).

Salienta-se aqui, a dimensão heterogênea do dispositivo que na aparência incauta, parece harmonioso, dado o “conjunto” de “proposições”. No entanto, Foucault (1984) vai revelar que ao falar da sexualidade, imaginava-se que se estivesse encontrado nela a nossa libertação, pela possibilidade que o século XVIII nos deu de falar e exercitá-la livremente. Ao contrário, ela é nosso cárcere, como veremos na subseção DISPOSITIVO DE SEXUALIDADE e na seção 5 AS FALAS FEMININAS ENREDADAS NOS DISPOSITIVOS.

Uma mulher, quando se arroga da sua liberdade de vestir a roupa que lhe convém e de ter um corpo escultural, atraente e moldado; não é expressão da sua beleza. É sim a sua submissão ao dispositivo da sexualidade. Outro exemplo desse “conjunto de proposições” é a relação entre a política e a guerra, duas categorias apresentadas pelo discurso midiático como entidades antagônicas, mas, atentas para que a surdez da história permita em algum fraquejo seu, que elas muito rapidamente se transformem, uma na outra. Também convém ressaltar que a concepção de dispositivo, menciona as “proposições filantrópicas”. Estas, sempre ávidas para acolher os oprimidos, seja pelos movimentos sociais ou pelas resistências, alertam-nos sobre a necessidade de se inventar, ou ressaltar um grande mal, como estratégia para se encontrar a utilidade do bem. A aparente harmonia com a qual esses discursos, leis, decisões administrativas, enunciados científicos, se reverberam por todos os lugares, revela a difícil tarefa de se fazer uma análise crítica do discurso, incorrendo nos mesmos equívocos que procuramos denunciar, como nos alerta Foucault. Nossas críticas ou resistências muitas vezes acabam sendo nada mais que o “outro termo nas relações de poder” (FOUCAULT, 1984, p. 91). Por vezes, a defesa de uma causa torna-se apenas mais uma razão oculta, para manter-se no lugar de poder. “É nesse campo

das correlações de força que se deve tentar analisar os mecanismos de poder” (FOUCAULT, 1984, p. 91). Nada se encontra na posição de exterioridade a ele.

Questionamos ao longo da tese a concepção de poder adotada pelas pesquisas de gênero que utilizam a perspectiva da dominação masculina e que se colocam como um instrumento do lado de fora do fenômeno. Entendem o poder como uma categoria social centralizado na soberania do homem dominador, verticalmente capaz de impedir e submeter a mulher no lugar de oprimida. Essa concepção tem a sua tradição de longa data. Apoiar-se numa representação jurídica que permaneceu num sistema de lógicas conduzida pela culpa e pela inocência. Eles culpados, elas vítimas. “Nossa linha de fuga nos afasta cada vez mais de um reino do direito” (FOUCAULT, 1984, p. 86). Com a gênese nas monarquias da Idade Média e potencializado a partir do século XVIII, o jurídico serviu como representante da história da sexualidade e das relações entre homens e mulheres, mediadas pelo modelo “poder-lei”. Empréstamos de Foucault a saída para construir “uma analítica do poder que não tome mais o direito como modelo e código” (FOUCAULT, 1984, p. 87).

O que rege a sexualidade e as relações de gênero, são as estratégias de normalização, os dispositivos, os funcionários do saber, os discursos, as instituições, tudo isto agora entendido como os “novos procedimentos do poder que funcionam, não pelo direito, mas pela técnica” (p. 86). Procedimentos que não impedem, que não reprimem, que não interdita. Que não dizem “não”. Ao contrário, seria esse um poder ineficaz, inaceitável, facilmente combatido, pelo inconformismo dos dominados. Mas, contrariamente a isso, os “dispositivos da dominação” não se reduzem ao exclusivismo do enunciado da lei, pois se assim fosse, “todos os modos de dominação, submissão, sujeição, se reduziram, finalmente, ao efeito de obediência” (p. 83). As estratégias de poder não funcionam como um mecanismo proibitivo, apenas “apto a colocar limites” este, seria a tragédia da sua ineficácia: O “nada poder”. Sua eficácia funciona de outra maneira. O poder não impede o sujeito de um não-fazer. Ao contrário, conduz a fazer o que o discurso diz. Por isto o poder não reprime, mas reproduz aquilo que supostamente estaria obliterado.

1.11 SOBRE A AUTORIA DA TESE

De fato, todas as bancas de tese se põem a indagar ao candidato sobre os textos da sua escritura:

De onde vêm, quem os escreveu; pede-se que o autor preste contas da unidade de textos posta sob seu nome; pede-se-lhe que revele, ou ao menos que sustente, o sentido oculto que os atravessava; pede-se-lhe que os articule com sua vida pessoal e suas experiências vividas (FOUCAULT, 2012, p. 26).

Para Michel Foucault, a Análise de Discurso não teria como produzir um trabalho inédito, de autoria própria, pois também ele, o pesquisador, como todos, não se manifesta fora da ordem dos discursos, considerando que “existem, ao nosso redor, muitos discursos que circulam, sem receber seu sentido ou eficácia de um autor.”. (FOUCAULT, 2012, p. 25).

Entendemos que o lugar do pesquisador é dialógico-relacional com o grupo de pesquisa ao qual pertence no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade – PPGTE, com a sua orientadora de tese, com vários autores, discursos cotidianos e com o *corpus* de pesquisa. Se existe uma autoria, ela se restringe à possibilidade mínima de se pensar no “autor como princípio de agrupamento de discursos” (p. 25). Ao que parece o lugar mais cabível do sujeito que se propõe a fazer uma Análise de Discurso, é o de um “comentarista”, pois o “comentário não tem outro papel, sejam quais forem as técnicas empregadas, senão o de dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro” (p. 24).

Como assevera Foucault (2012, p. 63), não existe um discurso unitário e nem a própria Análise de Discurso possui possibilidades de englobar todos os discursos e a totalidade do objeto de investigação, obra esta sempre inacabada. Também se ressalta que na medida que nós selecionamos o *corpus* de pesquisa e o dissecamos do seu estado bruto para a lapidação das categorias finais de análise, já estávamos fazendo uma Análise de Discurso, ao longo da tese.

Se “o discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade” (FOUCAULT, 2012, p. 46), em grau, mais; ou menos, adotamos também um certo “regime da verdade” no momento em que incluimos algumas falas e excluimos outras do *corpus* de pesquisa. Não pretendemos defender um relativismo sobre a Análise de Discurso ou dizer que ela está totalmente fora do regime da verdade, pois a nossa Análise de Discurso, pode ser apenas efeitos da dominação, já de outros discursos. Nada nos resta senão assumirmos essa possibilidade e com ela, tentar apresentar “novas versões” sobre as possíveis causas para a cultura da agressão que assola a

todos nós, e, em especial as mulheres. No entanto, sabemos dos limites sobre “novas versões” em pesquisa.¹⁰

¹⁰ Já apresentamos na seção JUSTIFICATIVA, que todo pesquisador encontra-se mergulhado e absorvido por perspectivas teóricas as quais ele defende, sobretudo quando se trata de temas com espessa carga emocional, como é o caso das pesquisas de gênero e mais particularmente quando se trata da violência contra a mulher. “Não basta ser mulher ou feminista para entender a violência” (GROSSI, 1991, p. 3). De qualquer forma, seja qual for o gênero do pesquisador, incorremos em diferentes graus de militâncias, mais radicais, mais ponderadas, ao excluirmos ou incluirmos certos dados ou perspectivas teóricas em pesquisa social. Por esta lógica, todos somos militantes. No entanto o termo militante utilizado no nosso trabalho restringe-se a uma aplicação de um “ideário feminista” que sustenta uma posição prática em defesa da mulher, como as práticas protetoras, dos Conselhos da Condição Feminina, dos movimentos sociais de combate a políticas “conservadoras”. Dos Grupos de Estudos de Gênero que se propõem a “desconstruir” o patriarcado e o machismo, em luta contra os homens, “polarizando a relação entre o feminino e o masculino”. (GREGORI, 1988; PONTES, 1986 apud GROSSI, 1991). É preciso resistir ao machismo e ao patriarcado, mas não necessariamente forçar a conversão das vítimas da agressão em feministas, como aponta, (GREGORI, 1993).

2 CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 A CULTURA DA VIOLÊNCIA NO BRASIL

O Brasil conta hoje com a quarta maior população carcerária do planeta, atrás apenas da Rússia, da China e dos Estados Unidos, sem contar com os que estão em prisão domiciliar. São quase 570.000 mil presos, além de 148 mil outros em regime domiciliar, em um sistema prisional com capacidade para aproximadamente 358.000 presos, e, ainda assim, possuímos um *déficit* de aproximadamente 210 mil vagas.¹¹

Além da estimativa dessa população carcerária, existe um contingente de presos que não está incluído nos dados apresentados pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ). A Rede Paranaense de Televisão (RPC) noticiou no Jornal do Meio Dia de 07 de março de 2015 que atualmente existem cerca de dez mil presos aguardando nas cadeias do Paraná o trâmite do inquérito policial ou o resultado da pena. Outra categoria de presos não computada nos dados do CNJ refere-se aos milhares de mandados de prisão em andamento. A soma desses dados molda um panorama assustador para a segurança da população.

O Relatório sobre o Peso Mundial da Violência Armada, publicado em 2011 pelo Secretariado da Declaração de Genebra, mostrou que o número de mortos no Brasil, por homicídio, quase se iguala ao número de mortes causadas por conflitos armados em diferentes países do mundo. O relatório salienta que entre os 62 conflitos armados que ocorreram entre 2004 e 2007, como os conflitos do Afeganistão, Colômbia, Somália, Israel-Palestina, Iraque, Sudão, o número total de mortes foi de 208.349. No Brasil, nesse mesmo período, o número de homicídios foi de 192.804. Isso é um comparativo alarmante e assustador, pois ele diz que nós assassinamos em conflitos interpessoais (homicídio, latrocínio, feminicídio etc.) o mesmo número de pessoas mortas em conflitos armados de guerrilhas ou grupos de extermínio em outros países. O homicídio no Brasil pode superar o número de mortes de pessoas em países que vivem em guerra. Nos últimos 30 anos, o Brasil já registrou um número superior ao de um milhão de vítimas de homicídio (TABELA 1).

¹¹Dados do Conselho Nacional de Justiça – Novo Diagnóstico de Pessoas Presas no Brasil, do Departamento de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Carcerário e do Sistema de Execução de Medidas Socioeducativas – DM, Brasília, junho de 2014.

TABELA 1 – Mortalidade em conflitos armados no mundo

País/conflito	Natureza do conflito	Período	Anos de duração	N. de mortes	Mortes/ano
BRASIL	HOMICÍDIOS	1980-2010	30	1091125	36371
Chechênia/Rússia	Movimento emancipatório/étnico	1994-1996	2	50000	25000
Etiópia/Eritreia	Disputa territorial	1998-2000	2	50000	25000
Guatemala	Guerra civil	1970-1994	24	400000	16667
Algéria	Guerra civil	1992-1999	7	70000	10000
Guerra do Golfo	Disputa territorial	1990-1991	1	10000	10000
El Salvador	Guerra civil	1980-1992	12	80000	6667
Armênia/Azerbaijão	Disputa territorial	1988-1994	6	30000	5000
Nicarágua	Guerra civil	1972-1979	7	30000	4286
Timor Leste	Independência	1974-2000	26	100000	3846
Kurdos	Disputa territorial/ Movimento emancipatório	1961-2000	39	120000	3076
Angola	Independência	1961-1974	13	39000	3000
Angola	Guerra civil/UNITA	1975-2002	27	550000	20370
Moçambique	Guerra civil/ Independência	1962-1975	13	35000	2692
Israel/Palestina	Disputa territorial/Religiosa	1947-2000	53	125000	2358
Sri Lanka	Guerra civil	1978-2000	22	50000	2273
Israel/Egito	Disputa territorial	1967-1970	3	6400	2133
Guerra das Malvinas	Disputa territorial	1982	1	2000	2000
Somália	Guerra civil	1982-2000	18	30000	1666
2ª Intifada	Disputa territorial	2000-2001	1	1500	1500
Camboja	Disputa territorial/Guerra civil	1979-1997	18	25000	1388
Peru	Guerra civil/Guerrilha	1981-2000	19	25000	1316
Colômbia	Guerra civil/Guerrilha	1964-2000	36	45000	1250
Caxemira	Movimento emancipatório	1947-2000	53	65000	1226
1ª Intifada	Disputa territorial	1987-1992	5	1759	352
Irlanda do Norte	Guerra civil/Movimento emancipatório	1968-1994	26	3100	119

Fonte: Waiselfisz (2015).

Segundo o 10º Fórum Brasileiro de Segurança Pública realizado em novembro de 2016, somos o país que mais mata pessoas no mundo e, quando se trata da especificidade de gênero, o “Mapa da Violência 2015” aponta que em 2012 o Brasil ocupava o sétimo lugar e em 2015 passou a ser o quinto entre os países que mais matam mulheres no planeta. Outro dado estarrecedor divulgado pela ONU, é o fato de que, depois da Índia, o Brasil é o país que oferece maior risco de abuso sexual para mulheres turistas. Em termos absolutos, ocupamos o primeiro lugar em números de homicídios, 64.357 em 2012. Em proporções de assassinatos a cada 100 mil habitantes, estamos cinco vezes acima da média mundial, segundo a Organização Mundial da Saúde:

entretanto, o homicídio praticado pela família ou por parceiros da vítima afeta desproporcionalmente as mulheres: dois terços das vítimas de homicídio globalmente são mulheres (43,6 mil em 2012) e um terço (20 mil) são homens. Quase metade (47%) de todas as mulheres vítimas de homicídio em 2012 foi morta por parceiros ou membros da família, comparado a menos de 6% das vítimas de homicídio do sexo masculino. Portanto, enquanto um grande número de mulheres vítimas de homicídio é assassinada por pessoas que se espera cuidar delas, a maioria dos homens é assassinada por desconhecidos (UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME, 2013, p. 4).

Defendemos a ideia de uma cultura da agressão porque entendemos que as bases históricas onde se assentam os nossos sistemas de crenças e valores, alimentam as diferentes formas de violência em nosso país. Para a antropóloga Schwarcz (2017), as sociedades onde a escravidão vigorou, tornaram-se sociedades violentas, regidas pela ordem do castigo. Fomos a última nação a abolir a escravatura de negros no planeta e ainda vivemos fortemente a tradição da herança patriarcal e as memórias do coronelismo e da ditadura militar. Essa foi a constituição de nação com o genocídio dos indígenas pelos portugueses, com a escravidão de quatro séculos, com o coronelismo no campo, com a política enquanto lugar majoritário dos homens; com a proibição das mulheres de votarem até 1930, com as ditaduras civis e militares até 1980. Com a violência na terra, ou seja, a questão fundiária também como uma, entre tantas outras causas da nossa violência histórica. A antropóloga afirma que

Segundo a Anistia Internacional, um jovem negro no Brasil tem em média 2,5 vezes mais chances de morrer do que um branco. Na Região Nordeste, onde as taxas de homicídios são as mais altas [e também as taxas de homicídio contra mulheres, comentário nosso], essa diferença é ainda maior: jovens negros correm 5 vezes mais risco de vida. (SCHWARCZ, 2017, p. 3).

Como veremos com mais detalhes nas seções 2.3 e 2.4, sobre a análise dos Mapas da Violência 2012 e 2015, a violência contra a mulher também é maior no Norte e Nordeste, se comparada à Região Sul e Sudeste, tal como o assassinato de mulheres negras é maior naquelas regiões. No entanto, independentemente das regiões, o assassinato de mulheres negras no Brasil cresceu de 2012 para 2015.

2.2 O BRASIL COMO SOCIEDADE PARADOXAL

A grande maioria das famílias brasileiras repetem a tradição histórica do modelo patriarcal, arraigado há séculos pela ordem paterna, que, nos tempos de hoje sofre profundas ressignificações. Muito aquém do desejado, também a esfera política se encontra atravessada pelo discurso e pelas práticas machistas. Basta contarmos o número de mulheres indicadas para os altos cargos do governo. Nas duas formas de organização social, a estatal e a familiar, a autoridade do chefe de Estado e do chefe da família é dada pela ordem simbólica masculina. Este mecanismo arbitrário separou a esfera pública como imperativo dos homens e a esfera privada o lugar onde as mulheres poderiam exercitar seus pequenos poderes. Reverbera-se ainda na contemporaneidade, murmúrios que “Política não é assunto de mulher: Há um consentimento nesta crença, tanto pelos homens quanto pelas mulheres”. (PERROT, 1988, p. 184). As mulheres cuidam do “social” e os homens dedicam-se à política, fato que se consagra a cada eleição, quando o candidato vitorioso é um homem. Sua esposa torna-se a primeira dama das causas sociais-humanistas. A ela é dada a função de “cuidar”, no caso do Paraná, da Fundação de Ação Social, ou da Secretaria da Criança e da Juventude, ou mais recentemente, da Secretaria da Mulher. Essa cisão entre o mundo dos homens e o mundo das mulheres, outorgando a eles o espaço público e a elas o espaço privado, doméstico é mais uma das marcantes características que define o Brasil como uma sociedade paradoxal, nos termos de DaMatta (1993; p. 11).

Para além das contradições de gênero, o antropólogo aponta para uma nação que, nas práticas diárias, tenta conciliar duas faces opostas de uma mesma moeda, por vezes em busca da igualdade, mas em outras vezes, pela manutenção das hierarquias. Na mesma obra, DaMatta (1993), apresenta-nos de um lado, o brasil com “b” minúsculo e do outro, o Brasil com “B” maiúsculo. O primeiro “brasil” é negado por nós, pois é o retrato da nossa dimensão hierárquica e violenta. A face do

desemprego, do racismo, da corrupção e das diferenças forçadas. O segundo Brasil é aquele cantado em versos e prosa como o país da igualdade, marcado pelo carnaval, pelas rezas, pelo futebol, pelas belezas naturais e pela alegria. É esta segunda face da mesma moeda que nós brasileiros ritualizamos de tempos em tempos, pela semana da pátria, pelo feriado de carnaval, pelos campeonatos de futebol e pela semana santa, os ritos que definem e reafirmam a nossa identidade nacional. Porém, do outro lado da moeda, procura-se negar, também aquilo que somos: Uma sociedade profundamente comprometida com largas mazelas sociais.

Tomamos como exemplo o mito das três raças, supostamente, formadoras da nossa sociedade “O fato contundente de nossa história é que somos um país feito por portugueses brancos e aristocráticos, uma sociedade hierarquizada... A mistura de raças foi um modo de esconder a profunda injustiça social contra negros, índios e mulatos” (DAMATTA, 1992, p. 46-47). A dissimulação discursiva da “mistura”, como um valor nacional, parece ser uma estratégia de ocultação de um dos lados da nossa face que não suportaria reconhecer-se como um espectro social.

A obra *A cabeça do brasileiro*, lançada em 2007 pelo sociólogo e cientista político Alberto Carlos Almeida, é, tomando as palavras do próprio autor, “um teste quantitativo da antropologia de Roberto DaMatta”. Seu trabalho e suas conclusões se realizaram através da aplicação de 2.363 entrevistas feitas nas cinco regiões do país, cujos questionários foram confeccionados a partir da teoria antropológica de DaMatta. Os temas investigados na pesquisa e apresentados nos 11 capítulos do seu livro variam entre racismo, jeitinho, hierarquia, relações parentais, sexualidade, a presença do Estado, o público e a lei na sociedade brasileira. A obra de Almeida (2007) nos dá a percepção de que o Brasil é uma sociedade historicamente transgressora e conclui que a prática do “jeitinho brasileiro” é a porta de entrada para a corrupção. Revela-nos também a dificuldade dos entrevistados em distinguir com clareza o que é um favor, o que é jeitinho e o que é corrupção. Sobre esta categoria, a população brasileira tende a apontar um ato de corrupção somente quando as evidências ressaltam a presença de uma grande quantia em dinheiro vivo. Quantidades menores, como “uma pessoa que costuma dar boas gorjetas ao garçom do restaurante para, quando voltar, não precisar esperar na fila” é visto pela maioria como jeitinho e não como um ato de corrupção. Apenas 27% dos entrevistados responderam “corrupção”. 14% responderam “favor” e 59%, “jeitinho”. Quando indagados sobre: “Passar uma conversa em um guarda para ele não aplicar uma

multa”: 53% responderam “corrupção”, mas 41% consideram esse comportamento como “jeitinho”. Em julho de 2009, a imprensa nacional divulgou que 70% das demissões do serviço público brasileiro tinham como causa a corrupção e que 30% dos senadores da república respondem a processos. Entre outras reflexões esses dados revelam o alto grau de tolerância que temos à corrupção no Brasil, uma das faces da violência que assola o nosso país.

Somos paradoxais nas várias dimensões que constituem a nossa identidade: a nação religiosa e familista que sacraliza o lugar simbólico da mãe-Maria, é a mesma que no próprio espaço doméstico, mata essas mulheres em proporções acima da média mundial. Também nos parecemos paradoxais no campo das emoções. No dia 24 de fevereiro de 2017 a Organização Mundial da Saúde publicou uma pesquisa divulgada pela mídia brasileira (Correio Brasiliense, O Globo, Globo News, entre outros veículos de comunicação) sobre as taxas de depressão e dos transtornos de ansiedade no planeta. Nos últimos dez anos esses dois transtornos mentais tiveram um crescimento expressivo, pois o Brasil é o país com o maior índice de depressão da América Latina e em termos globais encontra-se mais uma vez, acima da média mundial. Quase empatado com os Estados Unidos, campeão em número de pessoas diagnosticadas por depressão, 5.9% da população, enquanto que este índice no Brasil é de 5.8%. Outro dado estarrecedor é que o Brasil também lidera a América Latina nos Transtornos de Ansiedade, com 9.3% da população diagnosticada.

Ainda sobre nossa organização hierárquica destacada por DaMatta (1990) e Almeida (2007), esta não está somente estampada na cor da pele, mas também nas relações de gênero. “Segundo dados da Receita Federal e do IBGE, mulheres da mesma escolaridade que os homens, recebem de 65,9% (na faixa mais baixa de escolaridade) a 58,4 % (no ensino superior) a menos, para executar os mesmos trabalhos” (SCHWARCZ, 2017, p. 3). Para além do gênero e da etnia, a lógica da hierarquia está imbricada em todos os setores da sociedade brasileira, expressa na célebre frase “você sabe com quem está falando?” à qual é corolário da subserviência respondente de quem reafirma “Ele não é qualquer um”.

Apoiamo-nos nos trabalhos do antropólogo DaMatta (1987, 1990, 1993), para analisar as raízes e os nuances de uma violência brasileira, considerando a natureza das dinâmicas culturais que regem a nossa sociedade. Entendemos que o nosso modelo hierárquico, tradicional, emotivo, relacional e familista, oferecem dimensões bastante propícias para o acolhimento da violência conjugal entrelaçada pelo amor-

paixão, pelo machismo e pela sexualidade, três dispositivos imbricados na cultura da agressão. A hierarquia e a submissão se manifestam em todos os setores. No trânsito, a hierarquia do carrão sobre o carrinho e do motorista sobre o pedestre. No Serviço Público usam-se as “carteiradas” para se dar um “jeitinho”. “É assim que a herança escravista se manifesta no Brasil: os brasileiros lidam mal com a igualdade” (ALMEIDA, 2007, p. 12).

A gramática da hierarquia também se expressa em todos os lugares pelo tratamento das relações pessoais de cortesias, favores e subserviência; nas expressões como “Chefia”, “Campeão”, “Xerife”, “Diretoria”, “Doutor”, raramente “Doutora”. As nossas relações interpessoais são mediadas por essa escala hierárquica que oblitera o outro, pois não só quem está “em cima” se julga superior, como quem está nas esferas mais populares se coloca na condição subserviente ao reafirmar os lugares de cada um no discurso: “ Se o doutor falou está falado. Quem sou eu para dizer alguma coisa? ”.

A tradicional expressão “levar vantagem” é uma forma de relação hierárquica com a ordem pública em nosso país, já que um imenso contingente de brasileiros se colocam acima da lei. Tal prática pode ter seus efeitos minimizados ou potencializados, dependendo das consequências dessas condutas. Um exemplo serve para ilustrar o caso. A Organização Mundial da Saúde estimou em 2016,¹² que o Brasil é o terceiro país com o maior índice de mortes em acidentes de trânsito do planeta. Encontra-se abaixo apenas da Índia e da China. Se considerarmos que os dois países possuem mais que o dobro da nossa população, em termos de números proporcionais, encabeçaríamos a lista dos mais violentos. Em 2016, 33 mil pessoas perderam a vida e no mesmo ano, 28 mil ficaram inválidas. A resposta dada pelos órgãos que tratam do assunto, acerca das causas dos acidentes, foi a “imprudência do motorista”. Dirigir alcoolizado, excesso de velocidade, ultrapassagem de risco são alguns dos pontos apontados como causas dos acidentes. Não acreditamos que o termo “imprudência” seja a melhor tradução da realidade. Antes de causar o acidente, o motorista já havia ultrapassado os limites da lei, estabelecendo para ele um código de condutas particulares, em detrimento do Código Nacional de Trânsito. São essas condutas particulares norteadoras de vantagens, prerrogativas e benefícios, colocadas sempre acima da lei, das regras e dos acordos que conduzem a forma de

¹² Dados da Organização Mundial da Saúde (2016) publicados pela mídia nacional em 6 de junho de 2017 destacando o aumento da violência do trânsito em nosso país.

navegar do povo brasileiro, como vimos no caso do “jeitinho brasileiro” (DAMATTA, 1990). Por isso, preferimos dizer que os motoristas são “transgressores”, pois se expõem conscientemente a situações de perigo, colocando a sua e a vida dos outros, em risco. Assim o fazem, como as práticas de outras formas de violência. Não seria pela particularidade da inépcia, pela inabilidade ou pela impudência dos condutores e sim por viverem na cultura da transgressão que leva à prática da agressão.

Nosso problema com a lei, seja na sua sanção ou na sua sujeição, está arraigado em todos os setores da sociedade. O Brasil conta hoje com 20 mil leis inconstitucionais. Só no Paraná, entre 1996 e 2013, o Tribunal de Justiça julgou mais de mil ADIs (Ações Diretas de Inconstitucionalidade). As ADIs são ações que procuram impedir que uma lei considerada inconstitucional possa entrar em vigor, caso aprovada pela Assembleia Legislativa ou Câmara Municipal. A constituição brasileira determina que nem o Estado e nem o Município têm autoridade e autonomia para legislar sobre a União. Leis municipais e estaduais deveriam ser apenas complementares à constituição em vez de suplementares. No entanto, os Municípios e os Estados são os próprios transgressores, pois almejam legislar em causa própria e ao interesse corporativo dos mais de trinta partidos políticos que hoje constituem o Brasil.

DaMatta (1987) afirma que no Brasil, valoriza-se muito mais as relações pessoais em detrimento de uma ética coletiva. Isto implica dizer aqui, não importa o que você é, mas sim de quem você é parente ou amigo. Por este motivo, o antropólogo diz que o Brasil é uma “sociedade relacional” que organiza a vida pública e privada através dos parentes e amigos, fazendo do nosso país; ou ao menos desejando que fôssemos uma “grande família” em contradição. Basta prestar atenção nos nomes das facções criminosas que controlam os presídios no Brasil. O detento ao entrar na prisão obrigatoriamente adere a essa organização do crime na qual ele será doravante nominado de “irmão”. Não por acaso é o país do nepotismo que confunde a casa com a rua. Chamou a atenção da mídia internacional, em 2016, o fato dos nossos congressistas votarem pelo *impeachment* da presidente, exaltando o nome da mãe, do pai, dos filhos e da religião a qual aderiram. Categorias que retratam a ordem privada e corporativa em uma nação intensamente familista, organizada por parentes e amigos. Uma democracia atada por laços de sangue e de afeto. Dentro ou fora das esferas da violência, nossa organização social é dada pelas relações domésticas.

Não é por acaso que entre os membros do Primeiro Comando da Capital (PCC) as namoradas e as mulheres casadas com os “irmãos” são chamadas afetuosamente de cunhadas, embora não tenham sido batizadas, nem estejam ligadas formalmente ao Comando. (VARELLA, 2017, p. 268).

Assim, reforça-se a nossa tese de que vivemos em um contexto conturbado e o ambiente doméstico é ao mesmo tempo produto e produtor da violência. A casa, em oposição à rua, na obra de DaMatta (1987) é o lugar dos afetos e desafetos, derivando a expressão “roupa suja se lava em casa”, reafirmando que o lugar das brigas de casais deve ocorrer no espaço doméstico e que “em briga de marido e mulher ninguém mete a colher”, exceto o dono da razão, pois “a unidade doméstica é um dos lugares em que a dominação masculina se manifesta de maneira mais indiscutível e não só através do recurso da violência física” (BOURDIEU, 2009, p. 138), mas também pela “dominação simbólica” a que o sociólogo se refere.

O espaço doméstico burguês torna-se nossa sociedade, a matriz sentimental das relações sociais e amorosas fortemente asseveradas pelo modelo patriarcal autoritário que delega à mãe os cuidados dos afetos domésticos e ao pai o trabalho público. Um modelo que construiu o ideal de amor materno personificado pela tolerância e proteção incondicional da mãe para com os filhos e dela para com o marido. A mãe é o centro do amor familiar. Fonte inesgotável da esperança e da sujeição. Por sermos uma sociedade familista, o dia das mães no Brasil tem mais importância que o dia dos pais, já que ela é o centro dos afetos familiares. Não por acaso é nesse espaço onde incidem os maiores índices de desafetos, agressões físicas e assassinatos de mulheres.

Se a família é a *célula mater* da sociedade, obviamente, que não poderia essa instituição escapar da violência. Homens e mulheres conjugados em família formal ou informal, em relacionamentos oficiais, duradouros ou superficiais e episódicos, também são dados nessa e por essa sociedade violenta. Nesse caminho, seria muito primário culpabilizar apenas um dos polos da agressão, quer seja, o elemento masculino pelas ações violentas que comete. Há que se refletir sobre o contexto violento que gera homens violentos e mulheres espancadas, mortas, também dadas; no e por esse contexto.

Até o final dos anos de 1970, usava-se a expressão “crimes de paixão”. Embora banida do meio jurídico, eles se mantêm presentes nas desavenças de casais, pois a maior motivação do assassinato de mulheres está na importância que nossa sociedade dá aos afetos. Trata-se de relacionamentos carregados com uma potente carga emocional que oscila muito facilmente do amor para o ódio. Possivelmente, tal

carga tenha suas raízes na histórica habilidade do povo brasileiro em buscar o estreitamento das relações pelos laços de sangue e de afeto. O antropólogo Roberto DaMatta (1997) nomeia essa tendência brasileira de “sociedade relacional”. A aproximação dos objetos e das pessoas aos sentidos do coração é o retrato falado do “homem cordial”¹³ que procura na terminação “inho” (cafezinho, carinho, docinho, jeitinho, amorzinho) uma forma de familiarizar as pessoas e as coisas, através de uma “ética de fundo emotivo” (HOLANDA, 1995, p. 148). O Brasil é uma sociedade tremendamente passional e que acolhe com extremo deleite e extrema dor, a ideologia do “amor-paixão” (ROUGEMONT, 1988).

As explosões de ódio e amor no meio familiar são constantes no Brasil. Cremos que uma das mais estarrecedoras e recentes cenas de horror ocorreu em Campinas, São Paulo, em meio à comemoração da passagem de 2016, para 2017 em uma casa de classe média. O técnico em laboratório de Ciências e Tecnologia, Sidnei R. de Araújo, 46 anos, invadiu a casa onde cerca de 20 pessoas, quase todas da mesma família, que comemoravam o ano novo, e matou a esposa, seu filho de oito anos e mais doze pessoas e depois se matou. Em uma carta deixada para o filho e familiares, o motivo dos assassinatos seria a perda da guarda do filho, para a ex-esposa. O casal estava separado há mais de cinco anos, mas brigavam na justiça pela guarda do filho. Um atestado emitido por psicólogos, a pedido da advogada de defesa da mãe da criança, acusava os pais de “comportamento inadequado”. Por este motivo suas visitas ao filho eram acompanhadas sob vigia. Segundo o que deixou escrito na carta, o assassinato da mãe seria uma vingança por ela tê-lo impedido de ver o próprio filho.

¹³A expressão “homem cordial”, título do capítulo cinco da obra “Raízes do Brasil” surgiu em 1930, usada pela primeira vez por Ribeiro Couto. Sergio Buarque de Holanda teria dado os fundamentos sociológicos ao termo, segundo Antônio Cândido. Na sua origem, Couto fazia uma oposição entre o individualismo europeu e a hospitalidade brasileira de convidar estranhos para um cafezinho em casa, tornando o “estranho em familiar” pelo uso dos afetos e da intimidade. Chama-nos a atenção o fato de ser justamente nesse ambiente doméstico o local onde mais incidem as mortes e agressões de mulheres cometidas por seus maridos, parceiros ou ex-parceiros. A tese de doutorado de Maria Isabel Ferraz analisou a violência conjugal e afirma que em 80% dos casos de violência contra a mulher, o agressor tinha um laço afetivo muito forte com a vítima, segundo dados fornecidos pela Central de Atendimento à Mulher de Curitiba, 2015. Percentagem que coincide com as informações dadas pelo “Mapa da Violência 2015 homicídios de mulheres no Brasil”. Este destaca que a residência é o local onde mais incidem as ocorrências da violência não letal, pois 71,9 % dessas agressões contra a mulher ocorrem no espaço doméstico. A questão do favor no Brasil que advém do coronelismo ou apadrinhamento também se encontra no contexto do homem cordial. O afilhado, agregado da casa ou da fazenda de um coronel, sofre violência, mas também idolatra e tem fidelidade ao padrinho. Este também tem afeição ao apadrinhado. A relação de favor, apesar de desigual; hierarquizada, é também afetiva; emotiva e de cumplicidade. As relações domésticas assimétricas também se sustentam na cumplicidade e no afeto.

A violência contra a mulher é uma das faces de um problema mais amplo. É a ponta do iceberg e que se manifesta no espaço doméstico, como constata todos os estudos sobre o local onde ocorrem os assassinatos de mulheres.

Por outro lado, o cenário da violência masculina se alastra em outras dimensões da sociedade. Poucas horas depois dos 12 assassinatos em Campinas, do outro lado do Brasil, o Complexo Penitenciário do Amazonas viveu momentos de terror. Por volta das 18 horas do primeiro dia do ano de 2017, presos em regime fechado abriram um buraco na parede e invadiram a galeria onde ficava a “facção rival”. Foram 59 mortos. O segundo maior massacre em presídios brasileiros. A situação é sistêmica e não local. Em 1992 ocorreu o pior massacre de população carcerária. Foram 111 assassinatos no maior presídio do país, situado no bairro Carandiru, em São Paulo e que na época abrigava mais de 7.200 detentos. O episódio tornou-se tema de livro e de cinema. O Carandiru, construído na década de 1920 é um conjunto arquitetônico formado por sete pavilhões. Só o pavilhão Cinco, abrigava 1.700 prisioneiros, seis vezes mais que a população carcerária do famoso presídio de Alcatraz, nos Estados Unidos, desativado nos anos 60. Em quase todos os presídios brasileiros a situação é a mesma. Além da superlotação, os presidiários estão condenados sob os desígnios da lei e todos estão sujeitos às normas de comportamento vigentes na instituição. Porém, a realidade é outra. Dentro dos presídios, o que regula as práticas cotidianas dos detentos é a lei da prisão, organizada pelos grupos ou facções mais poderosas. Varella (2000). Além desses dois episódios, temos na história recente das prisões, dados alarmantes. O Jornal Nacional do dia 2 de janeiro de 2017 apresentou em rede nacional dados do Ministério da Justiça. Em 2002, no Presídio Urso Branco, Estado de Rondônia, outra rebelião matou 27 detentos. Em 2004, no Rio de Janeiro, foram 30 mortos e em 2013 no Complexo de Pedrinhas, no Maranhão, foram 13 mortos. Não estamos computando aqui as centenas de outras rebeliões ocorridas em que o pequeno número de mortos, tornou-se insignificante, e por isto sequer foi computado na estatística do crime.

A seguir, outras informações do *Mapa da Violência 2012*. No Sistema de Informações de Mortalidade do Ministério da Saúde, sintetizado na Tabela 2, podemos ver que o Brasil passou de 13.910 homicídios em 1980 para 49.932 em 2010, um aumento de 259%, equivalente a 4,4% de crescimento ao ano. Mas segundo os censos nacionais, a população do país também cresceu. Passou de 119,0 para 190,7 milhões de habitantes, crescimento de 60,3%. Considerando a população, temos a evolução dos

índices indicado na Tabela 2. Passamos de 11,7 homicídios em 100 mil habitantes em 1980 para 26,2 em 2010. Um aumento real de 124% no período ou 2,7% ao ano.

Tabela 2 – Número e taxas de homicídio (em 100 mil). Brasil entre 1980 e 2010

ANO	HOMICÍDIOS	
	N.	Taxas
1980	13910	11.7
1981	15213	12.6
1982	15550	12.6
1983	17408	13.8
1984	19767	15.3
1985	19747	15.0
1986	20481	15.3
1987	23087	16.9
1988	23357	16.8
1989	28757	20.3
1990	31989	22.2
1991	30566	20.8
1992	28387	19.1
1993	30586	20.2
1994	32603	21.2
1995	37128	23.8
1996	38894	24.8
1997	40507	25.4
1998	41950	25.9
1999	42914	26.2
2000	45360	26.7
2001	47943	27.8
2002	49695	28.5
2003	51043	28.9

Tabela 2 – Número e taxas de homicídio (em 100 mil). Brasil entre 1980 e 2010 (continuação)

ANO	HOMICÍDIOS
-----	------------

	N.	Taxas
2004	48374	27.0
2005	47578	25.8
2006	49145	26.3
2007	47707	25.2
2008	50113	26.4
2009	51434	27.0
2010	49932	26.2
Total	1091125	

Fonte: SIM/SVS/MS apud Waiselfisz (2015).

Nota: 2010 dados preliminares.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (IPEA) divulgou uma pesquisa realizada em 2010 em uma amostra nacional, onde perguntava aos entrevistados sobre o grau de medo em relação a serem vítimas de assassinato, categorizando as respostas em *muito medo*, *pouco medo* e *nenhum medo*.¹⁴ O resultado é apenas o termômetro da febre da violência no Brasil, pois sua inflamação e disseminação é muito mais preocupante quando se compara este *Mapa da violência 2012* com o *Mapa 2015*. O resultado da pesquisa do IPEA publicado em 2010, nos termos literais, é “um sério toque de alerta: 79% da população têm muito medo de ser assassinada; 18,8% *pouco medo* e só 10,2% manifestou ter nenhum medo. Em outras palavras: só um em cada dez cidadãos não tem medo de ser assassinado. Oito em cada dez têm muito medo. E esse enorme temor é uma constante em todas as regiões do país, e está em toda parte” (IPEA, 2011, p. 8). Desse modo, vê-se que a violência é algo real; faz parte do cotidiano tanto concreto quanto de expectativa da população.

A forma de reagir à violência é igualmente violenta. Para o sociólogo José de Souza Martins, que pesquisa o linchamento no Brasil há mais de 20 anos e tem catalogado dois mil casos de linchamento em seus estudos, o Brasil está entre os primeiros que mais lincha pessoas no mundo. A Pesquisa Social Brasileira feita pelo sociólogo Alberto Carlos Almeida analisa o fenômeno da vingança: “quase 50% da população entre 18 e 24 anos defendem que os estupradores sejam punidos por seus

¹⁴INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **SIPS – Sistema de Indicadores de Percepção Social. Segurança Pública**. Brasília, 30 de março de 2011.

companheiros de prisão e quase um terço apoia o assassinato de assaltantes e o linchamento de crimes violentos” (ALMEIDA, 2007, p. 138). Entre a população carcerária, a lei de Talião, “olho por olho dente por dente” é uma prática instituída. Quando um estupro, um pedófilo ou um assassino de mulheres entra no presídio, já está fadado a um destino trágico entre os colegas de cela. Quando não é morto imediatamente, antes de morrer ele será tratado como “mulherzinha”, na linguagem carcerária, pois passará a prestar serviços domésticos de limpeza até serviços sexuais. Torna-se uma preciosa moeda de troca de cigarro, droga, sexo e favores. Por fim, misteriosamente um dia, ele aparece enforcado na cela. A causa é sempre um suposto suicídio. O sociólogo também lembra que o Código de Processo Penal brasileiro considera legal o uso da tortura como meio para a confissão de crimes. Supunha-se que a maior nação católica do mundo não apoiasse a violência. No entanto, a mesma pesquisa revela o contrário. Como citado, quase metade da população brasileira acha certo que alguém condenado por estupro seja vítima do mesmo crime na cadeia. Outras fontes de entrevistas com o sociólogo José L. Martins, extraídas do jornal Estado de São Paulo ano 2015, dão conta de que o Brasil está entre os três países que mais lincham pessoas no mundo. Outro dado estarrecedor para o catolicismo refere-se às informações segundo o *Mapa da violência 2015*, publicado em novembro do mesmo ano. O feminicídio cresceu 21% entre 2003 e 2013. O preceito cristão de amar ao outro, perdoá-lo e acolhê-lo, tem se invertido; embora estejamos em um país majoritariamente católico, demonstra-se claramente a aceitação de uma violência justificada, fora da lei, mas dentro da cultura. O Brasil conjugaria religiosidade e violência em uma sociedade paradoxal que vê na mistura das raças, da comida, do público e do privado, da música, enfim da cultura; a possibilidade de conviver com o contraditório, ao conjugar amor e ódio nas relações amorosas. A maior nação católica do mundo é também a quinta que mais mata mulheres. Obviamente que os preceitos cristãos de base, ou seja, do amor ao próximo não são operacionalizados na prática. Há aí uma descolagem entre discurso cristão e práxis violenta.

Segundo o *Mapa das Religiões* da Fundação Getulio Vargas publicado em 2011 no Brasil, 54% das mulheres, frequentam mais cultos religiosos que os homens, 44%% (CORTÊS, 2011, p. 15). Impressiona o apelo religioso dos nossos fieis, pois 89% da população brasileira acredita que a religião ocupa um lugar fundamental na vida dos brasileiros. O percentual valorativo da importância da religião dado pelas

mulheres, 93%, é um pouco maior que o valor atribuído pelos homens, 85%. Na história das mulheres, em todas as sociedades, sempre foram e continuam sendo elas, mais religiosas que os homens (CORTÊS, 2011, p. 19).

A violência no Brasil é generalizada. Não só ocupa lugares físicos diversos, no campo, na cidade, nos presídios, na casa e na rua. Na política, na economia e também na religião. Em uma sociedade que a família é cercada pela violência, só resta uma saída: reagir a ela, na mesma medida que ela nos atinge. A defesa das vítimas ou daqueles que temem um dia serem vítimas, é o apoio à vingança, como forma de inibir a ação violenta do agressor. A sociedade se tornou tremendamente punitiva, pois a população como as ações do governo estão apenas reagindo à violência.

O linchamento é uma das formas de lutar contra ela. Quanto à relação entre idade e aprovação do linchamento, mais surpreendente é que os jovens apoiam mais esse ato de vingança do que os mais velhos, retratando uma cultura da violência à medida que ela se transmite e se potencializa de geração para geração, agregando-se ao sistema de crenças da nossa sociedade. Dados mais recentes de 2016 indicam a estreita relação entre a violência e a vingança, como se fosse uma antinomia. A maioria dos brasileiros (57%) defende a afirmação “bandido bom é bandido morto”. O índice de concordância sobe para 62% em municípios com menos de 50 mil habitantes, segundo levantamento feito pelo Datafolha a pedido do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Os dados fazem parte do 10º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, que foi divulgado no dia 3 de novembro de 2016. Entre os homens, 60% concordam e 32% discordam. Já entre as mulheres, 55% concordam e 36% discordam. Separado por idade, quanto mais velho, mais a expressão é aprovada. Na faixa de 16 a 24 anos, 54% concordam. Já para os que têm 60 anos ou mais, 61% estão de acordo com a afirmação “bandido bom é bandido morto”.

Há um discurso da violência instituído nos costumes e valores do senso comum como na lógica de muitos políticos e publicitários que difundem símbolos e práticas, como a castração para o estuprador, a pena de morte e o “pau de arara”. O discurso da violência abarca diferentes classes sociais, diferentes faixas etárias, etnias, religiões e diferentes gêneros. Apontar a violência de gênero no nosso país, como algo específico e polarizado, parece não só contrariar o caráter difuso e polissêmico do termo, como recair em uma redundância, pois a violência no Brasil é geral e irrestrita e ela se potencializa mais ainda entre a população masculina. “Mas esse fato

atinge sua máxima expressão nos homicídios, cujo índice de masculinidade, no Brasil, oscila em torno de 92%” (WAISELFISZ, 2015, p. 37).

Os homens são causa e consequência, matam mais e morrem mais. Eles são 90% do contingente carcerário e, disparado, as maiores vítimas de acidentes de trânsito, de ingestão de álcool e drogas, além de cometerem mais suicídio. Esses dados são interpretações qualitativas de números nacionais, como os do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Instituto de Estudos da Religião (ISER), e internacionais, como os da Organização das Nações Unidas (ONU). No final, uma constatação lamentável e verdadeira: a associação de violência à virilidade e à masculinidade está subjacente a tudo (NOVAES, 2013, p. 370).

Desse modo, a construção discursivo-cultural da identidade masculina o apresenta como violento. Isso o leva a agir de modo violento e cremos que a cultura molda os homens e os instrumentaliza para a ação. A particularidade que nos interessa é o fato de que se os homens matam e morrem em maior proporção; por outro lado, o índice de mulheres que assassinam homens é incomparavelmente menor ao índice de mulheres assassinadas por homens. Em 2013, foram mortas no Brasil 4.762 mulheres, e em 2014 foram computados 4.918 assassinatos de mulheres. A assimetria entre os gêneros masculino e feminino é tão desproporcional quanto à assimetria entre idosos e jovens, pois assim como raramente mulheres matam homens, poucos idosos matam jovens. Se os assassinatos dependessem da força física, poderíamos dizer que ela faria essa diferença tão assimétrica, considerando a desvantagem física das mulheres e dos idosos. No entanto, quase 50% dos assassinatos de mulheres ocorrem por arma de fogo enquanto que somente 6% ocorrem por estrangulamento, ou seja, por meio da força física (TABELA 3). Porém, novamente temos um imaginário visual e discursivo que tem por milhares de anos, fomentado o homem guerreiro, invasor, portador de armas; soldado, caçador, a mulher surge como “meiga”, “negociadora”, “submissa”, não afeita ao confronto. Esses discursos de longa duração moldam em parte, ações violentas que se estendem até a contemporaneidade.

TABELA 3 – Meios utilizados (%) nos homicídios, por sexo (Brasil 2013).

Meio/instrumento	Feminino	Masculino
Estrangulamento/sufocação	6,1	1,1
Arma de fogo	48,8	73,2
Cortante/penetrante	25,3	14,9

Objeto contundente	8,0	5,1
Outros	11,8	5,7
Total	100,0	100,0

Fonte: Waiselfisz (2015).

A análise do *Mapa da Violência 2015* acerca do homicídio internacional de mulheres nos leva a pensar que as teorias econômicas e da igualdade social não são suficientes para esgotar o fenômeno do homicídio de mulheres no Planeta, pois em Cuba, país socialista e politizado, o índice de assassinato de mulheres é maior que o índice dos Estados Unidos, país capitalista e consumista. O primeiro ocupa o 14º lugar enquanto o segundo, o 19º lugar no *ranking* da taxa de homicídio de mulheres entre os 83 países analisados pela pesquisa.

Além da assimetria física, econômica e do poder vertical, outros processos mais complexos, a serem explorados no decorrer da pesquisa, estão imbricados no fenômeno da violência contra a mulher. Até o momento, mencionamos vários dispositivos culturais que reforçam a violência social (o elogio do guerreiro; do conquistador; do jogador de artes marciais, de boxe; daquele *expert* no uso de armas; do colonizador), todos bem imortalizados pela literatura, pela imagética, pelos filmes. Mas o que faz com que esse dispositivo se reforce também são as falas do cotidiano, a que chamamos ideologia do cotidiano (BAKHTIN, 2014). São essas falas, inclusive de mulheres que reforçam a imagem de um homem, forte que ocupa o lugar simbólico da autoridade: “Espere só seu pai chegar”, “Você vai levar desaforo para casa?”, “Deixe só seu pai saber disso”, “Você vai reagir, ou sou eu o homem da casa?”, “Vou chamar meu marido?”, “Filho, você é um homem ou uma mulherzinha?”, “Você é um homem ou é um frouxo?”, “Esse é macho mesmo; não se acovarda”.

A mídia curitibana divulgou em meados de 2015 uma cena ocorrida no estacionamento da loja de Departamentos Havan do bairro Boa Vista, a reação de uma mulher incorporada pelo discurso machista. Esse acontecimento reafirma a tese de que o machismo não pertence exclusivamente aos homens, mas é um dispositivo discursivo-cultural que abarca também as mulheres. No caso, a cliente que ao sair da Loja Havan questionou o valor da cobrança do estacionamento do seu carro. Após a discussão infrutífera e o posterior bate-boca com o cobrador, ela recusou-se a pagar a taxa, projetando seu veículo sobre o funcionário, causando-lhe uma série de lesões graves, como a fratura de um braço. A “guerreira” não satisfeita desceu do carro acompanhada da filha e ambas entraram em luta corporal com as pessoas que

tomaram a defesa do funcionário. Depois de contida a agressora, esta, em tom enfático, asseverou publicamente para que todos ouvissem “o meu marido é policial e não vai acontecer nada comigo”. Essa cena foi registrada em vídeo e transmitida pelos telejornais da cidade. Podemos dizer que essa mulher e a sua filha ocuparam o lugar do homem guerreiro e lutador usando o escudo da instituição policial. Esses são alguns exemplos em que vemos falas femininas reforçar a violência masculina, recolocando o homem no seu lugar histórico, de macho, lutador e dono da razão. A ação teve ainda o aval cultural da típica “carteirada”. Embora materialmente a carteira de policial estivesse nas mãos do marido, simbolicamente a insígnia de “polícia”, estava presente no discurso hierárquico da agressora.

O adágio popular “O crime é masculino, o pecado, feminino”, por um lado reafirma a prevalência quase absoluta da violência com o gênero masculino, pois 90% da população carcerária do planeta é constituída por homens (NOVAES, 2013, p. 370. apud PRIORE; AMANTINO, 2013). Por outro lado, se as mulheres avançaram no campo dos direitos, do trabalho, do espaço público; elas ficaram mais sujeitas à cultura da violência. Esta não é exclusiva dos homens.

No crime organizado, as mulheres cada vez mais ocupam posições destacadas. O jornal O Estado de São Paulo de 22/01/2017 publicou a seguinte manchete “SP tem 12 mulheres no cárcere duro, ao lado de líderes do crime organizado” (p. A 15). Cárcere duro, significa Regime Disciplinar Diferenciado (RDD) e trata-se das “primeiras presidiárias isoladas em uma unidade de segurança máxima no Brasil” (p. A 15). Elas só têm o direito de tomarem sol durante uma hora por dia. No restante do tempo, permanecem isoladas e sem comunicação com outras presidiárias. São mulheres violentas, com episódios de agressão e insulto aos funcionários do presídio. Todas trabalham para o Primeiro Comando da Capital (PCC) e todas ocupavam algum lugar dentro da facção criminosa. A primeira mulher detenta a ser encaminhada para o Regime Disciplinar Diferenciado (RDD) foi Cândida Márcia Santa Bispo, de 42 anos. Ela participava de uma quadrilha que cavou um túnel de 100 metros de fora para dentro da penitenciária de Avaré, onde estavam integrantes do PCC. Foram meses de trabalho. A quadrilha comprou o imóvel ao lado do presídio. Durante esse período, Marcia era a cozinheira do “bando”. Mesmo presa, Cândida organizou uma festa em comemoração ao aniversário de 22 anos do PCC, no Pavilhão 3 da Penitenciária Feminina de Santa Ana, no Carandiru, zona norte de São Paulo. As próprias detentas filmaram a festa e publicaram a cena da comemoração.

Enquanto dividiam o bolo de aniversário, consumiam cocaína e maconha. A publicação do episódio foi uma forma de demonstrar o poder do crime organizado, contra o Estado. Outro caso é o de Marilene Simões, 43 anos, conhecida como a “Marlene”, “Flor”, ou “Bicho”, condenada a 37 anos e 6 meses em regime fechado, era responsável por contabilizar o dinheiro arrecadado pelo tráfico.

“O PCC dizia que mulher não ia para o RDD. Nós acabamos com isso” afirmou o secretário da administração penitenciária, Lourival Gomes. O ideal de feminilidade parece não mais se aplicar nesse contexto, onde não é possível diferenciar o que é “coisa de homem” e o que é “coisa de mulher”. O próprio PCC se equivocou ao fazer tal distinção, quando acreditou que, por se tratar de mulheres, o Estado não tomaria a medida que tomou.

Mas, seria coerente afirmar que já não se trata mais de “mulheres”, mas da personificação da virilização masculina? Jéssica M. S. Lirango, 25 anos tem um palhaço tatuado na barriga. Na linguagem do crime quem tatua um palhaço no corpo, é considerado um “matador de policial”. Se não matou, deixa explícito seu desejo de que ele morra. Camila M. P. Ferreira, 26 anos, tatuou no braço “Só Deus pode me julgar”. Isto sugere a possibilidade da presidiária Camila ignorar as leis e os julgamentos humanos, por não acreditar mais nessa humanidade. Muito semelhante é a ordem que se inscreve em Mônica Marília Pereira, 32 anos. “Na sua ficha, está indicado a quem a administração da unidade deve avisar, em caso de acidente, doença grave ou morte: ‘ninguém”” (p. 15). Mônica tem 15 tatuagens no corpo. Na perna esquerda uma caveira com as palavras “puro ódio”. Nas costas um tridente com a inscrição, “Só os loucos sobrevivem”.

2.3 ANÁLISE DO PRIMEIRO MAPA DA VIOLÊNCIA NO BRASIL – ANO 2012

Esta seção tem como objetivo apresentar os estudos sobre a violência no Brasil utilizando-se das pesquisas realizadas pelos *Mapas da Violência*, divulgados pela mídia brasileira a partir do final dos anos de 1990, data de publicação do primeiro Mapa até a sua última publicação, em 2015. As pesquisas resultaram do esforço institucional de grandes organizações, como o Instituto Sangari, a Sociedade Latino-Americana de Ciências Sociais, o Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, a Organização Pan-Americana da Saúde e a Organização das Nações Unidas, Núcleo Mulheres. Todos esses segmentos locais e mundiais se

empenharam no intuito de pesquisar, prevenir e inibir a disseminação de um fenômeno que a cada ano no Brasil adquire proporções crescentes e assustadoras. A elaboração dos Mapas, segundo o autor, o sociólogo Julio Jacobo Waiselfisz (2015, p. 6) têm a

intenção de subsidiar uma discussão necessária, imprescindível, por parte da sociedade civil, dos aparelhos do Estado, dos Movimentos Sociais, das organizações de Direitos Humanos e dos operadores da lei sob a única premissa de que o direito à vida é um bem fundamental, sem o qual nenhum outro direito é possível.

É importante esclarecermos que o foco da nossa pesquisa não incide sobre a privação do direito à vida e também não é nosso objetivo principal tratar da violência física. No entanto, entendemos que essas duas formas de violência, seja a letal ou a física, são provocadas e provocam outro tipo primordial de violência que reverbera como um arauto e muitas vezes antecede a agressão e o homicídio. Referimo-nos ao tema central do nosso trabalho, a violência discursivo-cultural e seus micropoderes. O discurso leva à violência física e esta realimenta o discurso violento.

Assim, nesta seção expomos o panorama geral dos números da violência no Brasil, situando o leitor no epicentro do fenômeno. A segunda parte apresenta o Mapa 2012, o primeiro dos mapas voltado especificamente para a violência de gênero. Em seguida, a apresentação do *Mapa da violência 2015 homicídio de mulheres no Brasil*, um estudo mais aprofundado sobre a violência letal, física e psicológica contra a mulher.

Em 1998 publica-se o *Mapa da Violência contra os jovens no Brasil*, primeiro estudo sistemático acerca do crescimento da violência em nosso país. Na época, as preocupações incidiam sobre a relação entre a violência e a juventude: “os meios de comunicação têm privilegiado a adolescência como um momento de produção da violência, como agressora destacando seu desenvolvimento com a delinquência e a criminalidade” (WAISEFISZ, 1998, p. 11). A partir de 1998, periodicamente foi elaborada uma dúzia de *Mapas da Violência*, praticamente um por ano. 12 *Mapas* foram divulgados pela exigência forçada de dois vetores complementares: o avanço galopante das diversas formas de violência que se disseminam em nosso país e a reconceitualização da concepção de violência, já que ela vinha e continua se manifestando pelas suas mais diversas faces. Há quase 20 anos, a antropóloga e pesquisadora da violência Alba Zaluar (1997) já apresentava um divisor sobre as faces do fenômeno, pois se a “velha violência” tinha cores definidas e personagens

claros, a “violência atual” adquire nuances difusas, ela está em toda parte, ela não tem nem atores sociais permanentes reconhecíveis nem ‘causas’ facilmente delimitáveis e inteligíveis.

Um olhar longitudinal nos *Mapas* revela que o foco dos estudos publicados incidiu inicialmente para os jovens, a partir do primeiro *Mapa*, em 1998, e seguiu os sinais da violência de trânsito, depois cresceram as pesquisas da violência contra a criança e depois migraram para a análise de homicídios com arma de fogo, até que o *Mapa* 2012 publicou o primeiro estudo específico sobre violência de gênero, visto os números alarmantes de assassinatos no Brasil. Em 2012, o país ocupava o sétimo lugar no *ranking* mundial entre as 84 nações com o maior número de assassinatos de mulheres a cada 100 mil mulheres (TABELA 4).

TABELA 4 – Taxas de homicídios femininos (em 100 mil mulheres), em 84 países do mundo

País	Ano	Taxa	Posição
El Salvador	2008	10,3	1
Trinidad e Tobago	2006	7,9	2
Guatemala	2008	7,9	3
Rússia	2009	7,1	4
Colômbia	2007	6,2	5
Belize	2008	4,6	6
Brasil	2010	4,4	7
Casaquistão	2009	4,3	8
Guiana	2006	4,3	9
Moldávia	2010	4,1	10
Bielorrússia	2009	4,1	11
Ucrânia	2009	4,0	12
São Vicente e Granadinas	2008	3,7	13
Panamá	2008	3,7	14
Venezuela	2007	3,6	15

TABELA 4 – Taxas de homicídios femininos (em 100 mil mulheres), em 84 países do mundo (continuação)

País	Ano	Taxa	Posição
------	-----	------	---------

Iraque	2008	3,2	16
Estônia	2009	3,2	17
Lituânia	2009	3,0	18
África do Sul	2008	2,8	19
Dominica	2009	2,7	20
Letônia	2009	2,4	21
Equador	2009	2,4	22
Filipinas	2008	2,1	23
Estados Unidos	2007	2,1	24
Cuba	2008	2,0	25
México	2008	2,0	26
Quirguistão	2009	2,0	27
Costa Rica	2009	1,8	28
Barbados	2006	1,4	29
República da Coreia	2009	1,3	30
Paraguai	2008	1,3	31
Chipre	2009	1,2	32
Sérvia	2009	1,2	33
Croácia	2009	1,2	34
Hungria	2009	1,2	35
Argentina	2008	1,2	36
Bulgária	2008	1,1	37
Maurício	2010	1,1	38
Nova Zelândia	2007	1,1	39
Nicarágua	2006	1,1	40
Chile	2007	1,0	41
Tailândia	2006	1,0	42
Finlândia	2009	1,0	43
Romênia	2010	1,0	44
Jordânia	2008	1,0	45

TABELA 4 – Taxas de homicídios femininos (em 100 mil mulheres), em 84 países do mundo (continuação)

País	Ano	Taxa	Posição
Sri Lanka	2006	0,9	46
Irlanda do Norte	2009	0,9	47
Eslováquia	2009	0,9	48
Armênia	2009	0,8	49
Escócia	2010	0,8	50
Israel	2008	0,7	51
República Tcheca	2009	0,7	52
Honk Kong	2009	0,6	53
Holanda	2010	0,6	54
Áustria	2010	0,6	55
Polônia	2009	0,6	56
Suíça	2007	0,6	57
Eslovênia	2009	0,6	58
Noruega	2009	0,5	59
Alemanha	2010	0,5	60
Suécia	2010	0,5	61
Malta	2010	0,5	62
Austrália	2006	0,5	63
Catar	2009	0,5	64
Peru	2007	0,4	65
Malásia	2006	0,4	66
Dinamarca	2006	0,4	67
França	2008	0,4	68
Luxemburgo	2009	0,4	69
Itália	2008	0,4	70
Irlanda	2009	0,4	71
Portugal	2009	0,3	72
Japão	2009	0,3	73
Espanha	2009	0,3	74

TABELA 4 – Taxas de homicídios femininos (em 100 mil mulheres), em 84 países do mundo (continuação)

País	Ano	Taxa	Posição
Geórgia	2009	0,3	75
Reino Unido	2009	0,1	76
Kuwait	2009	0,1	77
Azerbaijão	2007	0,1	78
Inglaterra e Gales	2009	0,1	79
Marrocos	2008	0,0	80
Egito	2010	0,0	80
Bahrein	2009	0,0	80
Arábia Saudita	2009	0,0	80
Islândia	2009	0,0	80

Fonte: Waiselfisz (2015).

O *Mapa 2012*, elaborado pelo sociólogo Júlio Jacobo Waiselfisz, ofereceu ao leitor dados desde 1980, os quais permitiram uma perspectiva panorâmica da violência homicida no país. O universo da pesquisa envolveu 27 Unidades Federativas, 33 Regiões Metropolitanas, 27 capitais e 5564 municípios do país. A produção de um Mapa específico para gênero foi decorrência do crescimento alarmante desse fenômeno nas últimas décadas. Para se ter uma ideia da progressão, o *Mapa 2012* colocava o Brasil na sétima posição entre os países que mais matavam mulheres no mundo. Apenas três anos mais tarde, em 2015, conforme os dados da OMS, o país teve uma taxa de 4,8 homicídios a cada 100 mil mulheres, a quinta maior do mundo. Ressaltamos que os índices se referem apenas a homicídio, sem contar com as diversas outras formas de violência contra a mulher, como o estupro, o assédio sexual, o cárcere privado e a imensa variação de violência física e psicológica.

A fonte básica de todas as informações sobre homicídios divulgados em todos os *Mapas* publicados até hoje foi fornecida pelo Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), da Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde, pela “Declaração de Óbito” lavrada no cartório de Registro Civil e assinada pelo médico atendente que registra na certidão o tipo de morte. Pela legislação vigente no Brasil, nenhum sepultamento pode ocorrer sem esse documento. Embora essa fonte possibilite informações, a pesquisadora Wânia Pasinato (2011) aponta que: “um dos maiores desafios para a realização desses relatórios é a falta de informações oficiais sobre essas mortes”. As declarações de óbitos informam sobre o tipo de morte, mas

não esclarecem sobre quem cometeu o crime. As estatísticas da polícia e do judiciário na maioria das vezes não trazem informações sobre o sexo das vítimas, limitando a confiabilidade sobre o fenômeno. Com isso queremos dizer que os *Mapas da Violência*, ainda que tenham avançado, carecem de informações mais precisas, especialmente daquelas vindas dos órgãos públicos.

Sobre o assassinato de mulheres, o *Mapa 2015* aponta para o mesmo problema ressaltado pelos estudos em 2012.

O grande problema, como já apontamos é a escassez de fontes de dados sobre o tema. A escassez das fontes disponíveis converge sempre sobre a figura das vítimas, sem referências aos causantes ou agressores, nem quais foram as motivações e as circunstâncias da violência” (WAISEFISZ, 2015).

Apenas encontrar o agressor, dando o caso por resolvido, parece contemplar apenas a dimensão jurídica desse trabalho. De outra maneira, pela perspectiva científica, as pesquisas mais recentes procuram analisar contextos, relações de violência e os discursos que engendram suas tramas. Até os anos de 1980, década em que iniciaram no Brasil os serviços de atendimento a mulheres agredidas, as concepções teóricas para o entendimento do fenômeno se apoiavam nas teorias sociológicas acerca da opressão da mulher. No entanto, segundo Machado e Magalhães (1998, p. 3):

estudos mais recentes sobre violência doméstica no Brasil, especialmente nos anos noventa, reconhecem atitudes que levam mulheres a se manterem em relações de violência e até mesmo a contribuírem para a continuidade do jogo, não só nos campos da psicologia e da psicanálise quanto no campo dos estudos de gênero e estudos feministas.

O jornal Estado de São Paulo publicou uma entrevista com a pesquisadora de gênero Margareth Rago e o diretor do sindicato dos metroviários de São Paulo Caio Peretti. Segundo Peretti, a cada 48 horas uma mulher registra um boletim de ocorrência na delegacia se queixando de ter sido “encoxada” (termo mantido na íntegra) dentro do sistema de transporte coletivo de São Paulo. Diretor do sindicato dos Metroviários há 13 anos, Peretti estima que a cada dez mulheres, oito desistem de registrar a queixa (apenas 20% registram). Na mesma matéria, a historiadora Margareth Rago, da Unicamp, diz que:

os assédios são sustentados por uma cultura machista que torna a mulher objeto e, pelo fato de que o autor dificilmente será punido. Sessenta e cinco por cento das vítimas têm entre 18 e 29 anos. No mais vão de 11 a 57 anos. Trinta e oito por cento dos agressores são identificados como 'infratores de ocasião' (PALHARES; DIÓGENES, 2015, p. 19).

2.4 ANÁLISE DO MAPA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER – ANO 2015

O autor do *Mapa da violência contra a mulher*, publicado no Brasil em novembro de 2015, abre a seção sobre as CONSIDERAÇÕES FINAIS da seguinte maneira:

não é um fato novo a preocupação da sociedade brasileira com as diversas formas de violência que afligem a população. Embora não seja recente, a questão atual centra-se nas proporções inéditas que o fenômeno vem assumindo. Ano após ano, observamos, com mistura de temor e indignação, que o País vem quebrando suas próprias marcas, em uma espiral de violência sem precedentes (WAISELFISZ, 2015, p. 71).

Ocupávamos o sétimo lugar em 2012 e avançamos para o quinto lugar entre os 83 países pesquisados que mais matam mulheres no mundo (TABELA 5).

TABELA 5 – Taxas de homicídios de mulheres (por 100 mil), em 83 países do mundo

País	Ano	Taxa	Posição
El Salvador	2012	8,9	1
Colômbia	2011	6,3	2
Guatemala	2012	6,2	3
Federação Russa	2011	5,3	4
Brasil	2013	4,8	5
México	2012	4,4	6
Rep. da Moldávia	2013	3,3	7
Suriname	2012	3,2	8
Letônia	2012	3,1	9
Porto Rico	2010	2,9	10

TABELA 5 – Taxas de homicídios de mulheres (por 100 mil), em 83 países do mundo (continuação)

País	Ano	Taxa	Posição
------	-----	------	---------

Ucrânia	2012	2,8	11
Belarus	2011	2,6	12
Estônia	2012	2,5	13
Cuba	2012	2,5	14
Maurícia	2013	2,4	15
Panamá	2012	2,4	16
Lituânia	2012	2,3	17
África do Sul	2013	2,2	18
Estados Unidos	2010	2,2	19
Uruguai	2010	2,0	20
Paraguai	2012	1,8	21
Costa Rica	2012	1,8	22
Aruba	2012	1,8	23
Quirguistão	2013	1,7	24
Rep. Dominicana	2011	1,6	25
Sérvia	2013	1,6	26
Nicarágua	2012	1,4	27
Argentina	2012	1,4	28
Romênia	2012	1,3	29
TFYR Macedônia	2010	1,3	30
Chile	2012	1,0	31
Peru	2012	1,0	32
Hungria	2013	1,0	33
Croácia	2013	1,0	34
Rep. da Coreia	2012	1,0	35
Malta	2012	0,9	36
Canadá	2011	0,9	37
Chipre	2012	0,9	38
Armênia	2012	0,9	39

TABELA 5 – Taxas de homicídios de mulheres (por 100 mil), em 83 países do mundo (continuação)

País	Ano	Taxa	Posição
------	-----	------	---------

Bélgica	2012	0,9	40
Rep. Tcheca	2013	0,9	41
Nova Zelândia	2011	0,8	42
Jordânia	2011	0,8	43
Bulgária	2012	0,7	44
Noruega	2013	0,7	45
Finlândia	2013	0,7	46
Barbados	2011	0,7	47
Holanda	2013	0,7	48
Israel	2012	0,7	49
Portugal	2013	0,6	50
Austrália	2011	0,6	51
Polônia	2013	0,6	52
Turquia	2013	0,6	53
Irlanda do Norte	2013	0,5	54
Alemanha	2013	0,5	55
Brunei Darussalam	2012	0,5	56
Suécia	2013	0,5	57
Eslovênia	2013	0,5	58
Espanha	2010	0,5	59
Fiji	2013	0,5	60
Suíça	2012	0,4	61
França	2012	0,4	62
Rep. Árabe Síria	2011	0,4	63
Itália	2010	0,4	64
Bahrain	2012	0,4	65
Geórgia	2013	0,3	66
Escócia	2012	0,3	67
Honk Kong SAR	2013	0,3	68

TABELA 5 – Taxas de homicídios de mulheres (por 100 mil), em 83 países do mundo (continuação)

País	Ano	Taxa	Posição
------	-----	------	---------

Honduras	2013	0,3	69
Japão	2013	0,3	70
Dinamarca	2013	0,2	71
Irlanda	2012	0,2	72
Singapura	2010	0,2	73
Reino Unido	2013	0,2	74
Marrocos	2012	0,2	75
Egito	2013	0,1	76
Anguila	2012	0,0	77
Bermudas	2010	0,0	78
Grenada	2012	0,0	79
Ilhas Cayman	2010	0,0	80
Kuwait	2013	0,0	81
Tunísia	2013	0,0	83

Fonte: Waiselfisz (2015).

Waiselfisz (2015, p. 28) ainda ressalta que

Efetivamente, só El Salvador, Colômbia, Guatemala (três países latino-americanos) e a Federação Russa evidenciam taxas superiores às do Brasil. Mas as taxas do Brasil são muito superiores às de vários países tidos *civilizados*:

- 48 vezes mais homicídios femininos que o Reino Unido;
- 24 vezes mais homicídios que Irlanda ou Dinamarca;
- 16 vezes mais homicídios que Japão ou Escócia.

Esse é um claro indicador que os índices do País são excessivamente elevados.

Crítica-se, e com razão, o machismo oriental, a opressão das mulheres do mundo árabe, do mundo africano. Apontamos para os Estados Unidos como uma sociedade consumista devoradora. Acusamos a ignorância do homem indiano na forma machista de destituir a mulher. Todavia, matamos, agredimos e humilhamos mais mulheres que esses países. Apesar do “mal-estar na civilização”, a concepção freudiana esperava sublimar a agressividade humana, convertendo-a em atividades socialmente aceitas. Mais ainda no “processo civilizador” de Elias (1994, p. 23-24), esperava-se que os ideais europeus da civilização viessem a polir o ser humano intelectual e tecnicamente, de maneira refinada. A civilização seria uma etapa superior às sociedades mais atrasadas. Também não foram suficientes as esperanças em uma “sociedade dos indivíduos”

(ELIAS, 1994), em que os direitos e a liberdade individual viessem abrandar as várias faces da violência. Acreditava-se que o processo de modernização balizaria uma sociedade mais “civilizada”, na qual o novo modelo das relações interpessoais a tornaria mais refinada e mais dócil, jogando para o passado e para as margens sociais a violência interpessoal: a grosseria e a incivilidade dos “maus pobres” e das culturas não civilizadas.

Na crença romântica dos anos cinquenta do século XX, casamento e família rimavam com amor e afeto. Cavalheirismo com respeito e não com poder. Violência com incivilidade e grosseria (MACHADO; MAGALHÃES, 1998, p. 2). Nem a esperança socialista de que dadas as condições materiais igualitárias ao povo ter-se-ia diminuído a chama do sofrimento. Como já apontado, Cuba aparece em 14º lugar entre os 83 países que mais matam mulheres no mundo; o capitalismo americano em 19º lugar. Seriam discursos de longa duração que atravessam classes sociais, atravessam a história e se repetem reverberados pelos rituais de cada cultura? Ao que parece, não há correlação direta entre a violência e o índice de desenvolvimento técnico. Em todos os lugares do mundo, os homens tentam cumprir um ideal de masculinidade ligado à virilidade. Retomando os trabalhos do antropólogo Maurice Godelier (1982), este chama tal ideal de “a casa dos homens” – espaço onde os meninos são educados por seus pares para a violência: o pátio da escola, os clubes desportivos, o Exército, bares etc. Aos “verdadeiros homens, aqueles que se mostram em tudo e sobre tudo uma imagem e comportamentos considerados viris” (MOLINIER; WELZER-LANG, 2009, p. 102).

O México, local em que a pesquisadora e psicóloga Marina Castañeda¹⁵ pesquisou o machismo, ocupa uma posição quase semelhante à do Brasil. Os mexicanos estão em sexto lugar no índice de assassinatos de mulheres. Convocamos a obra de Castañeda (2006) não somente pela semelhança entre o México e o Brasil, mas porque é nela que nós nos apoiamos para entender o machismo como um discurso que atravessa gênero, classe social, etnia e outras fronteiras. Trata-se de um discurso que, como o discurso econômico, abarca a todos. Ninguém está fora do cárcere machista,

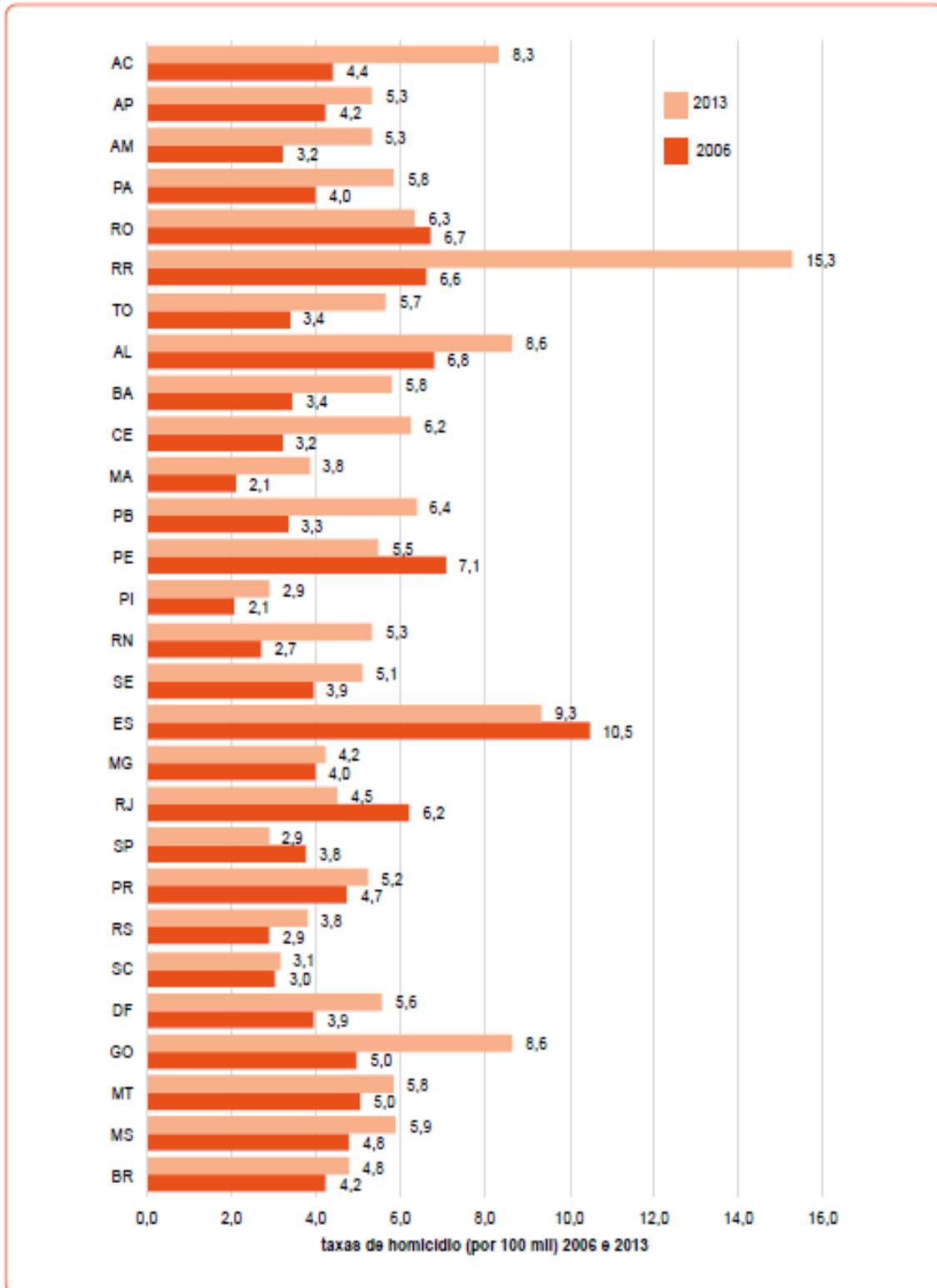
¹⁵ **Marina Castañeda:** nasceu em 1956, no México, viveu nos Estados Unidos, França, Suíça e no Egito. Estudou Letras, História e Psicologia na Universidade de Harvard e de Stanford, na École Normale Supérieure de Paris e na U.S. International University. Dedicou-se desde 1988 ao exercício de psicoterapeuta, no México, país que ocupa o sexto lugar no ranking das nações que mais matam mulheres no planeta. A psicóloga não apenas atende homens e mulheres englobados pelo machismo, como ela mesma vive a experiência do machismo num contexto cultural que se assemelha ao do Brasil. A sua obra principal, *O Machismo Invisível* (2006) serviu-nos como mapa de orientação para entendermos o fenômeno como um dispositivo discursivo relacional. Como afirma a psicóloga, “o machismo é uma forma de relação” (p. 18) que engloba tanto os homens quanto as mulheres. Embora de forma imperceptível, daí o título da sua obra, ele é uma prática adotada por todos e por todas.

sejam homens, mulheres, crianças ou idosos. O machismo é universal e o tomamos como um potente “dispositivo” nos termos de Michel Foucault. Para o epistemólogo francês, os dispositivos se opõem à teoria da “repressão”. Assim, inclinamo-nos a aceitar que o poder não somente reprime a violência, ele a reproduz também, tal como reproduz o discurso do amor-paixão; o discurso da sexualidade imperativa e o discurso machista. Essa reprodução se dá por um conjunto de táticas, estratégias, saberes, poderes e lugares que tendem a automatizar como máquinas a reprodução da sexualidade, da violência, da loucura ao invés de reprimi-las. Esses dispositivos organizam e distribuem o poder. No entanto, tal poder – no caso o poder do discurso machista – não pertence a um tirano e nem apenas aos homens. O dispositivo automatiza e desindividualiza o poder que não se sustenta por um, mas é sustentado por todos e todas (FOUCAULT, 2013, p. 191).

Com base nessas contribuições teóricas e problematizações diversas mencionadas, fica mais fácil entendermos os motivos pelos quais o Brasil tem uma taxa de quase cinco homicídios para cada 100 mil mulheres, segundo o *Mapa 2012*, no qual o Brasil aparece também em sétimo lugar entre os países que mais matam mulheres no mundo. No entanto, a violência no Brasil vem crescendo, e hoje subimos da sétima para a quinta posição, segundo o *Mapa 2015*. O homicídio de mulheres no país aumentou 21,0% nos últimos dez anos. O Paraná está acima da média nacional, pois cresceu 24,7%. No entanto, na região norte e nordeste, a média é cinco vezes maior que a região sul e sudeste. Roraima quadruplicou o homicídio de mulheres. A Paraíba triplicou seu índice (GRÁFICO 1). Dadas as diferenças regionais entre o Norte e o Sul do Brasil, o mapa mostra que no Norte o homicídio de mulheres é maior.

Mesmo que a violência física e letal incida mais nas classes menos abastadas, a violência psicológica é recorrente tanto para mulheres de classe média quanto em mulheres de classe popular. O ideal de homem forte, guerreiro, vencedor, atravessa classes sociais e está presente no nosso *corpus* de pesquisa. Esse ideal de masculinidade por um lado, desejado pelas mulheres e exigido pelos dispositivos discursivos culturais, por outro lado desqualifica a mulher e empodera a palavra do homem. Homem tem que ter palavra. Expressões como “palavra de homem” valem mais do que a expressão “palavra de mulher”, locução vazia e que não está suficientemente inscrita na ordem da linguagem. Talvez tudo isto explique em parte, porque muitos brasileiros e brasileiras desqualificam uma mulher, na condição de presidente do Brasil.

GRÁFICO 1 – Taxas de homicídio de mulheres (por 100 mil), por UF. Brasil. 2006 e 2013



Fonte: Waiselfisz (2015).

O senso comum difunde a ideia de que a maioria dos assassinatos de mulheres seja por estrangulamento. Possivelmente isso ocorra porque 71,9 % deles ocorrem

na residência da vítima e 67,2% são cometidos por parceiros e ex-parceiros. Pela proximidade e intimidade da relação, pressupõe-se que o estrangulamento seja o meio utilizado. No entanto, apenas 6,1% ocorrem por estrangulamento/sufocação. A arma de fogo é o meio mais utilizado, pois 48,8 % das mortes ocorrem por seus disparos. Aqui a sociedade ocidental tem a sua contribuição, pois a indústria de armas é um poderoso ramo econômico. Surpreendentemente, o Brasil é o segundo maior exportador de revólveres da marca Taurus e Rossi para os Estados Unidos, o maior produtor de artefatos bélicos do planeta. A mesma empresa brasileira controla 30% do mercado de armas leves no mesmo país. Durante dez anos o Brasil foi o primeiro exportador desse tipo de arma para os americanos. Em 2002 exportou 229 mil unidades ficando apenas atrás da Áustria que vendeu 250 mil unidades, segundo divulgação da edição financeira do Jornal Folha de São Paulo em 25 julho de 2003.

Mais recentemente, em entrevista de rádio, no *Programa CBN TOTAL*, em outubro de 2016, a assessora da *Ong. Direitos Humanos Anistia Brasil*, Marina Motta, divulgou uma informação pouco conhecida pela imprensa nacional; qual seja: O Brasil é o quarto maior exportador mundial de armas leves. Isso inclui não somente pistolas, mas fuzis e metralhadoras. Também exporta míssil e sistemas de artilharia utilizados em guerra. Esse comércio rende ao país um lucro anual de 80 bilhões de dólares. No entanto, as representações sociais da violência armada, situam o Brasil como “um país pacífico”. O senso comum se orgulha ao dizer que “Aqui não tem guerra” e que “Deus é brasileiro”. Nossa nação é cantada em versos e prosa como “Um país tropical abençoado por Deus e bonito por natureza”. Um país supostamente protegido pela lei 10.826/ 03, conhecida como Estatuto do Desarmamento que proíbe o porte de arma, restringe seu comércio e também proíbe a fabricação de réplicas de armas de fogo. Em 2015, um projeto de lei em Curitiba pretendia proibir, além da já impeditiva fabricação, que crianças portassem pessoalmente, ou no automóvel da família, alguma arma de brinquedo, mesmo que não fosse réplica das armas originais. O projeto de lei pretendia proibir o porte dos artefatos de gatilhos com bisnagas de água. A discursivização adulta da violência sobre um artefato, até então usado pela criança para brincar, acaba por significar um objeto lúdico em um instrumento belicoso. Proíbe-se a venda do objeto, prende-se o criminoso, mas reproduz-se o discurso da violência. A sociedade que a condena é a mesma que a reproduz.

Na mesma entrevista Marina Mota comentou que as leis brasileiras sobre a exportação de armas, não são transparentes e ferem os acordos internacionais

sobre sua comercialização, já que parte desse material letal acaba sendo contrabandeado para o uso em ataques contra alvos vulneráveis e desprotegidos. Em 2013, armas brasileiras foram usadas por contrabandistas da Costa do Marfim, para atacar civis. Mesmo que utilizadas de modo legal, em 2015, os mísseis brasileiros exportados para a Arábia Saudita, mataram no Iêmen, mais de três mil civis. De 2003 a 2010, as indústrias brasileiras destinaram ao território norte-americano um total de 4,6 milhões de armas, o suficiente para armar a população inteira de países como Noruega e Croácia.

Todos os países industrializados vivem do lucro bilionário de armamentos. Não é uma prerrogativa brasileira a exportação de armas. No entanto a nossa singularidade paradoxal está no discurso com o qual o povo brasileiro se define e é definido pelo Estado: “Um país pacífico” Uma tentativa de discursivizar o Brasil como uma nação que faz a paz e os Estados Unidos como uma nação que promove a guerra. Não se nega isto quando se trata das guerras oficializadas pelo Estado. Porém, reverberando nas práticas cotidianas, o discurso da violência se materializa todos os dias, perante todos e de forma progressiva, mesmo com a proibição do comércio de armas no nosso território.

Retomando a análise do Mapa da Violência 2015, acerca das cores da morte em nosso país: O índice de homicídio de mulheres negras no Brasil aumentou 54% entre 2003 e 2013, enquanto que o homicídio de mulheres brancas caiu 9,8% no mesmo período. O Paraná tem uma situação atípica em relação à morte de mulheres negras e brancas, pois o assassinato de mulheres brancas no Estado é quatro vezes maior que o número de assassinato de mulheres negras. Possivelmente isso ocorra, ao menos em parte, por conta de o Paraná ter sido colonizado por etnias brancas, por exemplo, até 1934 entraram no Paraná 131.331 imigrantes, dos quais 116.331 aqui se fixaram definitivamente. Desses, cerca de três mil imigrantes não tiveram sua nacionalidade identificada. Os grandes grupos de imigrantes foram assim distribuídos segundo o serviço oficial de colonização: Poloneses 7.731; Ucrânicos 19.272; Alemães 13.319; Italianos 8.798. O restante dos pequenos grupos de imigrantes, franceses, portugueses, espanhóis, suíços, holandeses constituíram o restante da população paranaense (MARTINS, 1989, p. 84-85).

Trata-se de um país altamente heterogêneo em todos os sentidos. Assim ocorre também com a violência, pois há locais no Brasil onde a violência é, como vimos, quatro vezes maior que a média nacional. Todavia, se a média do Paraná se

encontra bem abaixo da média de Roraima, Espírito Santo, Acre, isso não ocorre em termos de Municípios. Entre os 100 municípios mais violentos do Brasil, nove são do Estado do Paraná. Na mesma lista aparece apenas um em São Paulo, um em Santa Catarina e um no Rio Grande do Sul. O município de Campina Grande do Sul está em 27º e Piraquara em 36º na lista dos 100, seguido de Santa Helena 44º, Pinhais 56º, Araucária 61º, Tamandaré 62º, Fazenda Rio Grande 73º, São Miguel do Iguaçu 91º e Colombo no 100º lugar. Dos nove municípios, apenas dois não são da Região Metropolitana de Curitiba. Dado assustador pela desproporção da violência nos municípios de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que agregam apenas um município para cada estado. Resumo: a Região Metropolitana de Curitiba contém um índice altíssimo de assassinatos de mulheres no Brasil.

A violência, psicológica ou física contra a mulher é um fenômeno mundial que se potencializa ou se ameniza de acordo com a cultura local. Na China, o fato de se nascer menina quando os pais esperam um filho, leva anualmente à morte, mais de um milhão de filhas recém-nascidas. Das crianças lá abandonadas em orfanatos, 98% são meninas. (HÉRITIER, 2002, p. 111-112).

Apenas em 2001, pela primeira vez um tribunal condenou três sérvios, acusados de estupro em tempos de guerra, na Bósnia, ocorrido entre 1992 e 1995. Até então essa prática contra o inimigo derrotado era uma espécie de troféu ao macho vencedor. Ainda hoje, no Paquistão, na África, Índia, as mulheres são condenadas à morte pelo adultério, ou sofrem estupros coletivos. Sem contar com as mutilações do corpo e outras privações ao mundo feminino. Em 2002, na Jordânia, a Câmara do Parlamento jordano, constituída somente por homens, recusou uma petição de mais de 15.000 assinaturas que pedia para mudar a lei que isenta o homem dos “crimes de honra” (HÉRITIER, 2002, p. 115). No mesmo país, o pai ou o irmão, podiam matar a filha ou a irmã se ela cometesse o adultério. No Paquistão, três mulheres por dia são vítimas de “crimes de honra”, vigentes também no Brasil, até o final dos anos de 1970. Atualmente em países como a Nigéria, a Jordânia, entre tantos outros, as mulheres são vítimas do adultério, das mutilações do corpo e humilhação pública. No entanto, na lista dos 83 países analisados no Mapa da Violência 2015, não consta a presença da Índia, do Paquistão e da Nigéria. Jordânia, nesse Mapa, ocupa o 43º lugar em número de assassinato de mulheres. Não dispomos de mais informações a esse respeito, mas presumimos que o controle sobre a vida das mulheres no oriente, deva ser muito maior que a vida no ocidente, ou que as próprias mulheres se ajustem aos

padrões de controle social enraizados nas crenças e valores da cultura local, sem reagirem a essa condição subserviente ao ponto de vista ocidental.

Em Paris na década de 1990, metade das mulheres que morreram, foram mortas pelo cônjuge. Também no Brasil, a maioria dos assassinatos de mulheres ocorre pelo parceiro ou ex-parceiro conjugal. Ao contrário de Paris onde a maioria das mortes ocorreu pelo uso das mãos nuas, no Brasil a arma de fogo é o artefato mais usado no assassinato de mulheres.

3 OS AVANÇOS FEMINISTAS

Esta seção é apresentada em três subseções. Na primeira, há algumas incursões históricas do feminismo no Brasil e os empecilhos imbricados na tentativa de se construir um consenso sobre a noção de gênero. Com isso, temos o propósito de, de um lado, ressaltar a importância do avanço dos movimentos feministas acerca da história da mulher no Brasil e de outro lado, destacar que apesar desse esforço, “os debates epistemológicos feministas sobre as relações de gênero estão longe de sua conclusão”. (COSTA, 1994, p. 163).

O segundo segmento dessa seção apresenta as perspectivas teóricas das pesquisas sobre a violência contra a mulher, a partir do recorte histórico dos anos de 1980, pontuando as diferentes tendências sobre a análise da violência no nosso país. O terceiro segmento se refere as três ondas do feminismo no Brasil e sua relação histórica com as bases teóricas que sustentam as pesquisas sobre a violência contra a mulher.

3.1 TRÊS CATEGORIAS EM DISCUSSÃO: FEMINISMO, GÊNERO E MULHER

O momento inaugural do feminismo no Brasil data de 1975 quando a ONU concede ao nosso país a honra política de ser a primeira nação do mundo a comemorar e instituir o “Ano Internacional da Mulher”. De um lado a honra e no verso da solenidade, o constrangimento, pois o nosso país está entre os cinco que mais matam mulheres no planeta. Os índices alarmantes e crescentes de homicídios chamaram a atenção das autoridades internacionais. A primeira delegacia da mulher que o mundo conheceu, foi criada no Brasil, em agosto de 1985, na cidade de São Paulo. No entanto, em 1980 já havia sido fundado na mesma cidade, o primeiro serviço de assistência social e psicológica a mulheres agredidas por seus parceiros; o SOS-Mulher. Em janeiro de 2011, funda-se a ONU-Mulheres, uma entidade para a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres que reúne quatro agências e escritórios da ONU: o Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM), a Divisão para o Avanço das Mulheres (DAW), o Escritório de Assessoria Especial em Questões de Gênero e o Instituto Internacional de Treinamento e Pesquisa para a Promoção da Mulher (INSTRAW). De lá para cá, uma série de ações políticas, sanções legais e assistência social tentam minimizar a violência contra a mulher. Porém elas não são

suficientes, pois a violência caminha a passos assustadores no nosso país, como foi visto na subseção ANÁLISE DO MAPA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER – ANO 2015. Seria preciso compreendê-la para talvez minimizá-la.

A partir desse marco histórico, surgiram, no início dos anos de 1980, os primeiros estudos no Brasil sobre a “violência contra a mulher”, cuja temática “surge como bandeira de luta do movimento feminista” (GROSSI, 1991, p. 1). Esse foi o universo de onde se extraíram as primeiras reflexões sobre a violência de gênero, tendo como objeto privilegiado de análise, a “denúncia da agressão”. Normalmente esses estudos eram organizados pelas feministas militantes¹⁶ que se preocupavam mais em dar visibilidade social à violência do que problematizá-la. Historicamente era necessário que assim fosse, pois, a violência contra a mulher era, publicamente anunciada pela primeira vez no Brasil. Compreensível que os trabalhos, no início dos anos de 1980, tivessem como objetivo principal “conhecer quais eram os crimes mais denunciados, quem eram as mulheres que sofriam a violência e quem eram seus agressores” (PASINATO, 2011, p. 283).

Segundo a historiadora Scott (1995, p. 4), as abordagens utilizadas pela maioria dos (as) historiadores (as) se dividem em duas categorias distintas. A primeira é “descritiva”. Refere-se à existência de fenômenos ou realidades sem interpretá-los, explicá-los ou atribuir-lhes uma causalidade. O segundo uso é de ordem “causal”: ele

¹⁶ Lembramos que o termo “militante” utilizado nesse trabalho encontra-se em nota de rodapé no item MÉTODO: Sua adoção compreende como “feminismo militante”, a aplicação de um “ideário feminista” que sustenta uma posição prática em defesa da mulher, quase sempre em oposição ao homem; como as práticas protetoras, dos Conselhos da Condição Feminina, dos movimentos sociais de combate a políticas “conservadoras”, Dos Grupos de Estudo de Gênero que se propõem a “desconstruir” o patriarcado e o machismo. Entre outras formas do feminismo radical, ele acaba por incorrer em uma lógica autocêntrica e exclusiva, na medida que se identifica e se define pela oposição ao outro, adotando uma lógica do “nós”, em relação ao “eles”. Nós mulheres, eles homens. Propomos pensar as diferenças entre homens e mulheres por meio de uma racionalidade dialógica que se relaciona com as diferenças, por feixes de discursos que se imbricam nas “interdependências comunicativas” (MARCOVÁ, 2006, p. 135), aproximando, mesmo que para o embate, homens e mulheres. Pensar contra a violência não é necessariamente pensar contra os homens, pois ela não advém apenas deles. Reafirmamos a importância de o feminismo lutar contra a materialidade da violência, mas reafirmamos também que a dialogicidade relacional, está preocupada em analisar as comunicações entre o eu e os outros, portanto o lugar do discurso no campo da violência. A psicóloga social Ivana Marcová, nasceu na Tchecoslováquia e mora no Reino Unido desde 1967. Coordena três grupos Internacionais de pesquisa no Laboratório Europeu de Psicologia Social-Paris. Desenvolveu estudos no campo da linguagem e da comunicação, levando em conta que ambas são significadas pela cultura de pertencimento. Na obra aqui citada, Marcová faz uma relação entre as análises das representações sociais do psicólogo social Serge Moscovici, culturalmente ancoradas nos indivíduos, com o dialogismo do filósofo da linguagem (BAKHTIN, 2014). Os filósofos russos apostam na “ideologia do cotidiano”, que consiste na massa discursiva de todo dia, em que se debatem, problematizam, reforçam-se valores, conceitos e preconceitos. Em nossa pesquisa, as postagens são exemplos típicos da ideologia do cotidiano, em que as questões de relacionamentos conjugais são debatidas.

elabora uma teoria sobre a natureza dos fenômenos e das realidades, buscando como e porque assumem a forma que têm. A abordagem “descritiva” nos estudos de gênero converge para o campo ideológico-militante, sem a preocupação de pesquisar a violência dentro de uma perspectiva multidisciplinar. Essa posição tem seu mérito como prática militante, mas cerceia em parte, os avanços dos estudos sobre o fenômeno. Joan Scott ao apresentar a noção “descritiva” de gênero não se limita a ela, pois “Scott alinha-se entre as pioneiras que acentuam a necessidade de ultrapassar os usos descritivos de gênero, buscando a utilização de formulações teóricas com o que concordam as demais pesquisadoras” (SOIHET, 1998, p. 78). Um dos pontos convergentes entre as diferentes tendências dos feminismos no Brasil é a concordância de que não foi e nem é possível criar uma categoria única de mulheres, com uma mesma identidade.

A seguir, alguns consensos e dissensos acerca das categorias gênero e mulher. Perante a diversidade das teorias feministas, dos diferentes feminismos e da polissemia que o termo gênero carrega, os dissensos alcançam até aqueles que desistiram da sua definição e sonham com uma “sociedade sem gênero”, Gayle Rubin, em, Azeredo (1998, p. 58), e para as pós-estruturalistas radicais, um feminismo sem mulheres. A desconstrução das diferenças pretende produzir “Uma identidade que não pode ser afirmada [...] uma categoria oca” que “Levada ao extremo, a mulher passou a ser aquilo que não pode existir” (COSTA, 1998, p. 132).

Nos anos de 1960/1970, os estudos feministas estavam imbricados no impasse da diferença entre os sexos. Com a dissolução da concepção sexista, haveria ainda que se deparar com outras diferenças, como as de raça, de classe, de idade, de crenças, de costumes, pulverizando o feminismo em diferentes dimensões. Desses pontos nodais que geram áreas de conflitos, surgiram vários feminismos. “(Feminismo cultural, humanista, marxista, socialista, psicanalítico, radical, lésbico, negro, pós-estruturalista, do Terceiro Mundo) que não podem ser cristalizados em uma única posição singular” (COSTA, 1998, p. 127). Há ainda feministas que reclamavam do esvaziamento de um “feminismo sem mulheres” (p. 127).

A partir dos anos de 1980, substitui-se o termo mulher, uma categoria empírica, marcada pelo corpo e pelo sexo, por gênero, uma categoria analítica, imaterial (HEILBORN; SORJ, 1999, p. 4). Em termos de saltos interpretativos, esta mudança permitiria o deslocamento de uma concepção biológica da mulher para uma perspectiva histórica e cultural de gênero. A categoria mulher não era desejável para as novas

abordagens e como em qualquer campo, o novo, produz avanços e resistências. O pós-estruturalismo, sustentados por J. Derrida, F. Guattari, J. F. Lyotard e M. Foucault, na tentativa de sombrear a noção sexuada homem/mulher chegou ao extremo da dissolução do termo e do corpo, retratado na expressão de Corrêa (1998) “mulher não existe’, mas, como disse recentemente um colega etnólogo, já há coisas demais que não existem na nossa disciplina” (CORREA, 1998, p. 49). Ainda que se rompesse a concepção substancialista do sexo como parâmetro identitário, não foi possível desconstruir outras sólidas diferenças dos discursos que mapeiam o mundo dos homens e o mundo das mulheres. “O consenso foi o de que não há consenso sobre qualquer natureza do masculino e do feminino” (MACHADO, 1998, p. 110). A autora é uma das pioneiras a romper com a polarização dicotômica dessas “esferas separadas”, ao propor a análise relacional nos estudos de gênero, sugerindo a substituição do termo “estudos de mulheres” por “estudos das relações de gêneros”.

Esta tese incorpora o conceito de “gênero relacional”, “uma abordagem de gênero baseada na prática e que leva em conta não só a análise dos contextos de relações sociais como experiências e configurações particulares de gênero” (COSTA, 1994, p. 158-159). Servir-nos-emos da noção de que “gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos” (SCOTT, 1995, p. 3). A abordagem exposta pela historiadora rejeita os estudos que apartam o masculino e o feminino como “esferas separadas”. Entende-se que essa polarização dificulta a compreensão das relações de gênero. Por que nos é útil a análise relacional de gênero? Porque a partir dela podemos compreender os dois mundos como dimensões complementares, ao contrário da concepção das esferas separadas que polarizou o mundo masculino e o mundo feminino. Temos agora a possibilidade de pensarmos um sistema, um conjunto, em vez de um modelo binário proposto até então. Dessa forma, deparar-nos-emos com a possibilidade de aproximar os universos das diferenças. “A superação da lógica binária contida na proposta da análise relacional do gênero, é fundamental para que se construa um novo olhar aberto às diferenças”. (RAGO, 1998, p. 93).

Para o historiador Edgar de Decca, Michelle Perrot é uma historiadora pouco conhecida entre nós, Rago (1987). Talvez tenha sido apartada pelas perspectivas teóricas que no Brasil pretendem dissolver o termo mulher, enquanto Perrot procura contar uma história das mulheres que não as coloca na condição de submissas. O pioneirismo de Michelle Perrot está na sua posição desmistificadora da ideia de que as mulheres são universalmente, “passivas e submissas” (PERROT, 1988, p. 212), pois as

mulheres de classe popular da França, tiveram intensa participação na Revolução Francesa. No entanto, “As mulheres rebeldes populares do século XVIII e XIX não puderam contar a sua história. A história das mulheres foi contada pelos historiadores, homens”. (PERROT, 1988, p.168; 185). Para a autora as mulheres são diferentes daquilo que os homens contam sobre elas. Para se contar uma história verdadeira das mulheres, seria necessário contar outra história, começar por outro caminho e reencontrá-lo.

Os trabalhos de Rago (1998), Costa (1994; 1998) e Gregori (1993) sugerem a necessidade de certo “retorno à categoria mulher”. Sua “volta”. No entanto, não mais traria ao cenário a então categoria essencializada e biologizada. A historiadora e filósofa da Unicamp define gênero como “uma construção social e cultural das diferenças sexuais” (RAGO, 1998, p. 89). Esse conceito nos parece pertinente por reconhecer que a categoria gênero se constrói na relação e nos contextos e situações em que se imbricam ou se interpenetram a cultura e a sociedade. Também nos afinamos com a ideia de Mary del Priore (2017) de que o feminismo hoje

é feito e alimentado por mulheres criativas que se sentem autorizadas a usar o termo “feminino” sem militância ou ligação a um coletivo específico...O feminismo hoje é plural. Estamos longe dos anos 70 e 80 com movimentos concentrados em estudos acadêmicos ou lutas políticas.

Na entrevista concedida ao jornal Estado de São Paulo, a historiadora retoma sua reflexão ao afirmar que

devemos acentuar nossas diferenças de gênero para construir, junto aos homens, uma sociedade no qual o cuidado com o outro esteja presente em nossas práticas cotidianas. Caminhamos para um pós-feminismo, cuja ideia de cuidar, combinar, associar, tornou-se um valor ético e universal, pois homens e mulheres não podem viver uns sem os outros. Cuidar implica em dar atenção, tratar, ter cuidados, afeiçoar-se, dedicar-se, enfim, amar. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2017).

Historiadoras como a francesa Michelle Perrot sob o ponto de vista da história da mulher no ocidente e a brasileira, Mary del Priore, sob o ponto de vista da história da mulher brasileira, são marcos fundamentais nos estudos dessa trajetória. Outras pesquisadoras também se alinham com Priore:

temos algumas feministas que, seguindo o modelo de ética comunicativa de Habermas, não reclamam o fim dos arranjos de gênero presentes, mas, ao invés disso, defendem a possibilidade de um encontro moral e dialógico entre homens e mulheres, onde cada parte reconheça a outra (COSTA, 1994, p. 165).

Se de um lado, alinhamo-nos com os avanços feministas e das novas perspectivas sobre a mulher, do outro lado, ficamos atentos às novas tendências da pós-modernidade, com uma sociedade sem gêneros. Talvez tenhamos que voltar um pouco para entender a história da mulher, não mais como um “mistério” como dizia Freud, mas atentos para o que nos lembra Farge (1991, p. 9) sobre a mulher: “O discurso não a mostra, inventa-a”. No entanto, sabemos que pouco se sabe sobre os “mundos femininos”, a não ser pela linguagem dos homens. Como sugere Rago (1998, p. 92), precisamos conhecer a mulher de ontem e a mulher de hoje, evitando que nossa pressa histórica de virar a página tenha perdido algumas dimensões inexploradas da mulher. Assim como o termo a mulher, “O termo “feminista” não existia no século XVIII. A palavra “feminismo” não era conhecida antes do século XIX e teria sido produzida por Charles Fourier” (LANDES, 1988, p. 207 apud MORIN, 2013, p. 25). Ouvem-se novos rumores de um devir. Escuta-se por aí, aquilo que os discursos feministas contemporâneos anunciam sobre a construção de uma “nova mulher” e a desconstrução das velhas maquiagens. Que discursos falariam esse novo ser? Entendemos que homens e mulheres existem pela paridade de categorias interdependentes. Pela Análise de Discurso, compreendemos que não há um “ser” mulher, mas a questão feminina, a cada época recebe significações novas de acordo com os contextos econômicos, políticos e éticos que levam a se construir novos discursos sobre a mulher. A dimensão “relacional” é a que mais se aproxima de uma perspectiva dialógica e discursiva. Não há um discurso único verdadeiro sobre a mulher e nem o homem existe em si, senão na relação com a mulher.

3.2 AS PESQUISAS SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

A seguir, apresentamos o panorama das tendências de pesquisas sobre a violência contra a mulher no Brasil nos últimos 25 anos. Trata-se do artigo “Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre estudos feministas no Brasil” publicado pelas sociólogas Wânia Izumino, coordenadora do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo; e Cecilia Santos, da Universidade de São

Francisco¹⁷. As pesquisadoras destacam três correntes que a partir dos anos de 1980, foram referências na busca da conceituação do fenômeno. A primeira, denominada de “dominação masculina” se origina do artigo publicado em 1985, da filósofa Marilena Chauí intitulado “Participando do debate sobre mulher e violência”. Nele, a pesquisadora concebe a violência contra a mulher como uma ideologia que define a condição feminina como inferior à do homem. Tratam-se de discursos que incidem predominantemente sobre o corpo da mulher já que esse possui a capacidade de reproduzir outro ser. Assim, a mulher é definida como um ser para o outro, já que é falada como mãe cuidadora. Definindo a feminilidade pela maternidade, naturaliza-se a condição feminina de ser mãe e esposa; ao contrário de ser marido, um triunfo conquistado socialmente. No entanto, para Chauí, esses discursos masculinos não se contrapõem aos discursos femininos, porque eles são falados e difundidos tanto pelos homens quanto pelas mulheres.

A segunda corrente sobre a violência contra a mulher no Brasil, foi introduzida pela socióloga Heleieth Saffioti, influenciada pela perspectiva marxista do patriarcado que vincula a dominação masculina ao sistema capitalista e ao racismo, concebendo que ele não seria apenas um modelo de dominação ideológica e política. O patriarcado para as feministas marxistas e para Saffioti é uma “exploração” e não somente uma “dominação” do campo econômico praticada verticalmente pelo homem rico e branco.

Ao contrário de Chauí, Saffioti rejeita a ideia de que as mulheres sejam “cúmplices” da violência. Por outro lado, embora concebendo-as como “vítimas”, a autora as define como “sujeito” dentro de uma relação desigual de poder com os homens. Para Saffioti as mulheres se submetem à violência, não porque “consintam”: elas são forçadas a “ceder” porque não tem o poder suficiente para consentir (SAFFIOTI, 2004, p. 79-80 apud SANTOS; IZUMINO, 2005, p. 3).

¹⁷ **Wânia Pasinato Izumino** é pós-doutora em Sociologia com o tema concentrado na violência contra a mulher, autora de vários livros. Pesquisadora do Núcleo de Estudos da Violência (N.E.V) da Universidade de São Paulo (USP).

Cecília Macdowell Santos é doutora em Sociologia, pesquisadora do Centro de Estudos da Universidade de Coimbra e professora do Departamento de Sociologia da Universidade de São Francisco, Califórnia. Autora de vários livros, seus principais temas de investigação abarcam as áreas da política, mídias e discursos sobre a violência contra a mulher. O trabalho das sociólogas deu-nos uma revisão acerca dos últimos 25 anos de pesquisa sobre a violência contra a mulher e serviu-nos como marco para a escolha da nossa perspectiva teórica, nominada pelas pesquisadoras como “corrente relacional” que, a partir dos anos de 1990, passa para o cenário dos estudos feministas no Brasil. Essa abordagem afasta-se do feminismo marxista de classe social, para incluir outras dimensões das ciências no campo das relações de conflito amoroso, como a Antropologia e a Psicologia.

Nessa perspectiva, a mulher é apenas vítima da violência masculina verticalizada pelo patriarcado e difundida por meio de uma ideologia machista própria do homem à qual a mulher é submetida. Trata-se, portanto de uma relação desigual de poder. Nesse sentido, a mulher não é apresentada como cúmplice, tal como concebe Chauí. Para Saffioti, a violência contra a mulher é resultado de um processo de socialização machista que outorga ao homem o direito de dominar a mulher na condição de macho. A onda marxista no início dos anos de 1980 estava de acordo com o ritmo histórico das mudanças políticas da época. O Marxismo se difundiu, além do feminismo, para outros movimentos sociais libertários que se empolgavam com a possibilidade de uma catarse social reativa à ditadura militar, à hierarquia masculina, ao capitalismo e aos ideais da burguesia como classe dominante. A perspectiva classista das feministas da época via a mulher em sua categoria de trabalhadora.

A terceira corrente teórica da violência contra a mulher, extraída da revisão dos últimos 25 anos de pesquisa sobre o assunto, denominada de “relacional” vem despolarizar a dicotomia dominante/dominada e relativizar a condição de vitimização da mulher.¹⁸

Essa é a abordagem que adotamos para o nosso trabalho, sobretudo a partir da leitura da obra *Cenas e queixas*, publicada em 1993, pela antropóloga Maria Filomena Gregori. Esse foi o primeiro trabalho a mergulhar na esfera das brigas de casais e a questionar as teorias da dominação que posicionavam a mulher como somente vítima da violência masculina, presentes nas bases teóricas das duas correntes anteriores. Como já dissemos no início deste capítulo, o SOS-Mulher criado no final dos anos de 1980, foi a primeira instituição no Brasil a acolher e dar assistência social, psicológica e jurídica a mulheres que sofriam de violência física e psicológica. Essa instituição foi o universo do profundo trabalho de “Observação Participante” realizado pela pesquisadora, por um ano e meio, onde ela entrevistou doze mulheres espancadas por seus maridos e participou assiduamente das reuniões das

¹⁸ Percebemos que a noção relacional pode também ser lida como dialógica. Esse termo emprestamos a Bakhtin, cuja obra em sua totalidade, destaca o dialogismo como categoria fundante do sujeito, da cultura, da economia, da política. Neste trabalho, percebemos a violência contra a mulher de modo dialógico, ou seja, não é fruto apenas de um único elemento (quer seja o poder masculino ou a carência econômica ou outro). Pelo contrário, as relações de violência microfísicas entre o casal resultam de relações macrosociais e estas são por aquelas reforçadas, enfatizando-se a dialogia e não a dicotomia. A não polarização também encontra amparo na noção foucaultiana (1982) de poder que é, essencialmente, relacional. Como temos enfatizado, a violência política, econômica, cultural e histórica, sobretudo em nosso país, gera uma sociedade agressiva e as relações entre homens e mulheres também são geradas aí nesse contexto violento.

plantonistas atendentes do SOS-Mulher. A concepção relacional de Gregori (1993), acerca do poder e da violência coincide com o entendimento foucaultiano adotado por nós, de que o poder não é vertical e nem é sustentado por um, mas sustenta-se por todos. A pesquisadora dialoga com a Antropologia e com a Psicanálise e adotou a Análise de Discurso como método. Sua posição singular para a época interpreta as brigas como uma comunicação replicante e acumpliciada do casal. Concebe as queixas, como um feixe de vitimização que acaba por manter essas mulheres no casamento, já que as vítimas se queixavam para as plantonistas assistentes, mas quando encaminhadas para a área jurídica, evitavam a abertura dos processos de separação de seus agressores. Sempre encontravam uma justificativa para a agressão, culpando a bebida, a droga, o desemprego do marido, colocando-se e colocando o agressor como algo fora da relação. Gregori (1993) realizou seu trabalho de campo entre fevereiro de 1982 a julho de 1983, ouvindo e observando mulheres ameaçadas e agredidas pelos companheiros. Embora 32% das mulheres que por lá passaram tivessem sido espancadas, “muito poucas, e só quando traziam marcas visíveis, iniciavam seus relatos dizendo terem sido espancadas” (GREGORI, 1993, p. 78). Segundo o *Mapa da Violência 2015*, 49.2% dos agressores reincidem na agressão. Informações mais recentes sobre o nosso Estado, parecem corroborar com as informações dadas pelo *Mapa da Violência 2015*, pois, em entrevista à Rede Globo em 2016, a delegada chefe da Delegacia Regional da Mulher do Paraná, Samia Coser, afirmou que um grande contingente de mulheres volta à delegacia pedindo a anulação da queixa para retornarem ao relacionamento amoroso. Parece aí existir uma correlação entre a reincidência do agressor com a tolerância da vítima, já que sua permanência em situação de risco, expõe essa mulher a uma possível agressão, como mostram os dados. Evidentemente que sua permanência não é a causa, ou o motivo que levam seus parceiros a agredi-las.

Outra observação da antropóloga foi a de que 90% das mulheres atendidas pelas plantonistas do SOS-Mulher não retornaram mais para as reuniões da instituição. Isso faz supor, como afirma Gregori (1993, p. 79) que essas mulheres “não sentiram essa visita como experiência diferenciada das demais buscas de ajuda”. Também chamou a atenção da antropóloga que essas mulheres circundavam em torno da queixa, mas não se posicionavam perante a separação do parceiro violento. Em outros termos, estavam mais dispostas a reclamarem dos parceiros do que se separarem deles. Gregori, como nós, não pretende culpar a mulher, mas relativizar a

condição de vítima, ou de “cúmplice”, e Grossi¹⁹ (1991), para compreender o fenômeno, entende a violência como uma relação no embate dialógico e, portanto, como um meio de comunicação entre casais conturbados. As duas antropólogas fazem uma leitura das queixas procurando seus significados discursivos e afastam-se das duas primeiras correntes teóricas sobre a violência contra a mulher, inaugurando um mirante relacional nas pesquisas de gênero.

Outra análise, feita por Santos e Izumino (2005), entre pesquisadoras que analisaram os boletins de ocorrências de Delegacias da Mulher, dão conta de um número imenso de mulheres que inicialmente denunciavam seus agressores e em seguida, passavam a retirar as queixas registradas. Essa atitude reafirma as conclusões de Gregori (1993) de que, nesse caso como em tantos outros, as vítimas não pretendiam criminalizar seu parceiro e nem se separar deles. O estudo da queixa passou a adquirir um *status* privilegiado de investigação à medida que “O problema da vitimização ganha destaque devido à frequente retirada da queixa por parte da vítima” (SANTOS; IZUMINO, 2005, p. 2). Afinal a retirada da queixa definitivamente convocava a mulher a sair da condição de vítima, revelando sua cumplicidade na relação.

A retirada da queixa torna-se um aspecto fundamental para a guinada da terceira corrente teórica da violência contra a mulher. A relevante pesquisa de Elaine Brandão em 1995 no Rio de Janeiro, conclui que sob o ponto de vista das mulheres, a suspensão da queixa, “é um instrumento de negociação com o parceiro, com vistas à manutenção, transformação ou dissolução da relação conjugal” (SANTOS; IZUMINO, 2005, p. 5).

As pesquisas sobre a violência, de modo geral, tendem a um modelo binário e dicotômico ao analisarem apenas a versão da vítima, ou a versão do agressor. Acabam por ser encarceradas pelo discurso jurídico que se encontra na base das Ciências Humanas.

Os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os remontam, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que indefinidamente, para além da sua formulação, são ditos e estão ainda por

¹⁹ **Miriam Pillar Grossi:** Doutora em Antropologia pela Universidade de Paris V e pós doutora no laboratório de Antropologia Social do Collège de France. Presidente da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) gestão 2004/2006 e editora da revista Estudos Feministas (1999/2001) Professora de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina. (UFSC) e Coordenadora, na mesma Universidade, do Núcleo de Gênero e Subjetividade (NIGS) que há 25 anos desenvolve pesquisas sobre o campo feminista e sobre a violência contra a mulher.

dizer. Nós o conhecemos em nosso sistema de cultura; são os textos religiosos ou jurídicos. (FOUCAULT, 2012, p. 15).

Considerar o lugar da mulher na violência, não implica negar o ato criminoso do agressor, mas entender a lógica da agressão, especialmente a partir das novas perspectivas teóricas que consideram que as mulheres tanto resistem ao papel de vítimas, quanto consentem e perpetuam papéis que as colocam nesse lugar. Por outro lado, deve-se tomar o cuidado para não entender a queixa como um processo de vitimização. A produção da queixa adquire diferentes significados e complexidades. Pode ser interpretada ora como um pedido, ora como uma solução, como ameaça, como proteção, como comunicação. As novas perspectivas sobre o entendimento da queixa têm convocado pesquisadores homens, psicanalistas e outros profissionais que atuam no campo da ética interpessoal, como novas escutas. Por exemplo, os psicoterapeutas entendem que em muitos casos, a queixa não é uma denúncia, mas um pedido de ajuda. Denunciar é tornar público. Trata-se de um ato sociológico, enquanto que a queixa é um ato psicológico. O enfoque na denúncia é um mecanismo de repressão contra a ação do agressor. O enfoque na queixa é um mecanismo que pretende compreender a reação do agredido ou comunicar-se com ele por meio de outra linguagem ou ocupar outro lugar na relação.

Foi preciso, em 2006, sancionar a leis, como a lei intitulada Maria da Penha que impedisse esse ato voluntário de absolvição da agressão, pela intervenção do Estado, na intimidade do consentimento amoroso. Enfim, como entender esse “estranho desejo de servidão”? (LEFORT apud LA BOÉTIE, 1986, p. 126). A servidão, o consentimento do amor-paixão (ROUGEMONT, 1988), são categorias ainda pouco conhecidas nas pesquisas de gênero. Percebe-se que muitas mulheres assassinadas sequer denunciaram seus agressores mesmo sendo agredidas por longos anos, em nome de uma sujeição amorosa. Ontem como hoje, quando indagadas pelos motivos que levaram a não denunciarem seus agressores, a resposta romântica-amorosa aparece na ponta da língua, com a saliva que dissolve o discurso da saúde pública e da juridicidade: Respondem elas, secularmente: “Porque eu o amava”. A retirada da queixa passa a ser nos anos de 1990 o centro de atenção de pesquisadoras que procuram entender as lógicas, as tramas e os feixes discursivos que mantêm as mulheres vivendo em situação de risco com seus parceiros.

O olhar deslocado para as análises empíricas nas instituições que atendiam às vítimas de agressão, no início dos anos de 1980, dão conta de que muitas das mulheres que denunciavam o agressor na Delegacia da Mulher, eram as mesmas que procuravam retirar o registro das queixas por elas formuladas. A ação de anular o que foi dito no boletim de ocorrência não seria uma forma de realimentar outra comunicação com seu parceiro?

Olá Gilberto, estou separada há quase um ano, por motivos de violência doméstica, demorou mas o juiz está prestes a determinar a prisão dele. Estou confusa, porque depois da separação, passamos a nos dar muito bem em uma missão em comum, nossa filha de 11 anos, ele é um bom pai. Então não sei se retiro a denúncia de agressão ou continuo com o processo e deixo ele ser preso e pagar pelo o que ele fez? (Registro 788)

No excerto, percebe-se um conflito extremamente recorrente nos estudos sobre a violência e nas instituições de atendimento a mulheres vítimas de agressão. Elas estão sempre tentando, tolerando, perdoadando, ou se encontram na obrigação, na responsabilidade de manter a família, como justifica a expressão: “missão em comum, nossa filha de 11 anos”. No entanto, é sempre a mulher, o centro dessa missão. Mesmo nos casos em que a ideia de retirar a queixa não tem o intuito de recuperar a família, mas apenas o parceiro, essas mulheres reagem da mesma forma. Toleram, perdoam e se esforçam para tê-lo de volta. Na amostra complementar apresentada, do Estudo de Caso de Oliveira (2011), por cinco vezes, Marlene teve a possibilidade de deixar o agressor, mas acabava voltando a viver em situação de risco, com as justificativas, “eu burra perdoei”, ou “eu acreditei”. Parece tratar-se de uma repetição sintomática, de comunicar-se novamente com o parceiro. Mas essa comunicação ocorre em outro plano. Seja no plano da esperança, da fantasia, ou do lugar que ela ocupou como filha na família de origem e ainda, pela sujeição da própria “vítima”, ao lugar histórico da mulher sujeitada.

Podemos reforçar que a questão discursiva não é entendida apenas como verbal, mas como um “dispositivo” tal como assevera Foucault (1982, p. 244). Esse dispositivo é algo bastante complexo e se caracteriza por campos verbais imagéticos, entonacionais, culturais; sociais. Os discursos ou dispositivos discursivos de longa duração na história do Ocidente têm criado uma imagem de masculinidade que enfatiza a dureza, agressividade, liderança, autoridade, e o jugo sobre o feminino. São formas violentas de dominação, embora não físicas e nem letais. Trata-se de um “poder

simbólico”, nos termos de Bourdieu (2008, p. 15); são “formas de dominação que não usam a força física e brutal”. Essa memória discursivo-cultural molda e constitui nossas consciências e ações, levando-nos a perpetrar um universo desproporcional em que homens e mulheres se comunicam também pela agressão física e imaterial.

De acordo com Freud (1970, p. 188), o lugar que o sujeito ocupou na condição de filho (a) será o lugar que, possivelmente, ocupará na posição de esposo (a). Uma mulher ao se casar, casa-se não apenas com um homem, mas com as reminiscências dos seus pais. Complementa Freud (1974, p. 265) em outro trabalho, ao dizer que:

observamos que muitas mulheres que escolheram o marido conforme modelo do pai ou o colocaram em lugar do pai, não obstante repetem para ele, em sua vida conjugal, seus maus relacionamentos com as mães. O marido de tal mulher destinava-se a ser o herdeiro do seu relacionamento com o pai, mas na realidade, tornou-se herdeiro também do relacionamento dela com a mãe.

A análise que fizemos dos relatos das sete entrevistadas do grupo das Mulheres que Amam Demais Anônimas (MADA), mostram que elas apontam para os “problemas familiares” como um dos causadores do amor dependente e incondicional, entendido como um vício pelo MADA²⁰. Embora a análise freudiana coloque a intimidade familiar

²⁰ O “Mapa da Violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil” revela que as meninas, diferentemente dos meninos, são mais agredidas durante a infância e que os primeiros agentes da agressão são as próprias mães. Na medida em que as filhas crescem, o pai ou o padrasto tornam-se o segundo agente da violência física e psicológica. A escolha mais tarde, de um companheiro agressor para a vida conjugal, pode estar ligada aos registros passados, não percebidos pela escolha da consciência do presente. É o que a Psicanálise nomina de “escolhas do inconsciente. As entrevistadas do Grupo Mada-Curitiba realizadas em 2016 (Mulheres que Amam Demais Anônimas) mostram uma repetição constante nas escolhas amorosas dessas mulheres. Embora ao romperem um relacionamento conturbado, recorrem no novo relacionamento, às mesmas características do parceiro anterior, uma, duas, três ou até mais vezes. São recorrentemente usadas, exploradas e até sustentam financeiramente seus parceiros. Não é nosso propósito o aprofundamento da Psicanálise nesta pesquisa e tampouco a análise do lugar do inconsciente nas escolhas amorosas, mas reconhecemos, também pela experiência como psicoterapeuta, a importância da intensa carga emocional que carregam homens e mulheres que sofreram de violência parental, seja ela física ou psicológica, durante a infância, nas escolhas amorosas futuras. Não poderíamos descartar o fato de que quase todas as correntes da Psicologia e da Psicanálise que tratam do desenvolvimento humano, adotam as “teorias da criação”, ou seja, a premissa de a formação familiar, sobretudo a qualidade das relações dos filhos com os pais, é um processo determinante para o futuro amoroso dessas pessoas. De qualquer forma, nos afastamos do intuito de analisar as relações afetivas restritas ao âmbito parental, mas reconhecer nessas relações as dimensões culturais da afetividade. De um modo ou de outro, há uma tendência de se repetir modelos afetivos da infância com os futuros parceiros amorosos. A experiência da Psicologia Clínica e os fundamentos teóricos da Psicanálise nos mostram que a fonte do sofrimento conjugal está no fato de que essas “vítimas”, ocupam na relação amorosa adulta o mesmo lugar que ocuparam como filhos, na relação primária com os pais. Manter-se no lugar da dor e sacrificar-se pelo parceiro, pode ser sido a única maneira que essa filha encontrou para ser reconhecida como filha e aceita pelos pais. Crianças que acreditaram que o esforço sacrificial para ser filha teria em troca a gratidão do amor, tornam-se adultos que acreditam que apenas serão amadas pelo sacrifício da dor e da culpa. Basta analisa as categorias F2 do nosso corpus de pesquisa. Todas as participantes repetem o mesmo modelo de relacionamento, bem como as participantes do Grupo MADA

com a criança como centro e destino da vida sentimental adulta, destacamos que essa família fala com os filhos por meio de uma linguagem que se dá na cultura. É, pois essa cultura ocidental que ao fundar o discurso do amor-paixão (ROUGEMONT, 1988), inaugura uma forma exigente de amar, pois ela produz uma obrigação de desejar o outro e ser desejado por ele como uma simbiose e dependência. Logo essa exigência insuportável atiza o temor da perda do outro, como já afirmamos anteriormente. Esse amor tão impraticável quanto hoje é o amor cristão produz uma reação desesperadora de defesa do sujeito, obrigando-o também a substituir a realidade fatural da perda pela realidade psíquica (FREUD, 1969). Essa realidade psíquica no nosso entender se trata de uma nova gramática amorosa. Não a entendemos como uma construção singular do indivíduo, mas como um aprendizado social que engloba uma categoria específica de muitas mulheres. Analisando as falas do nosso *corpus* de pesquisa, notamos que essas mulheres estão sempre a construir uma justificativa para a violência psicológica e física dos parceiros. Constroem uma defesa intersubjetiva sobre o objeto amoroso que se encontra instalado no discurso de inúmeras mulheres, “Quando ele bebe ele fica assim”. “Ele fica nervoso cada vez que tem um problema com o pai”. “Quando as coisas não vão bem no trabalho ele se revolta em casa”. “Ele pediu desculpas e jurou que isso nunca mais vai acontecer”. Também Gregori (1993, p. 141-144) aponta para o fato de que as vítimas de agressão atendidas no SOS-Mulher não culpam os maridos e nem se colocam como mantenedoras do problema. O problema das brigas e agressões é colocado fora da relação, ou da realidade fatural para adquirir outra significação psicológica. Essa conversão dos fatos tem o intuito, consciente ou não, de que a chama da paixão, não deve se apagar. Racionalizando a causa da violência como algo estranho que se aloja no casal; tal como um destino ou uma poção que vem de fora, essas mulheres asseguram o lugar do parceiro e o seu próprio lugar na relação, mesmo que o preço dessa manutenção seja sustentar a posição de vítima. A vitimização, assim assumida, não é traduzida por elas e nem por eles, como um sacrifício ou como uma submissão humilhante, mas como um esforço necessário ao qual elas aderiram já há muitos séculos, para salvar o casamento e eles bem se esforçam nessa missão de gerar um sacrifício para elas. Temos nesse mecanismo, uma balança que sustenta e

Evidentemente que a primeira socialização do sujeito no grupo familiar irá marcá-lo. No entanto a Análise de Discurso pontua que os lares são atravessados pelos cruzamentos do discurso machista e do discurso feminino que endentam a família e marcam as condutas e relações entre pais e filhos.

equilibra, mesmo que perigosamente, o casal, em relações conturbadas. É o que diz o sucesso musical sertanejo de Leandro e Leonardo, “Entre tapas e beijos”:

Perguntaram pra mim
 Se ainda gosto dela
 Respondi, tenho ódio
 E morro de amor por ela
 Entre tapas e beijos
 É ódio é desejo
 É sonho é ternura
 O casal que se ama
 Até mesmo na cama
 Provoca loucuras
 E assim vou vivendo
 Sofrendo e querendo
 Esse amor doentio
 Mas se falto pra ela
 Meu mundo sem ela
 Também é vazio

Os relatos do SOS-Mulher, letras de músicas, filmes, livros, e outros elementos dos “dispositivos” (FOUCAULT, 1982, p. 244) que se apresentam por todas as partes, em imagens, ações, discursos, nos servem para relativizar a dominação unilateral masculina, pois sobre o poder, nosso entendimento inclina-se na direção em que Foucault (1982; 2013) anuncia. O poder não é sustentado por um, sustenta-se por todos. Para ele, o poder não é vertical e nem se encontra apenas na tirania machista. Tanto homens quanto mulheres aderem ao machismo, ao discurso amoroso, ao capitalismo, à sexualidade e à violência nas suas diversas formas de manifestação. O sujeito é dado nas condições históricas e sociais, logo esse sujeito é atravessado pelo poder. Este, desejado por todos, capaz de se reproduzir pelos dispositivos que o cobiçam, fazendo-o reverberar por todos os lugares. Nem todos aderem aos mesmos discursos, pois há vários discursos e diferentes aderências. Também não ignoramos as possibilidades mínimas do sujeito resistir a certos discursos, como também não ignoramos o fascínio que a posse do poder exerce sobre todos.

Recordemos o caso Bill Cosby. Em 2015, a *New York Magazine* publicou como tema de capa, a chamada: “Cosby: as mulheres uma irmandade indesejada” cuja matéria apresentou a foto de 35 mulheres com idade entre 44 e 80 anos que teriam sido estupradas ou abusadas pelo comediante americano Bill Cosby, entre 1960 e 2000. Trata-se de uma categoria de mulheres equivalente, em termos de trabalho, às participantes da nossa pesquisa: Atrizes, modelos, jornalistas, esportistas, advogada e colegas de trabalho do comediante. As denúncias contra ele começaram a ocorrer

quase vinte anos depois e ainda sob a luz dos holofotes da mídia e a imagem exposta das 35 mulheres estampadas na revista. O espetáculo da imagem, da fama, do sucesso, é um poderoso dispositivo nos Estados Unidos, uma sociedade que se arroga de ser a mais rica e poderosa nação do planeta.

O poder não reprime, ao contrário, ele reproduz, como afirma Foucault “os efeitos de verdade que este poder produz, transmite e que por sua vez reproduzem-no” (FOUCAULT, 1982, p. 179). “Na verdade o poder produz. Ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais de verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção” (FOUCAULT, 2013, p. 185). Um dos seus poderes está no fascínio de possuí-lo, de desejá-lo, pois quem não quer ser o portador da verdade? Quem conseguiria ficar do lado de fora do discurso, sem desejá-lo? E quem pode ficar de fora também do exercício do poder? Desse modo, guiamos-nos por essa vertente teórica em que nem o discurso e nem o poder pertence a apenas um lado. Eles são exercícios dialógicos que comunicam tanto homens quanto mulheres. A busca pelo poder ou por sua manutenção é exercida pelas diferentes faces da violência e por vários atores, nesse jogo desejante dos poderes. Trata-se de uma relação. Homens e mulheres sustentam o universo da violência, embora em assimetria, pois, de um modo ou de outro, o homem tem maior valência, não apenas no mercado, mas nos outros setores da vida material e imaterial. No concreto e no simbólico, ambos são significados culturalmente, pelo que o sociólogo nomina de “violência simbólica” (BOURDIEU, 2011 p. 45). Um tipo de violência que nem sempre aparece no corpo da mulher.

Ao tomar “simbólico” em um de seus sentidos mais correntes, supõe-se, que por vezes, enfatizar a violência física e (fazer) esquecer que há mulheres espancadas, violentadas, exploradas, ou, o que é ainda pior, tentar desculpar os homens por essa forma de violência. O que não é, obviamente, o caso. Ao se entender “simbólico”, como o oposto de real, de efetivo, a suposição de que a violência simbólica seria uma violência meramente “espiritual” e, indiscutivelmente sem efeitos reais. É uma distinção simplista de um materialismo primário. (BOURDIEU, 2011, p. 46).

A violência física sem dúvidas é a forma de violência que causa mais impacto ao corpo e aos olhos da sociedade. No entanto como afirma Bourdieu, a violência imaterial produz seus efeitos. Vemos isto no atendimento psicológico de pessoas que nunca foram agredidas fisicamente, mas carregam uma história invisível ou microscópica de agressão. Por exemplo, o sofrimento psíquico contínuo de mulheres

que nunca foram agredidas fisicamente, mas que sofrem pelo aguilhão da linguagem, seja ela publicitária na qual elas aderem pelas condutas da moda, da beleza e de outras exigências, ou pela humilhação, pelas ameaças, pelos gritos do parceiro. Na sua maioria, essas mulheres foram, desde a infância, alvos de depreciação pelas comparações dos pais ao filho preferido, “Você é esforçada, teu irmão é inteligente”, pode ser muito mais destruidor do que uma agressão física que venha casualmente ocorrer pelo parceiro adulto. Embora a tese não analise a vida pregressa das participantes do *corpus* de pesquisa, a escuta do trabalho de psicoterapia revela que a violência psicológica, ao longo da infância, perpetrada pela família, é destruidora, na maioria dos casos de mulheres que depois de adultas, procuram a psicoterapia. É sabido que as dificuldades para uma criança reagir às comparações desproporcionais, às chantagens e exigências abusivas às quais ela foi submetida pela família, são inúmeras. Uma delas é o fato da criança enxergar nos pais o modelo pelo qual ela deve se comportar como filha ou filho, para serem reconhecidos como sujeitos desejados. Muitas mulheres procuram atendimento psicológico porque passaram parte da vida se esforçando como filhas para serem amadas pelos pais. Na vida conjugal adulta, parecem repetir tal reverberação, ao se sacrificarem e se submeterem aos parceiros para se sentirem amadas. São frequentes nos atendimentos psicológicos, a manifestação dessas mulheres acerca desse tipo de amor no qual ela se esforça para obter o reconhecimento do companheiro. Damos alguns exemplos extraídos do nosso corpus de pesquisa.

Boa noite! Meu marido diz q me ama e não querer sair d casa, mas está saindo com uma amiga do nosso filho. Depois de quase 20 anos juntos, será q ainda posso recuperar o casamento se ainda amo ele?” (Registro 257)

Nominada de categoria F2 (Esperança e Culpa), as falas dos excertos expressam um pedido de ajuda para recuperar o relacionamento. São demandas que imprimem nessas mulheres um sentimento de responsabilidade pelo perigo da separação, cabendo a elas a obrigação de recuperar e manter o casamento.

Ola Gilberto! eu e meu marido estamos juntos há 6 anos e parecemos estranhos, não temos assuntos , eu queria saber como me aproximar dele, que assuntos eu poderia ter para quebrar o silencio(pra se ter uma ideia já foi sábados e domingos sem que a gente trocasse uma palavra sequer), queria conversar mais com ele mais não sei por onde começar, parece que tem uma barreira entre nos, sabe quando vc fala e a pessoa não dá importância..

queria que ele me admirasse e que fôssemos felizes... por favor me ajude pois não sei por onde começar.” (Registro 322).

São mulheres que se esforçam para encontrar uma fórmula, de fixar uma relação, mesmo que perante o absurdo. Sujeitam-se às mais diversas explorações. O valor não tem importância, porque muitas pagam o preço.

Olá. Tenho uma series de dúvidas em relação a um cara que conheci. É o seguinte, sou morena treino na academia já faz uns anos, posso dizer que vivo bem. Na academia onde treino, conheci uma cara muito bonito e forte, moreno igual a mim, com o tempo fomos conversando e acabamos saindo, o nosso combinado foi somente sexo, ele tem 34 , e eu 24, saímos e tivemos uma noite bem legal Depois disso continuamos saindo d vez em quando mas sempre eu pagando a conta , e depois da 2º vez que saímos, ele me disse q tava em uma situação difícil e queria saber se eu podia emprestar uma grana para ele, valor de 300 reais, eu emprestei. Aí depois disso saímos novamente gastei em uma noite com ele cerca de 200 reais, qndo foi a hora d voltar p casa eu não queria ir p minha casa e fomos para a dele. Na casa dele ele me esculachou me chamou de grudenta chata e q o negócio dele era só sexo, q nunca tinha gostado de mim e tal, fiquei desolada chorei por 3 dias pq eu já estava me apaixonando por ele, foi uma paixão q veio sem querer talvez pq eu estava carente, depois disso fiquei uns dias sem falar com ele, ai novamente voltamos a nos falar ele vive me ligando, diz q gosta d mim, mas novamente me pediu 400 reais emprestado, eu não dei a resposta p ele, aí, depois disso ele vive me ligando me manda mensagens de carinho e tudo mais, já até me convidou p sair, mas acabou q eu inventei uma desculpa pq pensei q se chegássemos lá eu iria ter q pagar. Agora ele me liga querendo saber onde estou, com quem. Olha eu tô muito afim dele mas queria sua ajuda p me dizer o q ele realmente quer, se é somente interesse financeiro, ou se ele gosta de mim pq eu não tô conseguindo enxergar a realidade..

desde já agradeço sua resposta
abraços. (Registro nº 667)

Percebe-se a dificuldade dessas mulheres em discernir o real do imaginário, vinculando-se muito mais aos sentimentos que construiu sobre o parceiro do que o que o parceiro é na realidade cotidiana.

3.3 TRÊS ONDAS DO FEMINISMO NO BRASIL

O nascimento das três correntes teóricas apresentadas na subseção anterior, coincide com as três ondas do feminismo brasileiro assim nominado por Pinto (2003) comentados a seguir. São elas o resultado das mudanças históricas que ocorreram na nossa sociedade entre os anos de 1970 e os anos de 1990. Observa-se que até o final dos anos 60 para a virada da década de 1970, tivemos o feminismo sufragista. Esse buscava a igualdade de direitos entre homens e mulheres, nominado como

sendo o feminismo das semelhanças segundo Pinto (2003, p. 13-15). “Somos iguais”, essa era voz que ressoava na época. Acusadas de elitistas, pois essas mulheres vinham da classe média, as sufragistas não enfocaram o homem no centro do problema da assimetria entre o feminino e o masculino. Diferentemente do feminismo “mal-criado”, nos termos de Pinto (2003, p. 37) que via o homem como o opressor.

Nos anos de 1970, o machismo, a ditadura militar masculina e o direito hegemônico dos homens, mantinham a lógica da polarização “mundo masculino” e “mundo feminino”; como categorias hierarquizadas. Lembremos que alguns direitos, como o do voto da mulher é uma conquista muito recente. Somente se consolidou em 1932. Não por acaso, a primeira corrente teórica da violência contra a mulher foi denominada de corrente da “dominação masculina, resultado da anulação da mulher pelos homens” (SANTOS; IZUMINO, 2005, p. 1). Presumimos que até o final dos anos de 1970 e começo dos anos de 1980, fosse historicamente necessário alimentar a teoria da denúncia contra os homens, centralizando as teorias, as pesquisas e a militância, contra eles, para dar visibilidade social a uma situação que até então dava o direito ao homem de agredir, ou matar a esposa, em legítima defesa da honra. Eram os chamados crimes passionais, justificados pela emoção e pela paixão. Um tipo de crime exclusivamente masculino, justificado “pelo amor”. Compreensível a responsabilidade social das feministas não se interessarem por perspectivas mais relacionais, como o “consentimento” da mulher nos termos de Perrot (1988, p. 184) ou por sua possível cumplicidade, porque no final dos anos de 1970, o poder vertical e arbitrário dos homens era legitimado não somente pelo estatuto legal da época, como também pelo machismo vigente. Esse dicotomizava de um lado, a legítima defesa da honra como crime tipicamente masculino e do outro, o adultério como crime tipicamente feminino. Tal paradoxo colocava sempre a mulher na condição de culpada, ou de vítima. Não se vislumbravam outras possibilidades de se pensar o fenômeno, senão pela revolta histórica das “vingadoras” (CORRÊA, 1981, p. 76).

A segunda onda do feminismo no Brasil ocorreu nos anos de 1980 e inaugurou o feminismo das diferenças, segundo Pinto (2003). Entram em voga discussões sobre o aborto, a liberdade sexual e se incluem nas discussões feministas a saúde da mulher em seus aspectos mais íntimos como a sexualidade e o amor. Nessa perspectiva, a mulher passa a ser tratada como uma categoria diferenciada dos homens à medida que a liberdade sexual da mulher ganha visibilidade. Nota-se que houve um deslocamento do mirante sociológico das causas públicas, como o direito do voto,

para uma perspectiva mais indutiva das causas privadas, como o direito à sexualidade levando o olhar do pesquisador para outros mirantes. Se o sufragismo foi nominado de feminismo das semelhanças, por proclamar “somos iguais”, a nova virada feminista dos anos de 1980, proclamava “somos mulheres”, daí a designação dessa onda como o feminismo de identidade e a preocupação com outras dimensões do fenômeno, como a saúde da mulher, o aborto, a sexualidade, o planejamento familiar e a sua vida conjugal. Em 1988, o artigo 5º da Constituição iguala homens e mulheres em direitos e obrigações. É por essa via que, nessa década, iniciam-se as primeiras instituições de atendimento às mulheres vítimas da violência de seus companheiros.

Independentemente dos diferentes feminismos e das divergências entre as pesquisas de gênero, muitos avanços fundamentais ocorreram. Para o sociólogo Bourdieu (2011; p. 106), “a maior mudança está, sem dúvida, no fato de que a dominação masculina não se impõe mais com a evidência de algo que é indiscutível”. Essa dominação, naturalizada até a década de 1970, foi parcialmente desnaturalizada. No entanto, as teorias essencialistas, biologizantes, tão radicais quanto as perspectivas extremas da imaterialidade pós-moderna, encontram-se em processo de relativização, sobretudo no corpo de quatro instituições básicas da nossa sociedade, para as quais aponta Pierre Bourdieu. “Família, Igreja, Estado, Escola” (BOURDIEU, 2011, p. 101).

A terceira onda feminista desloca-se da categoria mulher para a categoria gênero, pois não restringe o feminismo apenas à mulher como era nos anos de 1980. O feminismo do início dos anos de 1990, influenciado pelo pós-estruturalismo, procurou desconstruir a categoria mulher, para a análise das diferenças de gênero até chegarmos às correntes da pós-modernidade em que se concebe a dissolução da própria noção de gênero. Nossa tese procurou focar a categoria mulher e seu sofrimento acerca da violência conjugal. Mais especificamente, o seu lugar no discurso da violência a partir dos anos de 1980, momento em que a sociedade expunha publicamente a violência contra a mulher, estampado no excerto a seguir.

Dez de outubro de 1980: dia em que a escadaria do Teatro Municipal de São Paulo ficou repleta de mulheres vestidas de branco e portando faixas com os dizeres “O silêncio é cúmplice da violência”, e, nomes de mulheres assassinadas por seus maridos. Um evento público que entre outras denúncias e palavras de ordem divulgou a formação da entidade SOS-Mulher...A ideia foi promover um júri popular que julgasse o assassinato recente de duas mulheres: Esmeralda Dias e Anne Marie Armichaub. “Quem

ama não mata” foi a frase repetida aos berros pelo coro das feministas entre cada uma das falas proferidas ao microfone. (GREGORI, 1993, p. 40).

A violência dos homens contra a mulher passa a ser o foco central do feminismo nesse período; especialmente das mulheres agredidas por seus maridos. Inicia-se uma reflexão sobre o amor e o poder na vida conjugal. A busca de autores, como Foucault, é utilizada para questionar a teoria da dominação patriarcal que concebe o poder como uma ordem vertical dos machos sobre as mulheres. Assim, novas perspectivas se manifestam.

Primeiro, entendemos que a noção de dominação patriarcal é insuficiente para dar conta das mudanças que vêm ocorrendo nos diferentes papéis que as mulheres em situação de violência têm assumido. Defendemos uma abordagem da violência contra as mulheres como uma relação de poder, entendendo-se o poder não de forma absoluta e estática, exercido via de regra pelo homem sobre a mulher, como quer-nos fazer crer a abordagem da dominação patriarcal, senão de forma dinâmica e relacional, exercido tanto por homens como por mulheres, ainda que de forma desigual. (SANTOS; IZUMINO, 2005, p. 8)

As pesquisadoras também destacam a relativização do lugar da vítima no processo da violência conjugal como apontam a seguir.

As pesquisas sobre o tema vêm demonstrando que a mulher, não é mera vítima, no sentido de que, ao denunciar a violência conjugal, ela tanto resiste quanto perpetua os papéis sociais que muitas vezes a colocam em posição de vítimas. O discurso vitimista não só limita a análise da dinâmica desse tipo de violência como também não oferece uma alternativa para a mulher. (SANTOS; IZUMINO, 2005, p. 5)

Outras pesquisadoras também se encaminham para essa direção, como Gregori (1993). A antropóloga entende a violência como um jogo relacional, no qual se desempenha um papel socialmente construído e esperado, “De um certo modo ser vítima significa aderir a uma imagem de mulher” (GROSSI, 1991, p. 6). A relação entre a vitimização e o amor, passa a ocupar um lugar nos estudos da violência. Até então essas duas categorias haviam permanecido na sombra das perspectivas de gênero. A presença da paixão nos estudos feministas não só relativiza a posição “passiva” da mulher, como convoca novos diálogos com novas perspectivas teóricas. Até o final dos anos de 1980, poucos estudos focaram os fatores e processos que poderiam estar corroborando com a manutenção da violência conjugal.

Estudos mais recentes sobre a violência doméstica no Brasil, especialmente nos anos noventa, reconhecem atitudes que levam mulheres a se manterem em relações de violência e até mesmo contribuírem para a continuidade do jogo, não só nos campos da Psicologia e da Psicanálise quanto no campo dos estudos de gênero e estudos feministas. (MACHADO, 1998, p. 3)

A afirmação vigente dos anos de 1980, “Quem ama não mata”, vai aos poucos se enfraquecendo na entrada dos anos de 1990, perante as novas perspectivas teóricas sobre as relações conjugais. Quem padece do amor-paixão (ROUGEMONT, 1988) está condenado a uma relação de dor, e em muitos casos, até que a morte os separe. A maioria dos assassinatos de mulheres no Brasil, ainda recebe a nomeação de crime passionai, pela crônica policial. Nesse caso, quem ama, mata. O amor-paixão é um vício para Norhood (1988). Leva ao sofrimento para Rougemont (1988). É uma “carga” para Bourdieu (2011). No drama de Romeu e Julieta, atribui-se ao “destino” a força do amor e antes ainda, no mito de Tristão e Isolda, teria sido uma “poção mágica” o álibi que uniu o casal. Na nossa tese, o amor é tratado como um “dispositivo” ao qual, em diferentes graus todos aderimos.

As pesquisas feministas dos anos de 1990 encontram outras realidades históricas e outros discursos que se interpenetram, exigindo novas perspectivas sobre o fenômeno da violência contra a mulher.

As políticas sociais e pessoais que se seguiram se encaminharam para o aprofundamento e deciframento dessas questões. Tiveram que se defrontar não só com propostas de mudanças sociais e pessoais para os homens criticando suas posições de poder e de violência, mas também se defrontaram com o reconhecimento da dificuldade de mudar para muitas das mulheres suas posições de vítimas.

As, e os analistas da temática passaram a delinear e nomear como objeto de reflexão a trama mesma das relações entre homens e mulheres, e a dupla indagação sobre os lugares de uns e outros. Não basta entender as mulheres como vítimas, mas sim suas reações e interações. Também não basta entender as relações conjugais entre homens e mulheres apenas como relações de poder ou não-poder, de desigualdade ou de igualdade e de violência ou de não violência; essas relações também se organizam como relações de afetividade, sexualidade, amor e paixão. (MACHADO, 1998, p. 3).

Este trabalho considera que as lutas feministas das décadas de 1970 e 1980 foram de suma importância e se fizeram procedentes nessa caminhada contra a violência sobre a mulher. A perspectiva relacional que adotamos só é possível de existir porque outras lutas nos precederam.

4 PERSPECTIVAS TEÓRICAS

4.1 A VIOLÊNCIA QUE NÃO APARECE NO CORPO DA MULHER

Nos últimos dez anos, o homicídio de mulheres no Brasil cresceu 21,0%. O *Mapa da violência 2015* informa que em 2013, a cada dia em nosso país, 13 mulheres eram assassinadas. Quase a totalidade das mortes é causada por parceiros ou ex-parceiros, utilizando arma de fogo (48,8%). O local onde ocorre a violência situa historicamente o lugar da mulher e o lugar do homem na esfera pública e privada. Em média, 50% das mortes do gênero masculino ocorrem na rua e em outros espaços públicos, enquanto que 31% dos homicídios de mulheres ocorrem em espaço doméstico.

Estamos nos referindo à violência letal, mas os dados do *Mapa 2015* dão um panorama pouco divulgado, em função da sua imaterialidade: referimo-nos à violência não letal que é, em termos de tabela, dividida em violência física e violência psicológica. Essa violência – física e psicológica – atinge todas as etapas de desenvolvimento da mulher, desde a infância até a velhice e aumenta à medida que as meninas se tornam jovens. A violência física e psicológica é progressiva para as mulheres também na vida adulta e velhice, enquanto que para os homens ela diminui à medida que os meninos se tornam jovens e adultos. Por isso, a incidência de atendimento registrados pelo Sistema Único de Saúde (SUS), em 2014, é constante e maior entre as mulheres que aos homens.

Em todas as etapas da vida, preponderam os atendimentos femininos. A incidência vai crescendo a partir de um certo equilíbrio entre os atendimentos a crianças, quando 54,1% são meninas e aumenta até a idade adulta, quando 71,3% dos atendimentos são de mulheres e só 28,6% são de homens (WAISELFISZ, 2015, p. 42).

As mulheres sofrem mais esse tipo de violência desde a infância. Embora nessa fase, tanto meninas quanto meninos sofram a mesma proporção de violência, à medida que os meninos vão crescendo, diminui a violência contra eles e aumenta a violência contra elas. Durante a infância, as mães agredem mais os filhos e filhas do que os pais e padrastos. Pela ordem de agressão na faixa etária que se estende de um a onze anos, 42,3% das agressões registradas pelo SUS foram causadas pela mãe da vítima. Já para os adolescentes de 12 a 17 anos, a porcentagem da agressão

divide-se entre os pais (26,5%) e os parceiros ou ex-parceiros (23,2%). Na fase jovem e na fase adulta, dos 18 aos 59 anos, o principal agressor é o parceiro ou ex-parceiro, responsáveis pela metade das agressões.

Mesmo com a Lei Maria da Penha sancionada em 2006, os dados do SUS em 2014 mostram que metade (49,2%) dos agressores, volta a agredir suas parceiras. A reincidência aumenta um pouco mais no caso das mulheres adultas: de 30 a 59 anos. Convém destacar que se o número de assassinatos é menor na fase adulta do que entre 18 e 30 anos, o número da violência física é maior entre 30 e 59 anos. Isso apenas reforça o que já foi apresentado anteriormente acerca da violência psicológica. Relembramos ao leitor que até o momento destacamos apenas a violência letal e a física e que essas categorias de violência são também conduzidas pela violência psicológica, e esta pode se iniciar muito anteriormente ao homicídio e agressões. A violência psicológica tem seu fruto também na cultura discursiva violenta de que temos tratado.

Não seria possível e nem necessário separar, nominar e classificar as diferentes formas de violência, pois entendemos que elas se interpenetram e se retroalimentam. Seja a violência simbólica, nos termos de Bourdieu (2011) apresentada na seção “O dispositivo do Machismo”, ou outras formas, enfocamos aqui no nosso trabalho, a violência discursiva, como um dos segmentos dos dispositivos culturais e que tal violência não se descola das condições materiais e históricas, pois o discurso é uma “prática orientada”. Se o discurso orienta as condutas, não seria ele uma das fontes que reverbera e proporciona a agressão e a morte? Essa violência discursiva é profunda tanto para homens quanto para mulheres; demonstrando a cumplicidade de todos com a cultura machista. Se quase metade dos agressores reincide na agressão, mesmo com a lei, por um lado seja porque ela ainda não foi devidamente incorporada pela sociedade. De qualquer forma ela é necessária para evitar que o agressor continue agredindo. No entanto, ressaltamos que, embora ela puna o agressor, não consegue questionar o discurso da violência que não cessa de pulular, pois como admite o autor do *Mapa 2015*:

a violência contra a mulher é mais sistemática e repetitiva do que acontece contra os homens. Esse nível de recorrência da violência deveria ter gerado mecanismos de prevenção, o que parece não ter acontecido (WAISELFISZ, 2015, p. 51).

As análises sobre a violência dão mais ênfase aos aspectos materiais da agressão não só por serem alarmantes, mas também porque são metodologicamente observáveis. Já não é o caso da violência psicológica-discursiva. Outro ponto contundente, em termos de método, são os critérios que o *Mapa 2015* adotou para categorizar a violência imaterial (TABELA 6):

TABELA 6 – Número e estrutura (%) de atendimentos de mulheres pelo SUS, segundo tipo de violência e etapa do ciclo de vida (Brasil, 2014)

Tipo de violência	Número						%					
	Criança	Adolescente	Jovem	Adulta	Idosa	Total	Criança	Adolescente	Jovem	Adulta	Idosa	Total
Física	6020	15611	30461	40653	3684	96429	22,0	40,9	58,9	57,1	38,2	48,7
Psicológica	4242	7190	12701	18968	2384	45485	15,5	18,9	24,5	26,6	24,7	23,0
Tortura	402	779	1177	1704	202	4264	1,5	2,0	2,3	2,4	2,1	2,2
Sexual	7920	9256	3138	3044	227	23630	29,0	24,3	24,5	26,6	2,4	11,9
Tráfico seres	20	16	28	30	3	97	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Econômica	115	122	477	1118	601	2433	0,4	0,3	1,6	6,2	6,2	1,2
Negl./ Abandono	7732	2577	436	593	1827	13175	28,3	6,8	0,8	0,8	19,0	6,7
Trabalho infantil	140	133	-	-	-	273	0,5	0,3	0,0	0,0	0,0	0,1
Interv. Legal	75	94	64	90	29	352	0,3	0,2	0,2	0,1	0,3	0,2
Outras	649	2359	3228	4978	684	11898	2,4	6,2	6,2	7,0	7,1	6,0
Total	27315	38137	51755	71178	9651	198036	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Waiselfisz (2015).

Na Tabela, a violência psicológica está separada da violência sexual, da tortura, da negligência, do trabalho infantil, do tráfico de pessoas, entre outras, da violência física. Todas as formas de violência da tabela são violências psicológicas, pois o fato de existir uma materialidade (o corpo) não exclui a presença da imaterialidade, como o xingamento, a humilhação, a depreciação, a chantagem, as mentiras, as ameaças, a obliteração, o isolamento, o despotismo e uma legião de semânticas que levam ao pânico, ao terror, ao medo, à angústia, enfim a uma narrativa do sofrimento que não pode ser denunciada por uma criança. Não é percebido pelos adultos e nem reconhecida pela sociedade como um vírus, um tapa, uma faca ou uma bala. A tabela

mostra que a violência psicológica é mais frequente na “etapa jovem” (18 a 29 anos). Antes dessa idade, a violência psicológica é pouco prevalente. Isso não quer dizer que ela não ocorra. Crianças têm menos acesso e autonomia ao ato da denúncia e muito mais controle dos adultos sobre tais iniciativas. Apesar de a tabela separar a violência psicológica da sexual, não compactuamos com essa divisão, pois o físico e o psicológico são faces da mesma moeda. A linguagem violenta leva à ação violenta e vice-versa, num círculo vicioso dialógico.

4.2 REFLEXÕES SOBRE A NOÇÃO DE VIOLÊNCIA

“É difícil, pois, identificarmos o sujeito da violência, quando ela é sistêmica ou estrutural” (FELIPE; PHILIPPI, 1998, p. 35). Mais fácil é centrar a atenção na agressão interpessoal do que na violência estrutural, como a violência econômica ou os mecanismos de colonização adotados pelas sociedades industriais. Formas de violência naturalizadas e que nos passam de forma imperceptível, decodificadas como sendo um processo normal do desenvolvimento histórico.

Somente a partir de 1920, quando a Antropologia, guiada pelo relativismo cultural, reconhece que cada cultura tem a sua lógica própria é que ela começa a voltar os olhos para os genocídios étnicos. Com a exploração do Novo Mundo, a partir do século XVI, inicia-se o extermínio dos nativos. Em nome da coroa e da igreja, esses povos “sem lei, sem rei e sem fé” sentiram na pele e na alma as marcas da cruz e da espada²¹. A pergunta que os exploradores faziam para reconhecer ou destituir aqueles que acabaram de serem descobertos era: eles “pertencem à humanidade? A Igreja Católica da época das conquistas não pôde se ausentar de tais perguntas formuladas acerca da humanidade ou não dos nativos do Novo Mundo, sendo necessário um debate político, em seu interior, nos marcos teológico-filosóficos para decidir o que fazer com o Novo Mundo.²² O critério essencial para saber se convém atribuir-lhes um

²¹Relatos da época sobre a barbárie e extermínios dos nativos do Novo Mundo encontram-se, por exemplo, nos escritos de Frei Bartolomé de Las Casas: CASAS, Bartolome de las. **O paraíso destruído:** brevíssima relação da destruição das Índias. Porto Alegre: L&PM, 1984. 150 p.

²²Tal debate, que teve Frei Bartolomé de Las Casas (1474-1566) e Juan Ginés de Sepúlveda (1490-1573) como protagonistas de teses opostas, ficou conhecido como “Junta de Valladolid”, ocorrido em 1549. Las Casas, ao contrário de Sepúlveda, defendia a humanidade dos nativos e também a tese de que não se podia entender a cultura dos nativos com lentes europeias. Séculos mais tarde, estas mesmas ideias de viés lascasiano voltaram à tona na Antropologia Cultural, por exemplo, a de Franz Boas.

estatuto humano é, nessa época, religioso: o selvagem tem uma alma?” (LAPLANTINE, 1989, p. 37-38).

Séculos depois e com o mesmo impulso imperialista, a Conferência de Berlin, no final do século XIX – 1884-5, dividiu a África em colônias europeias para levar a civilização aos povos “primitivos”. Reconhecer a humanidade era pertencer à civilização, e esta civilização era a europeia. O assassinato de nativos africanos não era entendido como genocídio. Há crime sem lei que antes o defina? Até o final da Segunda Guerra Mundial, a Europa não tinha vivido tão proximamente o extermínio aos moldes dos judeus pelos nazistas. A palavra “genocídio” foi juridicamente oficializada como crime em 1946, após a opinião pública reconhecê-la como tal, contudo, extermínios como os do Novo Mundo e da África não são encarados como “genocídios”, se muito como “conquistas”. Vemos aí o uso da linguagem, por parte dos vencedores, no seu sentido eufêmico quando o outro violentado e exterminado não é europeu, caucasiano, “civilizado”, devoto da tradição religiosa judaico-cristã.

A noção de violência adotada pelo *Mapa 1998* e pelo *Mapa 2012* concebia que há violência quando em uma situação de interação um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou a mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais (MICHAUD, 1989).

A expressão “em briga de casal não se mete a colher” é mais um exemplo da mudança de perspectiva dos “fatos”, pois são eles fatos apenas porque uma teoria promove-os ou rebaixa-os à condição de realidade. As “surras”, castigos físicos, privações e humilhações às quais as crianças eram submetidas, na concepção adulta das famílias tradicionais, eram entendidas como medidas educadoras. Hoje, essas mesmas atitudes são enquadradas pela “Lei da Palmada”, que tenta ainda inscrever a palmada e outras agressões, na linguagem da cultura local, nomeando-a como uma violência.

Em 1996, a Assembleia Mundial da Saúde convocou a ONU para tipificar as diferentes formas de violência. “A tipologia aqui proposta divide a violência em três amplas categorias, segundo as características daqueles que cometem o ato violento: a) violência autodirigida; b) violência interpessoal; c) violência coletiva”, (KRUG et al., 2002, p. 5). Também dividiu a violência interpessoal em duas sub-categorias: violência da família e de parceiro(a) íntimo(a) e violência comunitária. A terminologia

“parceiros” é utilizada pelo último *Mapa da Violência 2015* e trata-se de um recorte que agrupa agressores cônjuges e namorados, como agressores ex-cônjuge e ex-namorado. O conceito de violência adotado pela Organização Mundial da Saúde no Relatório Mundial sobre violência e saúde em Genebra 2002 define:

A violência configura-se como o uso da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte ou dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação... A inclusão da palavra ‘poder’, completando a frase ‘uso de força física’, amplia a natureza de um ato violento e expande o conceito usual de violência para incluir os atos que resultam de uma relação de poder, incluindo ameaças e intimidação. O "uso de poder" também leva a incluir a negligência ou atos de omissão, além dos atos violentos mais óbvios de execução propriamente dita. Assim, o conceito de uso de força física ou poder deve incluir negligência e todos os tipos de abuso físico, sexual e psicológico, bem como o suicídio e outros atos autoinfligidos. Esta definição cobre uma ampla gama de resultados, incluindo injúria psicológica, privação e desenvolvimento precário. Ela reflete um crescente reconhecimento entre pesquisadores da necessidade de incluir a violência que não produza necessariamente sofrimento ou morte, mas que, apesar disso, impõe um peso substancial em indivíduos, famílias, comunidades e sistemas de saúde em todo o mundo (KRUG et al., 2002, p. 5).

Outras fontes assim definem a violência:

- ✓ Violência contra a mulher.

A violência contra as mulheres é definida pelas Nações Unidas como qualquer ato de violência de gênero que resulte ou possa resultar em dano físico, sexual, dano psicológico ou sofrimento para as mulheres, incluindo ameaças, coerção, ou privação arbitrária de liberdade, tanto na vida pública como na vida privada. (ONU, 1994, p. 4)

- ✓ Violência sexual.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, violência sexual é “qualquer ato sexual ou tentativa de obter ato sexual, investidas ou comentários sexuais indesejáveis, ou tráfico ou qualquer outra forma, contra a sexualidade de uma pessoa usando coerção”. Pode ser praticada por qualquer pessoa, independente da relação com a vítima, e em qualquer cenário, incluindo a casa e o trabalho. A violência sexual pode ser exercida no espaço doméstico (casa) ou no público (rua). (SOUZA; ADESSE, 2005, p. 37).

É importante ressaltar que a violência sexual contra as mulheres não deve ser abordada como um problema de esfera privada ou das relações interpessoais, e sim como um problema social que exige para o seu enfrentamento ações públicas no âmbito da segurança, do direito e da saúde. (VILELA. LAGO, 2007, p. 472).

Os estudos publicados até agora sobre violência de gênero concluem que a maioria dos assassinatos de mulheres ocorre dentro do espaço doméstico e são cometidos pela seguinte ordem: ou por parceiros com os quais elas convivem, ou por ex-parceiros ou pelo marido. Nenhum deles mata ou agride abruptamente sem que tenha antes participado do ritual onde se inicia o fenômeno. As brigas de casais mediadas pelo “bate-boca” dentro de casa. É nesse embate que as palavras crescem e se tornam palavrões e xingamentos, cuja função é a de fazer o outro se calar pela disputa de quem dará a “última palavra” (GREGORI, 1993, p. 179). É a linguagem que também leva ao ato de violência. E esta realimenta a palavra. Uma é corolário da outra. Releva-se também que, se os dados numéricos acerca da violência física são assustadores, por serem palpáveis e observáveis, o que dizer da violência discursiva e simbólica que o precede numa dialogia constante?

Cada agressão letal é antecedida por uma série de agressões psicológicas. Logo, estas ocorrem em maior número de vezes que a violência física. A violência discursiva está presente no dia a dia das relações violentas e se manifesta pela linguagem que o casal se utiliza no embate amoroso. A violência discursiva é o palco onde se materializa a violência física e os assassinatos de mulheres. O *Mapa da violência 2015* constatou que o lugar privilegiado das agressões contra a mulher é a residência da vítima, pois 71,9% dos casos ocorrem no ambiente doméstico. Em 2014, o Ministério da Saúde tipificou o agressor pelos atendimentos de mulheres agredidas que acabaram procurando socorro nas unidades de atendimento do SUS. Esses dados foram publicados pelo mesmo *Mapa da Violência 2015* e indicam que a maioria das agressões contra as mulheres, foi causada por seus parceiros ou ex-parceiros amorosos.

Esta pesquisa não tem como centro a violência física ou a letal, mas é sabido que, especialmente no convívio entre casais violentos, o homicídio é a última etapa de uma sequência de violências físicas e psicológicas que se repetiram por longos períodos de tempo no curso da vida conjugal, como um ciclo que se inicia com xingamentos, bate boca, podendo avançar para a violência física, podendo culminar com o homicídio.

4.3 PONDERAÇÕES SOBRE A NOÇÃO DE CULTURA E VIOLÊNCIA

Mencionou-se ao longo da tese sobre a cultura da violência. Sem alongar as reflexões sobre o conceito antropológico de cultura, uma discussão complexa das

Ciências Humanas, gostaríamos, em primeiro lugar, de apenas apresentar aqui a noção de cultura que defendemos, para em seguida, na mesma seção, comentar algumas ponderações sobre a violência.

Ao lançar uma perspectiva imaterial sobre a análise das culturas, Clifford Geertz adota uma leitura interpretativa do ser humano, assumindo um conceito hermenêutico de cultura: “O conceito de cultura que eu defendo [...] é essencialmente semiótico”. (GEERTZ, 1989, p. 15). Ele se denomina como sendo um antropólogo de símbolos e significados, por entender que o ser humano é uma criatura em busca de sentido, guiado por uma “teia de significados comuns” aos habitantes de um dado contexto. Semiótico significa aqui que os valores culturais são construídos socialmente.

A proposta metodológica de Geertz (1989) é a de interpretar a cultura como se ela fosse uma narrativa literária em que o leitor não pretende buscar leis, como fazem as ciências experimentais, mas sim uma procura interpretativa de significados locais. Geertz não trabalha com teorias, pois ele alerta que se trata de uma questão epistemológica, ao recomendar que “é necessário que os antropólogos vejam o mundo do ponto de vista dos nativos” (GEERTZ, 1997, p. 86). Dessa forma ele procura minimizar as tendências de se impor um saber sobre o outro. Apesar desse esforço, ele é vigorosamente criticado pela desproporção entre a sua pretensão interpretativa e a possibilidade metodológica prática de se alcançar os significados nativos (KUPER, 2002, p.144-159). Esta é uma longa discussão epistemológica no campo da Antropologia. Qual o melhor caminho para se entender a lógica do outro? Pela Análise do Discurso, há sempre o embate entre os sujeitos, ou seja, não há como o pesquisador impor o seu mirante, pois o pesquisado não é totalmente decodificado. Ademais, ambos resistem um ao outro. Assim, há sempre confronto, disputa e luta.

Geertz (1997) estudou intensamente três sociedades: a javanesa, a balinesa e a marroquina. Apesar dos seus intensos trabalhos de campo, não produziu nenhuma teoria, na medida em que a única teoria possível seria o próprio constructo cultural nativo, ou o que ele nomina de um “saber local”; ou ainda, aquilo que os nativos narram. Aqui reside uma crítica a essa possibilidade, já que inelutavelmente, essas narrativas serão sempre interpretadas pelo antropólogo, pois como afirma Marc Augé, o antropólogo que pretende entender a lógica do outro pelo olhar do nativo, deixaria de ser um antropólogo para se tornar um nativo. No caso das “teólogas de mulheres”, a situação se deu pelo contrário. As atendentes do SOS-Mulher queriam que as vítimas da agressão deixassem de ser aquelas mulheres, para se tornarem feministas.

Geertz (1997) minimiza o problema quando reconhece que o antropólogo não só lê o texto cultural, mas também fabrica um texto próprio. A tentativa de Geertz é de compreender a comunicação simbólica dos nativos, através das metáforas e das narrativas locais, contos, ritos religiosos. Ele se afasta das abordagens sociais e econômicas. Com seu estilo literato e “repleto de alusões culturais elevadas”, atraiu uma legião de pesquisadores que não se afinam à antropologia marxista; como os, historiadores culturais, culturalistas, os psicólogos culturais e literatos pós-modernos.

Geertz (1997) vê na organização dos símbolos uma estratificação de valores que se organizam hierarquicamente. Os símbolos sagrados da alta cultura, como os símbolos religiosos, têm mais autoridade sobre os outros, por serem os aspectos mais privilegiados da sociedade. Por isso, eles ordenam o todo, hierarquizam, privilegiam e controlam o comportamento dos indivíduos, dando a eles um significado mais ou menos comum.

Acrescentamos a essa tecelagem e seus emaranhados, a ideia de Bourdieu (2011), para o qual a cultura não é de toda uma produção espontânea e igualitária da humanidade, ou um belo texto literário. Ela é, também, construída por relações de intenso conflito. Constituída por estratégias de legitimação das verdades em busca da conquista da autoridade. Sobretudo, pela conquista das significações e das crenças acerca da autoridade masculina e a posição, historicamente fragilizada, da mulher perante essa autoridade. Geertz hierarquiza certos símbolos, na medida que eles são mais valorizados naquele local. Uma das significações que Geertz eleva em os seus estudos é o valor dado à religião.

No caso das sociedades modernas, as significações masculinas ocupam esse lugar privilegiado. O homem não só tem mais valor no mercado de trabalho, como, “ser um homem” é ter mais acesso ao poder de dominação. Como um relativista cultural, Geertz não deifica as hierarquias, apenas reconhece-as. Ao contrário dele, a “antropologia dos sexos” com base no Estruturalismo, reconhece a hierarquia masculina como uma estrutura universal. Baseados num sistema de linguagem que opõe a relação, idêntico/diferente, dando valores a esse binário que sempre se organiza em torno do calor/frio, seco/úmido, alto/baixo, inferior/superior, claro/escuro, masculino/feminino. Por essa perspectiva linguística a “herdeira” de Lévi-Strauss assevera a posição de que não se constitui uma sociedade sem diferenças e sem hierarquias, posição essa muito defendida por outros antropólogos como na obra *Homo Hierarchicus* de Louis Dumont. Não se trata de uma hierarquia tirana e vertical,

mas sim uma “complementaridade dos contrários” Também a discípula de Strauss não zela otimismo pela construção da igualdade, já que mesmo sendo possível uma igualdade jurídica ou econômica, entre homens e mulheres, não seria possível apagar a diferença simbólica do idêntico/diferente e dos “pesos” dados às diferenças. Assim, a antropóloga se posiciona:

duvido que alguma vez se chegue a uma igualdade idílica em todos os domínios, na medida em que toda sociedade não pode ser construída de outro modo a não ser pelo conjunto de armaduras estreitamente ligadas umas às outras, como sejam a proibição do incesto, a repartição sexual das tarefas, uma forma legal ou reconhecida de união estável e, acrescento, a valência diferencial dos sexos”(HÉRITIER, 1996, p. 28).

A antropóloga reconhece que as mulheres conquistam a igualdade das tarefas masculinas, mas crê que haverá sempre, mais longe, mais além, um “domínio reservado masculino” (p. 27). Entende que a valência diferencial dos sexos se impõe de forma universal, como a proibição do incesto, cuja função é estabelecer um sistema de parentesco capaz de nominar, por um sistema de linguagem, (tio, avó, mãe, filho, neto etc.) e dizer quem não pode casar com quem. Esse sistema de casamento é a base fundante das sociedades humanas, na perspectiva levistraussiana.

Retomando nossa referência, em outra obra, (GEERTZ, 2001) sugere uma revisão do conceito de cultura e dialoga com outras disciplinas, buscando apoio na Psicologia Cultural, fundada por Vigotsky e introduzida nos Estados Unidos por Jerome Bruner. Este anuncia que o próximo capítulo da Psicologia deva ser a revisão do conceito de cultura. Tanto Geertz quanto Bruner iniciaram suas reflexões direcionadas para os estudos cognitivos e, posteriormente, afastando-se do mentalismo, deslocaram-se para os estudos da cultura. Geertz convence-se de que nós pensamos culturalmente, naquilo que ele nomina de uma “etnografia do pensamento”, (GEERTZ, 1997, p. 220).

O psicólogo cultural Jerome Bruner entende que aquilo que chamamos de realidade; é a cultura; e a define como sendo “o modo de viver e pensar que construímos e negociamos, institucionalizamos e, por fim, depois de tudo acertado, acabamos chamando de realidade, para nos consolarmos” (BRUNER apud GEERTZ, 2001, p. 170). O mirante da Análise de Discurso, ao tratar dos dispositivos culturais-discursivos, também percebe a importância da cultura de longa duração que transborda a nossa mente e as nossas ações. Assim são, o machismo, o amor-paixão

e a sexualidade como temos ressaltado. Nessa perspectiva, a violência é um feixe de tramas que se mobilizam com sentido e significados imbricados na cultura, onde os casais conturbados, são ao mesmo tempo, sujeito e objeto das relações perigosas. O que enfocamos, não está apenas no masculino e no feminino. Não analisamos o que os separa, mas as tramas culturais que amarram as duas partes nas relações de violência. Essa concepção somente se torna viável por meio de uma análise interpretativa dos dispositivos discursivos-culturais, apresentados a seguir, e que julgamos, conduzem às ações violentas sejam elas simbólicas ou físicas.

Como referido, a partir dos anos de 1990, no Brasil, abre-se uma perspectiva relacional nos estudos sobre violência de gênero. Começa-se a analisar o lugar da mulher nas relações violentas, repensando sua condição ímpar de vítima e ainda o que leva essas mulheres a permanecerem nessa situação de risco, considerando as duas partes da relação como faces de uma mesma moeda. Referimo-nos aos estudos de Gregori (1992), Soares (1996) e Machado e Magalhães (1998) que rompem com a polarização “homens violentos, mulheres vítimas” para buscar o entendimento das teias de complexidades das relações interpessoais entre “casais violentos”, nos termos de Machado e Magalhães (1998, p. 4). Casais que acabam por manter uma relação de violência acumpliciados pela conjugação perigosa do amor com o sofrimento.

Assim, consideramos que a proposta interpretativa da análise de discurso é uma das opções para se entender que aquém da materialidade e do poder vertical, físico e assimétrico há outros poderes, pois mesmo que se prenda o indivíduo violento, não se aprisiona o dispositivo discursivo cultural da violência. Exemplo disso foi a necessária Lei Maria da Penha, sancionada em agosto de 2006. Estudos mais recentes, como a publicação do *Mapa da violência 2015*, divulgado pela mídia brasileira em 09 de novembro do mesmo ano, dão conta de que a violência contra a mulher vem aumentando tal como outras formas de violência, pois há indivíduos violentos porque vivemos mergulhados na agressão. É fato, segundo os dados que aqui usamos, que a necessária Lei Maria da Penha não foi suficiente para diminuir a violência. No geral, a Lei em questão foi suficiente apenas para prender o agressor, este também conduzido pela violência. Mesmo que acompanhássemos a lógica da judicialização do feminismo restritivo, pensando no extremo mal causado pelo parceiro agressor (o culpado) e no extremo “bem” da reparação amorosa da parceira (a vítima), nos dois casos tanto a violência quanto o amor não são apenas produto dos indivíduos, mas, sobretudo produtos da cultura.

O agressor e a agredida, ambos encarcerados pelo discurso da violência e pelo discurso amoroso. Este amor romantizado e idealizado no Ocidente como uma paixão obsessiva, não é assim bondoso e virtuoso como pensava Justine de Sade, pois o amor-paixão em Rougemont (1988) ou para a Psicanálise, conjuga prazer e sofrimento, tornando o sujeito amoroso um escravo do amor, um dependente desse tirano agressor. Convém lembrar que no século XVI, Etienne de La Boétie se inquietava com a “servidão voluntária” ao se perguntar: “que monstro de vício é esse, que ainda não merece o título de covardia, que não encontra um nome feio o bastante, que a natureza nega-se a ter feito, e a língua se recusa a nomear?” (LA BOÉTIE, 1982, p. 125). Nos termos do historiador Claude Lefort, citado por La Boétie (1982, p. 126), trata-se do “estranho desejo da servidão”.

O que queremos focar é essa permanência da mulher em situação de risco. Concordamos com a antropóloga Lia Zanotta Machado²³ de que a manutenção de relações perigosas não traduz um desejo de apanhar, mas

O que estamos aqui tratando é de que as relações de poder também são relações amorosas e desejantes, e é por aí que se desvenda a continuidade nas relações de violência, até um limite onde amor e violência se desenredam e se instaura a descontinuidade (MACHADO, 1998, p. 31).

Quiséríamos que tal desenredo pudesse ser breve, mas os estudos sobre o assassinato de mulheres mostram que elas permanecem por longos anos, até que a morte separe o casal. Nossa orientação teórica sobre a violência está posicionada na interseção da dimensão cultural com a dimensão psicológica das relações violentas, imbricadas no cruzamento entre a análise dos discursos que encarceram os sujeitos de uma realidade cultural com as subjetividades da realidade psíquica com a qual as mulheres idealizam seus parceiros.

A violência entre casais não é um espetáculo da praça pública, sabemos. Quando falamos em violência entre casais, notamos que existe ainda uma espécie de tabu do objeto. Em nossa cultura da violência, ainda é recorrente encararmos a violência entre casais como uma questão “doméstica”, de foro íntimo, coisa de casal:

²³ **Lia Zanotta Machado:** Antropóloga e coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Mulher, da Universidade de Brasília onde é professor titular de Antropologia. Pós doutora em Ciências Humanas pelo Institut de Recherches sur les Sociétés e na École des Hautes Études em Sciences Sociales, em Paris. Autora do livro “Violência Conjugal: os espelhos e as marcas”, em que ela apresenta a noção de “casais violentos, uma abordagem relacional sobre a violência contra a mulher, adotada em nossa tese.

“em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”. Michel Foucault alerta para os procedimentos de controle do discurso. “Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo, em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2012, p. 9). Não falar de algo é pressupor que este algo não exista. O “tabu” é a ritualização de uma fronteira de exclusão que separa o público, este impedido de meter a colher no espaço privado; do mundo doméstico, espaço onde silenciosamente a violência se reproduz com mais intensidade nas tramas da relação. A violência entre casais expressa não apenas a fragilidade de quem sofre a violência propriamente dita (física e psicológica), mas também de quem é igualmente vítima de uma dimensão maior que engloba tanto homens quanto mulheres. Tanto o público quanto o privado. Referimo-nos a um dispositivo-discursivo-cultural que se manifesta belicoso, não somente nas vozes particulares do casal. Vozes que os sujeitos se apropriam subrepticamente para o embate conjugal, mas cujas vozes, aparentemente particulares, são a extensão dos dispositivos que se expressam e são expressões da vociferação da sociedade.

Ressalta-se sobre a possibilidade de um deslizamento de juízo ao analisar o lugar da mulher nas relações conturbadas. Referimo-nos ao deslize de se culpar as mulheres por permanecerem convivendo em situação de risco como se a elas pesasse o ônus sobre um desejo inconsciente de sofrer. Gostaríamos se assim fosse possível, que um esforço contínuo não nos recrute totalmente ao exército de técnicos, psicólogos, educadores, psiquiatras, advogados que vieram, para substituir o carrasco, com o “novo poder de julgar”, (FOUCAULT, 2013, p. 15-16; 26). Na contramão dessa lógica, caso seja possível, reafirmamos que a mulher não é nem culpada e nem produtora voluntária da violência “mas faz continuamente se amarrar às relações de violência” (MACHADO, 1998, p. 28), permanecendo, consentido e sustentando uma relação de poder.

Sobre o poder, Foucault (1984) reconhece as assimetrias desse mecanismo, sejam elas entre o povo e o Estado, entre o patrão e o assalariado, ou entre o masculino e o feminino, no caso da nossa tese. “O poder não é algo que se adquira, arrebate ou compartilhe algo que se guarde. O poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis”. Foucault (1984, p. 90).

No entanto, as assimetrias não são verticais e nem propriedade dos “dominantes”.

As relações de poder não estão em posição de superestrutura, como um simples papel de proibição... não há, no princípio das relações de poder, e como matriz geral, uma oposição binária e global entre os dominadores e os dominados. Deve-se ao contrário supor, que as correlações de forças múltiplas que se formam e atuam nos aparelhos de produção, nas famílias, nos grupos restritos e instituições servem de suporte a amplos efeitos de clivagem que atravessam o conjunto do corpo social. (FOUCAULT, 1984, p. 90).

Nossa concepção relacional-dialógica²⁴ do discurso entende que a identidade masculina e feminina não são dicotômicas. Elas são construídas pelo atravessamento e imbricações fronteiriças de duas faces de uma mesma moeda. Nessa lógica, observemos que o *site* eletrônico “Suicide Girls”, criado há 14 anos, com sede em Los Angeles, publica fotos de mulheres que rompem com a estética da moda vigente acerca da beleza feminina. As participantes do *site* são na maioria mulheres jovens; há as mais velhas, com cerca de 40 anos, com estilo colorido, tatuado e nu. Para aceitação das candidatas é necessário que elas paguem 12 dólares mensais e cada mulher selecionada ganha um prêmio de 500 dólares. No entanto, o critério fundamental para a seleção é o de que a candidata tenha muita autoconfiança, que transpareça estar segura do seu novo modelo “agressivo”, revolucionário, “fora do padrão dominante”. Seria realmente isso uma mudança, ou estariam elas saindo do cárcere de um padrão para ser encarcerada por outro? Para quem essas mulheres estariam se colocando nessa nova vitrine estética e comportamental? Em 1949, Simone de Beauvoir, na obra *O segundo sexo*, v. 1, dizia que a mulher não se constituía como um ser, pois elas continuavam sonhando por intermédio dos sonhos dos homens. Poderíamos dizer que em termos de significação, a mulher não estaria inscrita na linguagem como um ser marcante e autônomo, mas como uma categoria marcada e falada, como já dissemos, pelos discursos masculinos? Entretanto, o homem também se identifica a um discurso cultural que o institui e o faz como elemento viril e muitas vezes agressivo. Assim, pela mesma perspectiva discursivo-cultural é bastante difícil sair desse mirante. Todavia é necessário se questionar essas vozes dominantes. Não seria somente pela voz “das mulheres” que teríamos a verdade e a liberdade, mas pela reflexão profunda sobre os determinismos que plasmam identidades tanto para homens quanto para mulheres.

²⁴ A expressão relacional-dialógica assinalada nesse trabalho aglutina dois termos usados doravante, como sinônimos interdependentes, em que um é corolário do outro. O termo “dialógico” tomado de Bakhtin, não pode ser entendido só em sua positividade, ou seja, gerando consenso, mas também como eterno embate relacional que pode gerar dissenso, infortúnios e incomunicabilidade.

Admitimos que se é o homem o agressor, é para ele também muito difícil ficar do lado de fora e não aderir ao ideal de masculinidade que a cultura da virilidade e da força física lhe impõe; é igualmente difícil para a mulher não aderir ao ideal de feminino centralizado na beleza, na sedução e na paixão romântica. Esse é o jogo que se impõe a quase todos e do qual nós também aderimos, com resistência baixa, média ou forte. Um jogo em que homens e mulheres não só são conduzidos como aderem aos lugares de agressores e de vítimas. Não basta apenas criticar os homens que ocupam um lugar destinado a eles, pois é difícil para o homem sair da posição de agressor. É fundamental admitir a mesma dificuldade de a mulher sair da posição de vítima (MACHADO, 1998, p. 3). Também necessário perceber o quanto o elemento feminino reforça o valor do homem viril; forte; líder; autoritário e de como reproduz um discurso que a empodera se estiver na convivência; na proteção; na relação de dependência com este ideal de homem. É uma armadilha discursivo-cultural na qual quase todos e todas caímos. O preço é a violência; a assimetria; a hierarquização e a polarização em que um está no pedestal e outro está a entroná-lo. Talvez essa constatação possa ser uma saída para se construir uma sociedade mais dialógica e fraterna.

Agora, consideramos necessária a ênfase sobre o lugar da linguagem entre casais violentos. Não pretendemos comentá-la de outra forma senão que as réplicas e tréplicas das incessantes brigas de casais, ocorrem pela tentativa da posse da última palavra. A palavra é a unidade de análise dos processos de significação, embora ela não esgote esses processos, em função da sua extensa diversidade e amplitude. Ademais a palavra tem sua historicidade e deve ser contextualizada no discurso. É ele, o discurso que nos interessa, pois é o elemento de mediação entre o sujeito e as coisas, entre o eu e o outro, entre eles e nós. A importância da palavra tem sua utilidade, entre outras, porque não há pensamento sem linguagem e nem linguagem e pensamento sem palavras (VIGOTSKI, 2007). Nossa posição é conceber que as palavras encontram significado apenas na cultura e que são minimamente particularizados pela resignificação das relações interpessoais dadas sempre num contexto histórico-cultural. As palavras, sejam de amor ou de ódio, não são sentimentos puros e nem signos neutros. Elas, mesmo que carregadas com a carga emocional, encontram-se mergulhadas nos valores, nas crenças e na ideologia cotidiana (BAKHTIN, 2014, p. 32). Tradicionalmente a Psicologia trata dos afetos, como uma categoria pura, única e que se origina da história particularizada do sujeito singular. Aqui, queremos enfatizar a dimensão discursiva-cultural da afetividade,

dissolvendo um pouco a solidez com a qual certos psicólogos erigiram o indivíduo subjetivo. Não dizemos que ele não existe, mas reconhecemos sua condição mínima de existência. Sua possibilidade de apenas se apropriar das palavras que não são suas para poder dizê-las na primeira pessoa. Também fazemos um caminho desviante à direção filosófica de que possuímos uma “consciência das coisas”, pois “as coisas murmuram de antemão” (FOUCAULT, 2012, p. 45). A Análise de Discurso se opõe à ideia de que podemos definir objetivamente o objeto, assegurando-nos pelas certezas dos signos linguísticos. Ela não pertence à Linguística, ela faz parte do campo da Filosofia da Linguagem. Foucault (2012, p. 11) questiona a busca da verdade científica e se afasta desse pendor ao afirmar que não existe “uma verdade escondida... aquilo que a sabedoria dos outros não pode perceber”. O que produz a verdade não é a sua existência. É um saber institucionalizado, que autentica, legitima e outorga certos poderes a alguns, de dizer uma verdade. Portanto, ela não é uma coisa que eu possa descobrir. Ela é o “conjunto de regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribuem ao verdadeiro, efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 1982, p. 13). Há um “estatuto”, um “regime de produção da verdade” (p. 14) capaz de anular, obliterar já que o seu discurso tem o poder de anular a palavra do outro. Historicamente, a “palavra de homem” teve um peso maior sobre as expressões da vida cotidiana que associam a mulher à verbosidade. “Mulher fala demais”. “Tagarelas”, “faladeiras”, “matracas”, “língua de trapo”. A figura da mulher “lavadeira”, está na novela, na literatura, no cinema e nos adágios populares. O ditado popular “roupa suja se lava em casa”, reflete não só a cisão entre o público e o privado, respectivamente, categorias do mundo dos homens e do mundo das mulheres, como mantém a ordem masculina que determina o lugar da mulher no espaço doméstico. O ditado também legitima os dois sentidos da função de lavadeira: o sentido prático da limpeza da roupa e o sentido simbólico da limpeza moral; já que, mulheres que “falam demais” são censuradas e recebem a alcunha de “lavadeiras”.

A verdade da mulher está crivada pelo filtro masculino, por meio de um procedimento de exclusão de discursos, fundamentado em um regime de regras falocêntricas que seleciona o falso do verdadeiro. Que diz o que ela pode e o que não pode falar. Assim, os “excluídos da história”, os loucos, as mulheres, os mendigos, as crianças, estiveram por longos séculos na sombra silenciosa da obliteração impedidos de conspirar contra a autoridade estabelecida. Desse modo, frisamos que a mulher, embora, não deva ser percebida só como vítima submetida, deve-se levar em

consideração que na correlação histórica de forças, a mulher tem sido sim, mais humilhada; submetida e oprimida. Porém isso não pode ser naturalizado. É preciso refletir no poder de resistência do sujeito feminino.

Estamos nos insinuando sobre quando alguma coisa se torna realidade subjetiva. Entendemos que algo passa a existir, realmente, dando sentido e direção às práticas sociais, a partir do momento em que as coisas são significadas e, portanto inscritas na linguagem: coisas, pessoas e ações. É a partir da sua simbolização que elas passam a existir como uma realidade vivida pelo sujeito. Quando uma mulher agride um homem com um tapa, um soco ou com um objeto, ele não decodifica o ato feminino como uma ação violenta. Põe-se a rir, conta para os amigos que a esposa se descontrolou que teve um “piti”, que ficou “histérica”. Ele ri, desconsidera a ação porque isso não está significado como uma realidade. Se algo não está significado ou “simbolizado”, nos termos freudianos, essa coisa ou ação não existem. Quase tudo que foi falado das mulheres foi significado historicamente pelos homens e também reverberado pelas mulheres. Daí o célebre aforismo de Jacques Lacan, nos anos de 1970: “a mulher não existe”. Entretanto existe a partir dessas vozes e pode se libertar dessas, se perceber que são algumas vozes e não todas e únicas.

As subseções seguintes tratam dos três dispositivos que elegemos para apresentar possíveis teias que amarram os casais em relações conturbadas.

4.4 O DISPOSITIVO DE AMOR-PAIXÃO E DISCURSOS FEMININOS

Embora a formação de psicoterapeutas e a Psicologia tradicional enfatizem os sentimentos, as emoções e a força dos afetos como uma dimensão particular do sujeito, não concebemos aqui, o amor ou os afetos como substâncias intrínsecas ou dimensão única do indivíduo. Na pesquisa sobre sexualidade e amor, realizada no Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, financiada pela Fundação Ford e apoiada financeiramente pelo CNPq, seu coordenador, o psicanalista Jurandir Freire Costa, realiza um estudo longitudinal sobre o amor, desde Platão à contemporaneidade. Alinhamo-nos ao autor no entendimento de que o amor é uma invenção histórica, idolatrado no Ocidente, típico das sociedades modernas. Ele não se desenvolveu da mesma forma em outras sociedades, pois se trata de uma crença emocional situada culturalmente (COSTA, 1999). Um esquimó, um tupinambá,

ou um árabe, só para citar três exemplos, certamente não foram marcados pelo amor romântico e nem seguem o modelo de conjugalidade adotado em nossa cultura.

A Antropologia ajuda-nos a entender que o amor é uma construção cultural discursiva que se arraiga no sistema de crenças de uma sociedade e não necessariamente se manifesta em outra. Um esquimó sentiria o ciúme romântico da sua esposa? Não. Também entre os tupinambás a lógica matrimonial é outra. A lógica Tupinambá do casamento não está centrada nos sentimentos. Não se trata de ganhar várias esposas, como era a poligamia, mas adquirir cunhados. O irmão oferece suas irmãs a outros homens, em troca de prestação de seus serviços. Troca-se a irmã por um cunhado e adquire-se a dívida do trabalho desse novo parente. No Oriente, uma jovem síria já tem seu casamento predestinado desde a infância, pela vontade dos pais, porque no mundo árabe, a ordem sociológica da família é mais importante que a psicologia do amor entre dois indivíduos. Já nas sociedades modernas ocidentais, onde o valor supremo da vida social é o indivíduo, segundo Dumont (1992), não é de se estranhar que os psicólogos dessa sociedade adotem, esse sentimento tão “particular” da “interioridade” do sujeito como sua ferramenta terapêutica. Nessas sociedades, diferentemente das sociedades tradicionais holísticas (DUMONT, 1982), o valor dado ao indivíduo impõe uma necessidade angustiante à qual todos se empenham na impossível realização de amar ao outro como a si mesmo; como indaga Denis de Rougemont:

Por que o homem ocidental deseja sofrer essa paixão que o fere e que toda a sua razão condena? Por que deseja esse amor cujo esplendor só pode ser o suicídio? É porque ele se conhece e põe à prova sob ameaças vitais, no sofrimento e no limiar da morte. (ROUGEMON, 2003, p. 69).

O amor não é universal e há diferentes perspectivas para se entender porque as pessoas casam. Trabalhos como *As estruturas elementares do parentesco* de Lévi Strauss, ou *O Ensaio sobre a dívida* de Marcel Mauss, ajudam-nos a entender o casamento como um “sistema de trocas”. Embora o casamento seja para Strauss (2003), a instituição fundante da sociedade humana e, portanto, uma estrutura universal, as formas de se casar e as gramáticas sentimentais são marcadas pela cultura se manifestam de formas diferentes. Todas as sociedades humanas adotam o casamento, mas o fazem de forma diferente. O antropólogo vê no casamento um sistema de alianças social entre grupos distintos, mediados pela circulação de

peçoas; que migram de um grupo para o outro, formando um imenso sistema de circulação de peçoas e alianças, ao que ele nomina de estruturas de parentesco. Tal sistema tem a função de organizar a sociedade por uma linguagem que define e nomina quem pode casar com quem. Não necessariamente é a ideologia do amor que se coloca nessa mediação. Nas sociedades modernas, sim, mas os casamentos nas sociedades tradicionais são mediados por outros cálculos. Nas sociedades modernas ocidentais, essa união é dada pelo amor-paixão (ROUGEMONT, 1988), típico de uma sociedade cada vez mais individualizada, com pendor narcísico.

Nelas, o amor-paixão é mais potente que o amor familista, pois, amar o indivíduo tem um valor cultural mais elevado que os laços familiares. Já na Arábia Saudita, apenas para citar um exemplo, a continuidade dos laços de sangue é mais elevada que os laços constituídos pela afinidade do casal apaixonado. Ao contrário das sociedades modernas onde o indivíduo adquire valor supremo, a organização social das sociedades tradicionais se dá pelos laços de família. Nelas, o parentesco engloba a individualidade, tornando o amor um sentimento pulverizado no âmbito das inter-relações domésticas. De forma geral, no mundo árabe, as peçoas já têm o seu destino “amoroso” arranjado na infância por meio de um cálculo político e econômico cujo objetivo é unir famílias e não indivíduos.

Nas sociedades modernas, também denominadas de pós-industriais, o sujeito está condenado à sua liberdade amorosa, pois ele encontra-se preso a uma escolha particularizada e isso tem um custo. Recai sobre ela uma dupla carga. De um lado, o deleite de se conquistar e desfrutar um grande amor e do outro lado, o temor da perda desse objeto amado. Esse paradoxo é a fonte do ciúme, sentimento característico do amor no Ocidente.

O discurso do “amor-paixão”, segundo Rougemont (1988), foi construído na corte europeia, na primeira metade da Idade Média, quando as certezas do amor divino ainda se sobrepunham às incertezas do amor humano.

Do conjunto dessas convergências, é chegado o momento de tirar a conclusão: o amor-paixão glorificado pelo mito foi realmente, no século XII, data de sua aparição, uma religião na mais plena aceção do termo e especialmente uma heresia cristã historicamente determinada. (ROUGEMONT, 2003, p. 192).

Esse amor, se consolidando, século após século, e finalmente com a emergência do indivíduo no século XVIII, encontra um novo espaço a ser ocupado.

Esse novo espaço, denominado pela Psicologia como a interioridade do indivíduo, é analisado pela perspectiva antropológica de Castro e Araújo (1976) na obra *Romeu e Julieta e a origem do Estado*, como o mito de fundação do indivíduo e do amor romântico no Ocidente. A tragédia de Shakespeare anuncia que o nascimento do indivíduo coincide com a consolidação do amor-paixão. Drama em que se dissolvem os casamentos de arranjos políticos e familiares para um tipo de escolha amorosa individualizada. Considerado um mito de origem, “porque Romeu e Julieta inaugura, no contexto da peça, um mundo novo, habitado por uma outra concepção das relações entre os indivíduos e a sociedade” [...] “uma Psicologia do amor substituiu uma sociologia da aliança” (CASTRO; ARAÚJO, 1976, p. 142-143). Um novo modelo de família nasce no Ocidente a partir desse mito de origem, já que os laços sociais e políticos que uniam as famílias são gradativamente substituídos pelos laços afetivos que agora unem a família conjugal em que as escolhas amorosas tornam-se uma opção do indivíduo. No entanto, tal escolha é guiada por uma intensa força emocional desarrazoada; conduzida pelas estrelas, como um destino inevitável que se impõe de forma transcendente à razão.

Mas esse amor sobrevive apenas pela fusão de dois em um? A ordem psicológica tem o poder de garantir a eternidade da relação sem a força das alianças sociológicas? Curioso que todos os grandes épicos do amor-romântico apresentados na literatura tenham terminado em tragédia, tal como o assassinato de mulheres e a violência conjugal hoje no nosso país. A presença do amor-paixão, nominado por Costa (1999) de “amor romântico”, se dissemina pelas novelas, pelo cinema, pelo teatro, pelos contos, crônicas, pelas imagens e diferentes linguagens que circulam atualmente por todos os lugares e que conduzem a vida amorosa dos casais, já anunciado anteriormente por Rougemont (1988).

A imprensa nacional divulgou, em 2015, que a tricampeã brasileira de *Body Fitness*, Renata Muggiati, morreu aos 32 anos na madrugada de um sábado, 12/09/2015, “caindo” do 31º andar do edifício, no centro de Curitiba, onde morava com seu namorado, um médico endocrinologista. O primeiro exame da perícia apontou como causa da morte a queda fatal, supondo que ela teria se suicidado. Mas com a exumação do corpo e as novas perícias, constatou-se que ela foi asfixiada pelo namorado antes de ser arremessada pela janela. O namorado afirma que ela estava com depressão e que ele já teria tentado salvá-la por duas vezes do suicídio. Dias antes do assassinato, Renata postou no *facebook* que o namorado era alcoolista e ela poderia compreender

suas dificuldades, pois Renata também convivera com uma mãe alcoolista e que por este motivo a filha teria saído de casa. “Sou normal, mas sofro por apanhar de uma pessoa alcoolizada que não lembra o que fez no dia seguinte”, postou Renata.

A fisiculturista também havia postado algumas fotos do seu ouvido, boca, nariz e pé com sangramento de possíveis agressões do namorado. Em oportunidades anteriores, a polícia já havia sido chamada ao apartamento onde os dois moravam. Renata nunca deu queixa do parceiro e justifica sua ação talvez irracional de um não saber, pelo credo do amor: “não fiz (a denúncia) em consideração a gostar dele”.

Outro caso muito difundido em Curitiba, sob o codinome de “musa do pó”, foi o caso da dentista de classe média Marina Stresser, que em 2014, chamou a atenção da imprensa por sua beleza. (Como uma bela mulher pode se envolver no crime? Pergunta que pairava no “irreflexivo cotidiano” da época). Ela cumpriu 8 meses em regime fechado e hoje, responde ao restante da pena em liberdade, fazendo uso de uma tornozeleira eletrônica. A “Musa” foi presa por assumir que era de sua propriedade uma quantidade de cocaína, maconha, crack, uma metralhadora, duas pistolas, espingarda e submetralhadora, guardadas em seu consultório. Em 11/11/2015, Marina declarou em entrevista ao jornal Paraná TV primeira edição, na Rede Paranaense de Comunicação, RPC, que a droga e as armas não eram suas e sim do namorado, um conhecido traficante das baladas curitibanas. A “musa do pó”, uma jovem de 26 anos, foi condenada ao imputar-se uma culpa que não era sua, para salvar o namorado da prisão. Quando indagada pelo repórter sobre os motivos dessa atitude sacrificial, ela respondeu, tal como o fez a fisiculturista Renata Muggiati, dizendo que fez “por amar”. Porque “gostava dele”.

Para citar um exemplo mais conhecido entre os jovens apreciadores da música pop, a estrela caribenha de Barbados, a cantora Rihanna, quebrou o silêncio em maio de 2009 ao revelar publicamente para a imprensa que foi espancada pelo namorado, o rapper americano Chris Brown. Em entrevistas posteriores, indagada se sentiu raiva do agressor, ela respondeu que “Não! Não! Não! Eu o amava”. As mulheres que são tomadas pelo amor-paixão, parecem estar sempre disponíveis a ajudar o companheiro e compreendê-lo sem rancor. Não sentem a violência física como o principal motivo da separação, mas sim a ferida causada nos sentimentos. “O que os homens não compreendem quando batem em uma mulher é que o rosto,

o braço quebrado, o olho roxo vão se curar. Esse não é o problema. O problema é a ferida por dentro” (RIHANNA, 2009).²⁵

A antropóloga Maria Filomena Gregori, ao analisar as vítimas de agressão do SOS-Mulher de São Paulo, observou algo semelhante aos dois casos citados anteriormente. As mulheres atendidas pelo SOS-São Paulo, não só não implicam o ato da agressão como uma ação do parceiro, atribuindo a violência ao álcool, a problemas financeiros do marido, como também não se implicam como parte do problema.

Logo, as crises são resultados de “armadilhas” do destino, escolhas más ou cruces que é preciso carregar. Em alguns casos, foi o destino que fez com que escolhessem mal seus companheiros. Para outras, a fatalidade de ter casado com homens bons, mas que bebem. (GREGORI, 1993, p. 141).

Em grau, qualquer que seja o gênero, a idade, a classe social ou o nível de instrução, ninguém se encontra totalmente fora do discurso amoroso. Vamos exemplificar essa adesão, convocando a vida privada do ícone da teoria da sexualidade e do amor. Refiro-me ao pai da Psicanálise, Sigmund Freud. Toda sua obra se encontra assombrada pela angústia da perda do objeto amado. Na sua experiência pessoal, Freud manifesta esse temor fantasmagórico. O fundador da psicanálise era um homem “monogâmico em grau bastante inusitado” (JONES, 1979, p. 161) para uma época em que era quase uma obrigação machista ter uma amante, como foi o caso do seu amigo fundador da psicologia analítica, Carl Gustav Jung. Como imaginar que Freud, o mentor da mais falocêntrica teoria ocidental, fosse um “marido que se deixa conduzir pela mulher?”, (JONES, 1979, p. 161). O que dizer do “cientista calmo” que vivia um casamento aparentemente estável e tranquilo, acostumado a atender às crises histéricas em seu consultório, fosse um homem atormentado pelo ciúme, “muito mais do que qualquer outra pessoa” (JONES, 1979, p. 134). Freud, o cientista que mais ousou revelar os “mistérios” da sexualidade feminina, estaria assim tão seguro do seu falo, ao ponto de ter escrito, nos quatro anos e meio de noivado, quase uma carta por dia para a sua noiva, isso é, mais de 900 cartas enviadas a ela? Certamente ele, como todos na época, estava diluído no filtro do amor-paixão e, portanto, englobado pelo dispositivo amoroso que encarcerou o cientista e as suas próprias teorias. Uma longa construção cultural dada na poesia,

²⁵ Disponível em: <<https://musica.uol.com.br/noticias/reuters/2009/11/06/rihanna-descreve-a-noite-em-que-chris-brown-a-espancou.htm?cmpid=copiaecola>>.

nas tragédias, nas artes visuais nos constitui ainda hoje como homens e mulheres apaixonados. Essa paixão pode nos levar a cometer ações violentas contra nossos parceiros ou outros que se interponham entre nós. Rougemont (1988), trata pormenorizadamente desse tema na obra referida.

Freud era tomado por um medo profundo de perder a noiva e uma “desesperada necessidade de amor” (JONES, 1979, p. 134). O amor romântico e o profundo temor da perda do objeto amoroso é um dos discursos centrais que constituem as narrativas das mulheres participantes da nossa pesquisa. Esses discursos, como já mencionamos, são formadores culturais de longa duração que perpassam a história do Ocidente, parece que incólumes: Idade Antiga (Medéia), Idade Média (Tristão e Isolda), Idade Moderna (Romeu e Julieta) e a contemporaneidade com suas tragédias também provocadas por esse amor que pode levar à agressão e morte. Evidentemente, não é ele em si, capaz de infortúnios; mas de como os apaixonados dele dependem e como reagem quando são traídos por outro amor.

No Brasil, do “homem cordial”, expressão de Ribeiro Couto adotada por Holanda (1995), vem esclarecer que o termo foi equivocadamente utilizado como sinônimo de bondade e ressalta que “essa cordialidade não abrange apenas sentimentos positivos e de concórdia. A inimizade bem pode ser tão cordial como a amizade, nisto que uma e outra nascem do coração, procedem assim, da esfera do íntimo, do familiar, do privado” (HOLANDA, 1995, p. 205). No mundo doméstico, espaço em que ocorrem as agressões, cujo adágio popular, “em briga de homem e mulher não se mete a colher”, vem sacralizar o mundo da casa como uma dimensão fora do alcance público e da lei.

O código penal, anterior ao de 1940, dava respaldo legal para o homem que matasse sua esposa em nome da defesa da sua honra ao ser traído (CORRÊA, 1981, p. 23). Eram os chamados “crimes passionais”, também utilizados no Direito francês do século XIX. O criminalista Enrico Ferri, na Itália, foi o primeiro a definir o “crime passionai” como uma ação necessária por ser útil à sociedade, à medida que essa ação reestabeleceria os bons costumes. A tese do criminalista era a de que o amor seria uma paixão útil aos ideais da vida coletiva. No Brasil, a lei Maria da Penha sancionada em setembro de 2006 entra na esfera doméstica para punir os “crimes de paixão”. Segundo a historiadora Mari Del Priore (2015, p. 188), o argumento jurídico que protegia o homem tratava o ato assassinato cometido por uma “paixão e arrebatamento” e esse atributo “instintivo” típico do homem, tornaria o crime

desculpável. A recíproca não era verdadeira, pois as mulheres eram julgadas e punidas no caso de assassinato dos maridos, pois a combinação de paixão e violência pertenceria à horda masculina.

Apesar do esforço jurídico, da atualidade, muitas mulheres são movidas ainda hoje, pela “lei do amor”, tema de novela da Rede Globo, 2016.

Misterioso amor – é o caso de pensar – que se conforma com as leis que o condenam, a fim de melhor se conservar! De onde pode vir essa preferência pelo que *entrava* a paixão, pelo que impede a “felicidade” dos amantes, os separa e os martiriza? (ROUGEMONT, 1988. p. 30).

Retomando a obra *Mulheres que amam demais*, da terapeuta de casais Robin Norwood; esta, teve uma expressiva representatividade social, já que, vendeu mais de 30 milhões de exemplares e acabou por alimentar o guia terapêutico do Grupo MADA (Mulheres que Amam Demais) espalhado por todo o mundo. As frequentadoras desse grupo são mulheres que sofrem pelo vício do amor e são tratadas, segundo as recomendações terapêuticas dos Alcoólicos Anônimos (AA), como dependentes do amor. O sociólogo Anthony Giddens, na obra *A transformação da intimidade*, faz uma análise da dependência amorosa das mulheres, tratando também o amor como um vício.

Uma vez iniciado qualquer relacionamento, o mais provável é que fiquem logo profundamente envolvidas. As vidas de tais mulheres são repletas de romances desastrosos ou de envolvimento longos e dolorosos com homens que, de um modo ou de outro, abusaram delas. Resumindo, essas mulheres são codependentes. [...] As mulheres codependentes são protetoras, necessitam cuidar dos outros. (GIDDENS, 1993, p. 99-100).

A idolatria ao amor, hoje majoritariamente naturalizado, tem suas bases digamos que mais sólidas, a partir de fins do século XVIII, com o Romantismo. O movimento romântico, nascido predominantemente na Alemanha, alcançou seu auge no início do século XIX, e difundiu-se pela Europa em reação à razão iluminista do século anterior. No Brasil, a partir do final do século XIX e início do século XX, o movimento romântico na literatura torna-se mais uma peça do “dispositivo” do amor-paixão. Essa superestrutura atravessa os anos e se mantém, inserindo-se no século XX:

Além da música e do cinema, também a televisão que invadira 4,61% dos domicílios brasileiros em 1960 continuavam martelando o ideal de amor romântico. *Alô Doçura*, série de episódios sobre um “casal feliz”, protagonizado por John Herbert e Eva Wilma foi o maior sucesso da extinta TV Tupi, ficando no ar por onze anos. Começava também a indústria de fabricação de novelas. Em 1963, estreia a primeira novela diária exibida na televisão brasileira, estrelada por Tarcísio Meira e Glória Menezes, encarnando o modelo paradigmático do herói e da heroína apaixonados. A partir de 1964 as novelas começam a expor o beijo, signo iconográfico do amor (PRIORE, 2015, p. 307).

Os românticos enfatizavam a irracionalidade e as escolhas da interioridade do indivíduo como um novo estilo de vida. Buscavam o sentido de ser na paixão e nos sentimentos mais íntimos da vida privada. Os códigos do amor paixão até o século XX, não se empenham em atrelar-se à utilidade pública. Vemos que esse amor romântico, que perdura até hoje, é ainda o mesmo que Rougemont (1988) denomina como amor-paixão. São variantes de um mesmo radical, insulando os casais e propiciando a tragédia. Estimula a dependência e a necessidade do outro, potencializando o ciúme. A mulher, nessa perspectiva, não se torna posse do homem pela dominação do macho, como assim concebe a corrente marxista da “dominação patriarcal” (SANTOS; IZUMINO, 2005, p. 3). No nosso entendimento, tanto a mulher quanto o homem são dependentes um do outro pelo cárcere do amor-paixão e por isso, o ciúme torna-se uma prova de amor. O ciúme é entendido pelos apaixonados, mesmo que um ciúme conturbado, como um sinal de zelo. Os relatos do nosso *corpus* de pesquisa acerca de mulheres com maridos ciumentos dão conta dessa afirmação. Vejamos outro recorte da fala de Conceição extraída do trabalho da antropóloga Lia Zanotta Machado acerca do lugar da violência no discurso amoroso ciumento.

E sexualmente, ele é agressivo com você?” Ela responde: “não. Ele não é agressivo. Tem só uma parte que eu não gosto nele. É que se eu sair, quando volto para casa, ele quer abrir as minhas pernas para ver se eu andei com macho e quando eu não deixo ele já começa a implicar dizendo que eu andei. Eu acho muito humilhante para uma mulher ter que toda vez que sair, quando volta para dentro de casa, seu marido querer que você abra suas pernas para enfiar o dedo lá dentro pra ver se você deu pra alguém. (MACHADO, 1998, p. 13).

Há séculos que o ciúme se tornou um dos principais causadores das brigas de casais, pois ele foi construído como uma espécie de prova amorosa. No final do século XII, Andreas Capellanus (André Capelão) escreveu o *Tratado do amor cortês*, uma lista de 31 regras que devem reger os apaixonados. A regra XXI trata do ciúme “Do verdadeiro ciúme cresce sempre o sentimento de amor” (CAPELÃO, 2000). O ciúme torna-se uma

paranoia amorosa, já que o amor-paixão erotizado impõe a necessidade do objeto amoroso, exige a exclusividade desse objeto, sua dedicação a um amor simbiótico e devorador. Consolida-se uma íntima tríade entre o sexo, o ciúme e o amor que acende a chama dos amantes e ao mesmo tempo o temor que esse fogo se apague.

O ardor amoroso, espontâneo, vitorioso e não combatido é, por essência, efêmero. É uma chama que não pode sobreviver ao brilho de sua consumação. Mas a sua ardência permanece inesquecível e é precisamente ela que os amantes desejam prolongar e renovar ao infinito. (ROUGEMONT, 1988, p. 37).

O ciúme não traduz apenas a ideia de posse sobre o outro, tal como tradicionalmente ele é concebido. Entendemos que muito mais do que a necessidade de garantir-se pela posse do outro, é o medo de perdê-lo. Tal temor assombra os apaixonados que fazem de tudo, até o sacrifício, para manter o seu grande amor. Por mais que essas mulheres tenham uma sensação física desagradável, o sentimento de amor parece superar a sensação de dor, já que elas ficam por longos anos vivendo em situação de risco, tal como as mulheres entrevistadas pela antropóloga Gregori (1993) no SOS-Mulher. A centralidade das queixas dessas mulheres incidia sobre a forma pela qual eram tratadas por seus parceiros íntimos, ou a forma pela qual elas interpretavam as atitudes de seus parceiros com relação à vida conjugal. No nosso *corpus* de pesquisa, observamos que os relatos vêm carregados de lamentos e queixas sobre seus companheiros, tais como: “ele me humilha, ele me ignora, ele me bate, ele sai com outras mulheres, ele me traiu, ele diz que eu sou uma vagabunda, que sou arrombada, que sou gorda, que sou um peso para carregar”. No entanto, ao final desses relatos, manifestava-se uma dúvida recorrente e paradoxal nas queixas: “Mas eu gosto dele, doutor. O que é que eu faço?”.

Eriger o mito da paixão em sua violência primitiva e sagrada, em sua monumental, como uma ironia salutar sobre nossas complacências tortuosas e nossa impotência em escolher corajosamente entre a Norma do Dia e a Paixão da Noite; eriger essa cena da Morte dos Amantes, glorificada no angustioso e vampiresco crescendo do segundo ato de Wagner, eis o principal objetivo dessa obra que pretende conduzir o leitor ao limiar das alternativas: “Eu quis isto!” ou então: “Que Deus me proteja!” (ROUGEMONT, 1988, p. 24).

O amor como dispositivo amoroso é uma dimensão supra individual cuja existência não só está acima do sujeito, como o precede, como um destino escrito pelos astros. Na tragédia de Tristão e Isolda, esse destino aparece sob forma de uma

poção mágica, nominada de “filtro” por Rougemont (1988). “O que é, então, o filtro? É o álibi da paixão. É o que permite aos infelizes amantes dizer: ‘Bem veem que não é culpa minha, bem veem que é mais forte do que eu’.” (p. 66).

Ama-se então, um conjunto de ideias sobre o amor [...] Ama-se o amor e não propriamente a pessoa. [...] A pessoa que ama aparece nas novelas como possuidora de uma força...Trata-se de um sentimento redentor. O amor é sempre vitorioso. O amor vence sobretudo o interesse econômico no casamento (PRIORE, 2015, p. 216).

Encerra-se esta seção, realçando que nas sociedades modernas, o amor-paixão, tem o poder de dissolver ideologias e lógicas formais. Augusto Comte, o cientista racional, machista, fundador do Positivismo acreditava que os homens faziam ciência e as mulheres se limitariam a fazer arte. Convém lembrá-lo que a paixão nos iguala, pois é sabido que depois que ele conheceu Clotilde de Vaux, apaixonando-se perdidamente por esta “littératrice”, seu antigo entendimento de que os homens faziam ciência e as mulheres faziam arte, mudou. Afirmava que sua obra positivista seria incompleta sem a poesia. Sem ter a consciência sobre o efeito que seus encantos líricos provocaram em Comte, Clotilde era o motivo da mudança daquele equivocado cientista, ou, seria melhor dizer de um obsedante apaixonado. Augusto Comte, “o sociólogo que espontaneamente se tornara poeta” (LEPENIES, 1996; p. 51).

4.5 O DISPOSITIVO DE SEXUALIDADE E DISCURSOS FEMININOS

Em 1776, ocorreu pela primeira vez na Europa, uma exposição pública sobre a educação sexual ministrada aos alunos da mais importante escola alemã, o *Philanthropinum*. Na ocasião do evento solene, havia muitos convidados que se puseram a fazer perguntas sobre o sexo. Também foram formuladas questões para os alunos, referentes aos “mistérios do sexo”, como o nascimento e a procriação. Algumas gravuras de mulheres grávidas, de um casal, um berço para que as perguntas e respostas fossem esclarecidas, didaticamente, de forma racional e em público, sem nenhuma vergonha ou embaraço (FOUCAULT, 1984, p. 31). Mas haveria ainda que se perguntar: O que significaria essa possibilidade do século XVIII, de poder falar publicamente e sem embaraços a respeito de um tema tão censurado e reprimido até então?

Ao fixar a atenção nas palavras com as quais Foucault descreve o evento solene no *Philanthropinum*, percebe-se uma aparente liberdade entre os convidados para falar de um tema obscuro, sobre o qual todos poderiam se manifestar. O primeiro engano é imaginar que podemos falar de qualquer coisa. Os discursos sobre o sexo a partir do século XVIII se multiplicam, mas nunca fora das relações de poder. Foucault (1984) não se atém ao “quê” se fala do sexo, mas quem e de que lugar ele é falado. Falava-se sim dele, mas por uma proliferação discursiva que incita a falar dele em vários lugares, mas, desde que discursivizado pelos especialistas e nos setores normativos autorizados. Nas escolas, nos hospitais, nas delegacias, pelos pedagogos, psiquiatras e policiais; autenticando uma vigorosa potência entre o “poder-saber-prazer” (p. 16) que permite sua reprodução dirigida, e não a sua repressão. Ao contrário de contar a história da sexualidade a partir da teoria repressiva de Freud, Foucault não a ignora. Admite-a, mas limita-a em outra data.

Não digo que a interdição do sexo é uma ilusão; e sim que a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito sobre o sexo a partir da Idade Moderna (FOUCAULT, 1984, p. 17).

Hoje, parece que a sexualidade existe sem o sexo, pois dado um verbo e discursivizada, a voz pública do sexo provocou a junção entre o corpo humano e o corpo social, e, “tornou-se o alvo-central de um poder que se organiza em torno da gestão da vida” (FOUCAULT, 1984, p. 138).

Pela primeira vez na história, sem dúvida, o biológico reflete-se no político; o fato de viver não é mais esse sustentáculo inacessível que só emerge de tempos em tempos, no acaso da morte e sua fatalidade. (FOUCAULT, 1984, p. 134).

A sexualidade não é uma ideia, uma ilusão, como diz Foucault. É uma figura histórica real, tão real que se impôs ao sexo como uma unidade imperativa e dominadora. Não é a sexualidade uma instância do sexo. Ao contrário, “o sexo se encontra na dependência histórica da sexualidade” (FOUCAULT, 1984, p. 147). O murmúrio das palavras tiram-no do silêncio inexistente até então e ouve-se o verbo do sexo, falado por todos, mas desde que falado pela gramática fundante dos novos funcionários da ortopedia moral. Uma legião de especialistas surge para seu bom aproveitamento e desempenho. É necessário que se fale dele, pois sempre há alguém

à disposição para ouvi-lo, nessa retroalimentação discursiva entre o paciente e o médico. Entre o pedagogo e os aprendizes. Entre o policial e os devassos. O “biopoder” da sexualidade trouxe novos prazeres e novos infortúnios aos casais apaixonados que inevitavelmente são obrigados à sua prática e a procurar no consultório do especialista a forma de bem exercitá-la.

O discurso da sexualidade e seus nuances, como o ciúme dos homens e a beleza das mulheres, também se repetem nas queixas femininas presentes no nosso *corpus* de pesquisa. O ciúme, conjugado com a paixão e com a traição é a expressão simbiótica do desejo do sexo com o amor. O amor erótico. O inferno do adultério torna-se uma obsessão, um temor de que o sexo se manifeste subrepticamente e acenda na mulher o desejo pelo outro, anulando a masculinidade machista que construiu a identidade dos homens nos últimos séculos. Até o final do século XVIII, o sexo era vivido e praticado apenas como um “impulso sem nome”, nos termos de Foucault (1984, p. 146). Sabemos que a Igreja tentou colocar o calor do sexo nas chamas do inferno, mas ele, incontrolavelmente previne-nos sobre seus temores.

ÓLA GILBERTO. SOU CASADA HÁ 24 ANOS, MEU MARIDO É MUITO CIUMENTO NÃO ME DEIXA ESTUDAR, NEM TRABALHAR, NÃO ME DEIXAR CONVERSAR COM MEUS PARENTES NEM COM MEU PAI QUE JÁ É IDOSO. ME OBRIGA A TER RELAÇÃO SEXUA,, MESMO EU NÃO QUERENDO. POR CAUSA DISSO TENHO DEPRESSÃO SÍNDROME DO PÂNICO PRESSÃO ALTA E GIIKOSE ALTA. ELE DIZ SE EU LARGÁ-LO, QUE ME MATA. ME AJUDA ESTOU SOFRENDENDO MUITO, JÁ NÃO SEI O QUE FAZER. OBRIGADA. Ah! TENHO 41 ANOS E ELE 48ANOS. (Registro 585)

Desejar o outro é uma obrigação perigosa, pois existem muitos outros para serem desejados fora da relação amorosa.

OláGilberto.
Parabéns pelo *site*, estou conhecendo hoje, mas achei bem interessante. Vivo um casamento de pouco mais de 3 anos. Meu marido é um viciado em quase todo o tipo de pornografia (net em geral, paqueras no trabalho, na rua) e eu não sei mais o que fazer! Já conversamos e ele não assume nada disso, mesmo eu já ter pego mensagens no celular com amigos ou comentando de colega de trabalho e computador. A minha pergunta é: Esse jeito dele é uma doença, transtorno de personalidade ou ele que é galinha mesmo? (Registro 521)

Se, até o século XVIII, ele era apenas uma prática, passa a ser uma categoria ontológica em meados do século XIX. Hoje, o sexo é identidade, “o dispositivo de sexualidade que fez surgir, do fundo de nós mesmos, como uma miragem onde

acreditamos reconhecer-nos” (FOUCAULT, 1984, p. 146), suscitando a todos o desejo de sê-lo, já que ele diz quem somos como homens e como mulheres. Seu poder tornou-o um “significante único”. Coube, segundo Foucault, à Psicanálise a “honra política” de inscrevê-lo “pelas estratégias de poder e saber de conhecer o sexo e colocá-lo em discurso” (FOUCAULT, 1984, p. 149). Crítico do “inconsciente androcêntrico” e do “sujeito de desejo”, Foucault explora na “História da sexualidade o que chama de uma arqueologia da sexualidade. Seu poder é profundo, pois se tornou o parceiro íntimo do amor. Para Foucault (1984), o sexo tem hoje a mesma proporção de valor que teve, no passado, a descoberta do amor no Ocidente.

Notamos nos excertos do nosso *corpus*, referentes à categoria da sexualidade, dois feixes discursivos-culturais que estão presentes nas relações de poder entre homens e mulheres. Referimo-nos ao discurso entre o casamento e a sexualidade. O dispositivo de sexualidade exige a prática sexual dos casais e a obrigação do sexo torna-se prazer e sofrimento, pois se de um lado traz o gozo, do outro é fonte do ciúme, da traição e do poder de um corpo sobre o outro, de satisfação e insatisfação. O corpo jovem é exigido como ferramenta sexual, anulando-se não raras vezes, uma relação mais holística à medida que só o corpo impera. “O fato de os homens se casarem com mulheres mais jovens é uma constante praticamente universal e, segundo, parte significativa das interpretações, deve-se às relações de poder entre os sexos” (BERQUÓ, 1998, p. 417).

Embora também no Brasil o casamento tenha se modificado, pois mulheres estão casando mais tarde, com menos filhos e, se separam hoje, com muito mais desprendimento que há décadas, algo permanece constante. A moeda de troca que muitas mulheres oferecem para a escolha de um homem continua sendo a beleza e a juventude. Não só os homens procuram mulheres mais novas como elas se submetem a casar com homens mais velhos. Uma das queixas recorrentes no *site* refere-se à maneira agressiva com a qual os homens reagem ao ciúme. A categoria F3 (ciúme e controle de seus parceiros) leva, em parte, a uma reflexão sobre a posse da beleza e da juventude pela lei da oferta e da procura. “São raros em nosso meio os estudos sobre as ‘moedas de troca’ oferecidas pelas mulheres e aceita pelos homens no mercado matrimonial, além da juventude” (BERQUÓ, 1998, p. 417). Notamos nas três narrativas colocadas a seguir, o lugar da beleza e da sexualidade no discurso amoroso:

Caro Gilberto, Faz 7 anos que sou casada. Pra falar bem a verdade nem eu sei por motivo que me casei. Nem no tempo de namoro era fiel sou uma mulher muito atraente, do tipo sorriso de canto de boca e olhar atraente. As vezes tento ser fiel, mas as tentações são muitas. Meu marido confia demais em mim e nem sonha que sou infiel. Acho que nem se ele ficar sabendo ele acredita a não ser que veja. Vivo muito bem com ele. Mas as vezes me sinto mal e acho errado fazer isso, mas como já disse as tentações são muitas, fico um tempo tranquila mas de repente cai de novo na tentação. Será que é um desvio sério que tenho? Me ajuda doutor a saber como lidar com esta situação (Registro 825).

Olá, estou casada a 6 meses, meu marido é um alcoólatra em recuperação.... Continua um homem violento...ele m agride (eu desconto e o agrido tbm, é toma lá da cá) que tem vontade de se matar, fica 24 horas por dia vigiando como eu sento, se não estou de pernas abertas, se minha roupa esta indecente,... Olha, eu sou bonita, tenho um corpo tipo gostosa sabe rrsr... Só p vc entender!! Mais isso não é sinônimo de má conduta q explique reações descabidas... Adora fazer sexo e eu tbm, isso estamos em perfeita harmonia! (Registro 460).

Percebemos que no primeiro e segundo fragmentos, a sexualidade da mulher aflora como corpo em uma vitrine. Aí o corpo exerce uma sexualidade que causa prazer, vaidade, poder, mas também certa culpa. O dispositivo de sexualidade aí é um imperativo; mas para a mulher, ainda permanece duvidoso quanto à moral. O relacionamento não é ideal, mas há permanência nele. O que procuram são soluções para não saírem do ambiente conjugal.

Ola. sou casada ha 12 anos tenho 3 filhas, to gorda feia e velha, esqueci de me cuidar, não tive tempo pra vaidade, e nem sonhos profissionais, sou dona de casa, to sofrendo mt, meu marido não me beija mais, só quer sexo, sem carinho, durante o dia nem me olha como se eu não existisse, implica com as roupas q eu visto, diz q e pra eu usar roupa q me sirva, não sei o q fazer já fiz de td pra emagrecer e não consigo, ele não quer conversar, não me deixa trabalhar fora, o q eu faço to desesperada, preciso me sentir mulher, ser valorizada, mas ele acha q é frescura minha, vou fazer uma besteira se isso não mudar...tento escrever cartas pra ele, dizendo o q estou sentindo, mas ele nem le, e diz pra eu parar e me fazer de coitadinha, quero me separar e ele não quer, mas não fala que me ama, diz que quer ficar perto das filhas ...me ajudem vou ficar louca....quero me sentir amada como antes (Registro 834).

Aqui, novamente a vontade de permanência. Vemos que a reclamante se sente ausente de sua identidade feminina quando assevera “preciso me sentir mulher”, atrelando sua completude identitária ao homem. Só será “mulher” novamente quando se sentir desejada, amada, respeitada, cobiçada por esse cônjuge. Percebe-se, claramente, a ruína da reclamante visto que é destituída de “humanidade”, pois se pertence ao sexo feminino sendo mulher, e isso lhe falta, falta ela mesma. Temos aí, o relacional pelo avesso, pois ela só existe em relação ao marido. Os filhos, a casa, ela

mesma, as possíveis amizades e história de vida que tenha; se anulam frente à frieza do parceiro. Típico caso discursivo-cultural do vazio feminino em um contexto que prega a sua dependência ao parceiro. Essa dependência é cultural e de difícil neutralização.

O dispositivo é o “elemento que permite justificar e mascarar uma prática que permanece muda” (FOUCAULT, 1982, p. 244). Ele não é apenas uma estrutura mantenedora de poder, mas também produtora de poder. Na mesma obra, Foucault exemplifica o dispositivo do aprisionamento. Em um dado momento histórico, fez com que se criasse uma racionalidade afirmativa sobre a contenção da ilegalidade, alegando que prender o criminoso seria a medida mais eficaz contra a criminalidade. Qual efeito produziu esse dispositivo? A reprodução da delinquência num espaço específico. Constituiu-se um “meio delinquente” fora do espaço onde esses “indivíduos ilegalistas” circulavam com suas práticas. Ocorre algo semelhante como o sexo que antes do século XVIII era praticado sem racionalidade discursiva e sem a necessidade de aprisioná-lo pelo saber das Ciências Humanas. Sem a estratégia encarceradora de compreendê-lo, pois ainda não pululavam seus comentaristas. O sexo era um prazer fora da linguagem. O que aconteceu com o sexo e o novo espaço do aprisionamento? “O meio delinquente passou a ser reutilizado com finalidades políticas econômicas diversas”, tal como o dispositivo de sexualidade a que se refere Foucault (1984, p. 146). O dispositivo, qualquer que seja, surge subrepticamente em um dado momento histórico para completar alguma lacuna social, ou responder a uma urgência. “É isso que chamo de preenchimento estratégico do dispositivo [...] O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante” (FOUCAULT, 1982, p. 244-245).

No século XVIII instituiu-se o poder de punir, ocupação minuciosa do corpo. O aparecimento da prisão, sob a égide de reduzir a prática dos ilegais, surgiu porque, sob as máscaras de uma função social justa, escondia-se “o poder de punir”. Ele “será mais bem realizado se escondendo sob uma função social geral” (FOUCAULT, 2013, p. 126). O sexo aparece depois do século XVIII como uma função geral necessária. Era necessário falar dele, mas também o ouvir nesse sistema “confessional” em que todos aderem à obrigação de dizer algo sobre o novo tema. Tal obrigação de falar o que a verdade do discurso nos ordena, advém da instituição tem sua origem na Idade Média. Lá a inquisição produziu as técnicas para uma boa confissão. Para Foucault (1984), a relação penitente-confessor, se realiza na modernidade pela Pedagogia, pela Psiquiatria e mais recentemente, pela Psicanálise; a respeito do poder-saber sobre o sexo, quando o analista e o sexólogo exigem do penitente que “Fale mais sobre isso”. A Psicanálise

também é, para Foucault, um dos elementos que compõem o dispositivo da sexualidade, pois ela não está do lado de fora da sexualidade. É ela, a Psicanálise, que Foucault coloca no divã, e não a sexualidade. Ela teve a honra política de discursivizá-lo e dele, falamos muito. “Pode ser muito bem, que falemos mais dele do que de qualquer outra coisa” (FOUCAULT, 1984, p. 34). São as disciplinas técnicas e científicas que instrumentalizam os analistas e as falas sobre a “verdade” da sexualidade.

Não nasceria desse “erotismo discursivo generalizado”, da “prolixidade do sexo”, dessa obrigação discursiva que sai da boca e entra nos ouvidos, a fonte que alimenta os diagnósticos psiquiátricos das “condutas irregulares” do *ecouterisme*? É preciso intensificar seu prazer, ouvindo-o. É preciso mostrá-lo (exibicionismo). É preciso tocá-lo (frotterismo), vê-lo (voyeurismo), superar recordes (as compulsões sexuais). Ele não seria mais reprimido. Doravante, uma categoria respondente e penitente, o sexo possuirá um verbo para existir que “impõe a cada um fazer de sua sexualidade um discurso permanente” (FOUCAULT, 1984, p. 34). A sexualidade passa a existir sem o sexo. Ela obriga-o “a uma existência discursiva e dele nunca falamos o suficiente” (FOUCAULT, 1984, p. 34). Hoje, falar de sexo, discuti-lo nas disciplinas acadêmicas de “Sexualidade Humana”, é tão importante ou mais, do que fazê-lo. Ele entra nas práticas cotidianas como um modo de vida que identifica o que você é, imprimindo identidades e o endentamento do indivíduo ao seu consumo obrigatório.

No século XIX, passa-se a um estudo cada vez mais detalhado da sexualidade, e no século XX ela é transformada em um produto de consumo. Livres, não apenas para consumi-lo, mas para serem consumidos pelo sexo. Uma legião de adidos assim o fazem: homossexuais, bissexuais, transexuais, voyeuristas, *ecouteristes*, *sexshop*. Finalmente emancipada, psicologizada, e diagnosticada pelos “Transtornos Sexuais e da Identidade de Gênero” indexada no Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais, da Associação Americana de Psiquiatria que classifica as parafilias, segundo o Manual:

As Parafilias são caracterizadas por anseios, fantasias ou comportamentos sexuais recorrentes e intensos que envolvem objetos, atividades ou situações incomuns e causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo. As Parafilias incluem Exibicionismo, Fetichismo, Frotteurismo, Pedofilia, Masoquismo Sexual, Sadismo Sexual, Travestismos Fetichista, Voyeurismo, e Parafilia sem Outra Especificação (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2002, p. 511).

O pansexualismo como um dispositivo tornou-se uma das dimensões centrais da vida humana, a partir do século XVIII no Ocidente. Ela foi pulverizada como discurso a ser consumido, já que, para Foucault (1984), sua discursivização coincide com a invenção do Capitalismo. O dispositivo de sexualidade está aí, para estimular, consumir, ultrapassar limites, para a satisfação das “compulsões sexuais”. Essa categoria de transtorno, muito se assemelha aos “acumuladores compulsivos”, que se nutrem de objetos inúteis quanto ao uso, mas que prestam contas ao dispositivo simbólico da economia maximizada. Ter mais que o necessário, ter mais que a vontade do indivíduo. Livre, sem limites para o sexo e para o dinheiro. Nada diferente dentro do casamento, pois o modelo de conjugalidade tradicional apoia-se no ideal de felicidade sustentado pelos bens materiais e pelo amor erótico. É preciso praticar o sexo, exercitá-lo, treiná-lo à exaustão, e transmiti-lo, não apenas com a parceira amorosa, mas com todas as possibilidades que o dispositivo obriga, como nos revela o excerto a seguir.

Oi Gilberto, espero q vc possa ler a minha história de vida e me ajudar. fui casada 8 anos, tenho 2 filhas, me separei do meu marido pq não aguentava mais tantas traições, ele se tornou um homem muito frio , não saía comigo, dizia q me amava mas sempre provava o contrário. ele já me traiu com mulheres do meu bairro pra todo mundo ver e conseqüentemente eu me esfriei com ele, sempre brigávamos, quase entrei em depressão. Então resolvi me separar, ele foi embora mas eu sempre me preocupava em saber o q ele ia fazer da vida, ele vinha sempre me ver. Os reencontros, eram bons, ele dizia q eu era a mulher da vida dele e então voltou pra casa, mas nada mudou, ele não é carinhoso, com tudo se estressa e eu ã quero mais viver assim. Estou cansada, eu quero ser feliz, estar ao lado de alguém que possa confiar e ele me passou uma DST (doença sexualmente transmissível) o q faço. O q tenho q pesar? obrigada, por favor me ajude! (Registro 341)

A sexualidade reverbera em todos os lugares, não apenas na genitalização, mas na sua erotização discursiva, na sua transmissão física, imagética, cinematográfica, musical, novelesca, e materializada nos produtos de *sexshop*. A sexualidade circula no imaginário coletivo e se apresenta sob diversas formas, patologizada, estimulada, disciplinada pelos sexólogos, exigida por normativas pedagógicas de manuais de autoajuda, tecnologizada pelas cirurgias estéticas e implantes e modelada pelo discurso da beleza e do ciúme. Vejamos um dos relatos do nosso *corpus*:

Ola prof. Gilberto, moro com meu marido já fazem 6 anos, no começo do nosso namoro enfrentamos a maior dificuldade porque ambas as famílias não aceitavam nosso namoro, mas insistimos e fomos morar juntos. Tivemos um excelente casamento durante 04 anos e resolvemos (juntos) ter um filho. Até o primeiro ano da minha filha nosso casamento ia tudo muito bem, mas depois meu marido começou a ter um ciúme doentio, ele sempre foi ciumento, só que depois piorou e muito. Por varias vezes ele me seguiu para saber onde eu estava, passava varias vezes na rua do meu trabalho, me ligava o dia todo, e como se isso não bastasse fiscalizava até com que calcinha eu estava indo trabalhar. Isso acabou com nosso relacionamento, chegamos a falar varias vezes em separação, mas nunca nos separamos. Depois de muito conversar com ele e dizer que ele não tinha motivo nenhum para desconfiar de mim, ele aos poucos foi melhorando, mas ainda assim vivia fiscalizando onde vou, com quem vou, que roupa vou, se passo perfume, pq passei batom, e eu fui ignorando tudo isso e empurrando com a barriga. Só que agora depois de mais ou menos 1 ano e meio, ele começou tudo de novo, pediu minhas senhas de e-mail, começou a vistoriar meu celular, minhas roupas, e a brigar comigo por causa de coisas sem fundamento, como por exemplo, pq tenho o e-mail do meu cunhado nos meus contatos de e-mail. Eu já não estou aguentando mais, e acho que tanto eu como ele estamos juntos apenas por causa da nossa filha de 2 anos e 10 meses. E com todo este desgaste e insatisfação comecei a olhar com "outros olhos" um colega de trabalho que ele sempre teve um ciúme incontrolável, do tipo de até insinuar que eu já o traí com esse colega. O que eu faço? Estou perdida neste relacionamento. Será que é hora de realmente separar? (Registro 89)

O ciúme atinge homes e mulheres e, portanto, não é uma prerrogativa masculina de apropriar-se da mulher como um objeto, tal como defende a corrente teórica da “dominação patriarcal” citada anteriormente por Santos e Izumino (2005, p. 1). Ele antecede o patriarcado e a lógica capitalista. Ao contrário, o ciúme, na gramática do amor-paixão, desde o século XII, é uma categoria desejada e valorizada, pois ter ciúme é dar uma prova de amor e da consolidação dois corpos e imagens que se fundem no espelho.

Os ciúmes são poderosamente envolventes e enredantes, porque fazem parte do contrato amoroso para os homens e para as mulheres. Todos compartilham da sua legitimidade. Todos aderem. O senso comum dos universos femininos e masculinos, no nosso código cultural poderiam facilmente acordar que tanto o excesso quanto a falta incomodam. Ao final, não se reconhecem ciúmes. A armadilha montada em nome do ciúmes, passa a ser cruelmente a busca da imagem especular que lhe foi roubada pelo companheiro e a busca dos direitos considerados também roubados. (MACHADO, 1998, p. 34)

Olhar para o outro é a quebra do espelho narcísico e do contrato conjugal, como vemos no fragmento a seguir:

Olá Gilberto! Estou muito confusa, estou casada pela 2ª vez faz dois ano, acontece que faz algum tempo que percebi que meu marido é viciado em vídeos pornô, e tb se masturba vendo esses filmes. Se fosse vez ou outra eu até entenderia, mas isso é todo dia. A gente vem brigando muito por isso e ele diz que é um meio de não acabar com a libido dele já que a gente vive brigando. As vezes tenho medo que se eu proibir os vídeos ele procure uma mulher fora, mas essa situação já está acabando comigo, e sempre que toco no assunto a gente briga e ele diz que eu estou ficando louca com as minhas cobranças, mas estou achando que ele sente mais prazer com os vídeos do que comigo. Estou com vontade de "chutar o pau da barraca" e bloquear de vez esses vídeos, pelo menos no computador, o que vc me diz? Obrigada. (Registro nº 32)

No relato dado, vemos que, como o amor-paixão, também o sexo pode ser viciante, quando conjugado pelo ciúme, pela idolatria do corpo e potencializado pela tecnologia. A sexualidade é estimulada, publicada e tecnologizada pelos *sites* pornô que se tornam um excitante corpo virtual e ao mesmo tempo um concorrente do corpo real, fonte de intensa reclamação das mulheres que se sentem trocadas pela hiper-realidade da pornografia imagética.

Desde o final da Idade Média, até a contemporaneidade que, sentimos a cada século a aproximação furtiva entre o sexo e o amor. Os inventários do historiador, especialista no assunto, Jean-Louis Flandrin, dão conta de que até o século XVI, a Igreja não permitia o casamento regido pela ideologia do amor particularizado por dois indivíduos e nem o sexo era aceito fora do casamento e, dentro do casamento ele tinha apenas a função da procriação. Isto foi invertido, pois ao final do século XVIII, o clero emprestava seus pilares para sacralizar o casamento regido pela ideologia do amor.

No Brasil, a nação com o maior número de católicos do mundo, as mulheres não estariam, hoje, como estiveram no passado, comprometidas com o casamento religioso? Mas o casamento por amor não advém apenas dos pilares da Igreja. Vem de uma ordem mais íntima. De uma alienação da razão. Advém de uma aproximação acumpliciente entre o desejo sensorial do sexo, com as afeições do coração e de longa data, como vimos por meio de Rougemont, (1988; 2003). Também para J.L. Flandrin, a expressão “fazer a corte”, “amor de cortesia” significava no passado, dar-se a um ato gentil e, portanto, cortês. Todas essas expressões, reproduzidas ao longo da história tornaram-se sinônimos de “fazer amor”; expressão que hoje designa “essencialmente a copulação” (FLANDRIN, 1988, p. 100-101). No decorrer da modernidade, a conjugação do afeto com o desejo promoveu a fusão do amor e do sexo, como retrata o fragmento do corpus de pesquisa:

Gilberto. Estou casada há 9 anos,tenho 33 anos e dois filhos e agora descobri a traição. No inicio ele negou, mas diante de minhas provas acabou confessando. Disse que manteve um relacionamento com uma colega de faculdade. Afirma não ter tido importância. Sei que falhei o que não justifica a traição, mas agora, quero perdoá-lo; mas não consigo entender: Se me ama, por que me traiu? Como saber se esta falando a verdade? Desde que tudo aconteceu, há mais ou menos uma semana, ele mudou seu comportamento, 100% para melhor. Devo repensar o que o levou a isso e perdoá-lo, ou quem traiu uma vez trairá outra. Me ajude, pois estou dividida entre orgulho e razão. (Registro 318)

A partir do final do século XVIII, como anunciou Michel Foucault reaproxima-se o biológico do cultural e com a discursivização do sexo ele é englobado pelo amor. Dois se transformam em um, como Romeu e Julieta. É no século XVIII que o casamento se afasta da função tradicional de procriação e a ligação conjugal passa a ser feita pelos sentimentos. Enfim, no século XX, “o amor se torna a base do sacramento do matrimônio e do modelo cristão de vida conjugal” (FLANDRIN, 1988, p. 116). No entanto, as diferenças entre a sexualidade masculina e a feminina foram criteriosamente definidas pelos moralistas eclesiásticos, pelos juristas, pelos provérbios, pelos contos populares. São testemunhas abundantes de que sexualmente o homem deve ser o ativo, viril e a mulher, passiva e afetuosa.

O rigor da Igreja sobre o sexo era intenso. Restringia também a masturbação. Esta, concebida como o pecado de Onan. Afirma a Bíblia que cada vez que Onan “possuía a mulher de seu irmão, deixava o sêmen cair na terra, para não dar descendência a seu irmão” (GÊNESIS, 38; 9). Em qualquer circunstância o sexo estava limitado à procriação. O gozo se manifesta a partir do século XVI e ao final do século XVIII, a sexualidade começa a ser fabricada e reproduzida intensamente como um discurso que incita a sua prática pública e cotidiana. Mais uma vez na história, coube ao homem ser o arauto da sua perpetração após a Revolução Industrial. Nos dias de hoje, este *tecnoser* se masturba compulsivamente perante o mercado de mulheres que a internet oferece. Percebe-se essa questão no fragmento do *corpus* de pesquisa:

Boa tarde Gilberto! Li muitas perguntas de mulheres que sofrem com os maridos que possuem o hábito de ver *sites* pornôs e até cadastrados assim como o meu. Ele não nega, é um homem maravilhoso comigo...porém quando percebo que ele olha esses *sites* e ou descubro que se cadastrou com um perfil, me deixou infeliz, triste, e com auto estima baixa, sinto que não sou mulher o suficiente para ele e que qualquer mulher é muito mais bonita e atraente que eu, mesmo sabendo que sou um bela mulher, atraente e desejável. Porém não gostaria que ele se interessasse por esses *sites* e as mulheres bonitas que se exibem neles. Pode me ajudar.(Registro 73)

Nesse recorte encontra-se cravada uma queixa muito frequente de mulheres casadas que se surpreendem ao descobrir que seus maridos se masturbam. Elas traduzem essa prática como traição e se sentem substituídas, como já dissemos, pelos corpos virtuais. Porém no relato dado, a esposa apresenta seu corpo, sua beleza como moeda de troca. Reafirma sua identidade moldada pela sexualidade. Reforça, reiterando: “sou uma bela mulher atraente e desejável”, recolocando a sexualidade como um valor de oferta “sou muito desejável”, capaz de completar o ideal feminino ao qual ela adere. Um ideal que a define como mulher, porque quando o marido olha no *site* pornô para outras ela se desilude e se esvazia “sinto que não sou mulher o suficiente para ele”. Cúmplice de um ideal de homem e um ideal de mulher a ser cumprido, vê-se aí um esforço imbricativo para manter o que a psicóloga Marina Casteñeda (2006, p. 19) reafirmou em seu trabalho: “Todos os papéis masculinos associados ao machismo têm um correspondente feminino”.

O ato de trair a companheira seja pela masturbação ou pelo adultério tem um duplo efeito. Psicológico e histórico. A traição fere o sujeito particularizado pelas juras de uma promessa de amor fiel e também fere a instituição do casamento pela promessa dos deveres e compromissos conjugais. O amor-paixão impõe paradoxalmente o medo de perder o outro e ao mesmo tempo, o desejo de possuir o outro. É esse desejo incitado pelo dispositivo de sexualidade da qual imaginava-se estar libertos, que a historiadora Mary Del Priore (2014, p. 255-256) questiona: “E se tudo isso fosse uma ilusão? E se, por trás das aparências de liberdades conquistadas, muitas delas graças às feministas, novas formas de servidão tenham se imposto?”

Já no encerramento desta seção, apresentamos dados mais recentes acerca da sexualidade brasileira. A seguir apresentamos a “Pesquisa Nacional sobre Sexualidade/Estupro/Percepção”, do Instituto de Pesquisas Datafolha, exposta no 10º Encontro Anual do Fórum Brasileiro de Segurança Pública –FBSP em São Paulo no mês de setembro de 2016. O universo da pesquisa é a população brasileira com 16 anos ou mais, sendo a amostra total de 3.625 entrevistas em 217 municípios de todos os portes. A coleta de dados foi realizada entre os dias 01 e 05 de agosto de 2016.

Seus resultados indicam que 42% dos homens concordam com a afirmação de que “Mulheres que se dão ao respeito não são estupradas”, enquanto 63% das mulheres discordam. Por outro lado, 32% das mulheres concordam com a mesma afirmação, qual seja: “Mulheres que se dão ao respeito não são estupradas” Isto revela que muitas vezes as próprias mulheres ainda são consideradas responsáveis pela

violência sexual, seja por não se comportarem “adequadamente” ou por usarem roupas provocantes.²⁶

Nossa análise sobre tal afirmação é a de que o machismo como um dispositivo, atinge a todos e todas e que para o comportamento machista dos homens, há uma atitude correspondente das mulheres. Relembramos que a psicóloga Marina Casteñeda (2006, p. 20) entende que essa dinâmica de complementaridade e reprodução é o que alimenta o machismo: “O correspondente feminino do machismo é um de seus pilares centrais”. Outro aspecto que a nossa análise ressalta é sobre o “uso de roupas provocantes”, no espaço público. O mundo viril da rua ocuparia um capítulo à parte em outro trabalho. Tradicionalmente, no Brasil, a rua é o espaço devasso, da masculinidade. Em oposição ao mundo da casa, espaço em que habitava a “rainha do lar”, as prostitutas eram chamadas de “mulheres públicas”, por ser a rua o espaço da “imoralidade e do anonimato” (DAMATTA, 1987). Os dados da pesquisa parecem revelar esse consentimento ou prerrogativa histórica do dispositivo machista de permitir que os homens “mexam” com as mulheres que circulam no espaço público. Em especial, como mostra a pesquisa, aquelas que “usam roupas provocantes”, ou, se diria; com menos roupa possível. Afinal, para que serviria toda dedicação à liberdade sexual?

Não vemos mulheres "liberadas" se submeterem a regimes drásticos para se conformar a um único modelo físico, o de tamanho 38? Não as vemos se infligir sessões de musculação nas academias, empanturrando-se de todo o tipo de anabolizantes? Não as vemos se desfigurar com as sucessivas cirurgias plásticas, negando-se a envelhecer com serenidade? (PRIORE, 2014, p. 255-256).

Com essa citação, queremos apenas reafirmar o aspecto interdependente dos dispositivos culturais da sexualidade e do machismo que nos englobam, sem nos dar conta que fazemos parte de um jogo. De um aprisionamento negado e por isso, utilmente empunhado com a bandeira do direito e da libertação sexual. Evidentemente que a pergunta da historiadora não é um estímulo ou justificativa para o assédio sexual, mas um alerta de que já nos encontramos todos assediados pelos dispositivos da sexualidade.

²⁶ Instituto De Pesquisa Econômica Aplicada - IEPA. Sistema de Indicadores de Percepção Social (SIPS): Tolerância social à violência contra as mulheres. Brasília: 4 de abril de 2014.

Outro dado da pesquisa, sobre a relação entre violência e sexualidade, mostra que 65% da população tem medo de sofrer violência sexual. O percentual cresce quando desagregamos o dado por sexo, já que 85% das mulheres brasileiras afirmam ter medo. Em termos regionais, o maior medo é verificado nas regiões Norte e Nordeste do país, atingindo 72% de toda a população. No entanto, se verificamos apenas as respostas das mulheres, notamos que 90% das mulheres que residem no nordeste afirmam ter medo de sofrer violência sexual, seguidas de 87,5% da população feminina do Norte, 84% no sudeste e centro-oeste e 78% no sul do país.

Aqui a pesquisa revela uma informação que não se trata de assédio ou de “mexer com as mulheres na rua”. Esses dados vão ao encontro da análise que fizemos do “Mapa da Violência contra a mulher: 2015” na subseção 2.4 dessa tese. Segundo o 9º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, foram registrados 47.646 casos de estupro em todo o país em 2014. Isso significa um estupro a cada 11 minutos. Apesar do alto número de casos registrados, é preciso destacar que a maioria das pessoas que sofrem violência sexual não registra denúncia na polícia, o que torna difícil estimar a prevalência deste crime.

Consideramos o estupro não apenas uma violência sexual do macho. O dispositivo de sexualidade e a Análise do Discurso nos permitem destacar as condições históricas da violência contra a mulher. Quando um homem toma posse do corpo de uma mulher e a penetra, usando sua força e virilidade, esta ação não se reduz apenas a um ato sexual. Trata-se de um ritual de recuperação da supremacia histórica e da reafirmação atávica do macho, literalmente, sobre a fêmea. Logo não se trata apenas da busca de um prazer sexual. Ele é secundário e muitas vezes irrelevante. O prazer primevo é o da autoafirmação da sua força e virilidade que têm sido reforçados ao longo dos séculos, em prosa, versos, filmes; novelas.

Relembramos mais uma vez sobre as tendências discursivas biologizantes de naturalizar o estupro como um impulso da orgânica masculina. Contudo, a nossa cultura sexualizada, consumista, hedonista, mercadológica, está aí, presente em todos os lugares. A mesma sociedade que estimula a sedução, a beleza como fetiche de troca para o casamento, é a mesma que condena as mulheres quando essas seduzem, ou são assediadas pelos homens. A “representação social” (MOSCOVICI, 2003) da mulher brasileira no exterior, tradicionalmente foi de uma mulata sinuosa rebolando no carnaval. Aqui, as crônicas jornalísticas não se furtam de comentar a nádega como um signo nacional: Como não olhar e não desejá-la? A expressão “Bunda na nuca” é

utilizada por mulheres que frequentam as academias de modelação do corpo. Essa dimensão da mulher brasileira é um signo histórico que aparece no passado na literatura cômica portuguesa, referindo-se à mulher “alcatreira” (PRIORE, 2011, p. 41) como sinônimo de mulher cheia de carne. Na literatura brasileira contemporânea tivemos nas vésperas do ano 2000 o lançamento da revista “Bundas”. A primeira edição vendeu 160 mil exemplares, mas, um ano depois as vendas caíram para 30 mil exemplares. O motivo, segundo os editores, foi a revista ter adquirido uma conotação crítica da política social da época, enquanto que o público brasileiro esperava dela, um conteúdo erótico e humorístico sobre nádegas. Em vez da politização do corpo, em especial sobre uma região dele muito valorizada, o leitor visceral, carnavalesco, não apreciou a intelectualização dessa parte do corpo brasileiro.

E sobre o desejo e a paixão dos homens, o que dizer? Em boa parte das mitologias, estampa-se o poder maléfico e ao mesmo tempo fascinante das mulheres De Pandora a Eva e dela à modernidade, atribui-se à mulher, um atributo hipnótico “o misterioso envolvimento do amor pode também exercer sobre os homens e que prendem os homens com a magia dos arroubos da paixão, fazendo-os esquecer dos deveres ligados à dignidade social, determinam uma inversão na relação de dominação” (BOURDIEU, 2009, p. 130). Porém essa inversão que rompe a ordem estabelecida é imediatamente condenada “como uma falta contra a natureza e destinada a reforçar a mitologia androcêntrica” (p. 130). Como já mencionamos na introdução dessa tese, “Estima-se em cem mil o número das vítimas (das fogueiras da inquisição), sendo 90% mulheres” (PERROT, 2013, p. 89).

Historicamente divididas, a mulher é vítima do duplo discurso. Emerge pelas frestas do profano e do sagrado, ora como santas e puras, ora como prostitutas e vadias. Muitas bruxas sedutoras, sem se dar conta do que faziam, eroticamente, manifestavam aquilo que os homens desejavam. Estreitava-se assim um feixe de discursos e de atitudes interdependentes da moeda de troca das relações entre o masculino e o feminino. Contudo, apenas a face feminina dessa moeda seria exposta ao julgamento da época. Projetava-se somente nas mulheres os poderes sobre as tentações da carne, como se apenas elas fossem possuidoras de um poder misterioso. A carga da culpa que as mulheres carregam, é um estigma histórico milenar. Entendemos que essa culpa seja transgeracional, difundida pelos discursos históricoculturais e familiares, de geração para geração. No corpus de pesquisa, nota-se o esforço imenso que as mulheres se impõem para manter a vida conjugal e evitar

assim, o fracasso amoroso. Assumem com muita facilidade, como um ato de reparação da culpa, a tarefa de salvar o casamento. O esforço histórico da mulher para ser uma “auxiliadora” dos homens, é de longa data. A mulher nasceu para o homem e não com o homem (BEAUVOIR, 2009). Eva nasceu para Adão.

Hoje, as chamas do inferno já se abrandaram, porque o calor do sexo ocupa o lugar dos vivos e não mais destina-se ao lugar dos mortos como na Idade Média. Ao que parece, o Ocidente teria se libertado do pecado da carne e agora, as mulheres estariam livres para falar e praticar as reverberações do sexo. Pintar-se, exalar odores, sorrisos furtivos. Mesmo a Nova Eva, maquiada e turbinada pela discursivização do corpo erótico, ou as feministas liberais, na marcha das vadias, estariam livres para serem donas do “seu corpo”? Ao que responde Michel Foucault (1984, p. 149) sobre o dispositivo da sexualidade “Ironia deste dispositivo: é preciso acreditarmos que nisso está nossa “liberação”.

Para encerrar essa seção, apresentamos um contexto diferenciado da sexualidade ocidental. Com o propósito de destacar a perspectiva antropológica relativista do sexo nas diferentes culturas, elegemos as Ilhas de Trobriand, local onde se funda a Pesquisa Participante, pelos trabalhos pioneiros do pai da antropologia, Bronislaw K. Malinowski. Um deles foi o estudo sobre o comportamento da vida amorosa e sexual dos trobriandeses. O antropólogo relata que o beijo “é desconhecido nas Ilhas de Trobriand. Jamais constitui, sem dúvida, uma fonte de prazer [...]. Os nativos nunca falaram de beijo” (MALINOWSKI, 1983, p. 334).

Na nossa sociedade, o beijo é o ícone do amor e da sexualidade, talvez porque, o Ocidente, profundamente falante, discursivizado, veja na boca os discursos fundantes que nos constituem como sujeitos erotizados. É da boca que as palavras saem como uma verdade ontológica. A boca para uma sociedade discursivizada tem uma função falante. Falar e escutar sobre o sexo. Em Trobriand, usa-se a boca e os dentes durante o ato sexual e não para falar de sexo, como é o nosso costume. Lá, chupam-se os lábios inferiores e os mordem até sangrar. Os dentes também mordiscam o rosto, o nariz e os cílios. Arrancam-se tufo inteiros de cabelos, com uma série de arranhões eróticos nas costas, até ferir e sangrar, como sinal de desejo. “Arranque meus cabelos [...] Beba o meu sangue” (MALINOWSKI, 1983, p. 335-336). O sexo trobriandês desponta perante a sexualidade inglesa, no início do século XX, reafirmando a diversidade cultural entre as diferentes maneiras de construí-lo. A dimensão cultural do prazer nas sociedades modernas é efeito dos dispositivos ortopédicos que murmuram

por uma retórica psicologizante e pedagogizada, sobre o direito de exercê-lo e sobre as estratégias jurídicas da sua normalização.

Também o relativismo amoroso, diferenciado do nosso amor-paixão, vê-se presente na poligamia Tupinambá, ou no empréstimo de esposas, em situações rituais, entre os esquimós e os trobriandeses, apenas para citar alguns exemplos. Percebe-se nas falas das nossas participantes de pesquisa, como o mundo machista e do amor-paixão, jamais seria possível tolerar o empréstimo de mulheres, em uma sociedade cujo valor supremo é o indivíduo e sua satisfação narcísica. É somente na sociedade do “eu-moderno” que o amor-paixão se sustenta (COSTA, 1999, p. 201).

Já os homens trobriandeses, mesmo fora de situações rituais, emprestam suas mulheres para o sexo aos comerciantes brancos, em troca de benefícios materiais (MALINOWSKI, 1983, p. 327). Isso porque a sociedade trobriandesa se organiza por um sistema de circulação de trocas materiais e simbólicas. Malinowski se fundamenta na teoria da dádiva e da dívida de Marcel Mauss, típica das sociedades tradicionais. Nelas, toda dádiva, produz uma dívida. Uma obrigação de dar algo em troca, estabelecendo assim um sistema de circulação de artefatos e símbolos. É esse movimento das trocas que se interpenetram entre indivíduos e grupos que produzem as alianças sociais, mantendo a sociedade viva na sua totalidade. Por essa perspectiva, o homem trobriandês deve constantemente dar presentes à esposa. Assim, ela, em troca, presta-lhe um serviço. Trata-se da “remuneração dos favores sexuais, denominados de *buwa*” (MALINOWSKI, 1983, p. 323).

A seguir, apresenta-se o terceiro dispositivo cultural, arraigado profundamente nas queixas das participantes do nosso *corpus* de pesquisa. Referimo-nos ao dispositivo do machismo.

4.6 O DISPOSITIVO DO MACHISMO E DISCURSOS FEMININOS

"Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico". Com essa permanência no Brasil, Dom Pedro I, o primeiro imperador do nosso país, conquistou a fama, entre outros predicados, de um macho copulador e de um bom conquistador de mulheres. Não por acaso essa palavra, de tom viril, “conquista”, está presente, nos atos solenes, tanto na vitória das guerras, quanto na conquista de uma mulher por um homem.

Enquanto exigia-se o recato absoluto entre jovens da elite, na corte, o “mau exemplo” era evidente. A pesquisa realizada pelo Arquivo Nacional, revelou, até agora, cerca de 43 (quarenta e três) filhos bastardos do imperador Dom Pedro I. Seus amores eram públicos e notórios (PRIORE, 2015, p. 222).

O Brasil, como as outras nações, foi conquistado e construído pelos homens. A eles recai ao mesmo tempo, a carga do triunfo e o custo das derrotas. “Os homens são causa e consequência (*da violência*); matam mais e morrem mais. Eles são 90% do contingente carcerário e, disparado, as maiores vítimas de acidentes de trânsito, de ingestão de álcool e drogas, além de cometerem mais suicídio.” (NOVAES apud PRIORE, 2013, p. 370).

Se 92% dos homicídios no Brasil recaem contra os homens, seus algozes também são homens. Machos violentos sofrem mais violência que as mulheres, mas a possibilidade de um homem voltar a agredir o mesmo homem é menor do que a reincidência da agressão que eles comentem sobre suas parceiras. As mulheres apanham mais dos homens ao longo da vida, especialmente na fase adulta, como vimos no *Mapa da Violência 2015*. O machismo encontra-se na base das diferentes formas de violência. Segundo o Escritório Nacional de Estatística do Reino Unido, o suicídio entre homens de 20 a 50 anos de idade é a primeira causa de morte na Inglaterra, onde a taxa de suicídio, é três vezes maior, entre os homens que entre as mulheres. No Brasil, a taxa de morte por depressão, associada ao suicídio, subiu, nos últimos dezesseis anos em 640%. Hoje, estima-se em 28 suicídios por dia. A prevalência é entre homens da terceira idade.²⁷ O envelhecimento do corpo masculino caminha no sentido oposto da sua virilidade. A sexualidade decadente, a produtividade financeira em decrepitude gera uma impotência psíquica, somatizando a impotência sexual e a perda de sentido de existir. As exigências machistas não toleram um “homem pela metade”. Não existe na gramática do machismo, um meio homem ou a possibilidade de um novo devir masculino como ocorre no gerúndio da identidade trans, ou na “condição” feminina.

As práticas corporais institucionalizadas ofereceram para os homens, como poucas outras atividades, a alternativa de exercitarem simultaneamente o autocontrole corporal e a demonstração pública de desempenho, resultados de um processo de disciplina e de submissão a condições de privação, que estabelece não só parâmetros de diferença com as mulheres, como também de identificarão intrínsecos ao mundo dos machos (*afinal, boys don't cry*): Não é

²⁷ Fonte: Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Ministério da Saúde, o DATASUS, publicado no jornal O Estado de São Paulo em 17. 08. 2014, Caderno Metrópole, p. A30.

somente no contraste com o corpo feminino que a masculinidade é elaborada, mas no contraste com os outros homens, outros corpos, a partir de parâmetros tidos (e negociados) como masculinos. (PRIORE; AMANTINO, 2013, p. 129-130).

O ‘dispositivo’ para Foucault (1982, p. 244) é esse conjunto heterogêneo de discursos, instituições, leis, práticas, enunciados científicos, morais que geram as condutas sociais, pela impositação dos discursos. Marina Castañeda vai nessa direção ao focar o machismo de modo holístico:

Por conseguinte, para que o machismo continue existindo é necessário que a sociedade inteira participe dele; e, para que desapareça, é necessário que a sociedade inteira mude. Isso significa que não são os indivíduos machistas que constroem uma sociedade machista, é a sociedade machista que cria indivíduos machistas. (CASTAÑEDA, 2006, p. 19).

Ao afirmar que uma “sociedade inteira” tem parte no machismo, não queremos dizer que tudo que as mulheres fazem, fazem porque desejam ocupar o lugar da masculinidade. Como dizia Simone de Beauvoir, a mulher não é um ser mutilado, como pretendia Freud. Se a mulher conseguisse afirmar-se como sujeito, inventaria equivalentes para o falo (BEAUVOIR, 2009). Embora na nossa cultura a tendência comparativa, desde a infância, coloque os meninos numa região privilegiada, ressaltamos que quando uma menina sobe em uma árvore, não necessariamente ela quer ser um menino.

De uma forma ou de outra, há uma cultura de longa duração que afirma, instaura, reafirma a identidade masculina como superior à feminina. Os homens contemporâneos dos quais as mulheres do nosso *corpus* estão a se ocupar, formaram-se nessa cultura. E, as mulheres também aí se constituíram. Para mudar as relações contemporâneas de violência, há que se alterar essa superestrutura de longa duração dada em um verdadeiro dispositivo-discursivo-cultural e imagético, presente na literatura do herói, do guerreiro, nas poesias dos conquistadores, nos filmes dos lutadores, nos *outdoors*, na linguagem publicitária e nas vozes cotidianas que criam e recriam esse homem forte; viril; guerreiro; lutador; física e sexualmente dominador. A realidade é que somos dados nessa superestrutura e sair dela é bastante penoso.

Carros e aviões rapidamente passaram a ser compreendidos como extensões das expressões de masculinidade por serem, de um lado, sinal de sucesso financeiro e, de outro, por celebrarem ideias como velocidade, aventura, tecnologia. Os homens envolvidos com tais modalidades não poucas vezes eram encarados como heróis. (PRIORE; AMANTINO, 2013, p. 148) [...] Enfim, de qualquer maneira, enfrentando touros, cavalos, mares bravios ou elaboradas máquinas, valorizados socialmente passaram a ser aqueles homens que enfrentam os perigos e expunham publicamente sua potência e virilidade. Ai daqueles que a isso não se adequassem. Como pudemos ver, ontem, como hoje, se são grandes as restrições que cercam as mulheres, não são fáceis as responsabilidades que pesam sobre os homens. (p. 143).

O discurso publicitário estimula a velocidade, a indústria da multa, a potência dos motores, os “rachas” (competição clandestina de rua com carros turbinados), como no famoso seriado de TV e cinema “Velozes e Furiosos”. A quase totalidade de propagandas sobre carros é dirigida ao público masculino. A presença da mulher no automóvel está associada a propagandas que incluem a família no espaço do veículo. Em todos os outros casos, o automóvel é a extensão do poder masculino. Estimula-se o corredor, o vencedor por meio da potência do motor, os *HP* “horse powers”, ou seja, a “força dos cavalos”, agressivos e viris. Não por acaso que a sexualidade masculina esteja associada à potência sexual. Para os homens, o sexo tem que ter força e potência, admirada por mulheres que os chamam de “pegadores”. Estimula-se a competição e a mesma sociedade que patrocina o álcool e a velocidade, prende o sujeito alcoolizado, o que seria óbvio, mas não se encarcera a violência do trânsito; pois é necessário fazer acreditar que o condenado possui uma substância exótica que se encontra alojada no interior do indivíduo, como uma poção do mal. Não nos parece estranho que os postos de combustível com serviço de “conveniências” 24h tornaram-se o novo ponto de encontro para quem pretende amanhecer abastecido.

Esta pesquisa adere a uma proposta interpretativa que analisa os dilemas e a complexidade do campo da violência doméstica, utilizando-se da concepção de “casais violentos” proposta pela antropóloga Machado (1998). Nosso mirante teórico incide sobre a relação, as tramas interpessoais e as interações do casal sempre dados em um horizonte cultural amplo. Ao longo dos séculos, percebem-se as exigências e os encargos de sustentar a posição masculina numa sociedade competitiva e violenta, cuja saída, pode ser a adesão a um modelo violento, mas triunfante e instituído historicamente pelas classes dominantes de longa data, como nos recorda a historiadora Mary Del Priore (2013, p. 196):

O neto preferido de Dom Pedro II, o príncipe Pedro Augusto, filho de dona Leopoldina, é o exemplo da formação que um jovem da elite recebia. As atividades esportivas e viris eram muito importantes: caça, boxe, duelos com facas e espadas. O rapaz da aristocracia deveria provar a todos que não era efeminado e tinha a agressividade necessária a um homem de verdade. Pedro Augusto era obrigado a fazer exercícios, muitos deles considerados violentos. Era bonito, alto, tinha porte, olhos azuis, enfim, era a imagem dos príncipes de contos de fadas.

Típico modelo desejado pelas mulheres da época e ainda hoje, ele circula no imaginário feminino e no sonho de um amor romântico. Trata-se de uma fusão histórico-cultural entre a virilidade, a sexualidade e o amor. Esse complexo “dispositivo” acaba por encarcerar homens e mulheres na esfera do discurso machista. Diariamente ouvimos por muitas vozes de diferentes gêneros as exigências sobre ser um “homem de verdade”, um “verdadeiro homem”. Ou expressões como “Homem que é homem não chora”. “Você tem que ser homem”, “Seja mais homem”.

No Brasil, chamar um homem de “bundão” não só faz sua virilidade ficar de costas, expondo sua vexatória região depreciada, como empresta da mulher, as nádegas, compleição complementar da sua identidade. Quanto mais distanciado da mulher for construída a identidade masculina, mais homem ele será. A figura do pai austero e provedor, sempre foi o corolário para o orgulho do filho. Historicamente, ter um pai, assegurava ao filho a garantia de ser homem. A sua ausência, ou a bastardia, se revelava pejorativamente pelos documentos de batismo, pela expressão “filho de pai incógnito” (PRIORE; ADAMANTINO, 2013, p. 155). Os bastardos eram socialmente vistos como homens faltantes e designados depreciativamente, como “filho da mãe”, expressão essa que hoje o nosso irreflexivo cotidiano profere como um xingamento. Para um homem de verdade, ter um pai lhe garante essa legitimidade biológica, social e mítica, já que a representação do pai no Ocidente está associado ao nosso mito de criação. Se, pretende-se alguma possibilidade de mudanças na assimetria milenar entre homens e mulheres, será primeiro, em vez de se negar, reconhecer que a dominação masculina existe “desde que existem homens e mulheres, da qual a ordem masculina se vê continuamente reproduzida através dos tempos” (BOURDIEU, 2011, p. 100).

Selecionamos os discursos que constroem uma certa identidade, a partir das próprias falas das mulheres, contempladas no *corpus* de pesquisa. Qual o lugar dessa mulher nas relações conturbadas? Os anos 60/70, marcados pelas primeiras ondas feministas, fizeram as historiadoras de mulheres indagar se “as mulheres não seriam indivíduos?”. “As mulheres não deteriam de fato a realidade do poder?” (PERROT, 1988,

p. 169). Com outra inquietude, o drama da mulher, para Simone de Beauvoir em 1949, era questionar se elas poderiam existir como sujeitos, pois, os dispositivos discursivos masculinos constituíram a mulher, falando por elas e falando delas. “Os homens dizem <<as mulheres>> e elas usam essas palavras para se designarem a si mesmas: mas não se põem autenticamente como Sujeito” (BEAUVOIR, 2009, p. 19). Assim, poderíamos entender a inquietude de Simone de Beauvoir sobre esse “ser inessencial” ao se perguntar: “como pode realizar-se um ser humano dentro da condição feminina?” (BEAUVOIR, 2009, p. 33). “Se esse mundo é ainda um mundo que pertence aos homens” (p. 21). A história das mulheres foi falada, sobretudo pelo discurso machista com a necessidade forçada delas corresponderem a essa “contraditória combinação”. Se elas agem como homens correm o risco de perder os atributos da sua feminilidade. Se agirem como mulheres, deverão fazer tudo para satisfazer essa construção sob o “veredito do olhar masculino” (BOURDIEU, 2011, p. 84). A moda é uma das instituições modernas onde se concretiza esse jogo espetacular de sujeição e apreciação recíprocas. Ao ocupar esse lugar, a mulher torna-se uma criatura a ser percebida e reconhecida pelas categorias dominantes masculinas.

Para Castañeda (2006) o machismo aprisiona tanto homens como mulheres. Trata-se do que ela nomina de machismo invisível.

O inimigo a ser vencido não é a masculinidade, mas uma certa definição de masculinidade e, portanto, de feminilidade, que é a base do machismo. O problema não é o homem, mas a posição radical entre o masculino e o feminino. Tal oposição prejudica igualmente homens e mulheres, meninos e meninas. Dificulta as relações sexuais, amorosas, profissionais e sociais. O machismo corrói todos os veículos, afeta todas as decisões e limita o potencial de todos os membros de uma sociedade (p. 24).

Para a psicóloga, os homens também sofrem com o machismo, da mesma forma que muitas mulheres

recorrem à Psicoterapia porque acreditam que seus problemas pessoais ou conjugais são de ordem individual, sem perceber seu caráter social. [...] Não acredito nas culpas unilaterais: as mulheres são tão responsáveis quanto os homens pelo estado lamentável da relação entre os sexos, e ambos devem realizar mudanças profundas se desejam ser verdadeiros aliados na vida (CASTAÑEDA, 2006, p. 22-24)

As alianças não necessariamente devem apagar as diferenças. Nos anos de 1970, o feminismo da igualdade propunha a igualdade entre ambos. Perante a lei, a

igualdade é tão necessária como compreensível, mas do outro lado “muito diferente é almejar uma similaridade que não existe, nem tem razão de ser” (CASTAÑEDA, 2006, p. 24).

O psicanalista Jacques Lacan, ao pensar a mulher, sugere que seria preciso um novo significante para inscrevê-la na ordem simbólica, pois ao que parecia para Simone de Beauvoir (2009, p. 22), que “ a mulher não se reivindica como sujeito porque não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar da reciprocidade dele, e porque, muitas vezes, se compraz no seu papel de Outro”.

Para Beauvoir (2009), a mulher precisaria muito mais de mecanismos e aparatos de apoio social, do que necessitam os homens para a emancipação econômica e um grau maior de independência. No entanto, muitas vezes, ela é vítima daquilo que combate. Referimo-nos ao fato de que muitas mulheres acabam por aderir aos dispositivos machistas, especialmente quando impulsionadas por um discurso publicitário desavisado que remete a mulher para o lugar que os homens ocupam. Vejamos uma dessas formas de ocupação: A famosa campanha publicitária “*We can do it*” usada atualmente no Brasil, por certos grupos feministas, é um exemplo disso. Na sua origem, tratava-se de uma propaganda de guerra, criada em 1943 nos Estados Unidos sobre um cartaz em branco e preto com a foto de uma jovem operária de 19 anos, Geraldine Doyle, mostrando a força muscular do seu bíceps direito. O cartaz foi reaproveitado nas campanhas feministas dos anos de 1980 nos Estados Unidos e Europa, difundindo-se por diversas partes do mundo. Ainda hoje no Brasil a mesma imagem é usada, com a alteração nos dizeres “Não toleramos violência”. No entanto, a imagem do bíceps musculoso da mulher, permanece. Reafirmamos sim, a necessidade do avanço feminista, mas questionamos a direção dessa forma de militâncias que acaba, irrefletidamente, autenticando e reverberando o discurso e as práticas do machismo.

A recente presença de mulheres nas forças armadas, nos esportes violentos, como Boxe e Lutas Marciais Mistas (MMA) é outro retrato sobre fazer o que os homens fazem. Nesses casos, a crítica à dominação masculina e a forma pela qual essas mulheres reagem ao machismo; suas reações, já não seriam elas o próprio produto, o próprio efeito da dominação masculina? Não desejam essas mulheres desfrutar de tais poderes, agindo como homens?

Dominadas pela dominação, o machismo é um dispositivo cultural no qual muitas mulheres, variando apenas no grau, também aderem inelutavelmente. Ele estimula certas “formas de coragens” (BOURDIEU, 2011, p. 66) que reafirmam uma masculinidade violenta, exigida pelas forças armadas, pela polícia, pelas tropas de elite, pelo esporte, pelas exposições de bravura, ao definir a mulher como uma “guerreira”, seja no trabalho ou em qualquer outro tipo de superação, até mesmo ao vencer um câncer de mama. A ideia de perder o medo, de “quebrar a cara” não é coisa para os “fracos”, para os “pequenos”. O salto alto feminino, metáfora da inferioridade, e ao mesmo tempo, desejo da grandeza, acaba por “engendrar exigências terríveis como pressentem, ou reconhecem tacitamente, as mulheres que não querem marido menor do que elas” (BOURDIEU, 2011, p. 85-86). Seja o tamanho social ou o tamanho biológico. Este então, nos parece oportuno para que convidemos o leitor a um rápido trabalho de campo.

Bastaria que saíssemos às ruas e observássemos os casais. As mulheres preferem homens mais altos e eles se fortalecem com mulheres mais baixas. Num rápido olhar se detectaria que a quase totalidade dos casais é assimétrica em termos de altura. A possibilidade de se visualizar uma mulher mais alta que seu companheiro, é muito restrita. Outra tarefa desse rápido trabalho de campo seria que observássemos as diferenças de idade. Elas mais jovens, eles mais velhos. Em praticamente todas as sociedades, os homens se casam com mulheres mais jovens, na mesma medida que elas se casam com homens mais velhos. Ambos participam desse jogo das reciprocidades.

O machismo como um dispositivo se apresenta de várias formas. Discursivizado, praticado, materializado em objetos, em gestos, em imagens e em instituições. Na vida cotidiana, com muita frequência ouvimos das noivas a exigência de que seu noivo suba ao altar com salto alto para ficar acima ou que alcance a sua altura, quando se trata de “baixinhos”. Essa categoria de homens é refutada desde a infância. Vários trabalhos da Psicologia do Desenvolvimento ou dos pesquisadores da socialização dão conta de que os meninos baixinhos têm *status* rebaixado nos grupos sociais, enquanto que os mais altos têm mais privilégios e são mais valorizados. Constatamos essa preferência não apenas nas escolhas amorosas. Basta escutar a gramática do dia-a-dia acerca do homem de baixa estatura: “Aquele tampinha! Quem ele pensa que é?”. “Quem não é o maior tem que ser o melhor”, Não se enxerga ,seu baixinho?”. Na gramática popular machista, o baixinho é um homem pela metade:

“porteiro de maquete”, “salva-vidas de aquário”, “surfista de micro-ondas”, “jôquei de Hamster”, “noivo de bolo”, “se homem valesse dinheiro, baixinho servia de troco”. Damos um exemplo acerca das diferenças de altura e idade, presentes no nosso *corpus* de pesquisa:

Boa Tarde, Dr.

Estou vivendo uma situação muito complicada. Já não sei mais o que fazer. Tenho 23 anos e meu marido tem 39 anos! 16 anos de diferença!! Bom ele é muito inseguro, desconfiado e ciumento. Eu tenho 1,71 altura e ele 1,55 de altura e não é bonito! Eu sim sou bonita! Ele não quer que eu saia mais de casa, nem para ir na casa da minha irmã que mora no mesmo condomínio que o meu ! Me liga 60 vezes por dia! Fala que eu estou traindo! Tô me sentindo muito mal e infeliz! Eu o amo muito!!! Mas tá muito difícil! Que eu posso fazer? Preciso de uma solução ! (Registro 287)

O excerto aponta para o que dissemos anteriormente. A esposa ressalta para as diferenças entre a beleza, a idade e a altura como as causas das brigas. Ter uma linda mulher como esposa é um dos sonhos dos homens. No entanto, essa realização tem um custo ambíguo. Se de um lado esse homem sente-se potencializado pela conquista, as desvantagens desse homem quanto aos seus dotes físicos e idade avançada tornam-se um tormento para a relação do casal, como mostra o recorte dado.

Outros temores afrontam o machismo dos homens. Em primeiro lugar o medo da sua “impotência sexual”. O medo de “brochar”. Também o receio de que uma mulher inteligente possa saber mais do que ele e assim destroná-lo da razão. Outra categoria temerária e geradora de discórdias entre casais é quando a mulher “sai de casa”, seja para o trabalho ou para um jantar com as amigas. Deixar o espaço doméstico é uma ruptura atávica da segurança masculina que manteve a mulher por séculos no seu ambiente “natural”. Especialmente se a mulher se empodera no espaço público e financeiramente supera a renda do marido. Por fim, um homem fraco fisicamente, de estatura baixa e pouco abastado financeiramente é o estereótipo mais ameaçador da fraqueza masculina, e diga-se, estereótipo este, também indesejado pelas mulheres, porque rebaixa nos homens a sua força física, sua potência econômica e sexual.

As “exigências terríveis para se alcançar o ideal de masculinidade, imprimem nos homens, tão vítimas dessa violência quanto as mulheres, uma adesão dóxica, crença que não tem que se pensar e se afirmar como tal e, que ‘faz’ de certo modo, a violência simbólica” (BOURDIEU, 2011, p. 45). São produtos da incorporação

dominante que ocorre inconscientemente e que transcende o sujeito, impondo-lhe uma ação impensada. Bourdieu (2011) se aproxima de Foucault (2012) no que se refere à aderência do sujeito aos discursos vigentes como uma entidade falante que o precedia há tempo. Para os dois autores, as possibilidades de resistência do sujeito não são tão promissoras quanto gostaríamos que fossem. Para o primeiro,

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto à dominação) quando ele não dispõe para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem essa relação ser vista como natural (BOURDIEU, 2011, p. 47).

Para o segundo, “existe em muita gente, penso eu, um desejo semelhante de não ter de começar, um desejo de se encontrar do outro lado do discurso. A essa aspiração tão comum, a instituição responde de modo irônico” (FOUCAULT, 2012, p. 6).

Michel Foucault cria uma cena de embate entre o desejo do sujeito e o poder da instituição. Esta, detentora da ordem do discurso, impõe ao sujeito um lugar já preenchido. Assim a instituição responde ao sujeito. “Você não tem porque temer começar; estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida da sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém”. (FOUCAULT, 2012, p. 7)

A violência do “poder simbólico”, (BOURDIEU, 2008) impõe obediências ao sacrifício e ao esforço de cumprir uma “espécie de confinamento simbólico” (p. 39). Os homens sofrem pelo estatuto da virilidade e as mulheres, pelo estatuto da beleza e sexualidade. Ambos têm que se haver com a ambivalência, com a contradição que se impõe a seus corpos. Veem-se obrigados a percorrer a distância que separa o corpo ideal do corpo real. Ter que ser viril para ser homem e ter que ser bela e sedutora para ser mulher (BOURDIEU, 2011, p. 83). O sociólogo ainda afirma que “o privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade.” (p. 64).

A virilidade para o autor está associada diretamente à violência masculina. Ser viril obriga-o a ser lutador, forte e violento. Esse homem, objeto de apreciação das mulheres que, embora sofram e não desejem a sua violência, penitenciam-se pela

dupla e contraditória tarefa de admirar as qualidades de um “verdadeiro homem” e ao mesmo tempo em que se sujeitam a suportar e sofrer as consequências dessa “escolha” forçada. Trata-se de uma “escolha” condicionada, já que a autoridade pessoal de decidir não está apenas na particularidade do sujeito ou no seu desejo, mas, sobretudo, “na conformidade aos valores do grupo que é o princípio de todo valor simbólico” (BOURDIEU, 2008, p. 209). Homens e mulheres encontram-se divididos entre o macro e o micro. Entre a pequena ordem do sujeito e a ordem coletiva. Entre o “tradicional e o moderno” (CASTAÑEDA, 2006). Trata-se de um duplo vínculo que se observa também nas queixas dos homens. É o que nos aponta Marina Castañeda (2006, p. 119):

Os homens queixam-se com grande frequência das exigências contraditórias de que são objeto: as mulheres esperam que eles sejam “modernos” e que as tratem como iguais, mas, ao mesmo tempo, exigem que sejam “cavalheiros” à moda antiga. Muitas mulheres jovens querem ser independentes, mas gostariam que os homens continuassem a sustentá-las; querem poder tomar a iniciativa nas áreas social e sexual, mas desejam que os homens continuem a respeitá-las como se fossem “damas” ao estilo tradicional”

O machismo, para a autora, ainda convém para os homens e para as mulheres, pois ele não está superado, já que a base do machismo estaria nas definições de masculinidade e de feminilidade, vigente nos dias atuais, como acima apontamos em Bourdieu. O combate contra o machismo incorre no mesmo problema acerca do combate à violência. Nos dois casos, pune-se o criminoso e o machista, mas não se aprisionam os dispositivos da violência e os dispositivos que moldam o masculino e o feminino, tão cobiçado e admirado por todos e por todas.

A análise da obra que inaugurou a corrente relacional nos estudos da violência contra a mulher, *Cenas e queixas*, da antropóloga Maria Filomena Gregori (1993), conduziu-nos à reflexão para o cenário do bate-boca de casais. O homem briga pela posse da última palavra que historicamente fora outorgada a ele sob a égide da razão. O homem com razão, a mulher com sensibilidade e emoção, o “*Sexo frágil*”. No nosso *corpus* de pesquisa, os conflitos amorosos são recheados de agressões verbais de ambas as partes. No entanto, a força da palavra disciplinadora reverbera mais pelo discurso dos homens do que pelas mulheres. Se ele não consegue fazê-la calar-se pela força do grito, do palavrão, a violência física é tomada como uma solução. Já o contrário não produz efeito algum, pois a “agressão física feminina contra o homem

não se articula simbolicamente com qualquer legitimidade disciplinar. É em relação aos filhos que a agressão física feminina se articula com gesto e ato disciplinar”, (MACHADO, 1998, p. 38). Entendemos que o significante mãe, no Brasil, parece dar mais sustentação simbólica à mulher do que atributos como a autoridade e a disciplina, predicados que melhor definem a masculinidade.

Entretanto, para o nosso viés, a palavra do homem em relação ao objeto mulher pode encontrar resistência desse objeto. O objeto mulher, no discurso do homem, já se encontra complexificado, ou seja, ele está discursivizado por mirantes, às vezes dicotômicos, conflitantes. Em vez de discurso do homem para com a mulher, temos um discurso cultural em que homens e mulheres são dados e reagem a partir desses discursos. A mulher resiste a esse discurso, e aí estão as feministas que resistem. São vozes não só masculinas, mas em relação com o homem. O discurso cultural sobre o que é o feminismo pode ter tido uma prevalência do homem que o disse, mas nunca sem uma resistência do objeto, ou seja, da mulher. Falar sobre uma pedra; um acidente geográfico é mais fácil, pois não reage. Porém, falar sobre o outro vivo é também perceber a resistência do outro. Ao ver a resistência e o poder da mulher, tenta-se aprisioná-la no discurso, definindo-a como fraca; histérica; meiga; desarrazoada; infiel; bruxa; traidora.

Retomando os trabalhos da psicoterapeuta Marina Castañeda, esta teve, nos atendimentos psicológicos, a oportunidade de acessar os feixes dos discursos machistas que são, não raro, escamoteados nos ambientes sociais. Seria muito pouco provável que uma feminista assumisse publicamente que é submissa ao marido; e o engenheiro autoritário não revelaria jamais aos seus colegas de trabalho sua subserviência à esposa. Foi a experiência pessoal da psicoterapeuta Castañeda com seus pacientes que lhe permitiu compreender que o machismo, assim como a violência, não são atributos de um dos polos da relação, ou do indivíduo, mas, segundo a psicóloga, “uma forma de relação”, pois a escuta terapêutica promoveu a possibilidade de se entender que para “todos os papéis masculinos associados ao machismo tem um correspondente feminino” (CASTAÑEDA, 2006, p. 19). Adotamos assim a perspectiva do machismo, como uma moeda de duas faces em que o *logos* de um existe sempre na perspectiva do outro, num código respondente entre o masculino e o feminino. Tanto o machismo quanto o amor-paixão e a sexualidade são categorias discursivo-culturais que moldam os comportamentos da vida conjugal, por vezes violenta ao extremo.

Em dezembro de 2016, a imprensa brasileira noticiou mais um caso de agressão que surpreendeu a todos que ignoram a possibilidade de uma pessoa sujeitar-se à outra, em nome de um tipo de amor que suplanta as ideologias e consegue chegar até às últimas consequências da paixão, esta, sempre ambivalente e avessa à razão. O episódio ocorreu em 17 de dezembro de 2016, ao final da tarde em frente ao clube da cidade de Três Corações em Minas Gerais, perante o testemunho de várias pessoas que filmaram a cena e publicaram na internet. O comerciante Luiz Felipe, 34 anos, discutiu com Edvânia Rezende, de 23 anos, a segurança do Clube, por ela ter tentado evitar que ele agredisse sua esposa no interior do seu veículo. Após um bate-boca, Edvânia foi agredida com um tapa na cara e ao cair foi chutada no rosto por Luiz Felipe. O agressor já tinha sido alvo de denúncias anteriores por agressão contra moradores da cidade e também já havia agredido sua própria esposa que é uma representante da lei. A ambivalência está no fato de que ela é delegada de polícia de Três Corações. Uma defensora das leis jurídicas que se submete às leis do amor-paixão.

Quanto ao médico endocrinologista, Raphael Suss Marques que assassinou sua namorada Renata Miggiati, a tricampeã brasileira da modalidade *Body Fitness* e em seguida jogou-a do 31º andar, foi preso na manhã de 25 de dezembro de 2016. Ele cumpria prisão domiciliar pelo assassinato de Renata, mas reincidiu no mesmo tipo de agressão ao dar um tapa no peito da sua ex-namorada, mãe do seu filho, uma jovem de 22 anos que conheceu pela internet, numa rede de relacionamentos.

Por que uma imensa quantidade de mulheres escolhe e permanece convivendo com homens violentos? Elas parecem ocupar um lugar patológico, “masoquista” (BOURDIEU, 2011; GREGORI, 1993). Se agirem como homens, serão rotuladas de lésbicas, assexuadas, sapatão. Se agirem como mulheres, serão identificadas como vulgares, choronas, histéricas. Resta senão a elas a admiração por este ideal de homem forte, corajoso e belicoso. Torna-se um objeto de desejo das mulheres, por ser um potente, símbolo do poder.

Obrigadas a conciliar duas forças opostas, elas não escolhem apanhar e nem escolhem conscientemente um “homem violento”, como se desejassem sofrer. Não se trata de uma escolha espontânea, mas de mecanismos culturais e significações que operam culturalmente submetendo a consciência no jogo complementar do fascínio ao masculino e ao feminino. Em todos os casos citados, o agressor era reincidente. Este dado reafirma o que já apresentamos no *Mapa da Violência 2015*. Quase 50% dos

agressores voltam a agredir suas companheiras, não apenas mais uma vez, mas muitas vezes. Referimo-nos apenas à violência física, sem contar com todas as outras formas de espoliação de bens, extorsão financeira, ameaças e a traição com outras mulheres. Apesar do ódio, e de agredi-las, eles não desistem de suas companheiras e nem elas os abandonam tão facilmente. Ambos se encontram atrelados a uma interdependência relacional como vemos a seguir:

A socialização diferencial predispõe os homens amar os jogos de poder e as mulheres amar os homens que os jogam; o carisma masculino é, por um lado, o charme do poder, a sedução que a posse exerce, por si mesma, sobre os corpos cujas próprias pulsões e cujos desejos são politicamente socializados. A dominação masculina encontra um dos seus melhores suportes no desconhecimento, que favorece a aplicação, ao dominante, de categorias de pensamento engendradas na própria relação de dominação (BOURDIEU, 2011, p. 98).

O presidente russo, Vladimir Putin, piloto avião de caça e também é um competidor de lutas marciais. Coleciona armas, gosta de caçar, comer carne vermelha e se expõe a sobreviver em condições de risco, na neve e nas montanhas. Estereótipo típico de um homem machista e de atitudes rudes. No dia 7 de fevereiro de 2017, ele promulgou uma lei que abranda as agressões domésticas. Não serão considerados crimes, agressões que causem hematomas e arranhões leves, ou ferimentos superficiais. A sanção vale apenas para o agressor não reincidente no prazo de um ano. Para Putin, os arrufos domésticos não devem ter a interferência do Estado. Mas, se a interferência do Estado é considerada por ele como um ato de violência, o que dizer da Rússia, a quarta nação que mais agride e mata mulheres no planeta? Segundo as pesquisas russas, publicadas nos jornais brasileiros, na data da promulgação, 60% da população russa aprova o abrandamento das penas nas brigas domésticas. Acreditamos que na cultura da violência, como é o caso da Rússia e do Brasil, para citar dois exemplos, o machismo atinge a todos os gêneros. A confirmação dessa afirmação e da nossa concepção sobre o machismo foi o fato de que o presidente assinou uma lei, cujos autores foram quatro mulheres. Duas deputadas e duas senadoras do partido Rússia Unida.

Tal como na Rússia, a família brasileira nasce mergulhada em uma sociedade tremendamente violenta. Haveria então de se estranhar que um imenso contingente de familiares, inclusive a própria mãe, aderisse também ao discurso e às práticas da agressão? Segundo o *“Mapa da Violência 2015. Homicídio de mulheres no Brasil”*, temos:

Oitenta e dois por cento (82%) das agressões a crianças do sexo feminino de <1 a 11 anos de idade, que demandaram atendimento pelo SUS, partiram dos pais — principalmente da mãe, que concentra 42,4% das agressões. Para os adolescentes, de 12 a 17 anos de idade, o peso das agressões divide-se entre os pais (26,5%) e os parceiros ou ex-parceiros (23,2%). Para as jovens e as adultas, de 18 a 59 anos de idade, o agressor principal é o parceiro ou ex-parceiro, concentrando a metade de todos os casos registrados. Já para as idosas, o principal agressor foi um filho (34,9%). No conjunto de todas as faixas, vemos prepondera largamente a violência doméstica. Parentes imediatos ou parceiros e ex-parceiros, são responsáveis por 67,2% do total de atendimento (p. 48)

As mães acabam por adotar a prática machista ao se utilizarem do instrumento da violência como forma de educar as filhas. À medida que as filhas entram na adolescência a violência é transferida para o pai ou para o parceiro da mãe. E, quando as filhas se casam, o agressor agora é o próprio marido ou seu ex-marido. As mulheres que não são assassinadas e aquelas que se separam do marido, ao atingirem a velhice, são agredidas pelo próprio filho. Esses são os dados estarrecedores do *Mapa da Violência 2015*. Observa-se aí, que a mulher é alvo contínuo e sistemático da violência psicológica e física ao longo de toda sua vida.

5 AS FALAS FEMININAS ENREDADAS NOS DISPOSITIVOS

5.1 SOBRE O AMOR-PAIXÃO

Após os arrufos entre casais, a cena do “final feliz”, produzida pelo sôfrego retorno aos braços do grande amor, parece ser a imagem romântica que mais nos acalenta, perante o cinema, as novelas e os encontros nas ruas. Trata-se de um conjunto heterogêneo, como anunciou Foucault (1982), de discursos, instituições, organizações, enunciados científicos, proposições filosóficas que instituem o potente dispositivo amoroso entre todos, que por ele, são obrigados a amar. Então, nada mais do que aguardar a anunciada subserviência ao cárcere da paixão. Por isto, voltar aos braços do grande amor, mesmo que, mantendo-se prisioneiras do seu agulhão, torne-se, para essas mulheres, uma espécie de eterno desejo, que tolera a agressão do amado, impõe-se ao julgamento dos juristas, deserta a luta das feministas e cancela a sessão de terapia. A subserviência ao amor-paixão é retratada no recorte a seguir:

Oi Gilberto, tive um casamento de 6 anos, ele era ótimo, tudo que eu sempre desejei, companheiro, paizão, sempre me desejou, mas então comecei a ver diversas ligações para mulheres. Me pediu perdão, disse que não passou disso e pediu para que eu voltasse a ser quem eu era, pois ele me amava. Acabei deixando passar e a convivência ficou péssima até que um belo dia ele me agrediu, aí sim meu mundo acabou, o homem que sempre me tratou feito rainha... me decepcionei muito...então resolvi me separar...ele implorou, pediu perdão, ajuda, fez de tudo, mas eu levei até o final. Hoje faz 8 meses de separação, voltei a morar com meus pais, eles não aprovam a reconciliação, mas sinto muita falta dele, ele ainda me procura, e realmente vejo que sofre com isso, e morro de vontade de voltar para os braços dele, mas não consigo encarar meus pais. Me ajuda por favor...(Registro 823)

Essa categoria de mulheres encontra-se tomada pelo amor-paixão (ROUGEMONT, 1988) cuja demanda, amoral, apolítica e sem ética, deseja a presença permanente do outro na sua vida. Nem todas as mulheres são tomadas por esse impulso, mas, como já anunciamos a quase totalidade dos assassinatos de mulheres no Brasil, e não são poucos, ocorrem entre casais que brigam pela perda ou recuperação de um amor, como revelam os excertos do nosso *corpus* de pesquisa e o *Mapa da Violência 2015*. Trata-se de um tipo de amor desarrazoado. Um discurso carregado de forte carga emocional, sem razão e virtudes, construído por uma idealização do sujeito amado, redundando em uma idolatria obsedante. Essa educação sentimental e suas regras de conduta foram instituídas a partir do

século XVIII, pela vida sentimental burguesa (COSTA, 1999, p. 212) e permanece até os dias de hoje. Uma forma de amar que parte de uma construção imaginária do outro, a serviço da satisfação sentimental do eu. Amar romanticamente tornou-se” uma obrigação cultural” (COSTA, 1999, p. 214). A violência do parceiro facilmente é negada, pois acaba sendo uma pequena sensação momentânea, perante um intenso sentimento, maior que a dor. Apesar de não trabalharmos com as obras do sociólogo Zigmunt Bauman, não perdemos a oportunidade de citar sua preciosa afirmação sobre o amor, “O ideal do amor é seu túmulo e o amor só chega lá como um cadáver. É como se Tanatos conduzisse a carruagem de Eros” (BAUMAN, 1993, p. 101 apud COSTA, 1999, p. 138). O fragmento a seguir complementa a citação do sociólogo, pois traduz o definhamento das relações quando essas permanecem no lugar do *pathos*:

Olá Gilberto! Estou num casamento de 30 anos. Nos últimos 2 anos, sem respeito, rejeição, indiferença, desprezo, e até com pequenas agressões. Meu esposo já não dorme no mesmo quarto, me evita o tempo todo. Fui me calando, pois sempre que eu falava sobre nós as agressões começavam (física e verbal). Me cansei, resolvi sair do casamento. Aluguei um apartamento, mas... falta aquele empurrãozinho. Sabe? Quando estou perto de sair, não sei, ele se parece bom. Estou confusa. Me ajude. Grata.(Registro 173)

Elas reclamam, divididas entre a vida e a morte psíquica. Sentem-se presas à relação e se julgam incapazes de saírem sozinhas do lugar da dor. Esperam uma ajuda, ou outro salvador, e dele, um “empurrãozinho”, como diz o excerto. Na falta de uma ajuda externa, essas mulheres estão sempre propensas a manterem-se no relacionamento, pedindo socorro. Mesmo quando afirmam sobre o fim do amor, continuam sujeitadas a uma força maior, quase sempre atribuída ao homem. A cultura é anterior ao indivíduo. Este vem ocupar esses lugares que de antemão já se pronunciavam. O lugar simbólico da autoridade e da razão, é tradicionalmente dado ao homem, como vemos no recorte a seguir:

Não amo mais meu marido quero me separar só que ele não aceita e agora o que faço? (Registro 750)

Por mais que decidam se separar, acabam culpando-se pela decisão ou retornando aos braços do amado. As mulheres, mais do que os homens, parecem

sonhar com um ideal de casamento e uma família indissolúvel. Um dos feixes que prende a mulher nessa relação pode também ser o discurso familista e religioso no Brasil, apresentados na subseção O Brasil como sociedade paradoxal. O *Mapa da Religião 2015* mostra que as mulheres são mais religiosas que os homens, frequentam mais cerimônias religiosas e estão mais sujeitadas à tolerância e aos valores de preservação da família cristã. As igrejas cristãs não vêm com bons olhos o feminismo que defende o aborto, a independência da maternidade, e a separação do casal.

A dúvida de assumir uma ruptura da relação alia-se ao esforço contrário dessas mulheres. Elas se esforçam para manter o relacionamento amoroso. São culpadas pelos parceiros e assumem esse lugar. Responsabilizam-se por algo do qual não se dão conta. O dispositivo amoroso impõe sobre elas a obrigação de ser feliz com o parceiro e a família. Trata-se da culpabilização do indivíduo pelo fracasso amoroso, tal como o fracasso do trabalho e do sexo. Deve-se amar a todo custo. Pelas leis religiosas, jurídicas e pela “lei do amor”, incansável tema novelesco brasileiro. Deve-se amar, sobre o preço de suportar a violência e a humilhação da cegueira amorosa, pois esta vê o que não existe e não enxerga o que é “real”, como mostra o excerto a seguir.

Mas, agora não me dá mais tapas no rosto. Me belisca forte na mão...aí já sei que "estou olhando"...nesses dias ele me deu dois tapas fortes nas costas...quando saímos do mercado...falei: pq me bateu? Ficou sério, quieto...meu coração disparou...comecei a suar frio...tive um tipo de síndrome do pânico...fiquei sem ar...tive que respirar fundo...e, mais uma vez, o mesmo “Eu olhei para alguém”. É assim, todas às vezes quando saímos, acontece algo assim, fico chateada, triste, às vezes choro...nunca olhei para ninguém mas, ele continua dizendo que olho. Então, cheguei a achar que sou vesga...pensei será que olho sem saber, será que estou paquerando, olhando... aí parece que ele melhorou um pouco. “(Registro 232)

Não são poucas as mulheres que colocam em dúvida suas certezas a respeito do que é real e do que é imaginário, quando defrontadas com o dizer dos parceiros. Um potente discurso autoritário instituído na ordem da linguagem masculina e incorporado, em parte, pelas mulheres, parece determinar a seguinte lógica: Se o parceiro diz que é, então é. Em muitos casos, o duvidar de si, é consequência do peso da carga culposa que essas mulheres sustentam. O recorte seguinte destaca a dimensão desse peso. Assumem a culpa enquanto esperam ser valorizadas e desculpadas por seus parceiros, chegando a duvidar do seu próprio juízo, entre tantas outras incertezas que acabam alimentando.

Sou casada há dez anos eu meu marido nunca me respeitou ele é agressivo e não tem limites. Se falo em meus direitos ele fica ainda mais agressivo, não sei o que fazer ele me agride verbalmente e fisicamente. Ele fala que se eu me separar dele ele vai fazer besteiras com a vida dele e a culpada vai ser eu. Me ajude não sei o que fazer. Ele não me dá uma válvula de escape, e faz questão de me culpar de tudo. (Registro 870).

Nas poucas linhas do recorte apresentado, o pronome “ele”, é citado por seis vezes, reafirmando o potente lugar do homem nessa relação. Por outro lado, a esposa ocupa um lugar desvalido, em que ela somente se constitui na sombra do marido, enquanto aguarda sua decisão.

No excerto seguinte, mais uma vez o problema da identidade feminina, anulada e obliterada. Nas discussões, a esposa, “estava sempre errada”. A voz masculina diz o que é, e a mulher se esforça para aderir a essa verdade: “procurei ir mudando somente para agradá-lo”. Também duvida da sua capacidade de poder ser, e existir ao lado do marido, ao afirmar que “sou tão incapaz para viver ao lado desse homem”. Impossível viver ao lado, já que se coloca abaixo do marido, no lugar da sujeição ao assumir que se sente, “cada vez mais inferior a ele”.

Oi Gilberto. Eu e meu esposo namoramos por 12 anos e nos casamos há 1 ano e 6 meses e não temos filhos. Gosto muito dele e ele demonstra que também gosta de mim, mas desde o namoro tínhamos muitas discussões. Em que estou sempre errada em todas. Procurei então ir mudando, em algumas coisas por que amadureci e em outras somente para agradá-lo mesmo. Mesmo assim não adianta. Mesmo assim vivemos dias, meses bem, mas de repente acontece algo e toda a bonança vai por água abaixo, e esses momentos estão ficando cada vez piores em agressões verbais que me fazem sentir cada vez mais inferior a ele e incapaz mesmo de estar ao lado dele. Mas ao mesmo tempo ao meu redor sou considerada uma boa filha, boa amiga, boa funcionária. E me pergunto se sou tão incapaz somente para viver ao lado desse homem. Gosto muito dele, mas não estou mais aguentando viver dessa forma e por isso estou pensando em me separar mas tenho medo de me arrepender. Será que podes me ajudar? (Registro 641).

O problema anterior se repete no recorte seguinte. O poder de anulação do discurso masculino sobre a identidade feminina se concretiza pela perspectiva relacional, à medida que não só o discurso masculino se impõe, como a sujeição da voz feminina se esforça para fazer o que esse discurso diz.

Olá Dr. Gostaria de saber o que faço com meu marido, estamos juntos há 6 anos e sempre foi idas e voltas, eu tenho 33 anos e ele 64 anos. Eu ajudei muito ele, fiz tudo por ele e mesmo assim ele não me valorizou, pois me sinto muito magoada e triste Ainda gosto dele eu deixei de viver a minha vida pra

viver a vida dele, pois ele é muito doente, o que eu faço dr? Estou sofrendo muito .guardo resposta (Registro 491).

Em outros casos, o esforço para manter o relacionamento e se sentir valorizada e amada, tem sua moeda de troca com os favores, benesses, dívidas financeiras e outras perdas materiais com o parceiro que elas escolhem, sem conhecê-los suficientemente. Ficar com alguém que não se conhece, pode ser entendido como um vínculo que se apega ao imaginário fantasioso dessas mulheres e não exatamente sobre a realidade de carne e osso e das atividades que os situam socialmente, como por exemplo, o tipo de trabalho que exercem e as relações que nutrem a vida social dos parceiros. Elas parecem colocar o amor imaginário à frente da materialidade da razão, escolhendo homens sem poder aquisitivo, incapazes de sustentar um lugar nessa relação, senão o de explorar suas parceiras. Estas, seduzidas pelo fetiche amoroso, enquanto que eles, mais encantados com a lei da oferta e da procura do fetiche financeiro. Um jogo de reciprocidades, de troca entre o amor e o trabalho, com todos os ganhos e perdas. Um cálculo amoroso cujo fim é a dúvida. Ele me ama ou quer meu dinheiro?:

Olá Gilberto. Sou casada a 5 anos, e tenho um filho de 3,5. Quando conheci meu marido ele estava desempregado, sem nenhuma perspectiva de melhorar de vida, sem estudo e sem dinheiro nem pra condução. Fui ajudando ele a melhorar. Comprei roupas, ele arrumou um emprego, mas ganhava muito pouco, pois não tinha estudo, e eu sempre acabei bancando tudo, "empurrei" ele pra estudar e ele hoje é contador e tem seu próprio escritório, mas as coisas não melhoraram financeiramente, ele gasta tudo que ganha e não traz nada pra casa, eu continuo bancando tudo exatamente como era no início. São 6 anos carregando ele nas costas. Estou cansada, gosto dele, ele é pai do meu filho, mas já não sei mais se isso vale a pena, estou me sentindo explorada, ele se acostumou com a situação e sempre que o escritorio melhora ele reverte o dinheiro para o próprio escritório, fala que precisa investir para crescer mais, já trocou de sala três vezes, sempre indo pra um lugar melhor e claro com aluguel mais caro. Eu pago todas as contas do nosso filho, da casa, do carro... Preciso de um conselho. (Registro721).

A escolha de um homem que não trabalha, é uma escolha de um sujeito destituído de poder. Incapaz de sustentar seu lugar simbólico no casamento, o de ter uma autoridade sobre algo, um *status*, um nome, uma posição. Trata-se de homens apequenados que crescem com o sustento das parceiras provedoras. Que categoria de mulheres escolheria um homem pequeno? A identificação entre as entidades esposa e mãe parece ser uma parceria frequente nessas mulheres que; adotam um filho-homem para amar e vê-los crescer. Mas, de fato; eles crescem e vão embora,

em busca de uma relação com uma mulher, pois entre outras proibições, um filho está impedido de ter relações incestuosas com a mãe. Disso, possivelmente, emana uma das fontes de reclamação dessas mulheres. Vimos no *site* que elas são frequentemente traídas por seus maridos. No Brasil familista, muitas mulheres acabam por ocupar um lugar mais desejado dentro da família, cumprindo um papel de cuidadora do que ocupando o lugar de esposa na relação com o parceiro. A historiadora Mary Del Priore ao referir-se à artista Tônia Carreiro, cita uma frase bastante exemplar a respeito do lugar das mulheres que desejam cuidar dos maridos: “O truque para prender o homem não é beleza e nem juventude. É uma coisa tão besta que dá raiva: É parecer com a mãe” (PRIORE, 2013, p. 80). Os excertos a seguir vêm reafirmar a posição ocupada pela categoria de mulheres que agem como mães.

Gilberto. Namoro um rapaz que é trabalhador, porém, não tem estudos. Ganha pouco, menos que um salário mínimo. Não demonstra nenhum interesse pelos estudos. Propus ensinar-lhe, pagar um curso técnico e um cursinho para vestibular, mas ele não quer. Gosta de praticar esportes de competição – lutas marciais. No entanto, apesar de me pedir em casamento e querer ter um filho comigo - ele sabe desse meu desejo e tenho 35 anos quero isso o mais rápido possível - ele não faz nenhum esforço pra me ajudar financeiramente. Sempre que saímos quem paga as contas sou eu. Nas viagens - ele adora viajar – pago, das passagens ao hotel, passeios e restaurantes. Ele não demonstra nenhum constrangimento nisso. Às vezes sinto que ele me ama. Mas outras...? Falei com ele sobre isso. Ele disse que o humilhei... Eu o amo, mas será que essa pessoa só quer me explorar? (Registro 429)

Eu tenho um espaço que adquiri já há mais de um ano e tenho planos de construir minha casa. Ele me fez uma proposta de construirmos juntos uma dependência no espaço, mas estou em dúvida porque ele não fala nada da vida dele mas conhece toda a minha vida e as minhas contas. Peço a sua ajuda. Será que ele gosta mesmo de mim? (Registro 179)

Para o homem que pretende explorar suas parceiras, é desejável que elas trabalhem para sustentá-lo. Vimos não apenas no *corpus* principal de pesquisa como na amostra do grupo Mulheres que Amam Demais Anônimas (MADA) que a independência financeira dessas mulheres se torna um forte atrativo para que elas se tornem as provedoras e eles os beneficiários. No entanto, a força do amor-paixão, muitas vezes, coloca em risco a relação. Essas mulheres aceitam com muita facilidade algumas exigências contundentes do parceiro em troca do seu amor. Essa troca produz um alto custo para ambos, pois se de um lado a mulher ganha o amor do marido, mesmo que seja uma forma de amar regida pelo ciúme, pelo controle e pelo machismo, do outro lado ela pode perder aquilo que materialmente sustentava o

relacionamento, ao aceitar o cerceamento da vida sua vida social e econômica, para manter o casamento, como mostra o excerto a seguir.

Dr. Meu marido já me fez perder duas oportunidades de emprego. Ele não me deixa trabalhar. O que que eu faço ? (Registro 312)

Essas mulheres se empenham no esforço contínuo de amar a qualquer custo. A tolerância ao machismo do parceiro, a esperança de que um dia ele, venha a mudar, parecem reger um tipo especial de relacionamento, movido pela “microfísica da violência” (FANINI, 1992). Fica muito claro em todos os excertos, o desejo de continuar na relação, suplicando ao *site* <www.gilbertoresponde>, uma saída mágica para o sofrimento amoroso. “Dr o que é que eu faço?” “Por favor, me ajude”. Elas reclamam, sofrem, mas em nome do amor, permanecem no lugar do *pathos*. A repetição de modelos transgeracionais de filhas que crescem, mas continuam ocupando no casamento uma posição identificada com a mãe, é muito frequente no Brasil familista. São discursos e práticas da nossa cultura, que atravessam os indivíduos há séculos e que em parte, restringem a possibilidade da escolha de outros modelos de amor. As novelas, a literatura, o discurso publicitário do dia das mães, o ritual comemorativo ao dia dos namorados e ao dia dos pais, entre outros dispositivos, instituem uma forma predominante de amar: O amor-paixão, em que é dado às mulheres, a prerrogativa de “amar demais”, tal como anuncia o Grupo MADA Mais uma vez, o machismo, incorporado também por grande parte dessas mulheres, tenta recolocar a esposa em uma dupla posição. Ora como uma mãe cuidadora e esforçada, ora como uma boa filha, obediente ao poder simbólico do pai.

5.2 SOBRE A SEXUALIDADE

Desde o século XVIII que a sexualidade virou um potente dispositivo que define nossa identidade. Diz quem somos como homens e mulheres, entre outros gêneros, conduzidos pela discursivização do sexo. A ritualização da palavra, fixa e define os papéis para os sujeitos que falam (FOUCAULT, 2012, p. 42). Tornou-se tão necessário falar da sexualidade, quanto fazer sexo. Falamos de sexualidade, talvez mais do que qualquer outro assunto, como já anunciou Michel Foucault na *História da Sexualidade*. A produção de um saber sobre ela, produziu um efeito de verdade, cuja

essência todos se submetem a procurá-la, como um fotolito de uma imagem gravada no negativo e que está por nos revelar a qualquer instante. A sexualidade tornou-se uma lei que deve ser cumprida a qualquer custo, por todos, como mostram os excertos do corpus de pesquisa.

Olá Gilberto, sou casada há 6 anos, tenho 24 anos e meu marido 26 anos brigamos muito por conta do meu ciúme, não gosto que ele veja pornografias, me sinto um lixo perto dessas garotas de filmes pornô. Ele não me elogia, mas vive falando de outras, tudo que faço para ele nunca está bom, ele quer que eu seja mais sexy e tome atitude na nossa relação. Até tento fazer algo, mas na hora não consigo, travo, não sei o que fazer mais, não gosto que fique de conversas com outras mulheres, Por favor, me ajude, pois já não sei o que fazer. Fiz terapia durante 5 meses, ele fala que sou louca, mas lendo os depoimentos aqui vi que não sou a única.. Ah ele fala também que se separar de mim, ele consegue uma mulher que não pense do jeito q penso, uma muito melhor que eu, já não sei mais nem o que é auto-estima.. Desde já Obrigada!! (Registro 421)

O casal exige mais desempenho, mais técnicas sexuais oferecidas pela tecnologia dos *sites* pornográficos ou pelos manuais de autoajuda que servem para construir a essência de uma verdade que quase escapa da esposa, ao dizer que “já nem sei o que é autoestima”. Ela procura corresponder ao marido, para existir, como uma mulher: Ser “mais sexy”. A esposa “deve fazer algo”. Ela se exige e é exigida a ser melhor que as outras mulheres das quais o marido ameaça nutrir-se, caso a esposa não desempenhe com eficácia na cama, o que o discurso diz o que deve ser praticado. No excerto seguinte, temos outro exemplo.

Olá Gilberto, tenho 26 anos enfrentei uma crise no meu casamento de 6 anos. Nossa vida mudou completamente, principalmente sexualmente. Meu marido fica completamente enfurecido quando na hora do ato, comecei a cobrar atitudes mais carinhosas. Não me sinto mais uma mulher bonita como antes, mas sou bem assediada nas ruas no meu trabalho, mas não entendo essa falta de interesse do homem que realmente quero ser desejada. Não sei o que faço, acredito que suas palavras sábias me ajudarão a refletir melhor sobre o assunto. (Registro 128).

As mulheres sofrem para cumprir uma tarefa paradoxal. Esforçam-se para criar um corpo imagético, exterior ao seu corpo físico, para alcançarem o ideal de beleza. Recai sobre elas o pendore da anulação de si e a carga da conquista de um corpo exigido e desejado. Percebe-se nessa adesão, que a beleza se encontra sempre reduzida e aprisionada pelo sexo. Como apontam os excertos apresentados, não é necessário que exista o sexo. Basta um corpo belo e erotizado. Hoje, a sexualidade

encontra-se em todos os lugares. Nas aulas de sexualidade humana, no discurso midiático, no universo imagético e, confessa, nos consultórios dos sexólogos, mas nem sempre no sexo. As mulheres estão presas às exigências da beleza e da admiração por um corpo imaginário e culturalmente idealizado. Necessitam se sentir desejadas, mais que desejar. É o olhar da exterioridade que as faz existir como um corpo. Esforçam-se, como mostra o primeiro recorte, para agradar ao marido, tornando-se mais “sexy”. No entanto, o mercado da sexualidade oferece muitas opções aos olhos do desejo.

Já a centralidade do sexo no corpo masculino parece concentrar-se naquilo que lhe garante um poder simbólico, ou seja, seu pênis.

Gilberto. Sinto que se as coisas não mudam é porque eu falhei. Gosto muito dele e não o quero magoar e apesar de achar que não estamos bem custume imenso levantar os assuntos porque sei que ele tem traumas de infância de ter sido gozado pelos outros meninos por não ter órgãos muito desenvolvidos. Torna-se muito complicado abordar assuntos relacionados com sexo sem o magoar. Não sei o que fazer. Tenho um amigo que me diz que vivo com um colega de casa e não com um marido e que se me sinto bem assim então não é um problema. Mas a verdade é que não sinto. (Registro 438).

O dispositivo do machismo e de sexualidade imprimem no marido uma identidade sexual. Ser marido é ter sexo. Para o homem, sua potência sexual reflete diretamente no seu desempenho como macho vencedor, guerreiro, dirigente, empresário bem-sucedido. O desejo priápico de um grande homem é demolido perante o horror masculino de possuir um pequeno pênis. São os efeitos de uma cultura da sexualidade de longa duração. Desde as exigências biológicas e os deveres para com a garantia de procriar, que a Idade Média impunha, às exigências do imperativo da sexualidade ao longo do século XVIII, ao falocentrismo freudiano; pergunta-se, quem não inveja o falo, representante simbólico do pênis? Desta simbologia que identifica o poder masculino, desejado também pelas mulheres? A acatada esposa do recorte apresentado, reconhece a angústia do seu marido que, destituído de um pênis maior, perde o lugar de homem para receber a chancela de um “colega de casa”.

No excerto seguinte, vemos os efeitos angustiantes do que Bourdieu (2011) nominou de “violência simbólica”. A adesão a uma imagem e à rede de significados comuns que os ícones culturais da beleza imprimem no corpo da mulher.

Gilberto, o meu marido também gosta de pornografia, mas o que mais me incomoda é que às vezes depois de ver algumas atrizes e modelos na tv, ele disfarçadamente vai para internet procurar nomes dessas atrizes e vídeos delas para se masturbar, Isso é normal entre os homens? A sensação que tenho é que qualquer mulher que ele veja ele se imagine com ela na cama e isso me brocha totalmente. (Registro 160).

O excerto nos diz que o lugar da esposa pode ser preenchido por qualquer outra mulher, desde que tenha uma imagem requerida para a eficiência da sexualidade, como algumas “atrizes e modelos da tv”. O fragmento também reafirma o que dissemos quanto ao desejo do falocentrismo, entre homens e mulheres, pois fala sobre a necessidade dos homens de se manterem potentes, eretos e em plena forma física, perante a masturbação, exercício diário para a musculatura do membro central da masculinidade. Desejo também feminino de possuir a força dessa entidade? Parece que essa demanda se manifesta, quando o marido se excita por outra mulher e a esposa nos diz “isso me brocha totalmente”. No excerto seguinte, mais uma vez o problema da identidade da mulher definida pela sexualidade.

Boa tarde Gilberto! Li muitas perguntas de mulheres que sofrem com os maridos que possuem o hábito de ver *sites* pornôs e até cadastrados assim como o meu. Ele não nega, é um homem maravilhoso comigo, porém quando percebo que ele olha esses *sites* e ou descubro que se cadastrou com um perfil, me deixa infeliz, triste, e com a auto estima baixa. Sinto que não sou mulher o suficiente para ele e que qualquer mulher é muito mais bonita e atraente que eu, mesmo sabendo que sou um bela mulher, atraente e desejável. Porém não gostaria que ele se interessasse por esses *sites* e as mulheres bonitas que se exibem neles. Pode me ajudar....(Registro 441)

Ser mulher é ser “bonita e atraente”, como diz a esposa. Caso isso não se realize, anula-se a identidade mulher, pois não se alcança o que os dispositivos culturais definem como mulher. Trata-se da estética da beleza, imposta pela ritualização dos ícones dos *sites*, das novelas, do cinema e que também as práticas cotidianas autenticam. O contato do marido com outras mulheres, nos *sites* pornográficos, retira a esposa do seu lugar de mulher, já que afirma “sinto que não sou mulher suficiente para ele”. Um corpo atraente, moldado, dá a segurança de sentir-se uma mulher mais segura, com autoestima elevada. No entanto isso tem um peso, pois, o corpo escultural de uma mulher, não é somente manifestação da sua beleza e liberdade sexual. É sim a sua submissão e obediência à sexualidade (BOURDIEU, 2011). Uma sujeição ao espelho que, diariamente faz o mesmo esforço físico e mental que os homens exercitam; ambos aprisionados por esse poderoso

dispositivo já anunciado por Foucault. No entanto, a ilusão da liberdade do indivíduo, das passeatas revolucionárias que se arrogam da autonomia e proprietárias do corpo, pode levar aos caminhos que Mary Del Priore (2014, p. 255-256) nos previne:

Se as mulheres orientais ficam trancadas num espaço determinado, o harém, as ocidentais têm outra prisão: a imagem. E são açoitadas para caber nela: eternamente jovens leves e saudáveis - uma armadura que em tempos de globalização irradia-se por todo o planeta. Tamanho grande? Só no fundo da loja. A energia que as mulheres consagram ao corpo para não deixá-lo enrugado nem engordar é impressionante. E tudo para entrar em outro cárcere: o do olhar masculino. "Os homens olham as mulheres. E as mulheres se olham ser olhadas", diagnosticou o sociólogo John Berger. E a feminista Naomi Wolf cravou sem dó: "A fixação sobre a magreza feminina não é expressão de beleza da mulher, mas obediência feminina". Se ainda existem mulheres engajadas em lutas, vale lembrar esta contra as novas formas de submissão - contra o servilismo moldado pela mídia, pela televisão, pelos outdoors. Quem sabe isso ajude a pensar esse trágico erro: o de que só o corpo pode falar a linguagem da sedução.

Tal como afirma a historiadora e também nas queixas das participantes do *corpus*, o olhar masculino é necessário para reafirmar a imagem da mulher no espelho. Historicamente, elas sonham o sonho dos homens. Se sentir desejada por eles, cumprir o ideal de beleza e fetiche sexual torna-se uma obrigação. É preciso cumprir as regras desse espelho duplo, para que ambos fiquem juntos. Um encarceramento não apenas do discurso publicitário sobre o consumo do corpo, mas do ciúme e da dominação do homem sobre o corpo da mulher. Ela se oferece como objeto de desejo e ele aceita o jogo de possuí-lo. Mas, essa moeda de troca tem um alto custo, pois o encarceramento de ambos leva ao ciúme e à agressão. Todas as pesquisas e o *Mapa da Violência 2015* dão conta de que em quase a totalidade dos assassinatos de mulheres ou agressões, a vítima tinha um vínculo afetivo com o agressor. Inevitável a violência, psicológica ou física, num relacionamento em que a sexualidade, o amor-paixão e o machismo impõem um modelo de conjugalidade não apenas ideal, mas também que acumplicia a sexualidade com a agressividade. É o triunfo da morte do amor sobre a vida da violência.

5.3 SOBRE O MACHISMO

O trabalho inédito da antropóloga Gregori (1992) sobre as brigas de casais ressalta, que o "bate boca" tem o propósito de obliterar o outro, para impor a "última palavra". Aumentar o tom de voz e gritar à exaustão é a estratégia adotada para

silenciar e dominar o outro. Se isso se realiza, cessam-se as brigas, sem que os desafetos progridam para o estágio seguinte, da violência física. Os gritos e o silêncio são formas de uma modalidade imaterial da violência. Estamos então nos referindo à violência simbólica” Bourdieu (1999). Segundo o Mapa da Violência 2015, metade das mulheres agredidas e atendidas pelo SUS, volta a ser agredida pelo mesmo parceiro. Parte dessa reincidência pode ser decorrente da permanência e do esforço dessas mulheres de continuarem na relação, mesmo com a reverberação diária do “bate-boca” ou da agressão física. Como já vimos, essas mulheres se sentem responsáveis pela mudança do marido e assim se esmeram nessa esperança.

Bom dia! Gostaria de saber o que eu posso fazer para tentar melhorar a convivência com meu parceiro, ou para que ele melhore. Ele não quer procurar ajuda, acha que não tem nada de errado com ele. Ele já me agrediu uma vez, me agrediu verbalmente sempre, me chama de puta, vagabunda, tem um ciúme doentio.

Ele desde criança foi muito mimado, uma pessoa de poucos amigos, tímido. Amo muito ele, não quero terminar, queria uma solução, ando muito nervosa, sempre choro, me ajude, por favor!!!!!! Registro 821)

Apesar do “ciúme doentio” do marido e de tê-la agredido fisicamente e ainda agredi-la verbalmente, de forma frequente, ela o ama e não deseja separar-se do agressor. Ao contrário, procurou no *site* <www.gilberoresponde.com.br> um pedido de ajuda: “Gostaria de saber o que eu posso fazer para tentar melhorar a convivência com o meu parceiro”.

Na entrevista com a RIC TV, Programa Paraná no Ar, em 03/06/2016, a chefe da Delegacia Regional da Mulher do Paraná, delegada Samia Coser, declarou que um grande contingente de mulheres agredidas que fizeram o Boletim de Ocorrência na Delegacia, voltam à instituição para desistirem das diligências, após o agressor ter sido intimado a prestar depoimentos sobre o episódio. O argumento que essas mulheres usam para a interrupção do inquérito é o de que “ele mudou”, segundo a delegada. Se de um lado eles voltam a agredir, do outro lado, elas reincidem no “perdão”. Ao que parece, para cada atitude machista há um correspondente de atitudes por parte das mulheres.

O machismo conjuga amor e ódio. A quase totalidade dos homicídios de mulheres ocorre por aquilo que no passado foi nominado de “crimes da paixão” (CORRÊA, 1981). Vemos nos relatos do nosso *corpus* de pesquisa uma imbricação

de feixes discursivos que se cruzam e se interpenetram pelas fronteiras imprecisas do amor e da violência, se assim fosse possível separá-los, no Brasil.

Boa tarde Gilberto! tudo bem?

Estive buscando uma resposta pra minha vida e encontrei você e aproveitei li alguns casos, e resolvi te escrever... Minha vida é difícil, estou casada 30 anos, mas foi um casamento complicado, muitas brigas ofensas, mas no início eu era muito jovem. Com meus 18 anos, fui levando, sempre acreditando que tudo iria mudar. Meu marido me batia, me traiu muitas vezes. Se estou longe sinto muita saudades, pode ser q seja por estar acostumada c ele, mas eu ã consigo mais. Vou deixá-lo. Preciso reviver tudo isso e saber se realmente eu sinto amor por ele, eu queria dizer pra ele tudo q eu sinto e e como as ofensas marcaram minha vida e tudo q ele já fez no passado q eu tentei esquecer, mas sempre volta e meu coração Ele é um homem q quer sexo todo dia, gosta de ver pornografia, mulheres se exibindo vulgares, e isso me deixa ainda pior, porque quando ele me xinga eu me vejo como essas mulheres da vida .Então resolvi q vou embora e quem sabe consigo me ajudar...

desculpe Gilberto, é tanta coisa q acabo desabafando tudo.

será q vc pode me aconselhar?bjus fique c Deus. (Registro 802).

O excerto citado relata os trinta anos de suplício da companheira. O marido a agredia, a traiu e ainda exige sexo todos os dias. Ela se sujeita, mesmo violentada, tenta esquecer as agressões e ao mesmo tempo sofre com a permanência na relação. No entanto, queremos ressaltar que o ponto crucial do excerto é que, apesar de todo sofrimento ela afirma: “Preciso reviver tudo isso e saber se realmente eu sinto amor por ele.” Mesmo com a afirmação de deixá-lo, ela não tem certeza da decisão e pede ajuda. O retorno às relações de violência é uma situação que se repete na maioria dos excertos. Entendemos que um dos suportes dos relacionamentos conturbados se encontra na forma pela qual essas mulheres concebem sobre o que é o amor. Imagina-se que ele seja uma substância fora do sujeito. Um elemento sublime, uma poção apartada do sujeito. No entanto essa concepção está equivocada, pois, “O “amor puro”, esta arte pela arte do amor é uma invenção histórica relativamente recente” (BOURDIEU, 2009, p. 131). Assim também o equívoco acerca da existência de um “amor verdadeiro” (COSTA, 1999). É o que parece ser a esperança dessas mulheres de encontrar escondido na sombra da relação esse “verdadeiro” amor que um dia se manifeste. Mas, ao contrário, ele sempre esteve no coração do seu enamorado, pois as pessoas amam segundo o que elas são. Não existe esse amor escondido, esperado, enfim, idealizado, pois o amor é parte da identidade do sujeito, identidade esta construída culturalmente que adere a um discurso amoroso. A aderência imaterial do discurso esconde o fato de que se ama segundo o que se é.

Doce ou amargo. Ama-se então, uma representação amorosa que fomenta uma fantasia sobre o seu parceiro. É com ela que essas mulheres se relacionam. “Tristão e Isolda não se amam; eles o dizem e tudo o confirma. O que amam é o amor, é o próprio fato de amar. (ROUGEMONT, 1988, p. 35).

O mesmo ocorre com o dispositivo do machismo violento, cuja adesão incide mais profundamente sobre os homens. As mulheres se recusam a aceitar que a violência é parte dessa relação. Como vimos, um homem violento amará sempre de forma violenta, pois nasceu em uma família violenta e seu amor encontra sentido na violência, advinda de um sistema de crenças que a ritualiza diariamente. O título do filme “Os brutos também amam”, de 1954, encontrou eco nas músicas brasileiras atuais que assumem a violência incorporada ao amor em frases como “meu jeito rude de amar”. A contrapartida feminina correspondente aceita o convite e diz “você não vale nada, mas eu gosto de você”. A violência no Brasil torna-se então, uma forma de relacionar-se, de comunicar-se com o mundo. Uma forma de ser e existir que é naturalizada, depois reverberada, instituída e por fim banalizada como se fizesse parte de nós, porque de fato “O Brasil é o país que, em números absolutos mais mata no mundo”²⁸. No Brasil, o machismo e o “amor bandido” não estão separados, pois o machismo é uma forma de se relacionar (CASTAÑEDA, 2006) e, portanto, é ele parte da “essência” amorosa.

Outra dimensão do machismo recai sobre o espaço doméstico, local onde ocorre a maioria dos assassinatos e agressões físicas. À medida que a mulher avança na vida pública, a violência contra ela pode se intensificar. Segundo o adágio popular, “lugar de mulher é na cozinha”. Quando elas saem do domínio machista, isso se torna um problema para os homens, pois o ciúme se potencializa e aguça a violência. Situação essa, presente em quase todos os excertos.

Sou casada há 12 anos meu marido é ciumento e agressivo já me agrediu várias vezes e não me deixa sair sozinha. Tenho 2 filhos um 12 e 5 anos vivo com ele até hoje pelos meus filhos. Ele é um homem das cavernas. Todo emprego q arrumo ele me ameaça sempre briga por qualquer coisa. e o pior, não me dá nada. Eu pago luz água luz telefone. Me ajude não sei mais o que fazer. (Registro 217).

²⁸ Esta foi a chamada que o Jornal da Globo abriu a edição de 28.10.2016. A informação foi extraída do 10º Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2016 ISSN 1983-7364, SP; apresentado no 10º Fórum Brasileiro de Segurança Pública realizado em Brasília em setembro de 2016.

No excerto apresentado, a esposa vive com um “homem das cavernas” há 12 anos. Um machista tosco e rude, tal como ela o define. Um homem que a agrediu por várias vezes. Por outro lado, ela paga as contas da casa, enquanto ele priva a esposa do trabalho e da vida social. Ela justifica estar casada por conta dos filhos, mas o que perderia se saísse de casa, já que ela argumenta que “ele não me dá nada”? Outras presilhas mantêm essa mulher na relação conjugal. A maternagem, o cuidar dos filhos e o ser mãe, são valores arraigados fortemente nos indivíduos que se encontram mergulhados em uma sociedade profundamente religiosa. Não seria absurdo afirmar que a esposa faz tudo por esse marido-filho, já que é a provedora da casa e nem afastar a hipótese de que a dissolução da família, no Brasil é uma carga pesada demais para algumas mulheres suportarem, pois a imagem da “mulher de família” parece ser o lugar que ela, mulher, se identifica como um ser que encontra sentido, somente no ambiente doméstico. Não somente as mulheres tendem a encontrar sentido nesse espaço, como para os homens torna-se um problema quando elas pretendem “sair de casa”:

Olá, sou casada há 7 anos tenho 29 anos e meu marido é 4 anos mais novo que eu, ele sempre foi ciumento só que d um tempo pra cá aumentou muito o ciúme dele. Ele me priva de sair de casa, fica me controlando com quem eu falo por telefone e na rede social. Faço faculdade e ele não me deixa fazer meus compromissos da faculdade, e quando faço, ele me insulta dizendo que fico andando à toa. Me sinto ofendida com a forma com que ele fala. Ao contrário de mim, ele pode fazer tudo, ir na faculdade e sair com os amigos dele. Fico o dia inteiro sozinha em casa, sei que se eu arrumar um emprego será motivos para brigarmos. Perdi o contato com todas as minhas amigas, me sinto muito só. Ele é muito carinhoso e não me deixa faltar nada, porém quando falo que tenho que fazer algo ai a coisa muda de figura. Me ajuda gosto muito dele, mais já tentei conversar com ele sobre isso e ele não me entende. Sempre fui muito fiel á ele, e quero manter meu casamento, porém gostaria de poder ter amigos e sair de casa sem me preocupar em quando ele chegar ele brigar comigo sem motivos. Obrigada. (Registro 407)

O excerto apresentado não se difere muito dos anteriores. A esposa sair de casa torna-se um problema para ambos. Apesar de todo sofrimento, acabam por manter a historicidade discursiva da vida doméstica e familiar. Elas não saem de casa e do casamento. Acabam por encontrar uma justificativa que sustenta a permanência. No caso do recorte, a esposa diz que “ele é muito carinhoso e não me deixa faltar nada em casa”. Em qualquer dos casos, seja em que elas sustentam o parceiro ou quando são sustentadas, o ponto que mantêm essas mulheres no relacionamento não é a materialidade, a comodidade do lar e de ter tudo em casa. Elas estão presas à

dependência amorosa. É a força do simbólico sobre a materialidade. Ela afirma que gosta muito dele e que ele é carinhoso. Não seria essa a moeda de troca que a mantém casada? Afinal ela se assegura que “quero manter meu casamento”. O pedido de socorro é sempre uma saída mágica, fantasiosa. “quero sair de casa sem me preocupar”. O problema parece recair na escolha. Escolhe-se casar com um “homem das cavernas” e espera-se dele um amor polido, como no excerto anterior. As mulheres encontram-se perante uma escolha paradoxal, como já anunciou Castañeda (1996). Escolhem um homem tradicionalmente machista, ciumento e autoritário, mas exigem deles atitudes modernas e libertárias. Tal paradoxo faz exigir que um primitivo homem das cavernas aja como um moderno cavalheiro cortês. Pelo lado delas, agem por uma forma também ambivalente, pois ao mesmo tempo que reclamam do seu primitivismo e rudez, desejando se libertar desse lugar, sempre acabam retornando ao mesmo lugar.

Na sua origem, o termo *zelus*, ou zelo designa um cuidado especial que se tornou um poderoso componente do amor-paixão: O ciúme como uma prova de amor que acaba por conjugar amor com violência. “A relação entre zelo e violência que hoje nos deixa de cabelo em pé, em verdade é a chave do discurso que aparece em vários documentos” (PRIORE, 2015, p. 56). Os documentos aos quais refere-se a historiadora são fontes, letras de samba, título de novelas, obras da literatura romântica, filmes, revistas e outros elementos que a ajudaram a compor o livro “*História do amor no Brasil*”.

Um tipo de amor que exige a fusão de um sujeito ao outro. Essa ambivalente paixão impulsiva, ao mesmo tempo que produz a necessidade do outro, aguça o medo de perdê-lo. Estimula assim o ciúme e a posse do objeto amado e potencializa a dependência afetiva do outro. O medo da perda é tão intenso quanto a força do amor e trava-se ali um jogo de forças contrárias que conjuga paixão e violência. É no momento das brigas que essa gramática amorosa e ambivalente se manifesta em intensa reverberação, entre “tapas e beijos”, como assevera certa canção popular.

Muitas vezes é preciso negá-lo, fingir que não se ama mais, para evitar a dor da perda, pois apesar de afirmarem não mais amar, esperam que seus parceiros mudem. Permanecem na dúvida sobre a ruptura, incapazes de decidir sobre o fim, como mostra o excerto a seguir:

Estou casada há 7 anos, e tenho uma filha de 5 anos, meu casamento sempre foi um tanto conturbado, já passamos por várias crises, inclusive ele já me agrediu fisicamente, eu o perdoei. Sofri muitas agressões psicológicas também. Agora eu dei um basta Não o amo mais, quero a separação porque na nossa última briga ele simplesmente me colocou pra fora de casa e foi bem violento, machucou até o meu braço. Agora ele se diz arrependido, chora, se ajoelha e quer recomeçar, disse que vai ser uma pessoa mais tranquila e que se arrepende de tudo que fez, mas não consigo mais acreditar. Ele não aceita que eu não queira mais, diz que vai me pedir sempre pra voltar e não vai aceitar me ver com outro homem. Não sei o que eu faço, sofro pressão da família dele também. Eles não aceitam uma separação. Ele me pede uma chance pra mostrar que vai mudar. Será que vai mesmo? (Registro 885)

Os excertos se repetem. Os parceiros agredem suas companheiras, elas perdoam, eles prometem mudar e dias ou semanas depois, reincidem nas brigas e agressões. São sucessões de anos e anos de turbulência, tolerância, perdão e esperança. A permanência nesse lugar expõe essas mulheres, sempre divididas, sempre em dúvida quanto ao fim ou a um novo começo da relação. Relembramos sobre as estatísticas do *Mapa da Violência 2015*: 71,9 % dos casos de violência ocorrem dentro do espaço doméstico e, 49,2% dos agressores reincidem na violência física e, na sua maioria, são os parceiros ou ex-parceiros os agressores. Relacionando esses dados com os excertos do nosso *corpus*, podemos dizer que o amor, a sexualidade e o machismo são as bases da violência entre casais no Brasil.

O recorte a seguir é praticamente uma réplica da frase “todos os homens são iguais”. De certa maneira a afirmação é procedente se entendermos que os dispositivos discursivos abarcam a todos.

Desculpe! Mas estava lendo os depoimentos das mulheres, e penso que os homens são diferentes! Conheci muitos homens e suas estórias, e a maioria pode-se dizer "NÃO PRESTAM". No 1º caso, o senhor defende o marido! Só que eu não conheço nenhum homem que não seja grosso, que não traia, etc. Nem mesmo meu irmão eu defendo. E sinceramente, eu acredito que no futuro, muitas mulheres não irão se casar, elas irão ter suas carreiras e seus filhos de forma independente. (Registro 405)

Não imaginamos ser tão fácil assim, no momento, ficar totalmente do lado de fora da ordem do discurso. Embora o excerto aponte para um “futuro” em que as mulheres “não irão se casar, elas irão ter suas carreiras e seus filhos de forma independente”, acreditamos que melhor seria se homens e mulheres ficassem juntos para construir uma relação menos violenta, pois sabemos que a distância e as

profundas diferenças entre homens e mulheres são as bases que constituem o machismo (CASTAÑEDA, 2006).

A seguir, apresentam-se duas amostras complementares ao *corpus* principal de pesquisa, já anunciadas na seção INTRODUÇÃO. Trata-se de dois Estudos de Caso. O primeiro é o trabalho de Oliveira (2011) e o segundo trata-se de uma análise de entrevistas do grupo de Mulheres que Amam Demais Anônimas, MADA, 2016. Embora pudéssemos deslocar essas análises para uma outra seção no corpo da tese, resolvemos deixá-las aqui, sobretudo no caso de Oliveira (2011), por se tratar de um contexto que se organiza prioritariamente sob a égide do machismo de homens, mulheres, mães e filhos.

5.4 ESTUDO DE CASO I: OLIVEIRA (2011)

Em janeiro de 2015 tive contato com Marlene de Oliveira, uma curitibana que ficou exposta à violência conjugal por mais de dez anos. O histórico das brigas do casal acabou por resultar em 2011, na publicação de um livro autobiográfico. Após a análise da obra, já em meio à tese, percebemos a importância de incluí-la no nosso trabalho, sob a forma de Estudo de Caso. Dois motivos nos levaram a essa decisão.

Primeiramente pelo fato de Marlene ter permanecido por mais de uma década sob agressões contundentes, como murros, pontapés, tapas, espancamento, privações e humilhação. Em segundo lugar, por se tratar de uma categoria de mulheres bem diferenciada do nosso *corpus* de pesquisa. Marlene nasceu numa família muito pobre, com baixo grau de instrução e viveu em um contexto de extrema violência, a começar pela família de origem. Também achamos conveniente trazer um caso de violência ocorrido com uma mulher que viveu em bairros que fazem fronteiras com a Região Metropolitana de Curitiba. Isso porque, como mostra o Mapa da Violência 2015, entre os 100 municípios mais violentos do Brasil, nove são do Estado do Paraná e o assustador é que desses nove, apenas dois municípios não são da Região Metropolitana de Curitiba. Entre os 100 mais violentos do Brasil, Campina Grande do Sul está em 27º e Piraquara em 36º, seguido de Santa Helena 44º, Pinhais 56º, Araucária 61º, Tamandaré 62º, Fazenda Rio Grande 73º, São Miguel do Iguazu 91º e Colombo no 100º lugar. O que se conclui que a Região Metropolitana de Curitiba contém um índice altíssimo de assassinatos de mulheres no Brasil. Quantitativamente não temos informações sobre o nível de incidência da violência nas classes mais

abastadas. O que se sabe é que a violência ocorre tanto nas esferas populares como no topo da sociedade curitibana. Porém, no segundo caso, ela sofre menos exposição da mídia e também as vítimas procuram evitar a exposição pública por ocuparem posições de destaque na sociedade e no trabalho e assim tornarem-se alvos da crítica pública. É sabido de casos em que políticos, artistas, empresários ou professores são os agressores, mas as informações chegam até o público de forma extraoficial. Agressores e vítimas parecem acordar sobre o anonimato como forma de proteger sua identidade social.

Relembramos que alguns dos segmentos do trabalho de Oliveira (2011) já foram apresentados no início da tese. Aqui queremos enfatizar que a análise desse caso, faz uma relação entre o presente e o passado de uma mulher, vítima da violência conjugal. Até então as nossas análises não haviam focado a vida pregressa das participantes do *corpus* de pesquisa, por não estar contemplado em nossos objetivos e também porque não tínhamos dados e informações sobre o histórico de vida das nossas participantes. Nesse caso, procuramos encontrar as possíveis conexões entre uma criança excluída como filha e os possíveis efeitos dessa exclusão, na vida adulta, quanto à escolha do seu parceiro amoroso. Resolvemos acrescentar na tese esta subseção por entender que há uma lacuna das perspectivas da Psicanálise e da Psicologia, nas pesquisas que abordam a violência entre casais conturbados e, sobretudo uma imensa lacuna na investigação da infância dessa categoria de mulheres. Como o vínculo de afeto e desafeto dos pais com um filho, pode interferir nas escolhas amorosas que esse filho fará na vida adulta? Outro aspecto que consideramos ao apresentar esse Estudo de Caso é o fato de tratar-se de uma categoria de mulheres sem correspondência social à categoria da nossa tese. Marlene vem de um contexto de pobreza, onde a corrente teórica do patriarcado se assenta com mais conformidade para explicar a violência contra a mulher. No entanto, já afirmamos que pela nossa perspectiva, a classe social e questões econômicas não são suficientes para explicar totalmente esse tipo de violência. Por isso nos sentimos à vontade para apresentar uma amostra de categoria de mulheres com baixo grau de instrução e péssimas condições financeiras, por entender que essas variáveis não determinam, no todo, a violência contra a mulher.

A experiência de longos anos na escuta do sofrimento humano, como psicoterapeuta, leva-nos necessariamente a uma articulação entre o passado e o presente das pessoas que procuram atendimento psicológico. Também na nossa

pesquisa, pudemos fazer essa breve relação quando obtivemos o material do Grupo MADA (Mulheres que Amam Demais Anônimas) e entender que essas mulheres reproduzem na vida conjugal adulta, os modelos discursivos-afetivos e os lugares que ocuparam na relação de desamor, enquanto filhas. Mais tarde, saem de um relacionamento fracassado e acabam por entrar em outro, repetindo o mesmo modelo e ocupando o mesmo lugar da relação anterior. Elas não conseguem discernir os equívocos dessa repetição e quando se dão conta, das traições, dos prejuízos financeiros, entre outros problemas, encontram-se presas a uma teia de dependência amorosa. Não conhecem seus parceiros. Relacionam-se com uma entidade imaginária, como é o caso de Marlene que viveu 12 anos com um “sujeito” sem nome.

Ocupar um lugar na relação com os pais ou com o marido significa, nesse caso, uma mulher ser conduzida pelo discurso do companheiro, a uma ação inquestionável que se repete sem que ela tome consciência da sua repetição. A esposa se sujeita à obediência de uma prática oriunda dessa ordem discursiva, que não é dele, mas emana da sua boca. Quando o marido diz para a esposa “você é só uma ajudante no teu trabalho” e a esposa se coloca nesse lugar de subserviência em casa, ela não só é reconhecida, como se reconhece como alguém limitado e disponível “apenas”, para ajudar. Passa então a tomar atitudes típicas e estereotipadas socialmente de quem ocupa o lugar de babá, de doméstica ou camareira de luxo.

O marido teria esse poder imperativo no discurso? Não. Nem o poder é dele e nem ela passa a sujeitar-se a partir dele. A história se inicia bem antes do casamento. No trabalho terapêutico, percebe-se que a matriz psicológica marcada por esse discurso depende de como essa criança foi falada e significada pelos pais. Toda fala, todo discurso remete o sujeito a algum lugar. No caso, nos referimos ao lugar da dor. Mulheres que escolhem homens imperativos, muito provavelmente foram faladas pelos pais (ou um deles), como uma filha apequenada. Vejamos o excerto extraído do nosso *corpus* de pesquisa.

Olá Gilberto, tenho 24 anos e um problema enorme em relação ao sexo masculino, nunca namorei e nem as ficadas chegaram perto porque eu mesma percebo que me bloqueio, sempre tive uma relação complicada com o meu pai, que é possessivo, opressivo e grosso e acredito que a minha dificuldade vem dessa relação, não querendo culpar meu pai mas eu sei o quanto eu tenho medo de me ver no lugar da minha mãe submissa em uma relação, (Registro 92)

Torna-se uma adulta que retorna sempre à posição emocional de filha. A voz dos pais diz “Você é esforçada. Teu irmão é inteligente”. Ou se recusam a identificar-se com uma mãe submissa, bloqueando seu investimento amoroso. Possivelmente o temor do fantasma da sua própria submissão, impede-a de amar. Ela se recusa a ocupar o lugar da mãe. Muitas filhas superam esse “determinismo” e reagem contra a mãe ou o pai. Lutam para não permanecerem nesse lugar, mas isto não depende somente da força de um indivíduo. Trata-se de um conjunto de acontecimentos e vetores que se engendram no decorrer da infância. Se a dissolução desses emaranhados não ocorre no início da vida, depois que os discursos fantasmagóricos dos pais se inscrevem na identidade do sujeito e dizem o que o sujeito é, dando-lhe sentido e significado, as possibilidades de mudança mais tarde, são muito menores. Percebemos que muitas mulheres atingem o sucesso profissional e intelectual no seu trabalho, mas emocionalmente são frágeis e dependentes. A noção de sentido e significado não obedece à lógica da razão. Não é positiva e nem justa. Uma pessoa pode buscar o reconhecimento do objeto amado sem nenhuma lógica formal por meio de relações “absurdas”, “irracionais” ou “injustas”. Como já dissemos, se Descartes ponderou no século XVII, “Penso! Logo existo”, Jacques Lacan dirá que o sujeito também existe onde não pensa. Essa busca do amor-paixão, a qualquer custo, recoloca uma categoria de mulheres no lugar simbólico da menoridade, como meninas desprotegidas e desejantes. Prosseguem a jornada do esforço para obterem o reconhecimento do parceiro, do marido, que segundo Freud (1974, p. 265) é o herdeiro, depositário psíquico, ou o fantasma do pai da sua esposa.

Como faço para saber qual é meu erro? Eu sempre conheço homens que parecem legais e interessados em mim, saímos algumas vezes e eu procuro ser agradável e eu mesma. Porém, dados dois ou três encontros eles simplesmente desaparecem. Será que não sinalizo direito que estou gostando da pessoa, não acho provável que tantos homens estejam tão desinteressados assim, acredito que o erro pode estar em mim. Mas, não sei como firma uma relação a ponto de evoluir para um relacionamento. (Registro 230)

Tanto no ambiente terapêutico, como no grupo MADA e pelas queixas apresentadas no *corpus* de pesquisa, percebe-se que uma expressiva categoria de mulheres sofre, porque fizeram escolhas cegas. Não conhecem seus parceiros e acabam se envolvendo com um estranho sem nome. Uma sombra do passado violento, como foi o caso de Marlene de Oliveira apresentado a seguir.

Em 27 de janeiro de 2015 ao participar de um programa de televisão na RICTV, Curitiba, conheci a artista plástica, Marlene de Oliveira. Ao término do debate, adquiri seu livro, *“Valle dos Sonhos um passado real”*. Marlene apresenta na sua trajetória de vida, experiências intrigantes. Aos 10 anos de idade, inicia seu percurso laboral, quando sua mãe a emprega como babá de um cachorro na casa de uma família curitibana. Seu trabalho era levar o cachorro, três vezes ao dia, para passear na Praça Osório. Mais tarde, com outra família, trabalhou como diarista. Em seguida, tentou montar um salão de cabeleireira, sem sucesso e com perdas econômicas. Voltou a ser diarista e seu trabalho seguinte foi o de carrinheira. Apesar da baixa remuneração, ela economizou dinheiro e com muito esforço físico, deixou seu terreno e sua casa nas condições que desejava para morar. “Eu ficava até às cinco da manhã carregando terra” (OLIVEIRA, 2011 p. 92). Depois de sérias complicações de saúde, abandonou temporariamente o serviço pesado. Passou em um concurso público para trabalhar em uma escola, como auxiliar de serviços gerais. Com mais complicações de saúde e cansaço, pediu exoneração do trabalho. Marlene retorna ao serviço de diarista, em seguida trabalhou como auxiliar de pedreiro até se empregar no setor de higienização de um hospital, onde permaneceu por pouco tempo.

Com a exposição da dimensão do trabalho na vida de Marlene, pretende-se apontar para o intenso sacrifício ao qual ela se submeteu. Sacrifício desnecessário, sob o ponto de vista da razão, já que não necessariamente precisaria pedir exoneração de um trabalho concursado. Justificou problemas de saúde e desligou-se daquele trabalho para retornar ao lugar do esforço, físico e mental. Analisando sua vida amorosa, percebe-se que outras decisões e escolhas produziram efeitos também conturbadores em sua vida. Uma constância de violência física, como estupro, ameaça a mão armada, cabelos arrancados, ossos quebrados e dentes arrancados aos socos e pontapés, ao longo de uma década. Alguns relatos de médicos atendentes, dão uma proporção da violência “Seu marido é um doente mental. Ele destruiu suas partes genitais” (p. 71). Entendemos que a categoria de mulheres que permanecem em situação de risco por longos períodos de tempo, necessita ocupar o lugar da dor. Esse mecanismo que chamamos aqui de estratégias inconscientes da vitimização, é um mal necessário. Isto não implica dizer que algumas pessoas têm prazer na dor. Ninguém gosta de sofrer e nem procura o sofrimento para alimentar um prazer. Ao contrário, a dor é a porta de saída do sofrimento. Relatos nos consultórios de Psicologia sobre pessoas que se autossabotam, são mais frequentes do que se

imagina. Essa sabotagem que leva à dor tem como no caso de Marlene, está a serviço de algo e tem uma função, como veremos. Se de um lado nossa tese enfoca a prevalência das categorias culturais na fundação do sujeito, não gostaríamos de esvaziar totalmente a existência das possibilidades, mesmo que mínimas, desse sujeito sair do cárcere da violência, como ocorreu com Marlene de Oliveira.

Fazendo uma análise longitudinal das escolhas de Marlene, a decisão que inaugura essa relação conturbada deu-se quando sua mãe descobre que aos 19 anos, a filha não era mais virgem. Foi estuprada pelo namorado e em seguida agredida com vários socos. Rompeu o namoro, mas percebeu depois que estava grávida. Passara-se dois meses após o estupro e a mãe percebeu a gravidez da filha. Então, “Minha mãe e meus dois irmãos mais velhos simplesmente me lincharam: chutes, socos, pontapés, além dos palavrões...Eu estava toda machucada de tanto apanhar. Perdi alguns dentes e tinha a boca toda cortada” (p. 45). Marlene poderia ter desistido do namoro, aceitado a ajuda que a vizinha Marcia ofereceu: “Você não vai embora com esse cara. Ele não presta. Fique aqui. Ajudo você a criar o bebê.” (p. 47). Marlene escolheu viver com o namorado, não por amá-lo, segundo seus relatos, mas por vergonha da família. De um lado se poderia dizer que a vergonha social seria uma justificativa para ocultar o lugar de vítima que Marlene sustentava, ou de outro lado, afirmar que a vergonha da família é um dispositivo dado na cultura machista que exige das mulheres a presença de um parceiro para que elas encontrem sua identidade e sentido como mulheres, como vimos ao longo da tese. Poder-se-ia dizer então: “Sem um homem eu não sou. Tenho um homem, logo sou”.

Perder a virgindade ingressaria Marlene, na nossa análise, ao mundo das indignas, das imorais, das prostitutas, da filha que traiu a mãe e os irmãos. Psicologicamente, o mecanismo que leva à absolvição da culpa é o castigo, a penitência e a punição. Assim ela se ofereceria como objeto de flagelo ao marido. Uma voz que lhe ordena: Eu preciso que me bata, me humilhe para reparar o meu mal e conquistar o meu perdão. Pelo ponto de vista microscópico, essa análise se reduziria aos aspectos psicológicos expostos. Mas, pela perspectiva macroscópica, o valor cultural do homem teria o poder de restituir a moral de Marlene.

Marlene viveu com um parceiro com o qual “nunca trocamos carícia ou afeto e tínhamos vidas separadas. Só recebia pancada e desprezo” (p. 59). Sempre como cúmplice do marido, a mãe de Marlene é relatada como um mal “Devo a minha mãe a destruição de meus sonhos” (p. 42). Marlene se recorda de alguns privilégios dos

irmãos. Enquanto Marlene começou a trabalhar com 10 anos e dava todo dinheiro para a mãe, sob o risco de apanhar, essa obrigação não se aplicavam aos irmãos, em especial ao mais velho. “Minha mãe se desdobrava para fazer o que ele queria. O primeiro prato era sempre para ele, bem cheio, e a carne era só para ele” (p. 30). Ao contrário de Marlene, obrigada a trabalhar desde os 10 anos de idade, os irmãos, mesmo na adolescência, nunca trabalharam e ficavam parte do dia bebendo nos bares. Ao chegarem em casa, segundo relatos de Marlene, quebravam tudo que encontravam pela frente. Violência semelhante à da mãe, perpetuada pelos filhos, sobre a filha-mulher, depositária da violência de uma mãe machista, aliada aos filhos homens e a um marido igualmente machista e violento. Como sabemos, o machismo não é uma prerrogativa masculina.

Ao longo da obra, percebe-se a ausência completa da presença física do pai. Nenhum ato de violência por parte dele. No entanto o pai está presente na mãe que ocupou esse lugar. O lugar simbólico do macho poderoso violento. As representações simbólicas e as ações da violência masculina, incorporada pela mãe, estão presentes em todas as páginas do livro. Além da ausência de um pai, que muitas vezes, salva os filhos de uma mãe violenta, apenas uma vez nas páginas da obra, Marlene relata sobre um ato de proteção da mãe. “Foi a primeira vez que minha mãe intercedeu por mim”. A mãe teria repreendido o genro por ele dormir com as filhas, “Você é homem, não tem que dormir com as meninas. Elas já estão grandes” (p. 77) “Filha. Suas filhas estão correndo risco dormindo com o pai” (p. 77).

O estereótipo da mãe de Marlene é também o de uma esposa que fala, pensa e age como um homem. Rude, violenta e autônoma, não pedia nada ao marido, aguentava tudo sozinha. “Sempre que voltava do trabalho, trazia tábuas ou caibros nos ombros para aumentar a casa. Depois puxou luz elétrica” (p. 29). Percebe-se a repetição dos modelos transgeracionais. Marlene é a própria mãe encarnada, pois também aguentava tudo sozinha, “pegava na enxada”, criou as filhas sem um pai, nunca pediu nada ao marido, muito menos dinheiro. Aqui, não são apenas os maridos que submetem as esposas, mas esposas que incorporam o lugar da masculinidade ora submetendo os maridos lutando como homens, ora se submetendo a eles por incorporarem o machismo, colocando-se no lugar de mulher submissa.

Marlene nasceu em uma família muito pobre e violenta. Eram em nove irmãos, sete homens e duas mulheres. “Meu pai era funcionário de um órgão federal, ganhava bem, mas gastava tudo com seu vício em jogo de baralho. Minha mãe trabalhava de

diarista para sustentar os filhos e pagar o aluguel da casa. Meu pai faleceu aos 33 anos” (p. 17). Diariamente quando a mãe chegava do trabalho, batia em quase todos. Marlene relata que a surra começava sempre pelo mais velho e quando chegava sua vez, a mãe já não tinha mais forças para bater “então nos mordida por todo o corpo. No dia seguinte, nós mesmos amassávamos ervas e passávamos no corpo para aliviar a dor”, (p. 18). Já na adolescência, recorda-se da violência da mãe. “Apanhava todos os dias com pedaços de pau, ou qualquer objeto que estivesse na frente da minha mãe. Os vizinhos fizeram um abaixo assinado e entregaram ao juizado de menores” (p. 28). O oficial de justiça levou seis filhos homens para um orfanato. Algum tempo depois, a mãe reformou a casa, aumentando um cômodo e instalando luz elétrica para poder retomar seus filhos no Juizado de Menores.

5.4.1 Infelizes para sempre: o casamento

Aos 18 anos, Marlene não havia namorado e “e nem sabia ou pensava nessas coisas” (p. 33). Nessa época, percebeu que um “sujeito”, expressão usada por Marlene ao se referir ao marido, havia se interessado por ela. Alguns meses depois o “sujeito” foi até a sua casa para decidir por ela, “vou casar com você”

Marlene teve cinco oportunidades para deixar o “sujeito”. Convidada por outra família para deixar a relação, por vizinhas e amigas, continuou o caminho do calvário, tal como fez acerca das escolhas de trabalho. O marido “era alcoólatra”, “não deixava eu me arrumar”, “nunca trocava carícias”. “A última surra que me deu eu quase morri. Fiquei com a barriga inchada cuspiendo sangue por dois dias, com gosto de podre e mau-cheiro” (p. 60). O irmão do sujeito era enfermeiro do hospital que a tratou. Marlene nunca havia contado nada à família e nem para o próprio cunhado. Sofrendo calada. O silêncio não teria sua utilidade? Sempre suportando a dor. Ela se orgulhava de ser uma mulher forte, por suportar o suplício, a desgraça, a humilhação, a doença e as agressões, “sempre em silêncio”. Embora em condições precárias de subsistência, não dependia economicamente do seu companheiro. Ao contrário, sempre apresentou como um troféu a imagem de uma mulher autônoma que tudo poderia aguentar. Todavia, é dependente dele, uma vez que o suporta e não o delata para a polícia. Encontra-se enredada nas malhas de uma sobredeterminação machista que exige da mulher, que tenha um “companheiro”.

Pela ajuda de uma amiga, se inscreveu numa academia para treinar alguns golpes de lutas marciais e se defender, ou atacar o marido. Foram meses de treinamento, três vezes por semana. Por fim, conseguiu vencê-lo em um confronto. No meio da briga, “Com uma mão segurei no batente da porta para não cair pela escada de cinco degraus. Com a outra me agarrei com toda minha força nos testículos dele. Ele continuou empurrando, mas quando disse que eu ia arrancar os testículos, ele viu que eu não estava brincando e parou” (p. 66), mas as brigas continuaram e por várias vezes o marido voltava dias ou semanas depois “mansinho, pedindo desculpas” e “eu burra acreditei” ou em outras situações Marlene confessa “Eu muito burra perdoei” (p. 67).

Sempre tolerando, perdendo, acreditando, mas ao mesmo tempo lutando. Uma relação íntima entre o perdão e a violência. O perdão parece ter sua utilidade, pois ele é o elemento que permite um recomeço. Mas, um recomeço de brigas, socos, chutes, estupro. Parece aí haver um mecanismo de retroalimentação da violência, pois Marlene acreditava; que para ser amada precisaria se sacrificar, ser punida, se vitimizar, se esforçar, seja se exonerando no trabalho, seja carregando tábuas, “pegando na enxada”, ou apanhando do “sujeito”. Marlene ocupa na relação com o marido, o lugar que ocupou na relação como filha. Amaldiçoada como mulher, pelo marido e como filha indesejada, de uma mãe machista, cúmplice do genro, violenta.

Muito significativo que em toda a obra, Marlene não tenha nominado seu companheiro, senão pelo termo “sujeito”, uma categoria sem nome. Algo que não existe. Que tipo de vínculo unia Marlene ao “sujeito”? “Numa conversa com a amiga Idinha, esta perguntou se eu o amava. Respondi que queria matá-lo, mas nunca tive chance porque ele dormia entre as duas meninas. Como eu poderia amar alguém que só me causou dor e sofrimento?” (p. 63). Algumas categorias de pessoas encontram sua identidade em lugares não necessariamente prazerosos. Onde existimos? Onde nos tornamos realidade? Na sala de aula, como professor, no campo de futebol como jogador, mas também como refugos de uma família, como depositário da loucura dos pais. Ou como “vítimas do sistema”. Assim, alimenta-se o sofrimento de Marlene com o sadismo e a loucura do “sujeito”, diagnosticado pelos médicos de Marlene, como “louco”, “monstro”. Mas o que deseja uma mulher ao se casar com um monstro?

5.4.2 A redenção de Marlene

Do começo ao fim da sua obra, são páginas de sangue, de sujeição, de esforço, de resistência e tolerância. Como dissemos no início um dia o “sujeito” partiu. Talvez se não o tivesse feito, Marlene, não teria conhecido o médico que a tratou de uma complicação pulmonar. Sua proximidade com ele deu rumos para sua mudança. Dizia Marlene, sobre o médico: “Tornei-me dependente da sabedoria dele. Sempre que tomei decisões sozinha, me dei mal e tive que voltar atrás” (p. 121). Com a doença, ela perdeu o emprego, todo seu dinheiro e a família não mais a acolheu. Nem as filhas, nem a mãe e nem os irmãos. Porém, “foi aí que Deus usou o Dr. Carlos em meu favor”

- Dona Marlene, a partir do ano que vem, eu, Dr. Carlos, quero ver a senhora outra mulher. Não quero vê-la chorando mais... Sei que é uma guerreira e vence tudo sozinha. Se as suas filhas não a valorizam, eu valorizo tudo que vem da senhora... A senhora tem uma beleza escondida dentro da senhora. Sabe, sua inteligência é de dar inveja... Confio na sua capacidade. A senhora é livre para sonhar e realizar este sonho. (p. 117)

Marlene, a “guerreira”, diz salva pelo Dr. Carlos. Seus elogios, segundo ela, surtiram efeitos. Marlene começou a dançar, pintar em guardanapos de tecidos, presenteando ao Dr. Carlos, que cada vez mais a incentivava na continuidade da arte. “Foi a primeira vez que encontrei alguém que acreditasse tanto em mim”. Apesar de dizer que foi “a primeira vez”, durante os 12 anos de violência muitas outras pessoas próximas de Marlene, ofereceram ajuda, mas essas ofertas não surtiram o efeito que as palavras do médico produziram. Talvez o discurso científico do médico, justo, afetivo e preocupado com ela e talvez por ser homem? Indagações que não podemos responder, mas pode ter uma certa verdade.

Mais confiante, inscreveu-se no concurso da Primeira Jornada Artística de Pinturas em Telas do Exército Brasileiro da 5ª RM de Curitiba. Ficou classificada entre as três primeiras candidatas. Qual efeito tão poderoso faria Marlene tão “confiante” assim, como se define? Um deles, possivelmente, foi o encontro com um modelo de masculinidade oposto à brutalidade da mãe, dos irmãos e do marido. Um dia o médico pediu a Marlene que ela pintasse seu rosto para que ele o colocasse no seu *site* para que os outros clientes a conhecessem.

“Eu ri muito e disse: Nem pensar! Sou muito feia. Isso não. Para a minha surpresa, a resposta dele foi: – Quem disse que a senhora é feia? Se a senhora

pudesse ver dentro de si mesma, veria que linda é...” (p. 121-122). Marlene foi ressignificada por uma linguagem afável e acolhedora, mas essa escuta de Marlene só foi possível quando ela conseguiu se desligar daquele sujeito, que a recolocava no seu lugar de origem: o de uma filha destituída, obliterada, apequenada, agredida e que saiu da família para ocupar o mesmo lugar de vítima no seu casamento: o de uma mulher sujeitada, humilhada, violentada, calada.

Pergunta-se se qualquer pessoa, qualquer mulher, ou qualquer homem, que não fosse um Doutor e que viesse a acolher Marlene, teria o poder de gerar tamanha resignação e admiração, ao ponto de ela dedicar a ele seu livro e fazer tudo segundo os seus conselhos? Cremos que qualquer um não produziria tal efeito de ressignificação. Pode ser que estejamos falando do retorno a um novo cárcere, por um novo sussurro, masculino e poderoso. Por uma voz que Deus colocou a sua frente. Uma potente voz masculina, mas agora, dentro de outro dispositivo, este, mais afável, sem sofrimento, como uma filha que finalmente encontra um pai para salvá-la com a sua sabedoria, pois foi dela que Marlene se encantou: “Tornei-me dependente da sabedoria dele”.

Percebe-se também nas falas das participantes do nosso *corpus* de pesquisa, como nas entrevistas do grupo MADA (2016) que, tal como Marlene, essas mulheres encontram-se “presas” na relação. Sozinhas, não conseguem se desvencilhar da relação. Estão em constante pedido de ajuda. Todas as demandas do *site* gilbertoresponde.com.br são finalizadas pelo “Por favor me ajude”. “Dr! O que é que eu faço?”. “Preciso de uma luz”. Outra situação que reafirma a impossibilidade de elas saírem do lugar da dor é retratada pelo número de vezes que elas se tentam a separação, mas voltam ao relacionamento, pelo temor do arrependimento, ou esperam que os companheiros tomem a decisão, tanto para sair de casa quanto para o retorno aos braços da companheira. Ao que parece, a decisão final é dada a eles. Entendemos que esse consentimento histórico, é consequência do lugar que o homem ocupa no imaginário feminino. Apresenta-se como uma poderosa autoridade simbólica, também no imaginário da família, incorporando o discurso machista e outorgando a razão ao homem. Foi o que aconteceu com a mãe de Marlene de Oliveira; um homem travestido de mulher.

É essa força dos dispositivos culturais que impelem as mães, ora a adotarem as práticas masculinas da educação violenta, ora a se sujeitarem como vítimas passivas ou cúmplices do poder masculino. Vimos no Mapa da Violência 2015, que

os filhos, do início da vida, até os 11 anos de idade, são mais agredidos pela mãe do que pelo pai ou pelo companheiro. À medida que eles entram na adolescência, a situação se inverte, a prevalência das agressões recai sobre o gênero masculino. De uma forma ou de outra, a violência é estabelecida ou mantida pela relação, por meio da dialogicidade machista dos homens e das mulheres, quando essas também incorporam estereótipos masculinos, seja na educação das filhas, seja no modelo de conjugalidade. Com isso, não dizemos que as mulheres escolhem a sujeição como desejo de se submeterem. Trata-se de uma “escolha” supra individual, ou nos termos de Foucault, uma aderência aos discursos vigentes.

Além disso, as mulheres ocupam uma posição paradoxal a respeito daquilo que dizem sentir sobre seus parceiros violentos. De um lado elas sofrem por ocupar o lugar da dor e tentam romper o relacionamento, mas essa tentativa possui uma antinomia. Trata-se de um jogo duplo. Separam-se e acabam voltando para o companheiro amoroso, pois se arrependem, ficam em dúvida se eles deixarão de ser violentos. Sentem-se culpadas pelo término da relação e sofrem por esse tormento mental. Por fim, aquilo que parece um absurdo à razão, surge na timidez de uma voz que admite, no trabalho de psicoterapia, odiar o poder do parceiro em submetê-la, e, ao mesmo tempo tomar-se por uma admiração secreta desse poder, dessa dominação. Os relatos de atendimento psicológico dão conta de mulheres que sofrem, com seus parceiros, mas descrevem a figura do pai como um homem poderoso e “mulherengo”. Falam deles com uma estranha combinação de repulsa e fascínio por essa figura poderosa. Por outro lado, apiedam-se da mãe, como uma esposa submissa que fechava os olhos para as outras mulheres desse pai. No trabalho terapêutico, com frequência as mulheres, um dia, terminam a sessão de terapia em choro e lamento, “Eu não quero ser como a minha mãe”.

Marlene de Oliveira não fez psicoterapia, mas após muitos espancamentos, foi salva por um homem que se recusou a puni-la. Encontrou um remédio para sua dor psíquica e para o seu corpo mutilado. O seu médico, com suas palavras era o próprio “*remédico*”. Afinal, Marlene passou grande parte da sua vida em hospitais, clínicas e pronto socorro. Operou ombro, joelho e bexiga. Vagina dilacerada, rosto e dentes quebrados. Tratamento para depressão, dor constante nas costas e tórax. Coma. Falta de ar e por fim uma tosse constante que a levou a procurar o pneumologista Dr. Carlos.

Todos nós, perante o enfadonho desamparo causado pelas adversidades da vida, procuramos uma saída: A submissão a um significante maior. Elegemos as

palavras de um Deus, de um mito, um mestre, um líder, um Doutor, um herói, enfim, uma autoridade simbólica que veio antes e encontra-se acima de nós. Ela nos dirá algo sobre quem somos e o que devemos fazer. Algo que já murmurava de antemão, como nos lembra Foucault. A doença de Marlene teve sua cura pelas palavras.

Esse é o desígnio do trabalho do psicanalista e, embora o Dr. Carlos não o fosse, tinha o poder do discurso médico e da sua eficácia simbólica. Ela revolucionou a vida de Marlene, tal como propôs Bourdieu, na “revolução simbólica” pela construção de novos mitos fundadores nas relações entre homens e mulheres. Obviamente, que a generosidade e a atenção desse médico é que também foram fortes componentes para a reabilitação de Marlene, indo na contramão de uma sociedade violenta e agressiva, como nos informam os dados do *Mapa da Violência 2015*.

5.5 ESTUDO DE CASO II: GRUPO DE “MULHERES QUE AMAM DEMAIS ANÔNIMAS” (MADA), 2016

Trata-se de uma amostra composta por sete mulheres, identificadas pelas letras A, B, C, D, E, F, G, com idades que variam de 60 a 35 anos e que não dependem financeiramente de seus parceiros. Todas viveram a experiência de mais de um relacionamento conturbado. Entre elas, apenas uma possui ensino médio, as demais cursaram nível superior completo e duas são pós-graduadas. Quanto à profissão, uma ocupa-se dos trabalhos domésticos, enquanto as outras se diversificam entre Professora, Procuradora do Estado, Pedagoga, Funcionária Pública do INSS, Fisioterapeuta e Analista Judiciária Federal. Além de possuírem autonomia financeira, três delas sustentavam, em 2016, seus parceiros. Outras três afirmaram não sustentar e, uma afirma já ter sido a provedora da casa. Quando indagadas se já haviam procurado atendimento psicológico, apenas uma não o fez. As demais já haviam feito, ou estavam em processo de Psicoterapia.

Sobre o questionário, ver Apêndice D, alguns dados relevantes para a tese, são aqui comentados. A questão a seguir tem o propósito comparativo de analisar a possível relação entre as respondentes do MADA e as respondentes do *corpus* de pesquisa da tese.

Marque um “X” em uma, ou mais opções (F1, F2, F3, F4, F5, F6) caso você se identifique com ela(s)

Penso que eu faça parte do grupo de mulheres que:

F1. Mulheres que reclamam da violência psicológica e física de seus companheiros, como humilhação, depreciação, xingamento e agressão física e que se colocam em posição de submissão e dependência dos parceiros. Mulheres que duvidam do amor de seus parceiros.

F2. Mulheres que se esforçam para manter ou recuperar a relação com seus parceiros culpando-se da conduta amorosa.

F3. Mulheres que reclamam do ciúme, da posse, do domínio e do controle de seus parceiros.

F4. Mulheres que foram traídas por seus parceiros.

F5 Mulheres que sofrem com a sua sexualidade, com a sua beleza.

F6. Não me identifico com nenhum desses grupos.

Dada a opção **F6**, qual seja “Não me identifico com nenhum desses grupos”, nenhuma das respondentes optou por essa alternativa, evidenciando a afinidade existente entre o grupo MADA e as participantes da tese. As categorias de análise que mais se repetem nas respostas das participantes A, B, C, D, E, F, G são as seguintes:

Participante A se identificou com as categorias: F2 – F4 – F5

Participante B. se identificou com as categorias: F1 – F2

Participante C. se identificou com as categorias F4 – F5

Participante D. se identificou com as categorias F1 – F2 – F3 – F4

Participante E. se identificou com as categorias: F1 – F2 – F3 – F4 – F5

Participante F. se identificou com as categorias: F1 – F2 – F4

Participante G. se identificou com as categorias F1 – F2 – F3 – F4 – F5

A partir das respostas, foi quantificada a frequência com as quais as categorias de análise do corpus, estão também presentes no relacionamento amoroso das respondentes do MADA

F1 – frequência: 5 vezes (Agressão e submissão)

F2 – frequência: 6 vezes (Esperança e Culpa)

F3 – frequência: 3 vezes (Ciúme e Controle)

F4 – frequência: 6 vezes (Traição)

F5 – frequência: 4 vezes (Sexualidade)

Extraímos desse estudo, duas perguntas que são fundamentais na nossa tese, pois elas tratam da análise de permanência e de ruptura dos relacionamentos conturbados: Por que mulheres permanecem vivendo em situação de risco com o agressor? Por que elas não se separam do agressor? Apesar da estreita fronteira entre essas duas dimensões, notamos que algumas respostas são apresentadas como justificativas, tanto para manter, quanto para impedir a separação, como é o caso da resposta “Dependência emocional”. Quando indagadas sobre porque permanecem na relação, a maior frequência de respostas foi a “Dependência emocional” frequência de três vezes, seguida de “Medo da solidão ou medo de ficar sozinha” (duas vezes), “Religião” (duas vezes) e “Pena do parceiro” (duas vezes). Quando indagadas sobre por que não se separam, reaparece a resposta “Dependência emocional” em 50% das participantes, seguido de “Medo de ficar sozinha” ou “Esperança de que eles mudem”.

O ponto que queremos ressaltar nessa análise reside nos motivos pelos quais elas justificam encontrar extrema dificuldade para romper relacionamentos em que o parceiro, quando não é agressor, comete outras modalidades de violência. Questão central da nossa pesquisa. Todas as respondentes apontam para o “Modelo familiar” de origem, como a matriz que prende essas mulheres ao casamento e, metade, além de reafirmar essa resposta, acrescenta a ela a “Dependência emocional”. Todas as participantes afirmam ter dificuldades para se desvincularem de relacionamentos conturbados porque viveram a infância em meio ao “Modelo familiar”, seja ele “Desajustado”, “Disfuncional”, ou ainda, oriundas de uma “Família desestruturada”. Elas afirmam que os problemas da violência dos relacionamentos da vida adulta estão atrelados à vida pregressa da família:

Participante D.

Muitas se acostumam com o tratamento recebido, como maus tratos ou abusos desde a infância; vem de uma família desestruturada, e tudo parece já familiar, nunca conheceram outra forma de amor dentro de casa. A única forma de demonstrar amor é assim. São obsessivas com os relacionamentos, impulsivas em controlar.

Participante F.

Porque eu tinha repertório para isso, ou seja, já havia vivido isso na minha família, vendo minha mãe sendo “abusada” psicologicamente pelo meu pai e vice-versa, assim como sendo também vítima disso pelos meus pais e, principalmente, pelo meu irmão. Logo, de alguma forma, ainda que doentia, eu achava que isso era “normal”, que todos, em algum momento, passavam por isso, que isso fazia parte do esforço de conviver com as pessoas.

As justificativas apresentadas pelas participantes e, os excertos referidos, dão conta de que os modelos de conjugalidade dos pais serviram de matriz para os relacionamentos amorosos da vida adulta. Isto ocorre tanto pela submissão da mãe quanto pelo autoritarismo do pai. Convém ressaltar assim que o molde da violência é, relacional, pela conjugação da autoridade do homem e o consentimento da mulher. Essa sujeição possivelmente encontra-se atrelada à sua educação sentimental. O modelo de amor tolerante, esperançoso e messiânico, parece outorgar à mulher, a obrigação de manter o casamento a qualquer custo. Uma das respondentes afirma que, apesar da dor, as mulheres “acreditam que o seu amor mudará a conduta de um homem”. Outra responde que “um dia seu parceiro vai valorizá-la e que um dia ele vai melhorar”. Outra resposta que assevera a esperança amorosa “Eu acreditava que ele me amava por isso não me separava” e outra afirmação amorosa diz que elas “acreditam que essa é a única forma de amar”. O modelo amoroso é a questão central do sofrimento do grupo MADA. Uma conjugação entre a dor e o amor.

A participante B afirma que:

Para mim, amar demais significa medir a intensidade do meu amor pela quantidade de sofrimento. Ninguém se transforma em mulher que ama demais por acaso. Crescer como mulher nessa sociedade e em famílias desajustadas faz com que certas mulheres, muitas, no meu ponto de vista, continuem vivendo em situações torturantes e de muito sofrimento. Apesar de toda dor e insatisfação, amar demais é uma experiência tão comum para muitas mulheres, que quase acreditamos que existe somente essa forma de amar.

Participante C.

Acredito que para uma mulher passar por situações acima citadas, ela tem baixa autoestima e problemas psicológicos com a família de origem. Problemas de aceitação, menos valia. Na literatura do MADA tem uma meditação que diz: que queremos recriar o drama do passado, mas dessa vez triunfar. Então, vejo que é um mecanismo inconsciente que nos leva a fazer loucuras.

Esse Estudo de Caso complementar, não tem o propósito conclusivo, mas intenta reafirmar a lacuna na análise da história da infância das mulheres vítimas da violência. Todas as correntes da Psicologia e da Psicanálise apoiam-se nas teorias da criação quando analisam a vida adulta dos indivíduos. Procuram uma conexão entre o lugar que o sujeito ocupou na condição de filho e de que forma essa posição se repete nas relações amorosas da vida adulta. Vimos que a maioria das pesquisas de gênero são elaboradas por historiadoras, sociólogas e antropólogas que enfatizam os aspectos macroscópicos das relações pessoais, sob a perspectiva histórica, de classe ou da cultura. Analisamos no *corpus* principal de pesquisa, a dimensão cultural da afetividade, por meio do amor-paixão, uma construção social iniciada no século XII. A análise das particularidades e do microcosmos, seja familiar ou interpessoal, poderá contribuir para o avanço das teorias relacionais, revelando as dimensões mais íntimas da vida amorosa. Todavia não consideramos essa “intimidade” uma dimensão distante da cultura, pois as famílias também estão dentro dos dispositivos que formam essas mulheres. A família é o primeiro formador social de todos nós.

Por fim, nos parece lógico dizer que as mulheres do MADA enfatizem a dependência amorosa. Essa ênfase, em parte, pode ser efeito das próprias reuniões sistemáticas que elas frequentam, pois o tema central dos encontros do MADA é o “amar demais”. No entanto, essa suposta indução do grupo, não invalida o pressuposto da nossa tese de que o dispositivo do amor-paixão é um dos fechos da corrente conjugal. Ressaltamos ainda que outras dimensões da conjugalidade “prendem “essas mulheres ao casamento. Algumas falas revelam o “medo da solidão ou medo de ficar sozinha”. Tal temor parece ser a destituição dos únicos papéis que realizam a sua vida afetiva: ser esposa e ter um marido. Vemos aí a forte presença do dispositivo do machismo como constituidor dos valores e das condutas dos papéis que regem as práticas masculinas e femininas das relações amorosas.

Outro aspecto da prisão conjugal é a influência religiosa. Ela parece contribuir para “amarrar” a mulher ao casamento, numa sociedade amplamente sujeitada ao consentimento cristão, seja ele católico, evangélico ou espírita. Relembramos que na subseção “O Brasil como sociedade relacional”, destacamos a força da religião na cotidianidade brasileira. As mulheres frequentam mais os cultos religiosos, identificam-se mais com o apelo messiânico da esperança, da

tolerância e da culpa. Não apresentamos a religião aqui, como causa única, mas ela é um forte componente dessa sujeição que se repete tanto no MADA (2016), como em Marlene (2011) e nas participantes do corpus de pesquisa. Tal categoria de mulheres foi constituída por uma condução histórico-cultural, originária de uma ordem maior, condenadas a amar os seus parceiros, até que a morte os separe.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dividimos nossas conclusões de acordo com os nossos três objetivos, quais sejam eles:

1. Analisar os dispositivos que determinam o lugar da mulher na permanência e na manutenção das relações violentas.
2. Destacar a violência contra a mulher no contexto de uma sociedade violenta.
3. Problematizar as perspectivas polarizadoras de pesquisas que adotam o modelo teórico da “dominação patriarcal”.

Conclusões acerca do objetivo 1:

1. Analisar os dispositivos que determinam o lugar da mulher na permanência e na manutenção das relações violentas.

A origem dessa tese encontra-se no recorte de queixas amorosas postadas no *site* <gilbertoresponde.com.br> e que nos levou a um exaustivo trabalho de analisar mais de mil registros de reclamações de mulheres sobre a violência psicológica e, por vezes física, de seus companheiros. A análise dessas falas e de outros *corpora* complementares, levou-nos a entender que as mulheres se esforçam, muito mais que os homens para manter o casamento e a vida familiar. O preço que pagam é alto, pois acabam por tolerar a violência como uma alternativa que assegura a relação com os filhos e com o próprio parceiro. O mecanismo utilizado para sustentar esse lugar, é a tolerância e o perdão. A esperança que o parceiro mude e a crença de que o seu amor por ele o transformará um dia, formam um poderoso sustentáculo para a manutenção da violência conjugal. Contraditoriamente, o perdão passa a ser fonte de manutenção da violência. Tomadas por essa longa lógica discursiva, elas não sentem a violência no seu corpo como o motivo fundamental para uma separação, mas sim a ferida causada nos sentimentos amorosos parece ser o centro das relações conturbadas.

Historicamente as mulheres se sentem mais culpadas pelo fracasso do casamento. Ao que parece, o mecanismo da tolerância e o ato de reparação da culpa impele-as a tentar mais uma vez ou quantas necessárias forem, para que possam obter do parceiro o amor que tanto desejam. Assim, permanecem nessa espera,

suportando a passagem da dor. Permanecer nesse lugar de vítima, em certa medida, significa se identificar e corresponder à imagem de mulher construída socialmente ao longo dos séculos, pois as falas constantes no *corpus* de pesquisa retratam um profundo sentimento de culpa perante a possibilidade da separação.

O poderoso dispositivo do amor-paixão que há muito tempo instalou no Ocidente as condutas emocionais, condicionou essas mulheres a uma forma hegemônica de amar. Embora existam outras, as condições históricas-culturais da nossa sociedade, emotiva, relacional, passional e familista, adere a esse amor, vivido como única fonte de realização, pois elas parecem acreditar que não pode existir felicidade fora do casamento e da família conjugal. Embora elas atinjam o sucesso profissional e autonomia econômica dos, seu principal projeto de vida, prioriza a passagem de três rituais que concretizam sua realização emocional: Primeiro, tornar-se esposa, para depois alcançar a categoria de mãe e por fim, viver os deleites de ser avó, frutos dos seus próprios filhos. Conclui-se que elas atingem a independência social e econômica, mas não superam a profunda dependência emocional dos seus parceiros.

Outro aspecto que apontamos aqui é a crença equivocada de que o amor é uma substância fora do sujeito. O amor-paixão é essa idolatria de amar a representação do amor e não propriamente o objeto amoroso. A ilusão de que o amor é uma substância dócil e uma experiência arrebatadora e também uma essência fantástica fora do sujeito, leva as mulheres a amar a representação do amor e não o sujeito amoroso. Suas queixas dão conta de que elas se relacionam com um espectro fantasioso do amado, com o qual alimentam o seu imaginário. Elas pouco conhecem sobre quem é o sujeito com o qual convivem. Surpreendem-se com suas atitudes inesperadas de traição, pornografia na internet, humilhação, ciúme doentio e, por vezes, a agressão física, como se não fossem deles e também alimentados por uma cultura degradada da qual fazemos parte. Não se dão conta de que essas atitudes não se encontram apenas do lado de fora da relação.

Um conjunto de processos amparam tais sentimentos na nossa sociedade. Certa formação religiosa no Brasil em que à mulher cabe sempre o papel passivo e de resignação; a idolatria familista de boa parte do povo brasileiro em que se exige que prevaleça a união familiar mesmo que violenta; a representação da mãe-mulher que tudo perdoad e que pode dar todo amor a um filho e a um marido mesmo que seja agredida constantemente, é a tipificação sacrificial de um cenário que fortalece a posição inferiorizada da mulher, sempre paciente e pouco agente.

Vimos também que a traição masculina é um dos tormentos para essas mulheres. A sexualidade associada ao amor é um dispositivo que marca com mais aspereza a elas que aos homens. Enquanto eles se permitem dissociar o sexo da paixão, acessando constantemente *sites* de pornografia virtual e o sexo fora do casamento, as mulheres se encontram mais aprisionadas a esses dispositivos. Surpreendem-se com o parceiro, ao perceber que ele se relaciona com outras mulheres, nutrido pela imensa rede de *sites* pornográficos.

Ao mesmo tempo que condenam a atitude do marido, elas se esforçam para cumprir o ideal de sexualidade e beleza, que a concorrente, internet, patrocina a seus parceiros. Ter um marido que elogie sua beleza e que a deseje parece ser o protocolo que cumpre o ideal cultural de sexualidade que essas mulheres tanto almejam. Ter um corpo atraente, ser bela são atributos da identidade feminina de longa duração, marcadas pela obrigação de se sujeitarem ao dispositivo da sexualidade. Obrigam-se mais uma vez a amarem mais os parceiros e a serem mais belas que as outras mulheres. Uma das queixas mais frequentes do nosso *corpus* de pesquisa refere-se aos xingamentos do parceiro e a depreciação do seu corpo. Rebaixá-la à condição de feia é algo que atinge a centralidade da identidade feminina. Desde muito cedo, as mães quando repreendem suas filhas, utilizam-se do dispositivo da beleza: “Sua feia”.

Vimos nos Mapas da Violência, em várias edições, que as mães aderem a um discurso machista, utilizando práticas educativas violentas na formação familiar, pois são elas que mais agredem os filhos durante a infância. Direta ou indiretamente, acabam por reproduzir a crença de que é pelo dizer e o fazer do homem que se constitui a noção da autoridade familiar. Os estilos parentais de uma família mergulhada na cultura marcam, desde o início da vida, estereótipos para a educação sentimental que diferencia assimetricamente os meninos, das meninas. Essa assimetria vê-se estampada nas brigas de casais. Enquanto eles gritam, elas choram.

Em um resumo conclusivo, podemos dizer que o entrelaçamento dos três dispositivos discursivos constitui o epicentro que mantém a mulher no lugar da dor. Por um lado, ela ama seu parceiro com o sentimento de uma mãe-esposa que tudo perdona do filho-marido. Por outro lado, o amor-paixão reforça esse lugar pela dependência amorosa e, portanto, pelo medo de perder seu amado. Por outra fresta do discurso, essas mulheres reclamam do machismo, mas ao mesmo tempo, sem se darem conta, admiram o poder da masculinidade. Ainda por outro vão, elas se esforçam para cumprirem o ideal de mulher erótica, superando a beleza das suas

concorrentes e, ao mesmo tempo, espelhando sua imagem nos olhos do parceiro. Não é possível sustentar esse lugar sem os grilhões do ciúme, do pavor da perda, do temor da solidão, da frustração, entre outros golpes da violência. Na contramão da assertiva popular dos anos de 1980, de “Quem ama não mata”, vimos que quase 70% das agressões contra a mulher são praticadas por aqueles que elas dizem que amam e que não podem viver sem esse amor.

A identidade dessa categoria de mulher parece estar cerceada pela seguinte lógica: O dispositivo da sexualidade imprime a ordem: “Tenho uma sexualidade, logo sou”. O dispositivo do machismo diz: “Tenho um homem, logo sou”. O dispositivo do amor-paixão reafirma: “Tenho um amor-paixão, logo existo”.

Acerca das possibilidades de mudança, vislumbramos duas ponderações. Sobre o amor-paixão, seria necessária uma nova educação sentimental que promovesse outras formas de amar, como o amor-ágape sugerido por Rougemont de que tratamos. No entanto, isso exigiria uma profunda revolução simbólica e um processo de longa duração no que refere às raízes históricas e culturais da sociedade brasileira e Ocidental de onde somos caudatários, a começar pela mudança das significações do amor nas relações entre pais e filhos. A segunda ponderação sugere que as teias discursivas que prendem a mulher ao casamento e que impedem sua separação do parceiro agressor, têm a mesma força de aprisionar o próprio agressor nas teias da agressão. Logo, torna-se tão difícil para elas saírem da posição de vítimas como para eles se deslocarem do lugar da violência.

Conclusões acerca do objetivo 2:

2. Destacar a violência contra a mulher no contexto de uma sociedade violenta.

A *História das Mulheres* nos mostra que elas sempre foram vítimas da brutalidade masculina, pelas mais diversas faces com as quais a violência se manifesta. A mulher, continua ainda hoje, sendo vítima da violência conjugal. Todavia, encerrar essa análise apenas pela perspectiva jurídico-científica do fenômeno; reconhecendo unicamente sua condição de vítima, seria cercear o avanço das pesquisas e limitar novas formas de atendimento às mulheres que sofrem com a violência do companheiro.

Analisamos a violência contra a mulher por meio de duas grandes categorias. A violência em que o agressor mantém poucos contatos com a vítima ou se trata de uma pessoa desconhecida, sem nenhum vínculo com a vítima; e a violência em que a mulher conhece e possui um forte vínculo com o agressor. Neste caso, passamos a analisar o lugar da vítima e a sua permanência no discurso da violência. Nosso interesse incide sobre a análise desse lugar, pois o atendimento psicológico para essas mulheres, tem o objetivo de subsidiar uma reflexão e um deslocamento do lugar do *pathos*. Daí a nossa opção pela modalidade de Pesquisa Aplicada. Vimos a importância do médico atendente de Marlene de Oliveira para que ela pudesse superar sua relação com o agressor e reconstituir sua vida. Também a necessidade de apresentar saídas às mulheres do grupo MADA, “condenadas” ao “vício do amor” e também à grande demanda de outras vítimas dos dispositivos do amor-paixão, da sexualidade e do machismo.

Salientamos que as características da sociedade brasileira irrigam um solo fértil para o crescimento das relações conturbadas. Trata-se de uma sociedade paradoxal, pois, se de um lado conjuga boas relações com familiares, parentes e amigos; é também, tremendamente hierárquica e violenta dentro do próprio espaço doméstico que ela cultua. A violência contra os filhos e contra a mulher, majoritariamente, ocorre no espaço da casa.

Não temos um final feliz para apresentar neste capítulo, mas defendemos a ideia de que enquanto homens e mulheres não compreenderem porque apanham e porque batem, continuaremos presos à jurisprudência separatista que defende uma parte e acusa a outra. Por isso, finalizamos este segmento apontando para a lacuna nas ações de assistências ao agressor. Esse lado da moeda da violência também precisa ser pesquisado, ouvido e alterado, pois o ambiente agressivo é dialógico e não dicotômico. Homens e mulheres em relações de conflito precisam entender o porquê agem dessa forma. O caminho é lento, moroso, desgastante e exige uma alteração cultural profunda a começar pela reflexão que cada um imerso nesse universo inicie consigo mesmo e com auxílio coletivo. Hoje no Paraná, o Tribunal de Justiça oferece a eles apenas alguns encontros com uma funcionária atendente e a Secretaria Municipal da Mulher, promove um curto ciclo de palestras. Uma iniciativa mais recente, em 2017, foi tomada pela Vara da Violência Doméstica do Fórum Criminal do Butantã de São Paulo, pela juíza Tatiane Moreira Lima e pela psicóloga Michele Fonseca Lingardi, mas não recebeu apoio do poder público para ouvir os

homens e ajudá-los a compreender os motivos que os levaram à agressão contra a companheira. As respostas a tais propostas recaem na afirmativa “Não queremos saber porque o homem agride”. Entendemos que os programas de ação para o controle da violência deveriam se voltar também para o agressor e não somente contra ele, tentando compreender e fazer compreender a violência como algo cultural, relacional e de longa data, a fim de planejar ações mais eficientes a todos os gêneros. A verificação dos dispositivos de que tratamos, a saber, da sexualidade, do machismo e do amor-paixão, somados à violência sistêmica no Brasil (política, econômica, cultural, discursiva, interpessoal, histórica) é um bom começo para se pensar a longo prazo uma mudança mais substantiva nos relacionamentos amorosos. Ressentimos de estudos mais profundos e fora da lógica jurídica. Punir legalmente é necessário, mas insuficiente.

Conclusões acerca do objetivo 3:

3. Problematizar as perspectivas polarizadoras de pesquisas que adotam o modelo teórico da “dominação patriarcal”.

As correntes e ações dentro do feminismo produziram uma série de avanços em benefício da mulher, no campo jurídico, trabalhista e cultural, propiciando certa emancipação e seu reconhecimento no espaço público, dependendo de cortes de classe, local e período. Foi necessário e fundamental e continua a ser a crítica ao patriarcado que segue forte e enraizado em nossa sociedade e em nossos lares, sendo fortalecido tanto por homens quanto mulheres nos discursos e práticas cotidianos. Todavia, em face dos avanços das pesquisas de gênero, ainda há muita luta e lacunas abertas como enfatizamos.

Não se pode mais conceber a noção unilateral do poder, orientada pela lógica vertical econômica da dominação masculina. Esse posicionamento reduz o fenômeno da violência à uma concepção econômica classista, cerceando análises de outros fenômenos como o mirante antropológico, o psicanalítico e o cultural. Desconsidera, não raras vezes, a centralidade da dimensão amorosa, da sexualidade, da cultura e das relações simbólicas da conjugalidade. Por fim, reduz a causa da violência ao indivíduo masculino, colocando a mulher à condição irreflexiva de vítima, desconsiderando a dimensão relacional e dialógica da violência e da relação conjugal.

Pesquisas contemporâneas de análise relacional, outro mirante dentro dos estudos feministas, que adotamos em nossa tese, procuram dissolver essa concepção unilateral ao convocar a mulher a reconhecer o seu lugar no discurso da violência e em sua prática correlata, concebendo a mulher como parte do problema e parte da sua solução. Isso não implica culpá-la o que seria novamente outra polarização, mas levá-la a entender que assume papéis culturais que reforçam o machismo e a visão patriarcal do quais é vítima e, irônica ou irrefletidamente, agente. Ao contrário, foi preciso ir além da perspectiva polarizada, para reconhecer que a permanência da mulher nos relacionamentos conturbados, como foi apontado, mantém o mecanismo da agressão em funcionamento. Apenas condenar o homem, não libertará a mulher do seu próprio cárcere. Vimos que a noção de poder baseada na representação jurídica da lei e do direito não dá outras saídas para o problema da violência contra a mulher. Prende-se o agressor, mas não se encarcera a violência.

Encerramos nosso trabalho ressaltando que felizmente, há um contingente imenso de mulheres que convive em paz com seus parceiros, aceitando as diferenças e superando as desigualdades, aderindo a outras formas de amor. Sugerimos que os estudos culturais e antropológicos nos ajudem a compreender tais diferenças, muitas vezes, localizadas em povos distantes da nossa conturbada linguagem e suas práticas. No Camboja, mais de 90% da população é budista. Acreditam que todo o bem e todo o mal feito a favor ou contra outras pessoas, volta-se para o praticante. Os cambojanos, talvez conduzidos por tal crença, são conhecidos por sua extrema amabilidade. Os guaranis Mbya, habitantes da costa leste do Brasil, são conhecidos por seu silêncio e docilidade. Cuidam coletivamente das crianças e raras vezes ouve-se dizer de atos de violência entre eles. Sem nenhuma esperança rousseauiana de que o homem é naturalmente bom, citamos contextos culturais diferentes, nos quais a violência não está tão presente nas práticas cotidianas. Ao contrário desses contextos, no Brasil, a violência tornou-se uma forma de relação e por isso, o preceito cristão de “amar ao próximo como a si mesmo” revelou-se no temor não só do outro, como no temor da violência que nos habita. Talvez se o amor-ágape de que tratamos, seguindo o filósofo francês Denis de Rougemont pudesse ser o fundante de nossas relações, poderíamos com maior facilidade alterar nossas relações sociais e interpessoais. Ficamos com o exemplo do médico de Marlene, o primeiro a tratá-la com amor e caridade e, com certeza, essa disposição diferenciada que nunca encontrara em sua vida, propiciou a Marlene uma saída para o universo violento e

conturbado em que vivera no seio familiar e com seu parceiro. Na vida podemos assim tentar agir e na academia vislumbramos a reflexão, sobretudo, como saída também para o impasse da violência.

Somos gratos pelas reflexões e ações de inúmeras mulheres e homens que se debruçam sobre o problema da violência contra a mulher e contra todos e esperamos com nossa tese também possa contribuir para encontrar saídas possíveis para esse cenário.

7 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. C. **A cabeça do brasileiro**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM – IV**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- AMORIM, C. **Comando Vermelho**. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- AZEREDO, S. Gênero e a diferença que ele faz na pesquisa em psicologia. **Cadernos Pagu**, Brasília, n. 11, p. 55-66, 1998.
- BARTHES, R. **Lição**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BARROS, A. J. S. e LEHFELD, N. A. S. **Fundamentos de metodologia: um guia para a iniciação científica**. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 2000.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Portugal: Quetzal, 1949. v. 1.
- BERQUÓ, E. Arranjos familiares no Brasil: uma visão demográfica. In: SCHWARCZ, L. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- BOURDIEU, P. **A produção da crença**. Porto Alegre: Zouk, 2008.
- _____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- CAPELÃO, A. **Tratado do amor cortês**. São Paulo: M. Fontes, 2000.
- CASTAÑEDA, M. **O machismo invisível**. São Paulo: Girafa, 2006.
- CASTRO, E. B. V.; ARAÚJO, R. B. Romeu e Julieta e o nascimento do Estado. In: VELHO, G. (Org.). **Arte e Sociedade ensaio de sociologia da arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- CAMPOS, R. H. F. (Org.). **Psicologia social comunitária da solidariedade à autonomia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- CORRÊA, M. **Os crimes da paixão**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- _____. Uma pequena voz pessoal. **Cadernos Pagu**, Brasília, n. 11, p. 47-54, 1998.
- CORTÊS, M. **Novo mapa das religiões**. Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2011.
- COSTA, C. L. O leito de Procusto: gênero linguagem e as teorias feministas. **Cadernos Pagu**. n. 2, p. 141-174, 1994.

_____. O tráfico do gênero. **Cadernos Pagu**, Brasília, n. 11, p. 127-140, 1998.

COSTA, J. F. **Sem fraude nem favor estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

DAMATTA, R. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

_____. **Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

_____. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

DEPRESSÃO uma crise global. **Contato**, Ano 14, n. 84, p. 16-18, nov./dez. 2012.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. 1.

FANINI, A. M. R. A grande arte: uma abordagem estético-sociológica. **Dissertação** (Mestrado em Literatura) – UFSC, 1992, 178 f.

FANINI, Angela M. R.; GNOATO, Gilberto. **Discursos do elemento feminino sobre violência física e psicológica entre parceiros íntimos**. In: Congresso Internacional de Psicologia da UEM, 16., 2015, Semana de Psicologia da UEM e Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UEM, 7., 2015. Universidade Estadual de Maringá: Maringá, maio 2015.

FARGE, A.; DAVIS, N. Z. Introdução. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das mulheres: do Renascimento à Idade Moderna**. v. 3. Porto: Afrontamento, 1991.

FELIPE, S. T.; PHILIPPI, J. N. **O corpo violentado: estupro e atentado ao pudor**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998.

FLANDRIN, J. L. **O sexo e o ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: M. Fontes, 1981.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2012.

_____. **Vigiar e punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. 1911. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XII.

_____. Sexualidade feminina. 1931. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. XXI.

_____. Psicologia de grupo e a análise do ego. 1921. In: **Edições Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969. V. XVIII.

_____. O tabu da virgindade. 1917. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1970. v. XI.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

_____. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **O saber local**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**. São Paulo: UNESP, 1993.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GREGORI, M. F. **Cenas e queixas, um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: ANPOCS, 1993.

GROSSI, M. P. **Vítimas ou cúmplices? Dos diferentes caminhos da produção acadêmica sobre violência contra a mulher no Brasil**. Minas Gerais, ANPOCS, 1991.

HEILBORN, M. L.; SORJ, B. Estudos de gênero no Brasil. In: MICELI, S. (Org.). **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995), ANPOCS/CAPES**. São Paulo: Sumaré, 1999, p. 183-221.

HÉRITIER, F. **Masculino feminino**. Lisboa: Instituto Piaget, 2002

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JONES, E. **Vida e obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

KAES, R. **A instituição e as instituições**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.

KRUG, Etienne G. et al. **World report on violence and health (Relatório Mundial sobre violência e saúde)**. Genebra: [s.n.], 2002.

LA BOÉTIE, E. **Discurso da servidão voluntária**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LANDES, Joan B. **Women and the public Sphere in the age of the French Revolution**, Ithaca/Londres: Cornell University Press, 1988, p. 207, nota nº 1. In:

MORIN, T. M. **Virtuosas e perigosas**: as mulheres na Revolução Francesa. São Paulo: Alameda, 2013.

LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LEPENIES, W. **As três culturas**. São Paulo: Edusp, 1996.

LURIA, A. R. **A construção da mente**. São Paulo: Ícone, 1992.

MACHADO, L. Z. Gênero, um novo paradigma? **Cadernos Pagu**, Brasília, n. 11, p.107-125, 1998.

MACHADO, L. Z.; MAGALHÃES, M. T. B. **Violência Conjugal**: os espelhos e as marcas. Brasília: [s.n.], 1998. (Série Antropologia).

MARCOVÁ, I. **Dialogicidade e representações sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

MARTINS, W. **Um Brasil diferente**: ensaios sobre fenômeno de aculturação no Paraná. Curitiba: Queiroz, 1989.

MICHAUD, Y. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989.

MINAYO, M. C. **Pesquisa social teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes 2002.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2003.

NERI, M. C. **Novo Mapa das Religiões 2011**. Rio de Janeiro: FGV/CPS, 2011.

NOVAES, J. D. V. Aqui tem homem de verdade: violência, força e virilidade nas arenas de MMA. In: PRIORE, M. D. **História dos homens no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2013.

NORWOOD, R. **Mulheres que amam demais**: como vencer sua dependência do homem errado e mudar para melhor. São Paulo: ARX, 1988.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **Caderno MetrÓpole**. p. A10; A14, 7 e 8 jan. 2017.

_____. _____. p. A16, 15 jan. 2017.

_____. _____. 3 jan. 2007.

OLIVEIRA, M. **Valle dos sonhos**: um passado real. Curitiba: J.M, 2011.

ONU – Organização das Nações Unidas. **Declaração sobre a eliminação da violência contra as mulheres**. 23 fev. 1994. Disponível em: <<http://daccess-ods.un.org/access.nsf/Get?Open&DS=A/RES/48/104&Lang=E&Area=UNDOC>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

PAGLIA, C. **Sexo, arte e cultura americana**. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

PALHARES, I. DIÓGENES, J. A cada 48 horas, uma mulher se queixa de assédio sexual nos trens de São Paulo. **Jornal Estado de São Paulo**, 26 set. 2015, Caderno A, p. 19.

PASINATO, Wânia. Femicídios e as mortes de mulheres no Brasil. **Cadernos Pagu**, Brasília, n. 37, jul./dez. 2011.

_____. “Delegacias de Defesa da Mulher e Juizados Especiais Criminais: Contribuições para a Consolidação de uma Cidadania de Gêneros”. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, Ano 10, n. 40, 2002.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. **Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

PINTO, C. R. J. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

PISCITELLI, A.; CORRÊA, M. Entrevista com Miguel Vale de Almeida. Flores do colonialismo: masculinidade numa perspectiva antropológica. **Cadernos Pagu**, Brasília n. 11, p. 212-229, 1998.

PRIORE, M. Del. **Histórias íntimas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

_____. **Histórias e conversas de mulher**. São Paulo: Planeta, 2013.

_____. PRIORE, M.; AMANTINO, M. (Org.). **História dos homens no Brasil**. São Paulo : Unesp, 2013.

_____. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

RAGO, M. Descobrimo historicamente o gênero. **Cadernos Pagu**, Brasília, n. 11, p. 89-98, 1998.

ROCHA, E. G. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ROUGEMONT, D. **O amor e o Ocidente**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

SANTOS, C. M.; IZUMINO, W. P. Violência contra as mulheres e Violência de Gênero: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil. **EIAL: Estudos Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe**, v. 16, n. 1, p. 147-164, 2005.

SCHWARCZ, L. M. “**O aterrador som do silêncio**” Entrevista ao Jornal Estado de São Paulo. Caderno Aliás, E3. 1 jan. 2017 .

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SOIHET, R. História das mulheres e História de gênero: um depoimento. **Cadernos Pagu**, Brasília, n. 11, p. 77-87, 1998.

SOUZA, Cecília de Mello; ADESSE, Leila. **Violência sexual no Brasil: perspectivas e desafios**. Ipas-Brasil e Secretaria Especial de Políticas para Mulheres, Brasília, 2005, p.37.

STRAUSS, C. L. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 2003.

UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. **Global study on homicide 2013**. [S.I.]: UNODC, 2013.

VARELLA, D. **Estação Carandiru**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **Prisioneiras**. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: M. Fontes, 2007.

VILLELA V., Wilza; LAGO, Tânia. Conquistas e desafios no atendimento das mulheres que sofrem violência sexual. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n. 23, v. 2, p. 471-475, fev., 2007, p. 472.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência contra jovens do Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 1998.

_____. **Mapa da Violência 2012. Os Novos Padrões da Violência Homicida no Brasil**. São Paulo: Instituto Sangari, 2011, p. 18.

_____. **Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil**. 1. ed. Brasília: [s.n.], 2015.

ZALUAR, A. **O crime e a Não-cidadania: Os males do Brasil**. IN: Birman, P. Novaes, R. e Crespo, S.(orgs). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1997.

ZIZEK, S. **Violência**. São Paulo: Boitempo, 2014.

8 APÊNDICES

APÊNDICE A (CORPUS DE PESQUISA)

Mantivemos o registro discursivo das atendentes, sem edição para a norma escrita culta da língua portuguesa. Os espaços a mais e a menos entre as palavras, a pontuação confusa, as caixas altas (*Caps lock*), presentes na resposta das entrevistadas. Ao transportá-las para o interior da tese, fizemos a devida revisão ortográfica. No entanto aqui, mantiveram-se na íntegra os excertos excedentes das 894 perguntas que constituíram o objeto do *corpus*.

F1: (Categoria: Agressão e Submissão)	
Mulheres que reclamam da violência psicológica, como humilhação, depreciação, xingamento e da agressão física, colocando-se em posição de submissão e dependência de seus parceiros.	
813	<p>ola. Boa tarde, Gilberto, gostaria de uma orientação sua. sou casada a 17 anos, mais so tenho 32 anos. tenho 4 filhos, uma de 16, uma de 9, um de 7, e um de 6 anos. minha infância foi muito difícil. meu pai era muito ignorante, não existia dialogo. entre dificuldades financeiras, por falta de apoio apos uma surra que meu pai me deu, me mandou embora de casa. minha mãe era muito submissa. não fez nada. não tinha pra onde ir dai fui morar com meu atual marido. ele é um homem muito responsavel e batalhador mais tem comportamento, estranho a própria mãe dele na época me falou. era muito agressivo e violento na época usava drogas aguentei tanta coisa, de tanto pedi a Deus ele não usa mais droga. mais tem comportamento bipolar. é estranho e agora deu pra me agredir fisicamente. conversei pedi a separação. mais falou que ia mudar, nem 15 dias agora ta voltando tudo novo, ele tem uma empresa trabalho com ele me trata pior que empregada me chama de incompetente pra cima não tenho salario, e não tenho nem cartão nem cheque, tenho que vender algumas muambas pra comprar o que eu quero. não deixa faltar nada em casa e é muito bom pras crianças mais se falo que não vou vim trabalhar fala que não é obrigado a tratar de mim em casa a toa. pra piorar pego serviço de 8:00 as 18:00 se preciso sair mais cedo fala que eu tenho que cumprir horário. não saio pra lugar nenhum a não ser na igreja. todo domingo ele procura sair com a gente, mais onde ele quer. no final de semana fica como se não tivesse feito nenhuma grosseria comigo, deixo passar pra não brigar. mais agora minha filha mais velha ta cobrando de mim tomar uma atitude, falou que quando completar 18 anos vai sair de casa, ela não tem vida social assim como eu. e ele não quer deixar ela namorar, me ajuda, não sei o que eu faço. não gostaria de ver minha filha assim como eu jogando sua juventude fora. Desde ja agradeço</p>
174	<p>Gilberto, boa tarde! Esse tema me interessou muito. Me separei há uns dois meses. Sinto -me insegura, pois só fiz para me preservar, pois ele andava muito estranho e agressivo. Agora, quando fico sabendo alguma coisa sobre ele meu coração dispara e tenho ciúme (ele que nunca gostou de computador, agora tem até facebook). Fiquei fuxicando o face dele e isso me deixou mais triste. Preciso viver e deixá-lo viver, mas é tão difícil...Me ilumine, grata.</p>

232	<p>Então, comecei a namorar há 8 meses, comecei a perceber um ciúme estranho.</p> <p>Estava passeando em uma feira aqui no Rio e, havia um rapaz cantando com um violão, gostei e quis ouvir, foi a primeira vez que ele demonstrou ciúmes, disse que eu estava olhando para o rapaz...me puxou e me deu dois tapas no rosto...um pouco forte...me senti muito mal...me deu vontade de chorar...aí ele disse fica aí então...vai embora de ônibus....Aí fiquei triste e chateada, pq só queria ouvir a música...</p> <p>Depois aconteceu novamente, fomos num shopping, ele estava olhando roupas para ele e, sem mais nem menos, do nada, olhou prá mim e deu dois tapas no meu rosto, igual fez no parque e disse que um moço olhava prá mim...e, que eu tbm estava olhando...eu disse quem está olhando prá mim? não estou olhando prá ninguém, não sei do que está falando..??? sabe sim, vc está olhando para ele... Achei um pouco engraçado na hora, achei até que era brincadeira...não levei a sério mas, aí todo dia que saímos ele fala que estou olhando e agora diz que gosto de homens fardados, gosto de homem de tal jeito...de cabelo tal, de roupa tal...</p> <p>Bom, esses acontecimentos acontecem sempre, toda vez que saímos, últimamente percebi que ele não quer mais sair. E um dia, num momento de abraço, beijo ele apertou meu pescoço, quase fiquei sem ar...isso aconteceu uma vez.</p> <p>Ele diz que me ama, muito, estamos juntos há 9 meses somente. Quando estamos andando na rua, qdo solta da minha mão e sai correndo na frente, me larga do nada ou, quando joga a minha bolsa na minha mão e sai andando na frente, já sei "que olhei para alguém" ...mesmo não olhando sou culpada...e, não adianta falar nada, pq ele diz que não adianta falar nada que vai ser pior, uma vez quis conversar que não tinha olhado que era coisa da cabeça dele, ele gritou muito alto, e mais alto e, mais alto e, mais alto...mesmo que tenha pessoas do lado, independente de ser local público, cheio de gente..., perde a noção.Aí resolvi não dizer mais nada e não olhar para nenhum lugar, só para o chão... Agora ele olha para outras mulheres..."dizendo vc tbm olha"... Já pensei e, penso em terminar, pq estou cansada, chateada, triste com essa situação. Se, puder me dizer algo sobre esse comportamento, obrigada.</p>
137	<p>Ola Gilberto, sou casada a 7 anos, e sempre brigamos muito, ele me agride com palavras e as vezes fisicamente tambem, esta sendo insuportavel viver com ele, ele me perturba o tempo todo que esta dentro de casa, e agora tivemos um filho a 4 meses, ele fica me julgando, e acha que não sei e não sou capaz de criar meu filho, sou muito humilhada pela minha familia, e se caso eu me separasse dele, eu não teria pra onde ir, agora com uma crianca pequena fica mais dificil, não sei mais oque fazer, preciso de um conselho sabio. Obrigada</p>

397	<p>Ola Gilberto.. Sou casada ha quase dois anos.. E meu casamento desde o inicio foi complicado.. O meu marido é meio agressivo.. Já tentou me bater duas vezes(deu uns tapas, nada grave acredito que é porque não deu tempo).. Me chingo varias vezes,brigou comigo.. Fora que é muito ciumento.. Eu senti que dá primeira vez que ele relou a mão em mim eu me desanimei com esse casamento, fiquei abatida, sem vontade de viver me desanimei de tudo.. Mas perdoei, passei por cima.. Da segunda vez eu decidi ir embora foi então que ele disse que ia se tratar mais que não era pra eu ir embora.. E foi ai que ele começou a se tratar.. Passado alguns meses... A duas semanas percebo que ele não têm tomado o remédio que o psiquiatra indicou para ele tomar todos os dias por dois anos para tratamento.. Foi ai que percebi que ele está virando a mesma pessoa de antes já gritou comigo de novo, me chingou só não encostou a mão em mim... Mas tem um porém, cada vez que ele fala auto eu tenho vontade de chorar, o meu coração pula e tremo inteira.. Não sei o que fazer, pois não sei para viver infeliz.. E muito menos para ser ofendida.. Me de uma luz.. Obrigada</p>
Fim das queixas sobre violência física. Início das queixas de violência psicológica.	
92	<p>já saí de casa morei fora e voltei, faz 2 anos e continuo sentindo que foi a pior coisa que eu fiz é como se eu tivesse realizado o meu a, tenho períodos que eu não suporto olhar para o meu pai, acho ele insuportável e protelo ao máximo a volta pra casa, mas o meu maior problema é bloquear ou ponderar e não me afetar tanto o que ele fala, porque como sempre a minha mãe plantou a semente que por um lado ele está certo isso sempre ressoa na minha cabeça e eu passo o dia, dias ou até uma semana ou mais remoendo o que ele fala, me machuca ver que por um lado ele tem razão, fiz terapia por um tempo mas eu ainda não consigo lidar com ele, me falta auto confiança, e eu sei já percebi que eu busco uma aprovação e algum reconhecimento mesmo sabendo que isso não vai ter, eu sinto como eu tenho a autopercepção de tudo mas não sei o que fazer, você poderia me ajudar?</p>
89	<p>tenho 31 anos e sou casada ha 4 meses, meu esposo tem muito ciumes de mim, embora ele jura dizendo que não. não me beija na boca, e não me elogia, ao contrario me chama de gorda, feia. Ele fala que não sei cozinhar, nem cuidar da casa. e qdo me esforço e espero um agrado ele me fala que não faço mais que obrigação. Confesso estar muito triste com a situação.</p>
77	<p>Boa tarde gilberto. Me diz o que fazer meu namorado me traiu 3 vezes e tem 3 anos e 7 meses que estou com ele entre nós dois existe muita mentira da parte dele claro sempre fui fiel ele não pode falar nada de mim por fim estamos terminados terminei com ele e ele diz me amar que vai mudar mais depois de tudo isso que eu passei não acredito esta ultima traição ele me expos demais trabalho com ele todos no meu serviço sabe inclusive a menina que eu me traiu trabalhava aki mora no meu bairro e esta suspeitando que esta grávida dele o que eu faço esqueço esse homen sinceramente não acredito que ele possa gostar de mim por favor me ajude. Abraços!!!! (Registro 77)</p>

137	<p>Ola Gilberto, sou casada a 7 anos, e sempre brigamos muito, ele me agride com palavras e as vezes fisicamente tambem, esta sendo insuportavel viver com ele, ele me perturba o tempo todo que esta dentro de casa, e agora tivemos um filho a 4 meses, ele fica me julgando, e acha que não sei e não sou capaz de criar meu filho, sou muito humilhada pela minha familia, e se caso eu me separasse dele, eu não teria pra onde ir, agora com uma crianca pequena fica mais dificil, não sei mais oque fazer, preciso de um conselho sabio. Obrigada</p>
165	<p>ai eu não aguento mais ,me ajude porfavor estou casada a 14 anos e nos ultimos 2anos meu marido ficou muito ciumento controlando roupas ,amizades,converssas e tudo mais ele ñ confia em mim efica fazendo insinuações q me ofendem e me deixa louca de raiva ñ sei mais oq fazer ele é do tipo q ñ deixa mulher trabalhar nem estudar nem sei como consegui terminar meus estudos pq ele nem deixava mais eu pisei o pé e disse q iria terminar que ñ estava pedindo permissão e sim lhe informando q iria e ponto final↪ mais eu o amo d vdd e ñ quero separação ,mais estou cansando d tudo isso,tem ciumes de face,de roupa,de amigos,jamais dei motivos,vale lembrar q ele ja me traiu e eu perdoei de coração e alma,serio mesmo pq oq tem q ser será ! me ajudem por favor desde já obrigada .</p>
168	<p>Caro Gilberto Gostei muito do seu site e me senti confiante em relatar meu problema. Sou casada há quase 30 anos.Meu marido se afastou de mim. Não seise tem outra. Vi uns escritos dele sobre desejo de se relacionar com outras mulheres. Ele é alcoolatra e se isola de mim. Se me aproximo ele se afasta. Já me abri pra ele, dizendo que sinto falta de carinho, que quero fazer carinho e ele sempre tem uma desculpa. Até fica agressivo.Tenho vontade de sair desse casamento, pois ele tá muito esquisito. Me ajude.</p>
179	<p>Bom Gilberto. dia, Tenho 24 anos, sou uma profissional bancária, faço o último ano de universidade e sou cristã. Estou com meu namorado há 9 meses. Eu sou negra e simples, mas independente. Ele é mulato e com postura e vem de uma família estável e muçulmada. Somos colegas de departamento. Ele não quer que ninguém saiba da nossa relação, nossos colegas amigos dele, até a família dele, no entanto quando está no meu meio, com minha família apresenta-se como meu namorado e até ficamos de mãos dadas, mas para eu entrar em casa dele, ele inventa para a mãe que uma colega vai lhe visitar e que vai acompanhada com um colega muçulmano. Será que ele vai me assumir um dia?</p>
234	<p>moro com ele a 12 anos ,no começo ele queria casar mas depois toda vez que eu falava em casar ele mudava de assunto, a um ano atras resolvi me separar por varios motivos,ele não é atencioso comigo ,não se importa comigo minha opinião não importa ele sempre fala que mãe dele era perfeita, mas oque me incomoda muito é o fato de sempre que ele fica sozinho se masturba, ficamos separados 3 meses sofri muito senti muito a falta dele e pedi para volta.ficamos um tempo bem ,agora voltamos a ter problemas ele não me procura mais ,uma pessoa começou a mandar msg para ele ,e eu descobri ele me contou a issoria chorou e se arrependeu ,passando uns meses ele se esfriou e disse que quer ser um irmão para mim,quero reconstruir meu casamento oque faço não quero me separar será que tem solução</p>

466	Olá Dr, Sou casada a 10 anos, tenho uma filha de 8 anos e estou me separando, ja conversei e tentei fazer com que isso não acontecesse por muito tempo, pois meu marido trabalha demais e nunca me nota, não me procura, não me dá atenção, não quer sair e fazer coisas diferentes, já cheguei a implorar pelo seu carinho e atenção. E além disso tudo ele tem me tratado com grosseria e rispidez. Eu simplesmente cansei de tentar sabe, claro q ainda o amo, mas a convivencia está impossivel, pq vejo nele uma pessoa completamente infeliz e que eu nunca poderei fazer feliz e com isso, eu nunca seria feliz tbm. Me sinto triste e infeliz.. conversamos e decidimos que não estamos evoluindo, que estamos convivendo como irmaos, pois alem de tudo ja faz mais de 5 meses q não temos relação, eu não sinto mais intimidade nenhuma p dormir com ele... sabemos q é o certo a se fazer, mesmo sabendo que temos uma filha pequena... quem sabe só necessitamos de um tempo para nos ajustarmos para depois vermos no que vai dar...mais evoluídos e seguros.
581	Boa tarde! fugi de casa com minha filha pela agressividade do meu esposo ele veio atrás de mim me pediu perdão de joelhos chora constatemente e promete que mudará que jamais achou que eu sairia de casa para sempre. estou muito indecisa tenho muita dó dele e ao mesmo tempo muito medo de não conseguir viver sem ele, porque ele virá morar perto da filha dele e nos encontraremos constantemente, a família é contra totalmente que eu volte afinal de contas ele me agrediu... agora estou na casa da minha familia, por vezes quero minha vida de volta e outras tenho medo de dar uma chance... o amor? tbm já não sei sei que me acostumei a viver com ele e tá mto difícil sem ele...
786	Gostaria de uma ajuda, Tenho 40 anos sou casada há 20 anos e tenho um filho de 17 anos, eu amava muito ele até que em 2008 descobri que ele tinha uma amante chegamos a nos separar, mais acabei por aceita-lo de volta, só que as traições continuaram, quero me separar porque ele diz que sou feia e gorda, mais dependo dele financeiramente, e ele já disse que não vai sair do apartamento, minha vida está sendo um inferno, já não sei mais o que fazer da minha vida!
843	Dói falar nesse assunto, sempre tive tudo o que queria, meus pais tem uma condição boa, nunca me faltou nada, antes de conhecer esse meu ex eu namorava um cirurgião plástico que queria me dá o mundo mais eu não sentia amor e conheci essa pessoa que pra mim era perfeito, mais não demorou muito pra mascara cair, conheci a familia e sua casa, era muito estranho ele ter tudo pra a condição que ele tem, nunca me interessei e me deixei envolver e larguei o então homem certo por ele que não valia nada. Me apaixonei, emprestei dinheiro ajudava muito, quando descobri que era sustentado por uma coroa, ele me contou essa hissoia mais que tinha deixado ela mais descobrir da pior forma possivel. Larguei ele, to dormente por dentro, não sinto nada... O que eu faço? AMo ele e não nego, mais quero fugir!
F2- (Categoria esperança, culpa) Mulheres que se esforçam para manter ou recuperar a relação com seus parceiros, culpando-se da conduta amorosa.	
339	Meu marido(ex agora), sorria, brincava com todas as pessoas e quando chegava em casa, fechava a cara para mim e filhos. Isso foi assim ha varios anos. Hoje estamos separados. Hoje ele esta doente e tratamos dele, mas continua o mesmo, ele sorri para amigos, parentes e para nos a cara sempre fechada e ainda dando bronca em mim e nos meus 4 filhos. Porque ele age assim? obrigada Giovana

349	<p>Uma separação prematura é, com certeza, fonte de muito mais arrependimento do que um casamento prematuro. Foi o que aconteceu comigo. Meu casamento de quase 11 anos ficou morno, mas havia amizade, carinho, um filho e, inclusive, amor. E eu queria paixão, brilho nos olhos (como disse a consulente)... Enfim, me separei. Foi a maior tragédia na minha vida. Pior, tragédia que eu mesma causei. Faz mais de 1 ano e me arrependo amargamente, sinto saudade do meu ex-marido, sofro... e não há mais pra onde voltar. A dor é imensa. E, como li uma vez, pode-se descansar sobre qualquer dor, menos sobre o arrependimento. O que alivia é me refugiar nos bons momentos que, hoje, são só lembranças...</p>
422	<p>Olá,namorei com o meu ex por 3 anos e a dois anos e meio morávamos juntos,(total:5 anos),e eu tenho sonho de casar,mas sempre empurrando com a barriga e nada de casar,sou mto independente e ele acomodado,ele já tem uma filha de 4 anos do relacionamento antigo,já separamos 5 vezes,pq não confio nele,quero pensar no futuro,ter metas e objetivos,e ele nada,estava cansada e resolvi dar um basta,mas estou sofrendo mto,uma sensação horrível de solidão,acho que é pq não consigo ficar sozinha,a relação estava morna,mto carinho e companheirismo sim,mas sem vontade de fazer amor por exemplo,aquela rotina.estou mto triste,mesmo sabendo q vai passar,mas ele ja tem 32 anos e eu 29,quero construir família e prosperar para o futuro e ele vive o momento apenas,isso me cansou.</p>
710	<p>Olá! Temos uma filha de 6 meses e não estamos 100%. Ele está trabalhando o dia inteiro e já não almoça em casa. Resolveu voltar a estudar então chega as 6 e sai as 6 e 30 pra aula. Quando chega as 22 ele vai direto para o computador e a tv. Ele não ve nossa filha, nem me ve direito. Ele não gosta que eu ligue pra ele durante o dia, diz que atrapalha o trabalho. Confesso que apos o parto eu me descuidei um pouco pois estou ainda sem saber administrar meu tempo pois a bebe exige muito de mim, ela so mama (ela esta começando a comer, sem querer). Passamos os dias sozinhas e noite! Tudo de carinho que eu e ele temos é o beijo do tchau pela manhã. Ele odeia DR e antes de eu começar a falar ele ja começa a insultar e dizer que a casa é dele se eu estiver insatisfeita que procure minhas melhoras. Ele quem quis ter uma filha e agora tenho que criá-la sozinha e sem o amor dele. Já brigamos a pouco tempo, pois ele me destrata na frente das outras pessoas. Ele não me dá valor. diz que eu sou hospede dele e que vou embora quando eu quiser. Acho que de fato ele não me ama e estou muito triste e sem saber o que fazer. quando arrumei minhas coisas pra ir embora no domingo ele veio ate a mim e disse que nunca tinha de fato me colocado pra fora com firmeza, e que era pra eu não pegar no pé dele que tava tudo bem. O sr. acha que ele tem pena de mim? que ele esta me traindo? me de um conselho.</p>
<p>F3- (Categoria Ciúme e Controle) Mulheres que reclamam do ciúme, da posse, do domínio e do controle de seus parceiros.</p>	

166	<p>olá Gilberto,quero desde de já lhe agradecer e parabeniza-lo não porque vc precise de elogios pois acho voce um profissional incrível,amo seu jeito de dizer aquilo que ñ queremos ouvir mais precisamos ouvir,tem coisas que só damos ouvidos quando faladas por pessoas que não conhecem nossas rotinas e problemas diários,pelo que ando lendo em seu site as mulheres estão reclamando do mesmo motivo de uma forma geral,homens que ñ tem ambição que são controladores e inseguros acho que 90% dos casais são exatamente assim,mais só agora as mulheres resolveram contestar,meu casa ñ é diferente casei com 16 anos hoje estou com 29 ,tenho 2 filhos lindos e meu marido é um bom homem ,mas... é sempre tem um mais né!?rsrsr ele é muito inseguro quanto a mulher ser fiel ,dai fica inseguro sem querer deixar eu trabalhar,estudar,e tal ter minha independência financeira,vale deizer q ele teve uma ex que o traiu e ficou paranoico por isso mais nunca dei motivos para essas inseguranças,eu entendo ele mais ñ consigo aceitar o fato de ele ter que me punir algo que ñ fiz!ele é um ótimo pai me dá tudo que eu quero desde que ñ tenha a ver em me tornar independente,se eu pedir um carro ele me dá,se eu quero asir ele sai,mais sou do tipo que ñ gosta de pedir odeio o fato de ter que pedir algo ao meu marido me sinto envergonhada sei lá sou ambiciosa e teimosa muitas vezes deixei de fazer oque queria para ñ gerar conflitos a mais agora eu quero e vou atras de minhas conquistas j´adeixei isso bem claro pra ele e me parece que agora vai dar certo ele aceitou por fim que muitos homens vão sim me admirar e tentar me conquistar mais deixei bem claro q nem um deles tem oque ele tem,podem ser bonitos,elegantes,barriga tanquinho e tal mais só ele tem meu coração,acho que fui bem clara e lendo tudo aqui neste site me ajudou muito vc não sabe o quanto!!mais ele ainda está meio inseguro gostaria que me desse algumas dicas pra tentar resolver este problema,deixa_lo seguro de que eu realmente ñ quero outro homem e que ñ vou deixa_lo quando tiver minha independência financeira,pq embora ele ñ diga sei que esse é medo dele .obrigada desde já . e mais uma vez parabens por ser uo profissional que vc é ^^.</p>
235	<p>Olá. Sou casada há 9 anos e meu marido e muito ciumento, estou desempregada ha 6 anos e agora surgiu uma oportunidade de emprego pr mim e ele me apoiou o tempo td e agora um amigo me arrumou um emprego ele esta colocando um obstáculo no meio mas o detalhe esse amigo é gay e mesmo assim ele não para de fica me atormentando o pior e que eu vou ver esse emprego na segunda feira mas ja estou quase desistindo pq ele fica falando muito e colocando muita pressão na minha cabeça me ajuda por favor não sei o que eu faço pois td vez que vou trabalhar e assim obrigado (Registro 235)</p>
254	<p>OLA GILBERTO Estou namorando a 2 anos mas meu namorado é mega ciumento, não deixa eu usar roupa 4 sedos acima do joelho, nunca o traie nem sinto vontade, eu deixo ele fazer varias coisas mas quando eu peço para fazer algo ele é super grosso e me chinga . Me sinto mau com isso, o que devo fazer?</p>
304	<p>Bom dia,Gilberto. Eu estou casada há 11 anos ,aconteceram várias coisa nesse decorrer de tempo.Vou tentar resumir.Nos casamos mto jovens.Hoje eu tenho 34 e ele 33.Ele já me traiu varias vezes,chegamos a quase nos separar entrar com papeis e advogado,mas acabei desistindo.Ele viajava mto e agora parou,está trabalhando na cidade em que moramos.Ele prometeu mudar e disse estar arrependido.Tenho dois filhos,e Há um ano ele tem me humilhado mto,não trabalho,pq...na cabeça dele nenhum emprego serve pra mim,parei minha faculdade,e estou mto infeliz.Meu humor vive ocilando,ele me faz acusações injustas,qdo saimos acha que todos estão me olhando.Não sou uma mulher vulgar,mto pelo contrario,sempre me arrumo gosto de me sentir bonita,ele fica me perguntando coisas de qdo eu era solteira,inventa um monte de hissorria,as vezes passa a noite me torturando psicologicamente,Estou tão cansada.Me ajude por favor!! (Registro 304)</p>

F4 – (Categoria: Infidelidade conjugal) Mulheres que foram traídas por seus parceiros.	
347	<p>Olá Gilberto, gostaria muito de sua opinião. Tenho 35 anos, casada a 16 anos com 02 filhas (15 e 11 anos). Meu casamento a muito já não vem bem, nos separamos por duas vezes e voltamos, descobrir traições e até um filho de 08 anos, que ele teve fora. Resolver perdoá-lo pq o amo muito, porém brigamos muito. Ultimamente venho sentindo um vazio que está me incomodando muito, não sinto ele muito presente na relação, só faz me criticar, nunca sai comigo e com as filhas, nunca está disposto a mudar a rotina. A verdade é que acho que nosso casamento já deu o que tinha que dar, agora só me falta a coragem para encarar a vida sozinha. Gosto muito dele mas preciso pensar primeiro em mim. Por favor me dê sua opinião.</p> <p>Muito grata. (Registro 347)</p>
456	<p>gilberto eu tenho 23 anos fui traída pelo meu marido(qui tem 22) e nos so temos 7 meses de casados e a mulher que ele me taia e casada o que eu faço? eu não tenho o apoio da familia dele embora ele esteja errado eu ainda o amo. eu não tenho familia aque nos moramos no rio grande do sul e minha familia e do maranhao to mi sentindo totalmente sozinha. eu quero voltar com ele mas tenho medo dele me trair novamente ele falou que esta arrependido e me prometeu não me trair mais me ajuda estou precisando.</p>
465	<p>Drº Gilberto, Tenho 25 anos e meu noivo 36. Tínhamos um relacionamento de 6 anos (mas estávamos em "crise", financeira), ele mora com os pais e eu com os meus. Fazemos faculdade e estamos próximo de nós formar. Tínhamos sonhos do casamento, ele foi o meu primeiro homem, queríamos ter filhos e construir uma família. A relação de tantos anos pedia a cada dia mais aproximação, estávamos "cheios" de motel e trasas rapidinhas, eu sentia que o que faltava era estar mais junto (casar), mas p/ q isso acontecesse teríamos q largar a faculdade para pagar um aluguel ou coisa assim...e sempre adiamos isso. A situação atual é a seguinte: ele conheceu uma pessoa e se envolveu c/ ele 3 meses, sendo q no 2º mês ela engravidou. Estou desesperada quase em depressão, ele é o Amor da minha vida. A posição dele é de que quer ficar comigo e só vai assumir a criança. Sinto-me insegura por vários pontos: 1º Ele adora criança 2º A mulher é sufocadora, tenta laçar ele de todas as formas (colocou o nome dele na criança, dá presentes caríssimos inclusive viagens, leva ele p/ assistir ultrassom e ele até chora) 3º Os pais dele não gostam de mim e a outra eles abraçaram (apesar das 4 irmãs estarem do meu lado). Ele é dependente financeiramente da família e isso o impede de sair de casa. Pedi a ele que me deixasse em paz, mas ele me procura na Faculdade, na academia, com meus vizinhos, com minha mãe (ele chora e diz que me ama, que fez a pior merda da vida dele, que filho e casamento seria comigo e não com uma qualquer), mas ele não toma nenhuma atitude, por isso, não atendo as ligações dele, exclui do facebook ou seja estou tentando fazer com q ele sinta minha falta e tome uma atitude, como eu já tinha segerido a ele que : alugar um apt e morarmos juntos, casar !!! Ele alega que abriu mão de formar família c/ a outra já que está surgindo um sentimento pela criança de Amor a este ser, para ficar comigo pq me ama, gosta de fazer sexo, gosta das minhas conversas, meus princípios e que me escolheu para ser esposa dele. Drº o que eu faço? Tenho medo de ficar com este comportamento e perder ele p/ a outra e tenho medo de continuar sendo somente usada por ele já que não sou casada.</p>

562	<p>Boa tarde !!</p> <p>Olá Gilberto, estou em uma situação muito difícil, sou casada a 10 anos mas nestes anos meu casamento foi mais turbulencias do que calmaria, ele perdeu o emprego enfim muitas coisas drasticas, e devido a isso ele começou a me deixar de lado se fechar, praticamente levei a casa nas costas, ele não me dejesava mais com aquele amor, achei q fosse depressao, perguntava a ele se tinha outra mulher, e ele sempre negava, meu maior sonho é ser mae e ele sempre falava q não era a hora, pois não tinha condições financeiras para cuidar, enfim fui deixando passar até q não aguentei mais e separei-me dele, sofri muito pois eu o amo muito. Passaram alguns meses e ele sempre me ligava pedindo pra voltar chorando e acabei voltando, isso foi umas tres vezes q me separei, enfim agora no mes de setembro descobri que ele me traiu e engravidou uma moça, fiquei desnorteada sem chao me sentindo passada pra tras, até entao antes de descobrir o caso ele tinha mudado muito comigo queria me engravidar a todo custo acho que era para eu não sofrer com a descoberta, mas ele não quer q eu saia de casa diz q me ama , pediu perdao mas eu não sei o q fazer é muita traição de uma vez eu não merecia isso, para concluir ele foi meu unico homem, to sofrendo muito pois para mim casamento é serio, sera q ele me ama ou está com remorcio do q fez, ele sempre diz assim: perto de vce eu brigo longe de vce eu sinto muito sua falta , será q ele ta bem psicologicamente, eu não estou entendendo esse homem to ficando doente.me ajude</p> <p>Eu sempre fui uma otima esposa com ele, não entendo o motivo do q ele me fez.</p>
720	<p>Ola precisa de um conselho de um profissional.Sou casada a 2 anos e estou com meu esposo a 9 anos.Ate 3 anos de namoro foi tdo otimo.Ate que meu esposo passou na policia.Ai comecaram os problemas.Estavamos pra noivar e ja haviamos comprado um apartamento e eu descobri que ele estava de caso com uma colega de trabalho 10 anos mais velha na epoca ele tinha 22.Terminei mas ele se disse arrependido.Voltamos e ele mudou o local onde trabalhava.Mas não confiei mais o relacionamento virou um inferno muitas brigas e ofensas.Reconheco que muitas vezes eu o acusei sem provas e isso sempre o irritou.Mas tudo bem casamos e vivemos assim brigamos e resolvemos mas não desconfiava de nada ate que descobrir no carro dele escondido 1 perfume q ele usa e 1 tablete dentro da caixa do tablete havia 1 pacte de camisinha fechado.Mexi no tablet e vi que le estava em um site de relacionamento colocou fotos onde estavamos nos 2 so que ele me cortou dessas fotos e colocou que qeria sair com mulheres de 18 a 40n anos.Ele nega ate a morte mas aquele pcte de camisinha me arrasou.O que eu faco?</p>
726	<p>boa noite</p> <p>sou casada a 10 anos, tenho 3 filhos, meu marido é ótimo pai, não deixa faltar nada em casa e um bom companheiro, nosso problema é com sexo, quase nunca é bom e sempre tem que ser quando ele quer usa a desculpa de estar cansado, se depender dele uma vez por mes é suficiente, não é um homem romantico nem carinhoso, mas tem um otimo carater.</p> <p>venho conversando com ele todos esses anos as vezes melhora as vezes piora, sei que o problema não esta em mim sou bonita e atraente, mas pq não para ele? para piorar a situação conheci um rapaz lindo muito atraente e que deu mole para mim, fragilizada com a situação no casamento.</p> <p>senti uma atração muito forte por ele também e aconteceu o pior transamos, mas foi gostoso demais ele me beijou como há tempos não tenho sido beijada fez tudo que meu marido não dava importância. Agora não sei mais o que fazer, olho para meus filhos e me parte o coração, estou dividida entre a razão e a emoção. O rapaz me propôs outro encontro e eu quero muito repetir o momento pois há muito tempo não me sentia tão valorizada como mulher, por outro lado tenho medo que meu marido descubra não quero magoá-lo. (Registro 726)</p> <p>o problema é que ele não me proporciona mais o que vivi nessa aventura, eu ainda amo meu marido mas acho que estou meapaixonando pelo amante, minhà cabeça esta em parafusos e preciso muito de ajuda .</p>

732	<p>Bom dia,estou casada há 18 anos tenho 4 filhos e vivo um casamento cheio de discussões,porem amo muito meu esposo, mas uma coisa tem me incomodado muito ultimamente,desde que nos dois resolvemos cursar uma faculdade,ele ficou muito estranho,querendo ir em festas, meus filhos pegaram ele conversando com uma mulher no msn,ele sempre escondia a pagina,começou a falar em separação,esfriou comigo,senti chegar no fim do poço nossa relação, e sentia que ele não me amava mais como antes, não atendia meus telefonemas,mas dizia que eu estou ficando louca por estar cursando psicologia,mas parece que passei a ver as coisas de outra maneira, e as vezes penso que realmente estou doente,preciso de ajuda urgente,porque ao mesmo tempo que vejo toda verdade na minha frente,acredito ser uma neurose,ja fiz ate terapia mas so confirmou minhas suspeitas.to confusa,me ajude por favor. (Registro 732)</p>
<p>F5 – (Categoria :Sexualidade e Beleza)Mulheres que se queixam da sexualidade, da beleza e do uso de sites pornográficos por seus parceiros</p>	
457	<p>Boa noite. Sou casada há 8 anos sem filhos, e tenho plena consciência dos meus defeitos: Sou completamente frustrada, durante muito tempo coloquei nele a responsabilidade de me fazer feliz. Sou autoritária e quando alguma coisa não sai da forma que quero a coisa complica... Descreveria milhares de defeitos. Ele é trabalhador, não tenho problemas com infidelidade, honesto. Mas não me satisfaz sexualmente falando. Penso em separar há uns 2 anos e venho empurrando,... como o tempo voa! Ao mesmo tempo que quero acabar com essa angústia, tenho medo. Medo de estar errada, medo de me reestabelecer financeiramente, medo do que tem lá fora. É muito cômodo ficar no morno, vivendo de aparência, mas hoje sinto falta do que não vivi, sinto falta de paixão, sinto falta de frio na barriga, de beijo na boca, etc. Converso, falo dos meus anseios, digo o que me falta mas ele acha que o que faz é suficiente: Trabalha, vive por mim, faz tudo que quero mas não estou feliz. Não quero fazê-lo sofrer mas quero imensamente viver o que eu não tenho o que não vivi. Me dê uma luz!!!! (Registro 457)</p>
118	<p>Essa conversa machista que o sexo e o amor não andanm juntos na cabeça do homem não cola mais viu? Isso é papo machista para defender essa falta de respeito dos homens com as mulheres. Se a relação é fechada e o homem assumiu um casamento monogâmico , não tem que ficar dando uma de solteiro em sites de relacionamento! Francamente viu?</p>
140	<p>Gilberto,</p> <p>Sou casada a apenas dois anos,nos damos muito bem. Conversamos muito,e eu sempre falo em assisti um filme porno ele fica sem graça e não topa,pergunto se ele curte assistir sozinho,ele diz que não. Mas eu encontrei no histórico site pornos e não sei pq isso acabou me deixando triste. Talves por ele me esconder...não sei. Gostaria de saber se isso é muito normal ou tem haver com falta de interesse ou traição com a companheira.</p> <p>Obrigada! bjus</p>
167	<p>Olá Gilberto!</p> <p>Sou casada á 14 anos, hoje tenho 34 na época apenas 20 anos, comecei namorar aos 15 anos e me casei com ele aos 20. Bom, meu casamento só é bom na cama, fora dela eu e ele não temos nada a ver um com o outro, temos um filho de 10 anos, penso ultimamente em separação, não tenho amigos por causa dele, sou uma pessoa totalmente extrovertida e ele totalmente introvertido, não gosta de amizades e odeia conversar, o que faço? Obrigada por ler meu desabafo!</p>

169	<p>Olá, boa tarde! Sinto-me muito segura em falar do meu problema para você. Meu casamento de 30 anos está no fim, é o que parece. Meu marido não me quer mais sexualmente, me rejeita o tempo todo, mesmo que eu me insinua. Não quer que eu o ajude, não quer que eu fique com ele quando está se divertindo... 9fica no terraço de casa bebendo cerveja). Até ouvi ele dizer para os amigos por várias vezes de mulheres, de encontros... nossa uma baixaria. Fico na dúvida se papo furado pois sempre está bebendo ou se é verdade. Na cama há algum tempo ele até brochava. estou muito perdida. Me ilumine. Grata.</p>
187	<p>Li e não me lembro aonde que: Os relacionamento tem mais a ver com a dança de hormônios dentro da sua cabeça. Ou você já viu alguém racionalmente ter a decisão de se apaixonar? A natureza criou 3 mecanismos cerebrais que controlam o amor nos seres humanos: luxúria, paixão/romance e ligação. O mecanismo da luxúria (desejo sexual) está ligado à quantidade do hormônio testosterona - tanto em homens quanto em mulheres. Já o impulso da paixão e do romance é alimentado pela dopamina. E o terceiro sistema, da ligação e do companheirismo, é alimentado pela ocitocina (na mulher) e pela vasopressina (no homem). Os 3 sistemas são independentes. Ou seja: uma mulher pode amar o marido, estar apaixonada pelo vizinho e sentir atração pelo Johnny Depp, tudo ao mesmo tempo. Uma confusão só. "É como se houvesse uma reunião de comitê na sua cabeça". E, para complicar ainda mais as coisas, esses sistemas interferem uns com os outros. Uma coisa leva a outra, principalmente quando as pessoas vão para a cama. O sexo pode aumentar os níveis de dopamina - que provoca paixão e romance. E o orgasmo provoca a descarga de ocitocina e vasopressina - os hormônios da ligação. É por isso que, biologicamente, não existe sexo 100% sem compromisso. Você sempre corre o risco de acabar se apaixonando por alguém com quem não tinha intenção de se envolver. (Registro 187)</p>
210	<p>Me sinto mesmo perdida... e por muitas vezes penso em traí-lo, ou me separar. Em traí-lo, não por falta de amor ou respeito, mas por prazer próprio. Não sou capa de revista, mas sou uma mulher bonita, interessante, inteligente, gostosa. Gosto de dar e sentir prazer. Acredito que entre 4 paredes tudo é permitido, desde que seja bom para os 2. E além disso, eu gosto de sexo. Acho que faz parte da vida, faz bem pro corpo e pra mente, faz bem pra relação. E em me separar por não ver uma luz no fim do túnel, por não ver uma saída. Eu acredito que diálogo é a única forma de chegarmos a um acordo, mas pra isso penso que é preciso existir honestidade, sinceridade, humildade de ambas as partes, e isso parece impossível entre nós. Enfim.. mais um desabafo, que qualquer outra coisa.. rsss</p> <p>Obrigada pela atenção.</p>
427	<p>Olá, prof^o Gilberto!</p> <p>Estou sofrendo com que vem acontecendo atualmente, sou casada há 7 anos tenho 23 anos e ele 25 temos uma filha de 5 nossa vida sempre foi difícil somos de família pobre meu marido sempre teve muito desejo por mim e sempre procurava mais aí as brigas vieram e comecei a trabalhar longe ele começou a desconfiar em mim mais nunca o trai esse ano ele conseguiu entrar na faculdade e no segundo mês de aula quando demonstrou se mais desconfiado me traiu com uma menina da minha idade porém bem magrinha, eu tenho umas gordurinhas a mais não muito até que tenho um formato de corpo bonito mais sou uma zebra tenho muitas estrias e complexo com isso... o observei por por uma semana depois de descobrir (me traiu por um mês) percebi que estava um pouco mais experiente mais me evitava pra dar conta das duas... demorei a separar em algumas semanas percebi pois ao pesar os fatos valeu, nossa vida sexual começou uma loucura parecíamos namorados de novo mais agora 4 meses depois ele me evita nossas relações dura mais 15 min no máximo e ele dá um monte de desculpas parece frustrado me ajude...</p>

428

pois eh...a duvida eh: sera que vale a pena deixar um homem "certo" ,por sexo? por tesao?...que talvez terei com outro homem...essa duvida que me mata!!!
obrigada pela resposta, esse site eh mt legal!! (Registro 428)

APÊNDICE B (MADA)

Tabela de identificação das participantes do Grupo - Mulheres que Amam Demais Anônimas (MADA) de Curitiba, 2016.

ENTREVISTADA	ESTADO ONDE MORA	CIDADE	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO ATUAL	JÁ EXERCEU OUTROS TIPOS DE TRABALHO? QUAIS?
A	Paraná	Curitiba	F	40	Pós-Graduação	Professora e Pedagoga	Não
B	Paraná	Curitiba	F	57	Superior Completo	Professora aposentada	Não
C	Paraná	Curitiba	F	60	Pós-Graduação	Analista Judiciária da justiça Federal	Advogada
D	Paraná	Curitiba	F	41	Ensino Médio Completo	Dona de Casa	Sócia proprietária em fábrica de doces. Sócia em bar.
E	Paraná	Curitiba	F	44	Superior Completo	Servidora Pública, Setor Reabilitação Profissional do INSS	Doméstica, vendedora, operadora de crediário, professora informática, digitadora, auxiliar administrativo, técnica judiciária, bancária. Somente estágios
F	Paraná	Curitiba	F	35	Superior Completo	Procuradora do Estado	
G	Paraná	Curitiba	F	34	Superior Completo	Fisioterapeuta e vendedora de rede do Walmart Supermercado.	Sim. Empresa de Telemarketing e consultório próprio de Fisioterapia e Estética.

ENTREVISTADA	VOCÊ DEPENDIA OU DEPENDE FINANCEIRAMENTE DE SEU PARCEIRO?	SUSTENTAVA OU SUSTENTA TEU PARCEIRO?	RELIGIÃO	ESTADO CIVIL	QUANTAS VEZES VOCÊ JÁ FOI CASADA (CONSIDERE CASADA TAMBÉM O CONVÍVIO SOB O MESMO TETO COM O PARCEIRO.	FAZ OU JÁ FEZ PSICOTERAPIA?
A	Nunca	Em vários relacionamentos	Luterana	Casada	4	Já fez e parou
B	Não	Sustentava	Evangélico pentecostal	Viúva	2	Faço
C	Nos primeiros 14 anos de casamento dependia do ex marido. Depois passou por concurso na justiça Federal e não dependeu mais dele. Viveram assim, por mais 11 anos.	Não	Católica	Divorciada	1	Já fez e parou
D	Sim	No momento não, mas já ocorreu.	Católica	Casada	1	Já fez e parou
E	No passado já dependi financeiramente do parceiro. Há muitos anos, sou independente financeiramente.	Já sustentou	Espírita	Divorciada	3	Já fez e parou
F	Não	Não	Católica	Solteira	1	Faço
G	Não dependo	Não	Mormon	Processo de divórcio	1	Faço

QUESTIONÁRIO

Se você Já fez Psicoterapia e parou, qual o motivo de ter parado?

Participante A

Fiz por 5 anos atualmente considero que o grupo me ajuda mais com os espelhos do que na terapia, além de ter sido contrariada na psicoterapia, pois levei minha mãe morar comigo mesmo tendo uma relação caótica com ela.

Participante B

Ainda faz.

Participante C

Comecei a fazer terapia com 17 anos e parei em novembro do ano passado. Então fiz 43 anos de terapia. Teve alguns momentos em que parei, mas foi por pouco tempo. Melhorei muito desde que comecei a fazer terapia, mas não me sinto uma pessoa curada. Apenas, já estou conseguindo lidar com meus problemas.

Participante D

Não respondeu.

Participante E

Por não sentir necessidade, pois com a frequência às reuniões de 12 passos (apoio da madrinha e companheira), estou conseguindo o autoconhecimento. Fator Financeiro. Falta de confiança no terapeuta; a terapia estagnava; falta de afinidade do terapeuta com 12 passos.

Participante F

Ainda faz.

Participante G

Ainda faz.

MARQUE UM "X" EM UMA OU MAIS OPÇÕES (F1, F2, F3, F4, F5, F6) CASO VOCÊ SE IDENTIFIQUE COM ELA(S): PENSO QUE EU FAÇA PARTE DO GRUPO DE MULHERES QUE:

F1. Mulheres que reclamam da violência psicológica e física de seus companheiros, como humilhação, depreciação, xingamento e agressão física e que se colocam em posição de submissão e dependência dos parceiros.

F2. Mulheres que se esforçam para manter ou recuperar a relação com seus parceiros culpando-se da conduta amorosa.

F3. Mulheres que reclamam do ciúme, da posse, do domínio e do controle de seus parceiros.

F4. Mulheres que foram traídas por seus parceiros.

F5. Mulheres que sofrem com a sua sexualidade, com a sua beleza.

F6. Não me identifico com nenhum desses grupos. (Poderia explicar sobre qual outro grupo ou categoria de mulheres você se identifica?)

Questionário:

POR QUE UMA CATEGORIA DE MULHERES INDEPENDENTES FINANCEIRAMENTE DE SEUS MARIDOS, ESCOLARIZADAS, CIENTES DOS DIREITOS DA MULHER MODERNA CONTINUAM VIVENDO POR LONGOS ANOS EM SITUAÇÃO DE RISCO COM SEUS PARCEIROS; MESMO SOFRENDO DE VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA COMO BRIGAS DIÁRIAS, HUMILHAÇÃO, DEPRECIAÇÃO, XINGAMENTO, CONTROLE, DOMINAÇÃO E POR VEZES AGRESSÕES FÍSICAS?

Participante A

No meu caso me sinto frustrada por ter estar no 4º casamento e não estar dando certo. Nos outros me separei facilmente mas fiquei com depressão mutiladora.

1º Foi com quem perdi a virgindade achei que era obrigada a casar por isso, mesmo com muitas humilhações e sendo uma sombra dele, após me separar tinha uma dependência emocional dele por 5 anos, fora os 7 anos que durou a relação entre namoro noivado e casamento.

2º Fui traída, sustentava a nossa casa e os pais dele, inclusive comprei móveis e roupas pros familiares, apanhei dormindo com socos e chutes, não denunciei por medo de perder a adoção da minha filha que estava em processo.

3º Bandido que me roubou mais de 20 mil, andava armado e eu tinha muito medo.

4º Atual marido: Aparentemente temos uma relação muito boa somos companheiros, mas eu ganho mais do que ele, já sustentei a casa sozinha, fui eu que cuidei do internamento do filho dele por dependência química, minha filha faleceu ele estava

vijando e eu descobri que ele NUNCA deixou de ligar para a ex mulher dele inclusive ligou logo após o falecimento da minha filha, deu dinheiro meu pra ela, ela já me ameaçou, ela me ligava de madrugada, eu tive problemas de saúde e ele quando ia me acompanhar atendia ligações dela, a família dele não me aceita por pena dela. Ele diz que tem somente gratidão por ela ter ficado ao lado dele em situações do passado e por ser mãe de uma filha que é o xodó dele.

Participante B.

Para mim, amar demais não significa amar muitos homens, ou ter um grande amor ou apaixonar-me muitas vezes. Para mim significa não saber me relacionar seja com filhos, amigos, pessoas da família, em relação sexo-afetivo, chefe, etc. Significa medir a intensidade do meu amor pela quantidade de sofrimento. Ninguém se transforma em mulher que ama demais por acaso. Crescer como mulher nessa sociedade e em famílias desajustadas faz com que certas mulheres, muitas, no meu ponto de vista, continuem vivendo em situações torturantes e de muito sofrimento. Apesar de toda dor e insatisfação, amar demais é uma experiência tão comum para muitas mulheres, que quase acreditamos que existe somente essa forma de amar. Algumas nos tornamos tão obcecadas por nosso parceiro ou alguém de nosso relacionamento, que quase não conseguimos agir.

Participante C.

Acredito que para uma mulher passar por situações acima citadas, ela tem baixa auto estima e problemas psicológicos com a família de origem. Problemas de aceitação, menos valia. Na literatura do MADA tem uma meditação que diz: que queremos recriar o drama do passado, mas dessa vez triunfar.

Então, vejo que é um mecanismo inconsciente que nos leva a fazer loucuras. Hoje eu sei que é assim, então, se me vejo em uma situação que possa me levar àquela, eu já corto. E antes, não. Eu tentava, tentava e tentava. Com a recuperação, descobri muitas coisas que antes não via, não me dava conta.

Participante D.

Se isolam e não procuram ajuda, tem medo de ser mal interpretadas, então evitam pessoas; também por medo de ficarem sozinhas. De arrependem-se. Não confiam mais no sexo masculino, acha que todos são iguais, já é familiar. Não acham tão ruim

assim, negam os maus tratos e escondem da família. Medo de entrarem em depressão, como muitas que são dependentes emocionalmente de seus parceiros. Muitas se acostumam com o tratamento recebido, como maus tratos ou abusos desde a infância; vem de uma família desestruturada, e tudo parece já familiar, nunca conheceram outra forma de amor dentro de casa. A única forma de demonstrar amor e assim. São obsessivas com os relacionamentos, impulsivas em controlar.

Participante E.

Por depender emocional e psicologicamente do parceiro, por acreditar que o parceiro e o relacionamento irão melhorar, baixa autoestima, carência afetiva e sexual, modelos familiares e sociais disfuncionais, fatores culturais, crenças religiosas, por ter sofrido abusos na infância (sexuais, psicológicos, físicos), sado masoquismo, por associar violência dos parceiros com proteção paternal.

Participante F.

Essa resposta acredito que seja muito pessoal. No meu caso, acredito que continuei vivendo por longos anos em situação de risco com meu parceiro, mesmo sofrendo violência psicológica e física, por alguns motivos. Primeiro, porque eu tinha repertório para isso, ou seja, já havia vivido isso na minha família, vendo minha mãe sendo “abusada” psicologicamente pelo meu pai e vice-versa, assim como sendo também vítima disso pelos meus pais e, principalmente, pelo meu irmão. Logo, de alguma forma, ainda que doentia, eu achava que isso era “normal”, que todos, em algum momento, passavam por isso, que isso fazia parte do esforço de conviver com as pessoas.

Além disso, as situações na relação eram tão disfuncionais que, muitas vezes, eu me sentia confusa em relação às coisas que aconteciam. Por exemplo: as vezes a pessoa fazia algo comigo, mas já estávamos tão ruins na relação, que eu não conseguia discernir, se o que a pessoa estava fazendo era “certo” ou “errado” ou se era “normal” ou “anormal”. Outras vezes, eu perdia a paciência e acabava perdendo a razão, mesmo tendo sido a outra pessoa que tinha feito algo ruim... Daí, todas essas coisas juntas, deixavam-me confusas, de modo que a situação ia se prolongando...

Participante G.

Por que viemos de famílias desajustadas, de conceitos religiosos que Deus concerta tudo, pegamos homens que tem a mesma conduta de nosso pai e que acostumadas

a resolver problemas na infância que não foram resolvidos pelos nossos pais, temos que resolver problemas dos homens, assim dizemos “salvadoras deles”. E envolve a auto estima, no meu caso meu pai batia e agredia a minha mãe, a minha mãe é depressiva até hoje, sempre falando mal da figura masculina, e por tantos problemas ocorridos com meus pais e minha vida acho que não sou merecedora de amor. No meu caso houve agressões físicas, verbais e psicológicas com meu ex-marido (processo de divórcio).

POR QUE VOCÊ ACHA QUE ELAS NÃO SE SEPARAM, JÁ QUE SÃO INDEPENDENTES FINANCEIRAMENTE, CIENTES DOS DIREITOS E DAS LEIS QUE PROTEGEM A MULHER, COMO A LEI MARIA DA PENHA?

Participante A.

Eu ainda não sei!!! Horas acho que por: VERGONHA, outras por MEDO DA SOLIDÃO, ou dependência EMOCIONAL.

Participante B.

Não respondeu.

Participante C.

Porque são dependentes emocionalmente, são doentes, querem a todo custo vencer, a ter o controle sobre tudo e isso não dá. Por isso, se submetem e sofrem. Acreditam que o seu amor poderá mudar a conduta de um homem.

Participante D.

Elas tem medo da violência se tornar pior; vivem culpando o parceiro ao invés de aceitar que a única pessoa que elas podem mudar são elas mesmas; e acham que o parceiro não é tão ruim assim, porque tem esperança de que vai melhorar, um dia o parceiro vai valorizá-la e o sofrimento vai passar.

Participante E.

Vergonha. Medo do parceiro, de que as agressões aumentem, de ser morta. Pena do parceiro. Chantagem, manipulação do parceiro. Alta tolerância à dor, por ter vindo de

lares abusivos. Falta de consciência do que seja violência psicológica, moral, sexual, pois associam a Lei Maria da Penha apenas à violência física.

Participante F.

Acredito que muitas mulheres não se separam de seus parceiros pelos motivos que coloquei acima. Além do mais, ao menos para mim, existia uma vontade muito grande de que o relacionamento desse certo, o que me fazia insistir na relação e querer mudar a pessoa para que as coisas ficassem boas, ao invés de me separar. Existia (para mim) um pensamento de que as relações eram difíceis mesmo e de que essa “disfuncionalidade” era normal. Que tinha que ser paciente a “aguentar” certas coisas para que a relação continuasse (foi assim que vi meus pais fazerem). Também havia a questão do sentimento. Eu acreditava que, porque a pessoa me amava e eu a amava, isso deveria ser o suficiente (o foco principal da relação).

Essa minha vontade de que a relação desse certo, na maioria das vezes, vinha, também, em razão de a outra parte se mostrar, inicialmente, de um modo muito legal e agradável (no momento da conquista) e, depois, a verdade vir à tona e eu querer que aquela primeira realidade de conheci (a que, na verdade, não existia) voltasse a existir, querendo recuperar algo que parecia real no começo da relação, mas que, na verdade, não era.

Participante G.

Muitas não se separam por falta de condições econômicas. Estou a 2 semanas que sai de casa, e entrei com processo de divórcio, tenho condições de me sustentar, há 4 anos que me casei e três anos que estou infeliz, pela igreja sempre achei que as coisas iriam melhorar, sempre aumentando meu limite a dor. Até o ponto de não conseguir conviver mais com ele. No meu caso a falta de amor próprio, sinto pena dele, e achamos que eles não são tão ruins assim por que estávamos acostumadas a tolerar a dor com as pessoas que eram opressoras.

Análise dos dados:

As categorias de análise que mais se repetem nas respostas das participantes:

Participante A. Categorias: F2 – F4 – F5

Participante B. Categorias: F1 – F2

Participante C. Categorias F4 – F5

Participante D. Categorias F1 – F2 – F3 – F4

Participante E. Categorias: F1 – F2 – F3 – F4 – F5

Participante F. Categorias: F1 – F2 – F4

Participante G. Categorias F1 – F2 – F3 – F4 – F5

APÊNDICE C (QUESTIONÁRIO *ONLINE*)

Questionário:

“O questionário é totalmente anônimo e ao respondê-lo, seu autor estará aceitando que suas respostas possam ser usadas para fins de pesquisa.”

*Obrigatório

Sexo: *

- Feminino
- Masculino

Idade: *

- Até 20 anos
- De 21 anos até 30 anos
- De 31 anos até 40 anos
- De 41 anos até 50 anos
- De 51 anos até 60 anos
- Mais de 61 anos

Escolaridade: *

- Fundamental Incompleto
- Médio Incompleto
- Médio Completo
- Superior Incompleto
- Superior Completo
- Mestrado Completo
- Doutorado Completo
- Outro:

Profissão: *

Religião: *

- Católico
- Evangélico de Missão
- Evangélico Pentecostal
- Espíritas
- Umbanda e Candomblé
- Ateu
- Sem religião definida
- Outro:

Estado Civil: *

- Casado(a) / Considere casado qualquer união em que ambos estejam vivendo juntos por mais de um ano
- Separado(a)
- Divorciado(a)
- Viúvo(a)
- Solteiro(a)
- Outro:

Ainda sobre o Estado Civil, quantas experiências de Casado(a) / União Estável você já teve? *

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- Outro:

Faz ou já fez Psicoterapia? *

- Faço.

- Já fiz e parei.
- Nunca procurei.

Se você Já fez Psicoterapia e parou, qual o motivo de ter parado?

Quantas vezes você já acessou o *Site* do Gilberto Responde? *

- 1 vez
- Até 3 vezes
- Até 5 vezes
- Mais que 5 vezes

Qual sua Motivação para acessar o *Site* do Gilberto Responde? *

- Fazer perguntas.
- Ler as perguntas feitas.
- Fazer comentários.
- Acompanhar as respostas.
- Ler os Artigos escritos
- Outro:

Quais seus temas de maior interesses no *site* Gilberto Responde? *

- Amizades
- Casamento / Relacionamentos
- Família
- Filhos
- Outro:

Estado onde mora

AC - Acre 0 0%

AL - Alagoas	1	1%
AP - Amapá	0	0%
AM - Amazonas	0	0%
BA - Bahia	0	0%
CE - Ceará	0	0%
DF - Distrito Federal	1	1%
GO - Goiás	1	1%
ES - Espírito Santo	1	1%
MA - Maranhão	0	0%
MT - Mato Grosso	0	0%
MS - Mato Grosso do Sul	0	0%
MG - Minas Gerais	3	4%
PA - Pará	0	0%
PB - Paraíba	0	0%
PR - Paraná	56	82%
PE - Pernambuco	0	0%
PI - Piauí	0	0%
RJ - Rio de Janeiro	0	0%
RN - Rio Grande do Norte	0	0%
RS - Rio Grande do Sul	1	1%
RO - Rondônia	0	0%
RR - Rorâima	0	0%
SP - São Paulo	2	3%
SC - Santa Catarina	2	3%
SE - Sergipe	0	0%
TO - Tocantins	0	0%

Sexo:

Feminino	51	75%
Masculino	17	25%

Idade:

Até 20 anos	1	1%
De 21 anos até 30 anos	21	31%

De 31 anos até 40 anos	23	34%
De 41 anos até 50 anos	19	28%
De 51 anos até 60 anos	3	4%
Mais de 61 anos	1	1%

Escolaridade:

Fundamental Incompleto	2	3%
Médio Incompleto	0	0%
Médio Completo	7	10%
Superior Incompleto	14	21%
Superior Completo	36	53%
Mestrado Completo	2	3%
Doutorado Completo	1	1%
Other	6	9%

Profissão:

Costureira
 Estudante
 Jornalista
 Servidora pública
 Bancária
 Psicóloga
 Projetista
 Advogada
 Gerente de Design

Religião:

Católico	30	44%
Evangélico de Missão	1	1%
Evangélico Pentecostal	1	1%
Espíritas	9	13%
Umbanda e Candomblé	3	4%
Ateu	4	6%
Sem religião definida	18	26%

Other	2	3%
-------	---	----

Estado Civil:

Casado(a) / Considere casado qualquer união em que ambos estejam vivendo juntos por mais de um ano

	27	40%
--	----	-----

Separado(a)	7	10%
-------------	---	-----

Divorciado(a)	8	12%
---------------	---	-----

Viúvo(a)	0	0%
----------	---	----

Solteiro(a)	23	34%
-------------	----	-----

Other	3	4%
-------	---	----

Ainda sobre o Estado Civil, quantas experiências de Casado(a) / União Estável você já teve?

1	40	59%
---	----	-----

2	11	16%
---	----	-----

3	2	3%
---	---	----

4	0	0%
---	---	----

5	0	0%
---	---	----

Other	15	22%
-------	----	-----

Faz ou já fez Psicoterapia?

Faço.	20	29%
-------	----	-----

Já fiz e parei.	29	43%
-----------------	----	-----

Nunca procurei.	19	28%
-----------------	----	-----

Se você Já fez Psicoterapia e parou, qual o motivo de ter parado?

Ainda continuo

Falta de tempo

Dinheiro e falta de tempo.

minha terapeuta precisou parar por motivos particulares....

estou em processo de busca de um novo profissional.

Financeiro

Fiz 6 anos e agora estou bem.

O médico disse que o que eu estava fazendo era igual a muitos homens que o procuravam.

Parei pois no momento tenho feito constelações familiares e estou num grupo para troca de experiências.

Foram 3 anos de trabalho então resolvi dar um tempo pra poder perceber um pouco do resultado desse trabalho no meu dia-a-dia. Fiz para tratar um fase isolada da vida, separação conjugal. Após sentir-me me...

Quantas vezes você já acessou o *Site do Gilberto Responde?*

1 vez	11	16%
Até 3 vezes	12	18%
Até 5 vezes	5	7%
Mais que 5 vezes	40	59%

Qual sua Motivação para acessar o *Site do Gilberto Responde?*

Fazer perguntas.	7	10%
Ler as perguntas feitas.	32	47%
Fazer comentários.	3	4%
Acompanhar as respostas.	32	47%
Ler os Artigos escritos	50	74%
Other	4	6%

Quais seus temas de maior interesses no *site* Gilberto Responde?

Amizades	22	32%
Casamento / Relacionamentos	60	88%
Família	35	51%
Filhos	18	26%
Other	12	18%

Summary See complete responses (68 responses)

APÊNDICE D (MADA)**Questionário : Abril de 2016.****Estado onde mora:****Cidade:****Sexo:**

- Feminino
- Masculino

Idade:**Escolaridade:**

- Fundamental Incompleto
- Médio Incompleto
- Médio Completo
- Superior Incompleto
- Superior Completo
- Mestrado Completo
- Doutorado Completo
- Outro:

Profissão:

Qual o seu trabalho atual?

Já exerceu outros tipos de trabalhos? Quais?

Você dependia ou depende financeiramente do teu parceiro?

Sustentava ou sustenta o teu parceiro?

Religião:

- Católico
- Evangélico de Missão
- Evangélico Pentecostal
- Espíritas
- Umbanda e Candomblé
- Ateu
- Sem religião definida
- Outro:

Estado Civil:

Considere o termo “casada” como sendo qualquer união em que ambos estejam vivendo juntos.

() Casada

() Noiva

() Namorada

Separada

Divorciada

Viúva

Solteira

Outro:

Ainda sobre o Estado Civil, quantas vezes você já foi casada (considere casada também o convívio sob o mesmo teto com o parceiro

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- Outro:

Faz ou já fez Psicoterapia?

- Faço.
- Já fiz e parei.
- Nunca procurei.

Se você á fez Psicoterapia e parou, qual o motivo de ter parado?

Marque um “X” em uma ou mais opções (F1, F2, F3, F4, F5, F6) caso você se identifique com ela(s)

Penso que eu faça parte do grupo de mulheres que:

F1. Mulheres que reclamam da violência psicológica e física de seus companheiros, como humilhação, depreciação, xingamento e agressão física e que se colocam em posição de submissão e dependência dos parceiros. Mulheres que duvidam do amor de seus parceiros.

F2. Mulheres que se esforçam para manter ou recuperar a relação com seus parceiros culpando-se da conduta amorosa.

F3. Mulheres que reclamam do ciúme, da posse, do domínio e do controle de seus parceiros.

F4. Mulheres que foram traídas por seus parceiros.

F5 Mulheres que sofrem com a sua sexualidade, com a sua beleza.

F6. Não me identifico com nenhum desses grupos. (Poderia explicar sobre qual outro grupo ou categoria de mulheres você se identifica?)

Questões:

Teu parceiro faz uso de pornografia pela internet? Se sim, isto a incomoda ou incomodava-a?

Por que uma categoria de mulheres independentes financeiramente de seus maridos, escolarizadas, cientes dos direitos da mulher moderna; continuam vivendo por longos anos em situação de risco com seus parceiros; mesmo sofrendo de violência psicológica como brigas diárias, humilhação, depreciação, xingamento, controle, dominação e por vezes agressões físicas?

Por que você acha que elas não se separam, já que são independentes financeiramente, cientes dos direitos e das leis que protegem a mulher, como a Lei Maria da Penha?